UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

VALORIZAÇÕES DAS MINAS DE BAUXITA E AS (RE)ESTRUTURAÇÕES ESPACIAIS NO MÉDIO AMAZONAS PARAENSE

PATRÍCIA FEITOSA SOUZA

ORIENTADORA: Drª. Maria Célia Nunes Coelho

TES
0782

RIO DE JANEIRO
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

VALORIZAÇÕES DAS MINAS DE BAUXITA E AS (RE)ESTRUTURAÇÕES ESPACIAIS NO MÉDIO AMAZONAS PARAENSE

PATRÍCIA FEITOSA SOUZA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências (Geografia).

Orientadora: Drª. Maria Célia Nunes Coelho

RIO DE JANEIRO
2005

UFRJ / CCMN
Programa de Pós-Graduação
em Geografia
Sistema Biblioteca Central
N.º Registro Data
PGR /
12188 22/02/2006
Origem
D. autor

NS:657316
B:657316-10

FICHA CATALOGRÁFICA

SOUZA, Patrícia Feitosa.

Valorizações das Minas de Bauxita e as (Re)estruturações Espaciais no Médio Amazonas Paraense. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGG/IGEO, 2005.

Xi, 186 p. il.

(Dissertação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGG/IGEO. Orientadora: Maria Célia Nunes Coelho.

1. Fixos e Fluxos. 2. (Re)estruturação Espacial 3. Diferenciação Espacial 4.Mineração. 5. Objetos Técnicos. 6. Interações Espaciais

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

VALORIZAÇÕES DAS MINAS DE BAUXITA E AS (RE)ESTRUTURAÇÕES ESPACIAIS NO MÉDIO AMAZONAS PARAENSE

PATRÍCIA FEITOSA SOUZA

Dissertação de mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Aprovada por:

Maria Célia Nunes Coelho
Professora Dra. Maria Célia Nunes Coelho – Orientadora

Professor Dr. Maurílio de Abreu Monteiro – UFPA/NAEA

Gisela Aquino Pires do Rio
Professora Dra. Gisela Aquino Pires do Rio – UFRJ

Lia Osório Machado
Professora Dra. Lia Osório Machado – UFRJ

RIO DE JANEIRO
2005

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às seguintes instituições que tornaram possível esse trabalho: o PPGG/UFRJ, pela oportunidade de realização do curso de mestrado, a CAPES, pelo suporte financeiro direto através da bolsa de estudo, e ao CNPq no financiamento do grupo de pesquisa para a realização dos trabalhos de campo à Amazônia.

Aos meus pais, Gervázio e Nazaré, que sempre acreditaram que a vida se ganha pelos estudos e pelo trabalho. E mais, eles sempre me deram as condições espirituais e materiais para que esse momento acontecesse. A minha irmã sempre presente. E ao meu irmão que me deixou com muita saudade e boas lembranças.

A Professora Maria Célia Nunes Coelho pelo cuidado na orientação dessa dissertação, pela tolerância com as minhas dificuldades e pelas inúmeras oportunidades de aprendizado que me concedeu. Com competência fez uma orientação segura, principalmente nos momentos de insegurança e incerteza dando o apoio merecido.

Aos professores do PPGG/UFRJ que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho, mostrando-se sempre prontos a ajudar: professores Roberto Corrêa, Lia Machado, Gisela Pires dentre outros.

Aos funcionários do PPGG/UFRJ, em especial Ildione, Nildete, Luiza e Pedro.

À Beth pela revisão cuidadosa da redação final. Ao Roberto Braga, pela presteza e auxílio paciente no convívio diário do projeto de pesquisa. E a Rebeca Steiman pelo apoio na elaboração e confecção dos mapas dessa dissertação.

À amiga Glória Rocha, cuja atitude confiante e carinhosa foi estimulante, e pela fraterna amizade.

Aos amigos e colegas do projeto de pesquisa - "Corredores de Exportação" de *Commodity* Mineral na Amazônia Oriental Brasileira, Formas de Inserção nas Economias Globalizadas e Lógicas de organização Territorial, em parceria com o NAEA-UFPA. Profº. Drº. Maurílio Monteiro, Regiane Paracampos e Cleyson Chagas, pela compreensão e apoio, durante a elaboração e fase final da dissertação.

Cabe ainda agradecer a todos aqueles que se propuseram a responder às perguntas e se dispuseram a auxiliar na coleta dos dados e no fornecimento de informações que conheci e entrevistei no trabalho de campo à Amazônia (Oriximiná-PA e Porto Trombetas-PA), que saíram de suas rotinas e disponibilizaram não apenas dados e informações, mas suas histórias

e experiências pessoais. Sem essa valorosa colaboração a pesquisa de campo teria sido impossível de ser realizada.

Aos amigos e colegas do Laboratório RETIS, Rebeca Steiman, Cristiane Adiala, Pedro Neto, André Novaes, Maurício, Bruno, Rodrigo, Luigi e Lício, que me auxiliaram em algumas etapas do trabalho, dedicaram-me manifestações de carinho e estimulo e me fizeram tomar gosto pelo trabalho em equipe.

Finalmente, pelo suporte emocional, de outra natureza, mas de igual importância, agradeço ao meu namorado Daniel Frenkel – incansável em todos os momentos. Aos amigos mais próximos, especialmente Roberta Figueiredo, Indira, Alba Souza, Regiane Paracampos, Franke Alves, Valdenildo Pedro da Silva, Glorinha, Rafael Straforini, Marcelo Werner, Maria Amélia, Nícia a eles, com certeza, coube a tarefa mais difícil: conviver com as angústias, ansiedades e "neuroses" de quem está fazendo um trabalho acadêmico. E aos demais colegas e amigos que fiz por aqui, principalmente as pessoas de Kelly Bessa, Elis Miranda, Luciana, Débora, Luis Jardim, Elisa Santos, Ivan Pimentel, Tomás Coelho, Mônica Musa, Isabela.....

A todos, meus sinceros agradecimentos. Muito Obrigada...

RESUMO

SOUZA, Patrícia Feitosa. **Valorizações das Minas de Bauxita e as (Re)Estruturações Espaciais no Médio Amazonas Paraense**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGG/IGEO, 2005. Tese (Dissertação em Geografia).

Este trabalho consistiu no exame das mudanças promovidas no espaço do Médio Amazonas Paraense decorrentes da fixação de objetos técnicos indispensáveis ao funcionamento do Pólo Mineral de Trombetas, dando ênfase aos efeitos que a atividade de mineração de bauxita produz na organização do espaço regional, sobretudo, nas interações espaciais (fluxos intra e inter-regionais), na cidade de Oriximiná e nos núcleos urbanos situados no entorno do projeto. A pesquisa baseou-se na perspectiva teórico-analítica da organização do espaço desenvolvida por meio de uma análise histórico-analítica do processo de (des)estruturação e (re)estruturação espacial em áreas de economia extrativas minerais, utilizando alguns procedimentos como a pesquisa bibliográfica, a pesquisa em fontes documentais e a pesquisa empírica, fundamentada em observações *in loco* e em entrevistas desenvolvidas na cidade de Oriximiná-PA e na *company town* de Porto Trombetas junto aos agentes sociais, políticos e econômicos vinculados às instituições públicas, às organizações não governamentais e às atividades econômicas ligadas a mineração. A dissertação versou sobre: 1) O Médio Amazonas Paraense e a Mineração de Bauxita; 2) A *company town* de Porto Trombetas e suas Relações Espaciais com a Cidade do Município Sede do Empreendimento; e 3) A Cidade de Oriximiná e as Relações com as Cidades Vizinhas. Esta dissertação, em síntese, visou contribuir especificamente para compreensão das dinâmicas econômica e espacial de uma ponta do corredor de exportação de bauxita no complexo bauxita-alumina e alumínio da Amazônia oriental, especificando as interações ou não interações entre lugares a partir do desenvolvimento ou emergência de diferentes atividades comerciais e de serviços nos municípios situados neste corredor de exportação mineral. Finalmente, buscamos esclarecer as influências da mineração de bauxita no dinamismo urbano, municipal e regional que deram origem à construção de um espaço funcional.

Palavras-chave: Médio Amazonas Paraense, Fixos e Fluxos, (Re)estruturação Espacial, Diferenciação Espacial, Mineração, Objetos Técnicos, Interações Espaciais

RÉSUMÉ *

SOUZA, Patrícia Feitosa. **Valorisation des Mines de Bauxite et les Restructurations Spatiales dans le Moyen Amazones du Pará.** Rio de Janeiro: UFRJ/PPGG/IGEO, 2005. Thèse (Mémoire en Géographie).

Ce travail aboutit à la recherche des changements provoqués dans le Moyen Amazones du Pará courant de la fixation des objets techniques indispensables au fonctionnement du Pôle Minéral de Trombetas, en donnant de l'emphase aux effets que l'activité dans l'étalon de l'organisation régionale, dans les interactions spatiales (fluxs, intra et inter-régionaux) dans la ville d'Oriximiná et dans les noyaux urbains situés dans l'ambiance du projet. La recherche s'est appuyée dans la perspective théorique-analytique de l'organisation de l'espace développée par moyen d'une analyse historique-analytique du process de désestructuration et restructuration spatial dans le domaine de l'économie d'extraction minéral en utilisant quelques procédés tels quels la recherché bibliographique, recherché dans les sources documentaires et recherche empirique, fondée en observations *in loco* et en entretiens developpés dans la ville d'Oriximiná – PA et dans la *company town* de Porto Trombetas et à côté des agents sociaux, politiques et économiques liés aux insitututions, aux organisations publiques, aux organizations non gouvernamentales et aux activités économiques liées à l'exploitation des mines . Le mémoire eut pour sujet : 1) Le Moyen Amazones du Pará et l'exploitation des mines de bauxite; 2) La *company town* de Porto Trombetas et ses rapports spatiaux avec la ville de la Municipalité Siège de l'entreprise et 3) La ville d'Oriximiná et ses rapports avec les villes voisines. Ce mémoire, en somme, visa contribuer spécifiquement à la compréhension de dynamiques économique et spatial d'une pointe de couloir d'exportation de bauxite dans le complexe bauxite-alumine et l'aluminium de l'Amazonie oriental, en spécifiant les interactions ou non-interactions parmi lieux à partir du développement ou l'émergence des différentes activités commerciales et services des municipalités situés dans ce couloir de l'exploitation minéral. Finalement, on chercha éclaircir les influences de l'explotation des mines de bauxite dans le dynamisme urbain, municipal et régional qui occasionèrent la construction d'un espace fonctionnel.

Mots-clés: Fixes et fluxs, Restructuration Spatial, différentiation Spatial, Exploitation des Mines, Objets Tecniques, Interactions Spatiales.

* Tradução de Luciana Souto Maior Tavares

LISTA DE SIGLAS GERAIS

ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações
ALBRAS – Alumínio Brasileiro S.A
ALCOA – Aluminium Company of America
ALUMAR – Alumina do Norte do Brasil S.A
ALUNORTE – Alumina do Norte do Brasil
BEC – Batalhão de Engenharia e Construção
CEFEM – Compensação Financeira pela Exploração dos Recursos Minerais
CVRD – Companhia Vale do Rio Doce
COSANPA – Companhia de Saneamento do Estado do Pará
CONSAG – Construtora Andrade Gutiérrez S.A.
DNPM – Departamento Nacional da Produção Mineral
EMBRATEL – Empresa Brasileira de Telecomunicações
ETA – Estação de Tratamento de Água
ETE – Estação de Tratamento de Esgoto
ESS – Support Services Worldwide
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
IPI – Imposto sobre produto Industrializado
ISS - Imposto Sobre Serviços
MEC – Mineração Esporte Clube
MRN – Mineração Rio do Norte
POLAMAZÔNIA – Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia
PND'S – Planos Nacionais de Desenvolvimento
PIN – Plano de Integração Nacional
SBT – Sistema Brasileiro de Televisão
TELEMAR – Telemar Norte Leste S/A
TOPE – Torneio Oriximinaense de Pesca Esportiva
UTC – Unidade de Triagem e Compostagem
UEPA – Universidade do Estado do Pará
UFRA – Universidade Federal Rural da Amazônia
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFPA – Universidade Federal do Estado do Pará

LISTA DE FIGURAS

Página

Figura1 Imagem Panorâmica do Médio Amazonas paraense.....49

Figura 2 Planta da *Company Town* de Porto Trombetas.....57

Figura Esquema das Relações Sócio-Econômicas de Porto Trombetas para os Lugares Adjacentes – 2004.....60

Figura 3 Uso do Solo Urbano da Área Central de Oriximiná-PA..... 120

Figura 4 Evolução dos Bairros de Oriximiná – PA.....125

Figura 5 Trocas Comerciais de Oriximiná 164

Figura 6 Esquema das Relações Sócio-Econômicas de Oriximiná para os Lugares Adjacentes, 1989.....166

Figura 7 Esquema das Relações Sócio-Econômicas de Oriximiná para os Lugares Adjacentes, 2004.....167

FOTOS

Foto 1 Área do Projetos Trombetas.....29

Foto 2 Vagões de Trem Correndo sobre a Rodoferrovia de Porto Trombetas.....30

Foto 3 Área do Navio Ancorado Junto ao Shiploader.....30

Foto 4 Navio e Shiploader ao Entardecer 31

Foto 5 Escavadeira Carregando Caminhão Fora-de-Estrada com Bauxita.....33

Foto 6 Virador de Vagões.....33

Foto 7 Correia Transportador de Minério.....33

Foto 8 Área de Secagem de Minério com o "Bauxitão" ao Fundo.....33

Foto 9 Shiploader Carregando Porão de Navio com Bauxita.....33

Foto 10 Usina de Secagem de Bauxita.....33

Foto 11 Vista Aérea da Vila Residencial de Porto Trombetas.....58

Foto 12 Casa da Vila de Porto Trombetas.....60

Foto 13 Vista do Núcleo Urbano de Porto Trombetas.....61

Foto 14 Centro Comercial e o Porto da Feira da *company town* 63

Foto 15 Rua Principal de Oriximiná.....119
Foto 16 Zona Portuária – Atracadouro dos Barcos das Comunidades Ribeirinhas.....121
Foto 17 Área Portuária – Porto Principal.....121
Foto 18 Estaleiro Principal de Oriximiná.....121
Foto 19 Agência do Banco do Brasil em Oriximiná.....135
Foto 20 Mercado Municipal de Oriximiná.....136
Foto 21 Comércio da Feira de Oriximiná.....145

MAPAS

Mapa 01 Localização da Área de Estudo – Médio Amazonas Paraense.....16
Mapa 02 Localização do Complexo Bauxita-Alumina e Alumínio na Amazônia Oriental/ Brasil.....32
Mapa 03 e 04 Mudanças Espaciais no Médio Amazonas Paraense.....46
Mapa 05 População Total dos Municípios do Médio Amazonas Paraense – 2000.....90
Mapa 06 População Urbana dos Municípios do Médio Amazonas Paraense – 2000.....90
Mapa 07 Grau de Urbanização dos Municípios do Médio Amazonas Paraense,2000.....93

QUADROS

QUADRO 01 Porto Trombetas: níveis hierárquicos identificados dos tipos de residências existentes na *company town*.....42
QUADRO 02 Porto Trombetas: Principais Contratadas da MRN.....72

TABELAS

TABELA 01 Porto Trombetas: Evolução da Produção – MRN (em milhares de toneladas) 69
TABELA 02 Porto Trombetas: Vendas em Milhões de Toneladas.....69
TABELA 03 Porto Trombetas: Compras de Materiais e Serviços em milhões de dólares.....70

TABELA 04 Porto Trombetas: Origem dos Empregados por Região – Percentuais.....71
TABELA 05 Médio Amazonas Paraense: Taxa de Crescimento Anual da População.....87
TABELA 6 Médio Amazonas Paraense: Crescimento da População Urbana e Rural, 1970/2000.....89
TABELA 07 Médio Amazonas Paraense: População Total, Urbana e Rural dos Municípios do Médio Amazonas Paraense, 1970/2000.....92
TABELA 08 Número de Unidades Locais por Faixa de Pessoal Ocupado no Médio Amazonas Paraense (2000).....96
TABELA 09 Médio Amazonas Paraense: População Economicamente Ativa por Setor de Atividade, 1970/1991.....100
TABELA 10 Médio Amazonas Paraense: Mercado Formal de Trabalho: o Peso do Emprego por Município, 1989/2003.....102
TABELA 11 Médio Amazonas Paraense: Número de Estabelecimentos Industriais, Comerciais e de Serviços, 1970/2000.....104
TABELA 12 Oriximiná: Mercado de Trabalho Formal: o Peso do Emprego,1994/2003.....106
TABELA 13 Oriximiná: Indicadores Gerais de Crescimento Econômico do Município.....116
TABELA 14 Oriximiná: Evolução do Comércio Varejista, 1970-2000.....132
TABELA 15 Evolução da Atividade Industrial no Município de Oriximiná,1970/2000.....137
TABELA 16 Oriximiná: Evolução da Frota Automotiva do Município,1995/2004.....141
TABELA 17 Oriximiná: Corpo Clínico e Pessoal Auxiliar – 1998.....141
Tabela 18 Oriximiná: Evolução das Unidades Ambulatoriais Cadastradas, 1999/2003.....143
TABELA 19 Oriximiná: Número de Hospitais e Leitos no Município 1999/2003.....143
TABELA 20 Oriximiná: Evolução do Número de Escolas, Professores e Alunos da Rede Pública municipal.....144

TABELA 21 Oriximiná: Quantidade Produzida dos Principais Produtos das Lavouras Temporárias1994/2000.....147
TABELA 22 Oriximiná: Quantidade Produzida dos Principais Produtos das Lavouras Permanentes 1994/2000.....148
TABELA 23 Oriximiná: Quantidade e Valor dos Produtos da Extração Vegetal 1994/2002.....149
TABELA 24 Oriximiná: Principais Rebanhos Existentes 1994-2002.....150
TABELA 25 Médio Amazonas Paraense: Evolução Anual do ISS Municipal, 1995/2000.....152
TABELA 26 Médio Amazonas Paraense: IPI Transferidos aos Municípios, 1995/2000...153
TABELA 27 Médio Amazonas Paraense: Evolução da Arrecadação ICMS por Municípios, 1995/2000.....154
TABELA 28 Médio Amazonas Paraense: Evolução da Transferência de ICMS por Municípios, 1995/2000.....154
TABELA 29Oriximiná - Distribuição das Cotas-partes da CEFEM, 1996-2004.....155
TABELA 30 Oriximiná: Peso dos *Royalties* sobre as demais Transferências Estaduais, 1996/2000.....155

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

1.1 O tema e o problema 14
1.2 O Referencial Teórico 15
1.3 Os Procedimentos da Pesquisa e a Estruturação da Tese 19

CAPÍTULO I

O Médio Amazonas Paraense e a Mineração Industrial da Bauxita

1.1 O Período de Implantação 34
1.2 Rigidez Locacional da Mineração e os Objetos Geográficos: Fixos e Fluxos da Mineração de Bauxita 37
1.3 A Formação no Passado de Uma Estrutura Socioespacial na Área do Projeto Trombetas 44

CAPÍTULO II

A Company-Town de Porto Trombetas e suas Relações Espaciais com a Cidade do Município Sede do Empreendimento

2.1 Porto Trombetas: Uma Cidade-Empresa em Plena Selva 56
2.2 A Vida de Relações da Company Town de Porto Trombetas: nos Níveis Internacional, Nacional, Regional e Local 66
2.2.1 - Evolução da Produção e do Crescimento da *Company Town* de Porto Trombetas . 68

CAPÍTULO III

A Cidade de Oriximiná e as Relações com as Cidades Vizinhas

3.1 As Novas Feições do Urbano no Médio Amazonas Paraense e as Diferenciações Regionais de Urbanização 86
3.2 A Antiga Funcionalidade Rural e Urbana de Oriximiná: o Comércio, a Indústria e os Serviços 108
3.3 A MRN em Oriximiná: a Dinamização de seu Espaços Econômico, Rural e Urbano.. 115
3.4 Crescimento Urbano e Uso do Solo 116
3.5 A Dinâmica das Novas Atividades: Comerciais, Educacionais e Outras 128
3.6 Impactos na Economia: do Extrativismo a Agropecuária? 146
3.7 Impactos e Mudanças na Arrecadação e Transferência Tributária 150
3.9 Interações Espaciais 157
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 172
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 178

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

1- O Tema e o Problema

Temáticas relativas aos efeitos da mineração industrial na organização territorial da Amazônia Oriental brasileira são ainda muito pouco estudadas, especialmente no que diz respeito à estrutura e à organização do espaço urbano-regional. Ainda não foram realizadas pesquisas significativas que contemplem as mudanças promovidas no espaço pela fixação de diversos objetos geográficos indispensáveis ao funcionamento da grande mineração e seus efeitos na vida de relações entre as cidades novas e as preexistentes com o núcleo urbano criado como suporte para atender esta atividade, muito menos, foram feitas investigações sobre as interações espaciais existentes entre a cidade-sede do empreendimento mineral e os municípios situados no seu entorno.

De certa forma, os estudos antecedentes tenderam a tratar os novos objetos geográficos criados pela mineração industrial sem examinar, de maneira integrada, as transformações que os mesmos proporcionariam no padrão da organização produtiva regional, nas interações espaciais (fluxos intra e extra-regionais) e no crescimento dos núcleos urbanos novos e antigos situados no espaço regional. Nesta perspectiva, um exame dos velhos e novos conteúdos e dos velhos e novos movimentos estabelecidos no espaço regional é tarefa fundamental de nossa pesquisa geográfica.

Analisar os impactos entendidos como processos de desestruturações/reestruturações socioespaciais (COELHO, 1997) estimulados pelas relações entre fixos e fluxos associados aos objetos técnicos (SANTOS, 1999) dos grandes empreendimentos do setor mineral na Amazônia oriental torna-se fundamental. Portanto, o objetivo central desse trabalho consiste em examinar as novas realidades urbanas criadas e as já existentes, ambas marcadas pela mudança ou introdução dos novos conteúdos e dos seus efeitos no redimensionamento e redirecionamento dos fluxos.

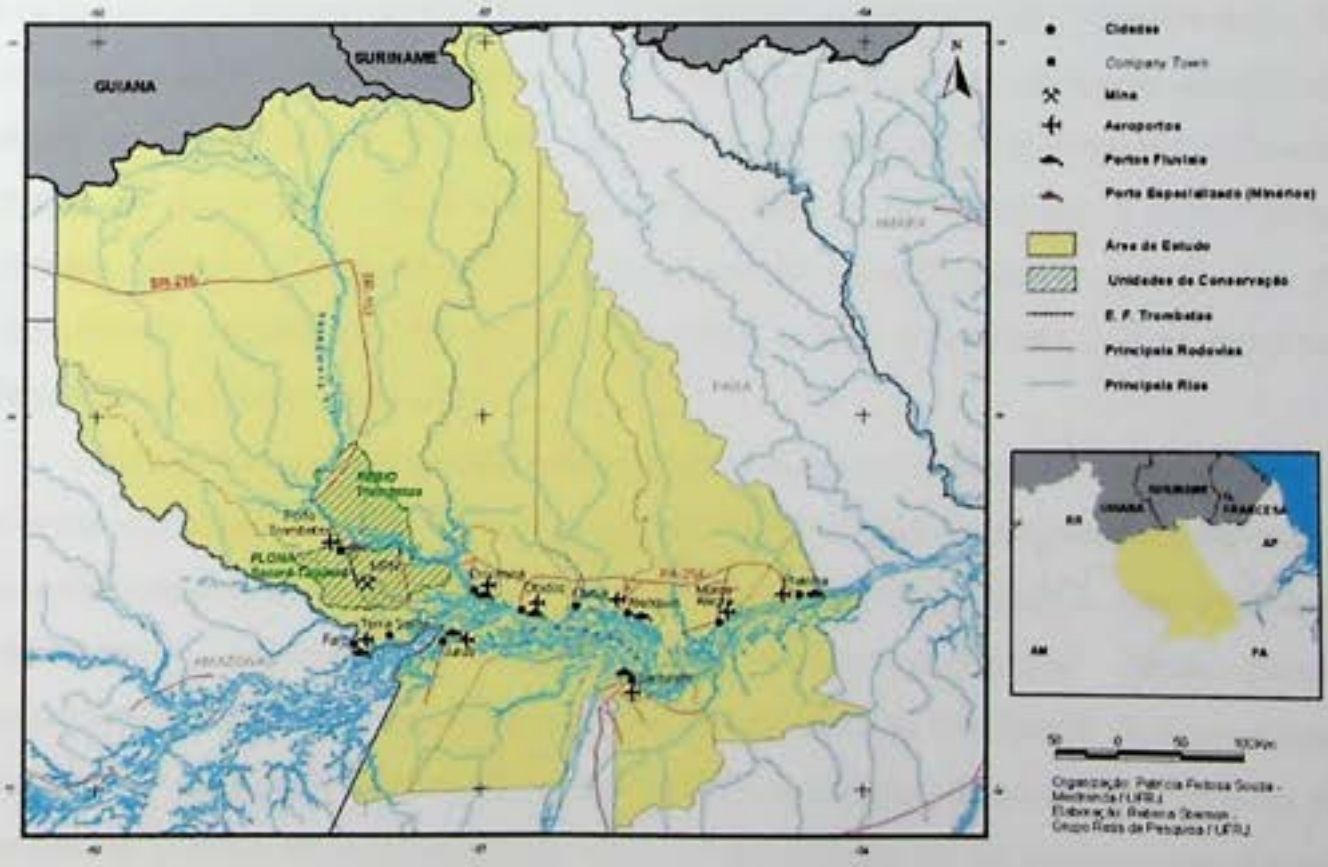
O trabalho de tese de mestrado que aqui se apresenta nasceu no contexto de um projeto de investigação científica mais abrangente, coordenado pela Profª Drª Maria Célia Nunes Coelho (DEGEO/UFRJ), intitulado: Corredores de Exportação de *Commodity* Mineral na Amazônia Oriental Brasileira, Formas de Inserção nas Economias Globalizadas e Lógicas

de Organização Territorial. Uma das preocupações prioritárias específica desta tese de mestrado diz respeito à organização territorial e às mudanças nas relações entre cidades numa ponta do corredor formado pela exportação de *commodity* mineral de bauxita, na Amazônia oriental. Deste modo, o estudo da dinâmica econômica e espacial desta parcela de um corredor mais amplo, poderá servir de base para a compreensão das interações ou não interações entre determinado *commodity* mineral e as diferentes atividades e economias desenvolvidas neste corredor de exportação mineral e suas influências no dinamismo urbano, municipal e regional.

Centramos nosso estudo numa parcela do corredor de exportação de bauxita na Amazônia brasileira, a área entorno do local de ocorrência mineral, nos terrenos terciários existentes no município de Oriximiná situado a oeste do estado do Pará. Nas proximidades das minas são desenvolvidas as atividades de extração e primeiro beneficiamento de minério de bauxita que se acham inseridas na dinâmica do circuito espacial produtivo do alumínio na Amazônia. Nesta área sobressaem, o núcleo urbano de Oriximiná e o núcleo correspondente a *company-town* de Porto Trombetas - vila planejada a partir do projeto de exploração e de transformação mineral da bauxita, cuja localização a 80 km de distância da cidade de Oriximiná (Mapa 01), é também elemento a ser considerado em nossa análise.

Localização da Área de Estudo - Médio Vale do Amazonas Paraense

MAPA 1



Dentre os núcleos urbanos inseridos na dinâmica deste corredor de bauxita destacam-se, para fins do presente estudo, aqueles situados no entorno da área de ocorrência mineral.

Esta escolha de trabalhar as áreas próximas à mineração se deve: 1°) à localização distante e rígida das minas (ou jazidas de minérios) decorrentes da não-flexibilidade locacional, característica dos bens minerais que na Amazônia ocorrem geralmente em áreas afastadas das sedes municipais; 2°) à especificidade da *company-town* do empreendimento, caracterizada como uma vila residencial "fechada" (comparada com a cidade de Oriximiná e os núcleos urbanos vizinhos e distantes da cidade sede do município de Oriximiná); e, 3°) às interações espaciais aparentemente limitadas existentes entre esta vila, denominada Porto Trombetas, Oriximiná e as demais aglomerações urbanas.

Dessa forma, o tema desta pesquisa emergiu, de nossa preocupação em investigar a possível capacidade ou incapacidade da mineração de estabelecer relações e de dinamizar um lugar, alterando o seu entorno e possivelmente a região. Caminhamos em direção ao entendimento de impactos vistos como processos de desestruturação/ (re)estruturação do espaço mediante a implementação de um grande projeto. Assim, a nosso ver, a atividade de extração de bauxita, na região do Médio Amazonas paraense, desestruturou/reestruturou o velho, provocando de alguma maneira sensíveis mudanças nos padrões relacionais com o estabelecimento de novos fixos e fluxos. Era preciso, porém, investigar esta realidade e discutir o papel da nova economia extrativista (extrativismo mineral) voltada para a exportação, em mudar o quadro de possibilidades locais/regionais, alterando a lógica da estruturação dos lugares e da região. Os processos resultantes das relações entre fixos e fluxos, associados à nova atividade, eram, certamente, passíveis de serem identificados no entorno da mineração no momento em que os investimentos recentes em infra-estrutura (criação de novas redes de telecomunicações, sistemas de transporte e novas formas de ocupação urbana - a *company-town*) podem estar modificando o padrão das cidades anteriormente vigente no vale do rio Amazonas, dando dinamismo a uma nova vida de relações entre os centros urbanos.

Neste contexto, as questões que norteiam o desenvolvimento do nosso estudo, podem ser assim sintetizadas: quais foram os impactos da introdução de um grande empreendimento minerador destinado à exportação e das políticas infra-estruturais a eles associados na reestruturação socioespacial do médio vale do rio Amazonas? Nesta perspectiva questionamos: Quais relações foram estabelecidas entre a vila residencial de Porto Trombetas e a cidade de Oriximiná? Quais são e como se dão as relações desenvolvidas entre as cidades situadas no entorno da mineração (são elas de concorrência ou de complementaridade)? No caso específico de Oriximiná nossas indagações dizem respeito às seguintes indagações: qual tem sido as relações entre Porto Trombetas e Oriximiná e como tem sido o desempenho da

cidade sede do município, tendo em vista que, esta teve sua capacidade de investimento ampliada com o recebimento da Compensação Financeira pela Extração de Recursos Minerais – CEFEM, os *royalties*[1] da mineração? Estará a cidade de Oriximiná, diferentemente daquelas situadas em seu entorno, sendo dotada de novas funções e/ou revitalizando suas antigas funções de forma a caracterizar processos de refuncionalização?

Repetindo podemos dizer, portanto, que o objetivo principal deste trabalho consiste em analisar as transformações econômicas e socioespaciais no vale do Médio Amazonas paraense, precisamente em Oriximiná, decorrentes da atividade de mineração industrial de bauxita vinculada ao empreendimento de extração e transformação mineral da Mineração Rio do Norte – MRN, tendo como campo de investigação a nova lógica da organização regional. Em face da diversificação recente das atividades comerciais, de serviços e dos circuitos a ela relacionados; assim como, da evolução da cidade e do município, Oriximiná recentemente tem intensificado suas relações com as cidades circunvizinhas. A natureza dos novos fixos e fluxos associados à mineração são responsáveis pela alteração da relação entre a cidade e a região e, possivelmente, pela redefinição do papel dessa cidade na economia regional. Procurando atingir esse objetivo maior, definimos os seguintes objetivos específicos que são: identificar e examinar a natureza dos novos fixos e fluxos existentes no município e na cidade de Oriximiná, após a implantação da Mineração Rio do Norte - MRN; discutir a vida de relações que se estabelecem entre a cidade de Oriximiná e a cidade empresa de Porto Trombetas; identificar as relações que se estabelecem entre a cidade de Oriximiná e a cidade empresa de Porto Trombetas; e, por fim, analisar o crescimento das atividades econômicas e de serviços em Oriximiná e nas cidades próximas, antes e depois da mineração, associando o peso das novas atividades às mudanças diferenciadas nas contas públicas pelos demais recursos que estão sendo repassados pela ampliação da atividade de extração mineral.

Para investigar os impactos regionais/locais das relações entre fixos e fluxos relacionados à mineração, buscamos um referencial teórico que permitisse analisar a nova lógica organizacional regionalmente introduzida com a exploração das minas de Porto Trombetas, que como toda a mina é um fixo estruturador que orienta as interações entre cidades, que se inclinam a compor uma mesma unidade ou configuração espacial, ainda que de forma incipiente. Era preciso examinar a interação entre a *company-town* e a cidade de Oriximiná, sede municipal do empreendimento, e indagarmos sobre a ampliação ou

[1] Os royalties definidos na Constituição de 1988 devem ser entendidos como uma compensação ou uma prestação financeira paga, principalmente, a Estados, Distrito Federal e Município, para compensar os danos e os custos sociais e ambientais decorrentes do ato de exploração dos recursos naturais (BUNKER, 1999; COELHO et al., 2000).

diversificação de suas funções, de forma a exercer certa liderança sobre as cidades circunvizinhas. Para a execução desta análise recorremos ao exame da teoria da reestruturação (GIDDENS, 1999) para melhor compreender os efeitos das mudanças provocadas no espaço a partir da introdução de projetos de grande porte como o da Mineração Rio do Norte. Pressupomos que investimentos em infra-estrutura, neste caso, novos fixos e novos fluxos, representem um exemplo típico de um novo subespaço, por redefinirem processos imprevisíveis, produtores de reestruturação e (des)estruturações espaciais.

A compreensão contemporânea do Médio Amazonas paraense[2] a partir da nova realidade econômica, social, política e cultural exposta à região, após a implantação do pólo mineral de Trombetas, contribuirá para esclarecer as transformações dinâmicas simultâneas entre as estruturas sociais e espaciais que estão dando origem à construção de um espaço singular.

2 - O Referencial Teórico

Para entender a estrutura socioespacial do oeste paraense, partiu-se da reflexão teórica utilizada nos trabalhos realizados por Milton Santos (1988, 1994, 1996), que ao propor e aprimorar conceitos, noções e instrumentos de análise dotados de coerência e de operacionalidade, permitiu a apreensão dos aspectos que qualificam o espaço atual, ou melhor, capazes de analisar as novas formas de espacializações inerentes ao presente período - o técnico-científico e informacional (SANTOS, op. cit, p. 190). Neste sentido, abordamos os aspectos que julgamos refletir a evolução e a requalificação do espaço regional, em especial, os fixos e os fluxos que surgiram com a valorização da mina de bauxita no vale do Trombetas[3].

A questão preponderante é saber como um processo desencadeado pelo deslocamento de sistemas de engenharia para a região, foi capaz de desestruturar e reestruturar uma área geográfica de modo a configurar uma nova reestruturação socioespacial. A geração desta nova

---

[2] A sub-região por nós denominada de Médio Amazonas paraense acha-se inserida, em parte, na Mesorregião definida pelo IBGE como Baixo Amazonas. Tal denominação deve-se ao fato de alguns municípios escolhidos para análise não estarem situados na Mesorregião aqui tratada, e sim, no trecho em que o rio Amazonas atinge seu curso médio no estado do Pará. A sub-região correspondente à área de estudo é constituída dos seguintes municípios: Alenquer, Curuá, Faro, Monte Alegre, Óbidos, Oriximiná, Prainha e Terra Santa.

[3] Em Porto Trombeta, a bauxita é encontrada no topo achatado dos platôs, remanescentes de uma peneplanície original, entre 80 a 120 metros acima dos vales. Os planaltos elevam-se abruptamente sobre a planície ao redor, a qual é arenosa e ondulada, até atingirem cerca de 180 metros sobre o nível do mar (SIQUEIRA, 2002).

estrutura se expressa na diferenciação da composição do contingente populacional regional, no crescimento urbano desigual das cidades, nas novas formas urbanas criadas, na alteração desigual do conteúdo e da forma das cidades, no novo padrão espacial das interações urbano-regionais, nas relações cidade e campo e na fragmentação territorial (desmembramentos territoriais para geração de novos municípios). Não é possível também ignorar os reflexos de tal processo nos indivíduos, habitantes desses lugares.

Tomamos inicialmente como referência o debate sobre a noção de estrutura e a sua relação com a teoria da estruturação. De acordo com a teoria da reestruturação, estrutura é um processo e não uma coisa. Conforme o entendimento de Turner (1999, p. 206-1) a estrutura é "produzida" e "reproduzida" por indivíduos em interação. Ou melhor, "estrutura" é tanto processo quanto produto de encenação, validação, registro, adoção de papel, desempenho de papel e tipificação. Esses processos interativos produzem (reproduzem) estruturas quando permitem aos indivíduos regionalizar, rotinizar, normatizar, ritualizar e categorizar suas ações conjuntas (Ibid., p. 261).

Para Giddens, a mudança social, do ponto de vista da teoria da estruturação social está associada às idéias de estabilidade e mudança, ou constância e mudança. A teoria da estruturação postula que a possibilidade de mudança existe em qualquer momento da vida social, mas uma parte essencial desta vida, a própria reprodução social (GIDDENS, 2000).

No contexto da teoria da estruturação, o mesmo autor ainda reforça que as categorias tempo e espaço são imprescindíveis à compreensão de como os sistemas sociais se organizam (no tempo e no espaço), isto é, como eles se estruturam, desestruturam e reestruturam gerando estruturas espaços-temporais. O conceito de *"distanciação tempo-espaço"* diz respeito à capacidade dos sistemas sociais para se *"estenderem por meio do tempo e do espaço, em vez de se manterem dentro de certos limites"* (GIDDENS, op. cit., p. 71).

Nessas condições, a transformação estrutural do espaço é um produto histórico e social. Soja (1993), inspirado em Gregory (1978), lembra que a análise da estruturação espacial não pode prescindir do exame das estruturas sociais e vice-versa. As análises das decisões de implantação dos projetos de extração ou transformação mineral e dos seus efeitos implicam, assim, em levantarmos questões espaciais como um caminho interpretativo a ser seguido.

Por isso, nossas reflexões tomam emprestadas de Soja o sentido da reestruturação e da geração de uma nova estrutura socioespacial, que conceitua reestruturação como:

> *"A reestruturação, em sentido mais amplo, transmite a noção de uma "freada", senão de uma ruptura nas tendências seculares, e de uma mudança em direção a* uma

ordem e uma configuração significativamente diferentes da vida social, econômica e política" *(SOJA, op. cit., p.193).*

> *"A reestruturação não é um processo mecânico ou automático, nem tampouco seus resultados e possibilidades potenciais são predeterminados. Em sua hierarquia de manifestações, a reestruturação deve ser considerada originária e reativa a graves choques nas situações e práticas sociais preexistentes e desencadeadoras de uma intensificação de lutas competitivas pelo controle das forças que configuram a vida material"* (Ibid., p.194).

Esta contribuição parte do pressuposto de que os estudos da reestruturação da sociedade são reveladores de uma mescla complexa e irresoluta de continuidade e mudanças (Ibid., p.194). Em outras palavras, a passagem de uma estrutura a outra é um processo de reestabilização estrutural, que atinge a toda configuração socioespacial.

No Médio Amazonas paraense, as mudanças provocadas por alterações nos padrões da organização produtiva (extrativismo tradicional, agricultura de subsistência e pecuária extensiva X mineração industrial) podem estar causando, portanto, conseqüências irreversíveis, representando a passagem de uma estrutura a outra. As desestabilizações na estrutura socioespacial relativamente estável, que predominava na região pode se tornar uma fonte de ruptura que originará um novo comportamento. Este novo estado conduz a um processo de produção do espaço regional em transformação onde o crescimento populacional, a urbanização acelerada, a mobilidade espacial e ocupacional dos trabalhadores, as competições entre municípios, a formação e transformação da rede de cidades, a renovação urbana e de funções das cidades e os desmembramentos territoriais para a geração de novos municípios estão associados à ruptura e a mudanças significativas das estruturas econômicas e sociais tradicionais.

A teoria da estruturação pode nos fornecer elementos para pensarmos os efeitos da introdução de uma atividade mineral numa determinada área geográfica. Tal atividade tende a atuar como elemento desestruturador e (re) estruturador das atividades produtivas, ao mudar a lógica que orienta a economia regional. A mudança na estrutura econômica é acompanhada das transformações na estrutura social. As formas tradicionais de exploração da terra são substituídas por formas capitalistas mais avançadas. As redes de transportes, comunicações e energia expandidas, criando novas possibilidades de desenvolvimento e de incorporação das atividades agrícolas e pecuária na economia regional. Desta forma, em pontos específicos tende a crescer a possibilidade da emergência de uma economia urbano-industrial, que possivelmente suscita reestruturações urbano-regionais, que requerem novas interpretações.

Inspirada em Soja (1993) é possível recorrer a dois contextos interpretativos, para situar os debates contemporâneos sobre a questão urbana regional: o primeiro diz respeito às alterações ocorridas no papel dos núcleos urbanos, em função das novas formas criadas para responder às necessidades renovadas; e o outro se relaciona aos impactos dos sistemas de engenharia e suas características atuais – a criação de grandes objetos geográficos, fixos e fluxos no espaço, responsáveis pela alteração das interações espaciais locais/ regionais.

3 - Os Procedimentos da Pesquisa e a Estruturação da Tese

A pesquisa por nós realizada baseou-se, numa perspectiva teórico-analítica da organização do espaço. Neste sentido, foi realizada uma análise histórico-analítica do processo de (des)estruturação e (re)estruturação espacial em áreas de economia extrativas minerais, analisando as conseqüências locais e regionais das inserções de um espaço local na economia mundial do alumínio e as novas trajetórias territoriais criadas neste subespaço. A pesquisa realizou exames sobre a natureza e a direção dos fluxos de pessoas, matéria, informação e de capital estimulados pela mineração (com ênfase particular nos fluxos intra-regionais e extra-regionais).

Para a nossa pesquisa buscamos informações acerca da realidade socioespacial do Médio Amazonas paraense, através do levantamento de dados sobre os aspectos sociais, econômicos e políticos. A pesquisa bibliográfica constou de um levantamento temático da área estudada, elaborado com vistas a construir interpretações geográficas direcionadas às análises dos processos de reestruturações urbana e regional, provocadas ou não pela atuação local da empresa MRN. Foram também examinados trabalhos de pesquisa que retratassem as noções sobre interações espaciais e padrões de interações. Além da bibliografia sobre funções urbanas e processos de refuncionalizações, que foi objeto de atuação específica.

Nossa pesquisa foi basicamente apoiada em trabalho de campo, fundamentada em observação *in loco* e entrevistas desenvolvidas na cidade de Oriximiná e na *company-town* de Porto Trombetas junto aos agentes sociais, políticos e econômicos, basicamente, àqueles vinculados às instituições públicas, às organizações não governamentais (associação de municípios) e às atividades econômicas ligadas à mineração, com intuito de entender a contribuição e a interpretação desses agentes frente aos processos de reestruturações espaciais. Para tanto, realizamos a pesquisa direta por meio de contato e entrevistas dirigidas

aos seguintes agentes: segmentos da comunidade local, moradores antigos do município, moradores das áreas rural e urbana; trabalhadores da mineração, diferentes tipos de comerciantes; funcionários públicos; autoridades públicas e agentes econômicos ligados à mineração. Após coletarmos as informações necessárias à nossa investigação, os dados foram selecionados e, em seguida, analisados e interpretados à luz do referencial teórico-metodológico, adotado como o nosso caminho e visão de mundo neste estudo; procurando realizar uma reflexão mais próxima possível da realidade social, econômica, política da região.

Finalmente, estruturamos o nosso trabalho de pesquisa em três capítulos, incluindo uma parte introdutória e as considerações finais, onde procuramos sistematizar as nossas constatações que foram emergindo no desenrolar do estudo.

No primeiro capítulo, abordamos a história territorial e evolução da socioeconomia do Médio Amazonas paraense tendo como esteio a análise da natureza das mudanças provocadas pela mineração numa região até então economicamente estagnada.

A reestruturação do espaço urbano regional provocada pela introdução de novos padrões de urbanização - a *company-town* - é o tema do segundo capítulo, no qual tratamos as possíveis transformações estruturais ocorridas na relação da cidade empresa com as cidades situadas no entorno do projeto de modo a criar uma nova vida de relações na região, amplamente modificada pela demanda da produção e do consumo modernos, dentre os quais destacamos o de serviços associados à circulação material, informacional e de intercâmbio de pessoas ligadas ao projeto ou ao cotidiano dos moradores que vivem na vila residencial de Porto Trombetas.

Finalizando, o capítulo três expõe análises dos resultados empreendidos pela mineração em Oriximiná, especialmente quanto à expansão do espaço urbano, gerando mudanças territoriais e sociais na estrutura interna da cidade.

CAPÍTULO I

O MÉDIO AMAZONAS PARAENSE E A MINERAÇÃO INDUSTRIAL DA BAUXITA

A partir de meados de 1970, a simetria na trajetória histórica do Médio Amazonas paraense parece ter sido quebrada. Isto ocorreu no contexto da expansão do complexo bauxita, alumina e alumínio na Amazônia Oriental brasileira, viabilizada pela crise do petróleo e pelo estímulo japonês em transformar países periféricos, como o Brasil, em produtores de alumínio. Assim, tempos diferentes, ritmos diversos ou estruturas territoriais variadas no Médio Amazonas paraense puderam ser considerados: as estruturas espaciais anteriores e posteriores à implantação da Mineração Rio do Norte no vale do rio Trombetas, neste contexto serão consideradas em sua devida especificidade. Levando em conta que o Médio Amazonas paraense vem sofrendo transformações na sua estrutura socioespacial desde o momento em que passou a ser inserido nos circuitos da modernização capitalista, mediante a introdução de novos objetos espaciais comandados pela mineração na região, assim como, pelo comércio e serviços de exportação à ele ligados. Assim, fica entendido que um novo espaço está em processo de formação, sobrepondo-se ou não à configuração espacial das atividades extrativas tradicionais que comandavam e regiam a dinâmica social da região até então.

No contexto das crises energéticas dos anos de 1970 é que se estruturaram as condições que possibilitaram a valorização da bauxita na região[4]. Em meio a isso, o governo brasileiro, em consonância com as estratégias de atração de capitais para o estabelecimento de pólos de desenvolvimento na região amazônica, convidou a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) para representá-lo no negócio e participar da reativação do Projeto Trombetas.

Além da participação da CVRD, seis outros grandes consumidores de bauxita participaram como acionista da MRN. Tal mecanismo ficou conhecido como *joint venture*.

[4] A bauxita, minério do qual se obtém o alumínio de forma mais econômica, é encontrada em escala aproveitável somente em alguns países. Dentre os principais detentores mundiais de reserva de bauxita, o Brasil conta com cerca de três bilhões de toneladas de bauxita na região Amazônica, ocupando atualmente o terceiro lugar, juntamente com a Jamaica. São precedidos pela Guiné, que possui oito bilhões de toneladas, e pela Austrália, com cinco bilhões de toneladas (SIQUEIRA, 2002).

Dessa maneira, a MRN estruturou-se, portanto, como uma *joint venture*[5]. Uma vez garantidas as bases de constituição da empresa e os mecanismos de financiamento, iniciaram-se as obras do projeto.

Na época, surgiu também um outro estímulo à efetivação e a retomada do projeto. Estamos falando da posição do Japão e de sua contribuição para a formação do complexo bauxita, alumina e alumínio na Amazônia oriental. Em termos do mercado mundial do alumínio, o Japão, por sua vez, tinha interesse de que houvesse excedente de bauxita neste mercado, com o objetivo de garantir estabilidade de abastecimento para as empresas japonesas e de quebrar o monopólio das seis grandes do alumínio que regulavam os preços e controlavam o mercado (COELHO *et al*, 2003).

A isto se somou a crise de energia na década de 1970, que contribuiu para que o estado japonês elaborasse estratégias que consistiriam, de um lado, em estimular a transferência de suas empresas produtoras de alumínio de seus territórios para os países ricos em matérias-primas e energia e, de outro, a induzir os países e regiões exportadoras de matérias-primas brutas a criarem condições para a transformação de bauxita em alumínio, por meio da criação de mecanismos especiais que consistiam desde a adoção de novas formas de atração de capitais externos (créditos concedidos pelos bancos internacionais, infra-estrutura básica e energia subsidiada) até o estímulo de organização de novas empresas (COELHO *et al*, op.cit, p.33).

Nesse cenário, as empresas japonesas firmaram acordos com o governo brasileiro para a viabilização da exploração de 600 milhões de toneladas de bauxita do pólo Trombetas. Além destes acordos a construção da UHE de Tucuruí e os estímulos à formação de uma *joint-venture* estabeleceram as bases iniciais para a construção da Alumínio Brasileiro S.A (*Albrás*) e da Alumina do Norte do Brasil S.A (*Alunorte*), no município de Barcarena-PA, dando início a implantação do complexo de alumínio na Amazônia (COELHO *et al.*, op. cit., p.34).

Voltando a sua composição, a MRN[6] contou inicialmente com a participação acionária da CVRD (46%); da canadense Alcan (19%); da Companhia Brasileira de Alumínio (10%), vinculada ao Grupo Votorantin; da subsidiária de empresas holandesas, a Mineração Rio

---

[5]Referem-se a projetos com participação minoritária das firmas multinacionais nos acordos de licença, contratos de gestão e contratos de divisão que são estabelecidas mediante a participação dos projetos por uma cota, previamente definidas (PIRES DO RIO, 1996, p.828).

[6] A MRN, empresa privada, tinha – como ainda tem – por objetivo social todas as atividades de empresa de mineração, incluindo as de empresa industrial, comercial e de serviços, para promover e explorar por sua conta ou de terceiros a prospecção, a pesquisa, a lavra, o beneficiamento, a industrialização, o comércio, a importação e exportação de bauxita e de quaisquer outros minérios ou substâncias minerais em geral (SIQUEIRA, 2002).

Xingu (5%); da Reynolds Alumínio do Brasil, subsidiária da empresa norte americana Reynolds (5%); da subsidiária da norueguesa Norsk Hydro (5%); e da Alumina Español (5%). Atualmente (2005), a MRN é uma associação da CVRD (40%), da BH Biliton Metais S.A. (14,80%), da Alcan Alumínio do Brasil Ltda. (12%), da Companhia Brasileira de Alumínio (10%), da Alcoa Alumínio S.A (8,58%), da Alcoa World Alumina (5%), da Norsk Hydro do Brasil Ltda. (5%) e,) e da Abalco S/A (4,62%).

O Projeto Trombetas[7], como seria chamado, foi sendo implantado na margem direita do rio[8] do qual tomou o nome emprestado. Um novo meio geográfico é recriado, quando em fins de 1973 ficou decidida a implantação do Projeto Trombetas, na região do Médio Amazonas paraense, mais especificamente no município de Oriximiná. A descoberta de importantes depósitos bauxitíferos na região compreendida entre o oeste paraense (Trombetas) e o leste do estado do Amazonas (Nhamundá) remonta à década de 1960. No entanto, a instalação do projeto só foi possível quando o governo federal procurou criar condições que gerassem um novo impulso desenvolvimentista para a região. Isto se deu somente a partir das décadas de 1960 e 1970, no momento em que, sob a égide de modelos desenvolvimentistas, o Estado brasileiro propôs vários programas que estimulassem o desenvolvimento regional. Dessa forma, empreendimentos de produção mineral como estes foram propostos, particularmente no âmbito dos Planos Nacionais de Desenvolvimento - PND'S, que neste momento, foram destinados à região amazônica, especialmente, a partir do IIº PND, por meio do Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia – POLAMAZÔNIA (1975-1979). Tal programa consistia na adoção de estratégias de crescimento econômico, que viabilizassem projetos direcionados à implantação de pólos agropecuários e agrominerais.

Em 1974, o Projeto Trombetas tinha sido integrado ao programa governamental Polamazônia, que na época delimitou quinze áreas para o fomento de atividade econômica, cuja região prioritária abrangia quatro municípios da margem norte do rio Amazonas – Monte Alegre, Alenquer, Óbidos e Oriximiná – sendo este último, considerado o município central, visto abrigar a unidade de exploração e extração da bauxita. O Pólo Trombetas, enquanto um pólo de crescimento econômico previa o fortalecimento dos núcleos urbanos, o

---

[7] O Projeto Trombetas consistia na lavra a céu aberto, britagem e lavagem do minério junto à mina, e secagem e embarque de bauxita seca no porto.

[8] O rio Trombetas é considerado um rio de pequeno porte na região em relação aos outros rios muito mais gigantescos como o próprio Amazonas, o Tapajós, o Xingu, o Negro e o Madeira. Quanto a este rio, de sua foz até o local onde se instalou o porto de minérios, de um modo geral, o Trombetas não tem curvas muito acentuadas, não tem meandros e quase não apresenta correntezas, oferecendo assim boas condições de navegabilidade, mesmo para navios de grande calado (SIQUEIRA, op. cit., p. 31).

desenvolvimento da navegação fluvial, o apoio à exploração da bauxita, além de outras atividades econômicas, como a moagem de calcáreo e a rizicultura (SIQUEIRA, 2002, p. 26) Desse modo, tal programa de desenvolvimento regional surge com a dupla funcionalidade de, por um lado, impulsionar a ampliação da ocupação produtiva da região, por meio da expansão e recuperação de atividades do setor primário, como a agropecuária e madeireira, e também, dos setores secundário e terciário; e de outro, por canalizar com maior intensidade os investimentos do programa voltado para o aproveitamento local de exploração do recurso mineral de bauxita.

Em junho de 1978, a área do Projeto Trombetas foi adquirida, naquele momento sua extensão territorial correspondia a 494 hectares. Sua localização distanciava-se cerca de 80 quilômetros, em linha reta, da sede do município, 240 quilômetros de Santarém, 400 quilômetros de Manaus e 900 quilômetros de Belém; a localidade passou então a ser conhecida como Porto Trombetas (Mapa 01). Nela, onde antes não havia senão floresta seria erguida nos anos seguintes a infra-estrutura urbana e operacional para possibilitar a exploração de bauxita.

O Projeto Trombetas da Empresa Mineração Rio do Norte - MRN (Foto 01) é um sistema integrado – mina-ferrovia e porto – voltado para a mineração e exportação da reserva mineral de bauxita da região de Trombetas. A bauxita encontrada nas reservas minerais de Trombetas assumem uma relevância significativa em termos de sua caracterização mineral, sendo constituídas basicamente do mineral *gibbsita* ($AL_2O_33H_2O$), o que permite uma extraordinária importância na produção de alumina, já que pode ser processada em refinarias que operem com baixas pressão e temperatura. Em 1974, o Projeto Trombetas deu origem ao Pólo Mineral de Trombetas, na época uma das estratégias de desenvolvimento para a Amazônia Oriental.

Fonte: MRN, 2004

Foto 01 - Área do Projeto Trombetas

A criação de um pólo de crescimento, como o de Trombetas, cujo funcionamento contaria com o apoio do Estado e a ação da empresa investidora, a Mineração Rio do Norte, resultado de uma *joint venture,* implicaria na redistribuição de recursos, população, infra-estrutura, atividades e instituições que mudariam a organização espacial e transformariam o conteúdo do espaço regional. Desse modo, em 1976, iniciaram-se as obras de implantação da MRN com a construção da estrada de ferro de apenas 30 quilômetros, que transportaria o minério da mina para o Porto Trombetas, um porto fluvial especializado em granéis sólidos minerais, com calado suficiente para receber navios de até 60 mil toneladas e a construção de sua vila residencial – *company town*, à margem direita do mesmo rio, nas adjacências do terminal de embarque do minério.

A chegada da mineração ao oeste paraense, a partir do final da década de 1970, insere-se em dinâmicas mundial, nacional e regional e dimensões econômica, política e cultural. Trata-se, antes de tudo, de um processo de expansão dos espaços capitalistas na terceira fase de globalização da indústria do alumínio (CICCANTEL, 2003), quando aconteceu outra importante mudança na geografia da produção desta matéria-prima, que trouxe significativas transformações em termos de localização e comércio das empresas de fabricação deste minério. A partir desse momento, a integração do Médio Amazonas paraense ao comércio mundial do alumínio é acentuada. O projeto de exploração da bauxita no município de

Oriximiná. É destinado tanto à exportação para os mercados externos quanto para o mercado interno. Neste caso, a fábrica da Alunorte, que fornece alumina para a Albrás, ambas localizadas em Barcarena no estado do Pará, e para a fábrica da Alumar, em São Luís do Maranhão, marca uma nova refuncionalização do espaço e de sua economia regional a partir do impacto da mineração, que graças à nova divisão territorial do trabalho insere o município de Oriximiná na ponta de um corredor de exportação de *commodyties* minerais, alterando o seu arranjo regional.

Para o funcionamento das atividades de extração mineral uma ferrovia (Foto 02) de 30 km foi construída com a finalidade de transportar a bauxita, o translado é feito em quatro composições de 22 vagões, cada um deles tracionados por uma locomotiva. Construiu-se também, um terminal portuário projetado (Foto 03) para realizar o carregamento de seis mil toneladas por hora, meta nunca atingida. O porto (Foto 04) é um cais construído sobre estacas, permitindo a atracação de navios graneleiros de até 245 metros de comprimento e 40 metros de largura. Sua área não apresenta problemas de manobra para os navios, já que o leito do rio neste ponto possui largura suficiente para efetuar as manobras (700 metros). Nele são aportados navios com capacidade de carga de até 60 mil toneladas, que percorrem uma rota por via fluvial de quase 1000 km e que para ganharem o Atlântico realizam um trajeto no canal norte do rio Amazonas (MONTEIRO, 2001). Características importantes para a dimensão dos navios que viabilizam o transporte da bauxita do Trombetas até alcançar seus destinos mais distantes, como o Canadá, Estados Unidos, Irlanda, Grécia e Romênia .

Foto 02 - Vagões de Trem Correndo sobre a Rodoferrovia de Porto Trombetas

Fonte: MRN, 2004

Foto 03 - Área do Navio Ancorado Junto ao Shiploader

Fonte: MRN, 2004.

Foto 04 - Navio e Shiploader ao Entardecer

A energia elétrica para garantir o funcionamento da empresa é gerada a partir de geradores a diesel, instalados nas proximidades do porto, onde uma linha de transmissão conduz a energia até a área da mina.

O desenvolvimento da produção de bauxita acabou por fomentar[9] a criação do circuito espacial produtivo do alumínio na Amazônia brasileira (Mapa 02). A produção da MRN é fornecida para o mercado interno e externo. O circuito produtivo do alumínio primário na Amazônia[10] inicia-se com a exploração de bauxita metalúrgica em Trombetas. A MRN extrai e beneficia a bauxita metalúrgica, utilizada como matéria-prima no circuito de produção do alumínio. Após a extração e o beneficiamento da bauxita o minério é embarcado nos navios graneleiros e escoado pelo rio Trombetas em direção ao rio Amazonas e até alcançar as plantas de Barcarena-PA e São Luís-MA[11]. A MRN fornece bauxita para esses dois complexos, sendo que, a partir de 1997, 60% da bauxita produzida em Porto Trombetas passa a ser transformada em alumina no próprio país, de tal maneira que a Alunorte e a Alumar consomem juntas, 5,5 milhões de toneladas/ano (MRN, Rel. Anual, 1997). O restante da

---

[9] Além da abundância e da qualidade dos minérios de bauxita, a disponibilidade de energia barata e as vantagens de localização, com condições favoráveis para o transporte do minério, foram cruciais para estimularem a criação do circuito do alumínio na Amazônia brasileira.

[10] Conforme Arroyo (2001, p.180) hidrovias, ferrovias e portos compõem a base material amazônica que serve a esse circuito. O transporte de granéis sólidos nessa região sempre esteve associado a projetos integrados de mineração e beneficiamento. A estrada de ferro da Mineração Rio do Norte, com uma extensão de 30 km, foi construída para viabilizar a exploração das jazidas de bauxita às margens do rio Trombetas. O Porto de Vila do Conde, no rio Pará, movimenta as cargas das empresas Albrás e Alunorte. Pela sua movimentação de cargas, esse porto ocupa o terceiro lugar no sistema portuário amazônico, atrás dos portos de Belém e Manaus. A Aluvale opera seu terminal marítimo no porto de Ponta da Madeira (MA). Soma-se a esses fixos produtivos a hidrelétrica de Tucuruí, sobre o rio Tocantins. Com exceção da MRN, que produz a energia consumida, as demais empresas mínero-metalúrgicas são abastecidas com a energia proveniente dessa usina, que destina 60% de sua capacidade para esse consumo industrial.

[11] A ALUNORTE localiza-se em Barcarena, estado do Pará, constituindo parte da cadeia de produção do alumínio primário que inclui, ainda, a ALBRAS. A ALUMAR, localizada em São Luís do Maranhão, produz alumínio sob o controle acionário da ALCOA, multinacional do setor.

produção da MRN é exportado para diversos países, sendo os principais Canadá, EUA e Venezuela, que consomem uma fatia significativa do produto.

Os traços de uma nova organização espacial são visíveis no Médio vale do Amazonas paraense. A introdução da mineração industrial vem diversificando a estrutura econômica sub-regional quando novos elementos vieram participar da vida regional, marcando o surgimento de novos rumos em sua dinâmica. A região foi vítima de um processo de ocupação ordenado e seletivo, que concentrou a ação do Governo Federal em áreas prioritárias, capazes de nuclear forças propulsoras do "desenvolvimento".

A estrutura logística da mina além de envolver os equipamentos da mina (Fotos 05, 06 e 07), da usina de beneficiamento (Foto 08), da ferrovia, do porto (Foto 09) e da unidade para a secagem da bauxita (Foto 10), conta ainda com a vila residencial construída à margem direita do rio Trombetas, localizada nas adjacências do terminal de embarque do minério. A vila residencial de Porto Trombetas possui 1.030 casas unifamiliares, alojamentos, escolas, um hospital e equipamentos urbanos tais como clube de lazer, cine-teatro, aeroporto e um sistema de comunicação nacional e internacional. O comércio na vila residencial conta com um supermercado, padaria, lojas, boutiques, lanchonetes, agências bancárias, posto de abastecimento de combustíveis, açougue e farmácias.

Fonte: MRN,2004.

Foto 05 - Escavadeira Carregando Caminhão Fora-de-Estrada

Foto 06 - Virador de Vagões

Foto 07 - Correia Transportador de Minério.

Foto 08 - Área de Secagem de Minério com o "Bauxitão" ao Fundo.

Fonte: MRN, 2004.

Foto 09 - Shiploader Carregando Porão de Navio com Bauxita

Fonte: MRN, 2004.

Foto 10 - Usina de Secagem de Bauxita

O acesso à vila do projeto é feito apenas por meio de transporte fluvial e aéreo. A cidade mais próxima da vila residencial é Oriximiná que dista aproximadamente 80 km, percurso que é percorrido por via fluvial em cinco horas de viagem e em meia hora por via aérea.

A construção das obras de infra-estrutura e a montagem completa dos equipamentos permitiram o início, a exploração e o escoamento do minério de bauxita, que teve seu primeiro carregamento e embarque ocorrido em 13 de agosto de 1979, quando o primeiro navio recebeu a primeira carga de bauxita, 21.054 toneladas de minério, saída de Trombetas

com destino a Alcan no Canadá. Nesta ocasião, inaugura-se a circulação de um novo fluxo no espaço regional ligando Porto Trombetas aos mercados nacionais e internacionais especializados na produção e circulação desta *commodity*.

1.1 - O Período de Implantação

Em 1974, a MRN iniciou os investimentos na região para a construção do Projeto Trombetas, depois que os técnicos contratados pela empresa estudaram a viabilidade técnica e econômica do empreendimento, mostrando existir em Porto Trombetas local adequado para a instalação de um porto nas margens do rio Trombetas, um rio navegável próximo à jazida, e a construção de uma estrada de ferro de 30 quilômetros (já mencionado), ligando o porto à mina do platô Saracá. Como o acesso à mina era fácil, com terreno relativamente plano, a abertura de uma estrada, também, foi possibilitada. A construção exigia a presença crescente de contingentes de mão-de-obra: enquanto em 1976 o número de trabalhadores era de 300, no ano seguinte chegaria a 4.200, para atingir 6.000 no pico da obra (70 pessoas com nível superior, sendo 29 delas engenheiros), o máximo do projeto. Essa mão-de-obra foi recrutada não só nos municípios vizinhos como também em localidades (SIQUEIRA, op. cit., p. 73).

Uma nova etapa começa quando se iniciam os trabalhos de engenharia. A execução das obras civis foi atribuída a Construtora Andrade Gutiérrez S.A – CONSAG, empresa vencedora da concorrência aberta pela MRN, que na época já contava, então, com excelente *know-how* no desenvolvimento de projetos na Amazônia. E, também por já ter instalado uma infra-estrutura de apoio em Cachoeira Porteira, área próxima ao projeto distante a 150 quilômetros de Porto Trombetas. Tal infra-estrutura foi construída para edificação da rodovia Perimetral Norte, fato este decisivo para que tal empresa entrasse no projeto, por já dispor de pessoal e maquinário não muito distante dali, o que levou a apresentar as melhores condições de mercado, quando a concorrência para os trabalhos de engenharia foi aberta pela MRN (Ibid., p. 69).

Assim, ficou a cargo da CONSAG a construção da área industrial na mina, incluindo instalações de britagem, beneficiamento e carregamento de minério, sistemas de água e óleo, tanques auxiliares, estrada de ferro para transporte de bauxita e uma estrada de rodagem paralela, com cerca de 30 quilômetros de extensão, ligando o porto à mina. A construtora

ainda seria responsável pela área industrial do porto, incluindo, entre outras, as instalações portuárias às margens do rio Trombetas. Além da estrutura industrial, a empresa deveria construir a vila residencial, remodelar o aeroporto e edificar as instalações auxiliares de água, força, luz, combustíveis, atracadouros, docas auxiliares e outros (Ibid., p. 69).

A partir de então, a primeira fase das obras começou com a operação de desmatamento. Em primeiro lugar, foi aberta a mina. Depois, foi realizado um desmatamento de aproximadamente 780 hectares, englobando a área da mina, da rodoferrovia, das áreas de empréstimo, da vila residencial e da área do porto. A partir disso, o Projeto Trombetas era na verdade, um conjunto de diversos projetos de médio porte, tocados simultaneamente, envolvendo várias tecnologias diferentes e interligadas – as operações de mineração, a estrada de ferro, a produção e distribuição de energia, as fundações aquáticas, a navegação e a dragagem (Ibid., p. 71).

A estrutura já implantada em Cachoeira Porteira pela CONSAG foi o primeiro ponto de apoio ao Projeto Trombetas. Inicialmente, os primeiros engenheiros destinados a participar das obras de construção da infra-estrutura física do projeto residiam num "barco-gaiola" que trouxeram de Manaus. Na mesma época, à beira do rio Trombetas, foi montada uma espécie de "vila de carretas" (*trailers* de obra), onde passaram a morar cinco engenheiros e suas famílias. Ao mesmo tempo que Porto Trombetas era construído, o núcleo de Cachoeira Porteira foi crescendo, com um número cada vez maior de residências para o pessoal casado que trabalhava em Trombetas. Durante a semana, os funcionários ficavam no alojamento da própria obra e nos finais de semana, os funcionários deslocavam-se até Cachoeira Porteira para visitar as suas famílias. Logo depois começaram a surgir as primeiras casas em Porto Trombetas, para abrigar engenheiros e funcionários de diversos níveis da obra (Ibid, p. 71).

No início, os trabalhadores envolvidos com a implantação das instalações, tanto da companhia como das empreiteiras contratadas, ocuparam instalações provisórias próximas às jazidas a serem mineradas, e mesmo sobre elas. Este foi o caso do denominado núcleo provisório, mais importante área residencial entre 1976 e 1979, onde foram construídos aproximadamente 24 pavilhões em PVC e madeira, erguidos junto à área industrial para alojar os funcionários especializados e vários peos, abrigando cerca de 6 mil pessoas (Ibid, p. 95).

Porto Trombetas não era a única base de apoio, por ocasião de implantação do empreendimento para alojar a população atraída pelo projeto, mas que não trabalhava diretamente na obra, a MRN viabilizou a construção de uma cidade satélite chamada vila Caranã. A empresa cedeu inúmeras áreas a habitantes da região, com a condição de que eles construíssem fossas sépticas e cercassem o terreno, e forneceu, também, aos beneficiados a

madeira que não era aproveitada nas obras do projeto. Assim, nasceu a vila Caranã[12], o então chamado beiradão do Trombetas (Ibid., p. 97).

Ao mesmo tempo em que se levantava um complexo industrial numa clareira aberta na mata, também se construía toda uma cidade. A obra do complexo urbano caminhara em ritmo paralelo à construção dos conjuntos industriais, permitindo que, gradualmente, os funcionários da MRN e suas famílias fossem se instalando e se adaptando àquela nova vida, tão diferente da vivida nas grandes cidades (Ibid., p. 95). Dessa maneira, criou-se uma nova expressão urbana, distintiva, uma pequena cidade, como tantas outras criadas recentemente na Amazônia. Surgiu a partir da atuação do Estado e da expansão do capital na região que produziu espaços e tempos diferentes até então não vividos pelas populações amazônicas, os quais passaram a ser vistos com novos valores e novas funções. Assim, surgiu a *company-town* de Porto Trombetas, constituída para assegurar aos funcionários da empresa o atendimento das necessidades de habitação, lazer, cultura e promoção social. A cidade se desenvolve e com ela materializam-se novos processos de construção do espaço urbano, onde as relações sociais explicitam uma nova abordagem sobre o urbano na Amazônia. A partir daí se pretende explicitar o que esta cidade empresa representa no movimento de transformação da estrutura urbana regional.

[12] A Vila Caranã, área satélite, do projeto foi desativada alguns anos depois do Pólo Trombetas ter entrado em operação. (SIQUEIRA, op. cit., p. 97).

1.2 - Rigidez Locacional da Mineração e os Objetos Geográficos: Fixos e Fluxos da Mineração de Bauxita

Até o início do Projeto Trombetas, no final de 1966 e princípio de 1967, as minas de bauxita da região encontravam-se inexploradas. Naquela época, as jazidas de bauxita eram simplesmente um objeto geográfico natural[13], cuja significação seria dada pelos geógrafos como mais um objeto imóvel que existe na superfície da terra. Num período em que as ocupações de terra na floresta tropical úmida do Trombetas fundamentavam-se apenas na caça, pesca, coleta da castanha e nas atividades pastoris, típicas de uma "economia extrativista tradicional", que se constituía numa configuração territorial formada, quase que exclusivamente, por um conjunto dos complexos naturais.

À medida que houve a valorização dos depósitos de bauxita trihidratada do Trombetas, em parte, estimulada pelos interesses dos países centrais, que objetivavam obter matérias-primas a baixo custo; e pelo empenho do governo federal de incentivar tais projetos para suprir os encargos da dívida externa brasileira a partir da exploração da riqueza mineral amazônica, deram início às atividades de extração mineral de bauxita.

Localizada em plena selva amazônica, as vultosas ocorrências minerais são dotadas de rigidez locacional que impôs dificuldades, tanto à viabilização do projeto de extração, como à sua valorização econômica. Isto se explica pelas minas estarem, quase sempre, geologicamente distribuídas em áreas geograficamente distantes – neste caso em regiões da alta floresta tropical. Por isso, para tornar a exploração das minas um empreendimento viável houve a necessidade de incorporação de tecnologias e investimentos públicos privados. A posição das minas implicou em garantir o acesso à mão-de-obra qualificada, ao transporte (capaz de viabilizar a competitividade ao minério em termos de valor de troca) e aos investimentos infra-estruturais indispensáveis ao funcionamento de suas atividades. A incorporação de investimentos e principalmente de tecnologia transformou as minas em objetos fixos.

Nesta perspectiva, a fixação dos minérios em lugares distantes requer, na maioria das vezes, desenvolvimento de infra-estrutura inexistente. É assim, que a mina deixa de ser um

---

[13] Segundo Santos (1996, p.59) os objetos que interessam à Geografia não são apenas objetos móveis, mas também imóveis, como uma cidade, uma barragem, uma estrada de rodagem, uma floresta, uma montanha etc. Esses objetos geográficos são do domínio tanto da Geografia Física como do domínio da Geografia Humana é através da história desses objetos, isto é, da forma como foram produzidos e estão mudando, a Geografia Física e a Geografia Humana se encontram.

objeto natural e passa a ser um objeto técnico[14], num momento em que é dotada de novos acréscimos (incorporação de tecnologia), que lhe dão um conteúdo extremamente distinto Com os acréscimos de informação e tecnologia a mina transforma-se num objeto técnico, científico e informacional que nas palavras de Santos (1996, p.171) define-se por científico graças à natureza de sua concepção, é técnico por sua estrutura interna, é científico-técnico porque sua produção e funcionamento não separam a técnica e a ciência. E é, também, informacional porque, de um lado, é chamado a produzir um trabalho preciso (que é uma informação), e, de outro lado, funciona a partir de informações. Por isso, tratam-se de objetos científico-técnicos e, igualmente, informacionais (SANTOS, 1996, p.171).

O Projeto Trombetas tem demonstrado que a tecnologia implantada – tanto de transporte, como na produção – é cumulativamente expansiva em sua escala, em sua força e em seu custo. Essa tecnologia foi financiada e instalada como estratégia das empresas e estados centrais para conseguir o domínio comercial da economia do alumínio na Amazônia brasileira. Para atingir as vantagens competitivas e a economia que o domínio comercial requer, as tecnologias deveriam estar em conformidade com as características materiais e a localização no espaço das matérias-primas cujo transporte e transformação elas baratearam e expandiriam.

As mudanças na estrutura da produção extrativista regional a partir da introdução das inovações tecnológicas, capaz de reduzir o tempo de produção e a circulação dos produtos, alterou a base técnica do trabalho, resultando numa intensa exploração dos recursos naturais ampliando a escala da produção, que como conseqüência gerou um novo tipo de atividade extrativa e uma nova especialização regional, ajudando a compreender em parte a reorganização do espaço regional que anteriormente sustentava-se pela exclusividade das atividades extrativas tradicionais.

Com o desenvolvimento das atividades de extração e o primeiro beneficiamento de bauxita, novos objetos geográficos instalaram-se na região. As novas formas foram implantadas para otimizar a produção, aproximar as áreas, facilitar os contatos e propagar as novidades, tornando o espaço mais diversificado e heterogêneo. É assim que o porto, as rotas de navegação, as zonas produtivas, a ferrovia, o aeroporto, a *company town*, a usina de

[14] Traçar um inventário sobre os objetos técnicos que foram implantados no espaço para atender às lógicas de organização e de uso de uma empresa de extração mineral requer, no atual período, uma primeira definição da noção de objeto técnico, que deve ser aqui creditado "como todo objeto susceptível de funcionar, como meio ou como resultado, entre os requisitos, de uma atividade técnica" (SANTOS, 1994, p.32)

eletricidade e todo o maquinário industrial utilizado na extração da bauxita[15] (retroescavadeiras hidráulicas, caminhões fora de estrada, sistema de correias transportadoras, estação de beneficiamento, planta de lavagem, vagões e virador de vagões) permitiram a expansão de sistemas técnicos no espaço voltados à produção e o comércio desta *commodity* mineral.

Uma dimensão atual dos objetos deve ser complementada pela idéia de objetos em sistema. Essa vida sistêmica dos objetos supõe que cada objeto está inserido num conjunto de objetos e que a sua operação se inclui num conjunto de operações, tudo isso formando um sistema. Nesta perspectiva o enfoque geográfico atual supõe a existência dos objetos como sistemas e não apenas como coleções. O objeto técnico se insere num sistema mais amplo, o sistema de objetos (SANTOS, 1999, p. 58; 175). Dessa forma, cada objeto é, em si mesmo, um sistema, funcionando sistematicamente, onde, a mina, a ferrovia, a *company town* e o porto, objetos consagrados à produção, circulação e distribuição do minério de bauxita em Oriximiná são bons exemplos, e seriam incapazes de existir se não fossem servidos por outros objetos.

Graças ao funcionamento sistêmico dos objetos cada um deles é criado para comunicar-se entre si e responder a uma funcionalidade indispensável à lógica de sua organização que depende de relações. São estabelecidas através de um sistema de ações subordinado a uma mais-valia mundial, por isso todos esses objetos modernos aparecem com uma enorme carga de informação, indispensável a participação das formas de trabalho hegemônicas, a serviço do capital hegemônico, isto é, do trabalho mais produtivo economicamente (SANTOS, op. cit., p. 172). Isso redefine inteiramente o sistema espacial, uma vez que os objetos a serviço do capital hegemônico irão estabelecer numa mesma área fluxos mais numerosos e diversos, tornando o espaço mais denso e mais complexo.

Essa nova realidade convergiu para redesenhar um mapa atual da região, traçado pelas exigências da economia global de produção de matérias-primas minerais e de sua

---

[15] Após a limpeza da cobertura vegetal da superfície da área mineralizada inicia-se a remoção do capeamento estéril, com isto a escavação e o carregamento do minério começam através de retroescavadeiras hidráulicas posicionadas no topo da camada, fazendo o carregamento do minério em caminhões fora de estrada – com capacidade para até 60 toneladas. Eles percorrem um sistema de estradas internas que dão acesso a um britador, no qual é despejado o minério. Nesse momento inicia-se o beneficiamento da bauxita, que tem por objetivo reduzir o tamanho e eliminar a argila presente no minério. Neste britador o minério sofre uma britagem primária e classificação, reduzindo a granulometria da bauxita. Daí segue através de um sistema de correias transportadoras até a estação de beneficiamento. O minério já lavado e classificado é carregado em vagões e transportado até o porto. O transporte é efetuado por via férrea de 30 km. Ao chegar à área do porto os vagões são descarregados por um virador de vagões, lançando o minério em moagem dotada de um alimentador que retira minério descarregado, lançando-o nas correias transportadoras, com destino à secagem ou ao estoque. Depois desta etapa o minério é então embarcado por meio de um carregador do tipo lança linear deslizante que, em termos médios, embarca 2.200 toneladas de minério por hora (MONTEIRO, op. cit., p.220).

transformação primária, no qual se salientam por vezes homogêneos, por vezes descontínuos, os espaços do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1999).

Ao apontar a lógica espacial dos processos técnicos sucessivos empregados à produção do minério de bauxita, acreditamos demonstrar como no período atual a aplicação dos procedimentos e métodos científicos para a realização da produção (ciência da produção), desenvolvendo tecnologia, encontram-se indispensáveis até na extração de minérios. Assim, o desenvolvimento tecnológico pode reestruturar os sistemas de produção, aumentando a produtividade e reduzindo os custos, organizando um novo modelo econômico, que pode provocar inúmeras metamorfoses no espaço.

O estudo dinâmico dos objetos técnicos acima enumerados supõe o reconhecimento de alguns processos básicos, originariamente externos ao espaço. O desafio está em compreender como esses processos criam, e se recriam e renovam, cada movimento da sociedade e dos lugares. Desse modo, a tão buscada compreensão, aparece mais próxima quando a noção de espaço pode contribuir para a interpretação do papel do fenômeno técnico na produção e transformação do espaço geográfico.

Milton Santos propôs uma definição de espaço geográfico necessária a compreender suas transformações, motivadas pelos novos acréscimos da ciência, técnica e informação que atingiram cada porção da superfície terrestre selecionada a atender os anseios da mais-valia mundial. Tal concretude espacial apontou para um olhar atento que considera o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, op. cit., p. 52, 58). Neste sentido, a explicação do espaço passa agora pelos objetos e pelas ações[16], que estão reunidos numa lógica sistêmica, dentro de uma ordem pragmática, que se deve em grande parte, a própria natureza dos objetos técnicos, cuja vocação original é exatamente servir a uma ação racional. Na verdade, trata-se de reconhecer o valor conjunto entre ação e objeto para que a geografia entenda como a intencionalidade da ação se conjuga à intencionalidade dos objetos, em virtude da respectiva carga de ciência e de técnica presentes hoje no espaço (SANTOS, 1999, p. 66; 75; 76).

Trabalhar o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, permite, a um só tempo, trabalhar o resultado conjunto dessa interação, enquanto processo e resultado, somente susceptíveis por categorias próprias que venham dar conta da multiplicidade e da diversidade dos processos. Neste aspecto, uma região produtora de

[16] A ação é subordinada a normas, escritas ou não, formais ou informais e a realização do propósito reclama sempre um gasto de energia. A ação é um processo, mas um processo dotado de propósito (SANTOS, 1999).

bauxita, como a do Médio Amazonas, dotada pela combinação de objetos naturais[17] e objetos artificiais[18], isto é, objetos sociais, como resultado de atividades recentes, especificamente a da mínero-metalurgia, ou ainda, de muitas gerações, tal como as atividades voltadas ao extrativismo tradicional; tem um espaço alterado, renovado, suprimido para dar lugar a uma outra forma que atende às necessidades da mineração industrial.

As alterações pelas quais o Médio Amazonas vem passando não atribuem a sua paisagem nada de fixo ou de móvel. Na verdade, estão causando um processo de mudança econômica, social e política, que vem seguindo ritmos e intensidades diversos. Isto é, para cada lugar, ou cada porção da superficie desta região tais mudanças alteram continuamente o espaço, que se transforma para se adaptar às novas necessidades.

Por força dessa necessidade, emerge, assim, um novo tecido espacial. O fato é que o conteúdo espacial vem sofrendo uma profunda mudança de qualidade. As formas espaciais que nele tinham importância fundamental no passado, já não as têm do mesmo modo e grau na organização do presente. Assim, uma realidade nova, apoiada não mais nas formas antigas de relação, mas nas que exprimem os conteúdos novos do mundo contemporâneo, traz consigo uma enorme renovação das formas geográficas de organização. Simplesmente o conteúdo histórico-concreto do espaço renovou-se. Há uma realidade que externa um espaço mutante, em movimento, dotado de fluidez e mobilidade, características de nosso tempo, e que hoje, tem como prática espacial uma forma de mobilidade territorial que envolveu indústrias, pessoas e o mercado de trabalho, contrário aos períodos anteriores.

O imperativo da mobilidade levou Santos (op. cit., p. 50) a falar do espaço como um conjunto de fixos e fluxos. Em outras palavras, o autor ressalta que a configuração territorial de uma dada sociedade é composta por uma série de elementos fixos, construídos e visivelmente materializados no espaço e, por uma gama variada de fluxos entre essas formas fixas, vem produzindo um movimento de diversificada periodicidade e natureza. Ou seja, os elementos fixados no espaço viabilizarão ações modificadoras no lugar em que se instala, por representarem novos signos e gerarem fluxos novos ou renovados que recriam as condições sociais, e redefinem cada porção do espaço. Fixos e fluxos juntos, que nos dias de hoje, interagindo, expressam a realidade geográfica.

A partir desse quadro, o espaço, objeto de modificações, se redimensiona, como um subespaço, para responder aos interesses do capital. Eis por que no Médio Amazonas novos

---

[17] Os objetos naturais não são obras do homem nem jamais foram tocados por ele (SANTOS, 2004, p. 53; 54).
[18] Os objetos sociais, testemunhas do trabalho humano no passado, como no presente (SANTOS, *op. cit*, 54).

sistemas de engenharia[19] da mineração foram criados, por firmas, para atender às necessidades do mercado internacional de *commodities* minerais.

Neste contexto usando as palavras de Santos (1994), o espaço é sempre formado de fixos e de fluxos[20]. E segundo afirmava o mesmo autor a existência de um maior número de fixos aumenta também o número de fluxos, uma vez que a complementação entre os lugares, motivada pela especialização regional, gera fluxos de todas as intensidades e naturezas. Por isso, para Santos, fixos e fluxos são os grandes estruturadores do espaço.

Os novos arranjos espaciais nessas condições criam especializações territoriais, que particularizam o espaço regional e tornam-o cada vez mais complexo. Esta complexificação justifica-se pela nova base da organização produtiva espacial depender da introdução de novos fixos, que ao avolumarem-se no território, orientam o dinamismo dos novos fluxos gerados e modificados pela intensidade e pelo sentido das relações, alterando a natureza das relações precedentes, marcada pela restrição e limitação do espaço local, mas que hoje em dia orientam-se por uma nova lógica, destinada e direcionada a estimular novas interações com áreas mais longínquas (SANTOS, 2001).

As relações entre o global e o local redimensionam tudo, até mesmo as interações espaciais regionais, daí a proposta de abordagem que leva em conta os circuitos espaciais da produção. Estes correspondem, conforme Santos (1997, p. 49), *"... as diversas etapas pelas quais passariam um produto, desde o começo do processo de produção até chegar ao consumo final"*. Quer dizer, são definidos pela circulação de bens e produtos oferecendo uma visão dinâmica e apontando a maneira como os fluxos perpassam a região. Na definição atual das regiões e no caso específico do Médio Amazonas, estamos longe daquela solidariedade orgânica que era o próprio cerne da definição do fenômeno regional. Temos hoje solidariedades organizacionais. As regiões existem porque sobre elas se impõem arranjos organizacionais, criadores de coesão organizacional baseada em racionalidades de origens distantes, mas que se tornam o fundamento da existência e da definição desses subespaços.

---

[19] Este se define como um conjunto de instrumentos de trabalho agregado à natureza e de outros instrumentos de trabalho que se localizam sobre a mesma. (SANTOS, 1997, p.79).

[20] Segundo Santos (1994; 1996; 1997) os fixos nos dão o processo imediato do trabalho, eles são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas que ao serem instalados no espaço geram o movimento, a circulação – os fluxos. Os fluxos representam o movimento, a circulação, e por isso nos fornecem, também, a explicação para os fenômenos da distribuição e do consumo. É dessa forma que o espaço se compõe de um objeto geográfico, um fixo, um objeto técnico que no caso dos pólos de mineração da Amazônia são materializados pela: hidrelétrica, porto, estrada de rodagem, estrada de ferro, cidades. Coisas fixas que provocam fluxos, que se originam dessas coisas fixas, fluxos que vindo de outros fixos chegam a essas coisas fixas, fazendo com que o entendimento do espaço hoje, seja marcado por esses acréscimos que lhes dão um conteúdo extremamente distinto, graças a estas interações mútuas, com suas características que são técnicas e organizacionais.

Diante disso, a região é resultado do impacto das forças externas/modernizadoras e a capacidade de suas virtualidades, como mero espaço de conveniência, e mero lugar funcional do todo; uma fração do espaço total, cada vez mais aberta às influências exógenas e aos novos signos do período atual (SANTOS, 1994).

Isso redefine inteiramente o papel dos fluxos na transformação da produção e do espaço regional, já que a sua dinâmica supõe a adaptação permanente, uma vez que, hoje as relações mudaram. Há subespaços que podem não manter intercâmbio importante com seus vizinhos imediatos e, no entanto, guardam relações intensas com outros muito distantes, mesmo fora do país, alcançando o que Santos (1997, p. 49) afirmou *"... não podemos mais falar de circuitos regionais de produção. Com a crescente especialização regional, com os inúmeros fluxos de todos os tipos, intensidades e direções, temos que falar de circuitos espaciais de produção"*. Daí a necessidade de substituir a noção de circuitos regionais de produção pela de circuitos espaciais da produção (SANTOS *et al*, 2001).

Por isso, hoje em dia, o Médio Amazonas paraense tem seu espaço alterado pela combinação desses signos. O fato é que a construção e reconstrução deste espaço se dão pela introdução de novos conteúdos técnicos que trazem consigo um grande acervo de conseqüências reveladas pela modernização das atividades, pela especialização regional das mesmas, por novas formas e localizações da indústria e da extração mineral, pela importância da circulação no processo produtivo, pelas grandes migrações, pela urbanização. Certamente o espaço urbano é redefinido, na sua transformação, pelo uso dos novos conteúdos técnicos e por decisões de mudança que levam em conta, os usos a que cada fração do espaço vai ser destinada. Trata-se de uma geografia completamente nova. Compreender essa nova realidade, e particularmente o que se refere ao espaço, exige que os novos fatores desencadeados pela atividade de extração mineral, tanto a nível local como regional, sejam levados em conta para que constituam a base de explicação do novo espaço geográfico que surge.

1.3 - A Formação no Passado de Uma Estrutura Socioespacial na Área do Projeto Trombetas

Até os anos de 1960, a região do Médio Amazonas paraense permanecia apoiada em atividades predominantemente ligadas ao extrativismo tradicional, à agricultura de subsistência e a de exportação, além da pecuária extensiva tradicional. Naquele momento, as atividades econômicas comerciais ou de subsistência baseavam-se em sistemas extensivos de produção, nos quais a coleta e o cultivo dos produtos apoiavam-se, sobretudo, no que a terra tinha a oferecer. Dada estas características, não houve uma ocupação intensa das áreas e, por isso, esboçou-se na região uma organização espacial peculiar, em que as atividades econômicas localizavam-se nos vales dos rios, enquanto as áreas de matas em terra firme permaneciam com fraquíssima ocupação humana.

Naquela época, não se verificavam alterações significativas na organização das atividades econômicas, prevalecendo, ainda, atividades rurais de pequena expressão regional. Portanto, neste espaço se mantinham as estruturas socioeconômicas tradicionais – representadas pela cultura de índios e ribeirinhos, marcando assim o predomínio dos agentes internos no processo de organização da sociedade, em que a atuação era menos intensa e as transformações que se imprimiam no espaço eram mais lentas, por isso, eram consideradas áreas isoladas da Amazônia, onde as formas de organização da sociedade eram responsáveis por arranjos espaciais mais estáveis.

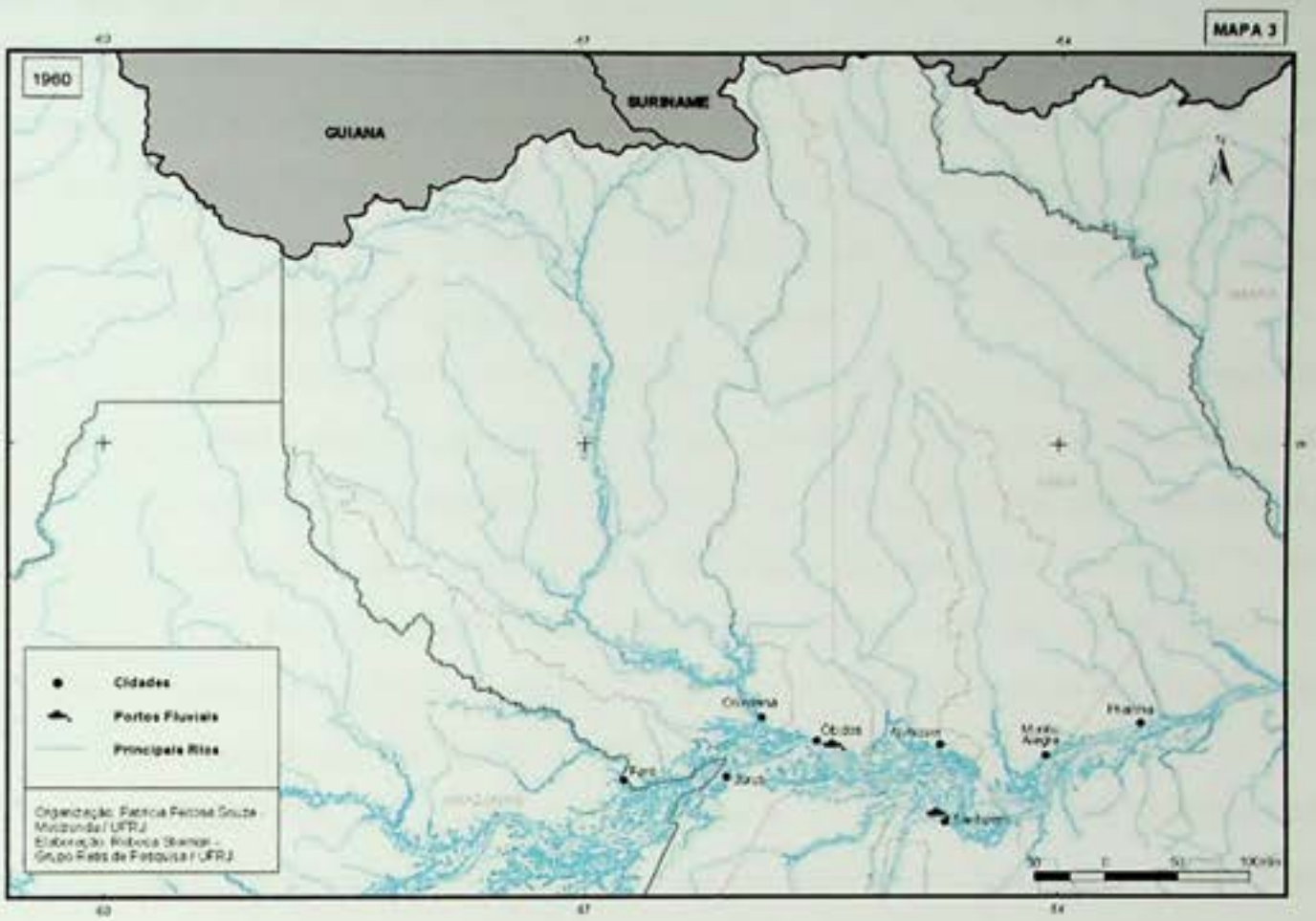
Esse conjunto caracterizava-se, então, pela menor pressão humana sobre os recursos naturais da área – fato associado à predominância de atividades econômicas não predatórias, conduzidas em sistemas de produção extensivos. A economia regional encontrava-se muito vinculada ao extrativismo vegetal e animal que era o suporte para a manutenção da maior parte de sua população, determinando o papel de destaque da floresta no direcionamento dessas atividades já que a mesma representava a principal fonte para subsistência da população regional, constituindo-se, portanto, em elemento fundamental na estruturação socioeconômica da região.

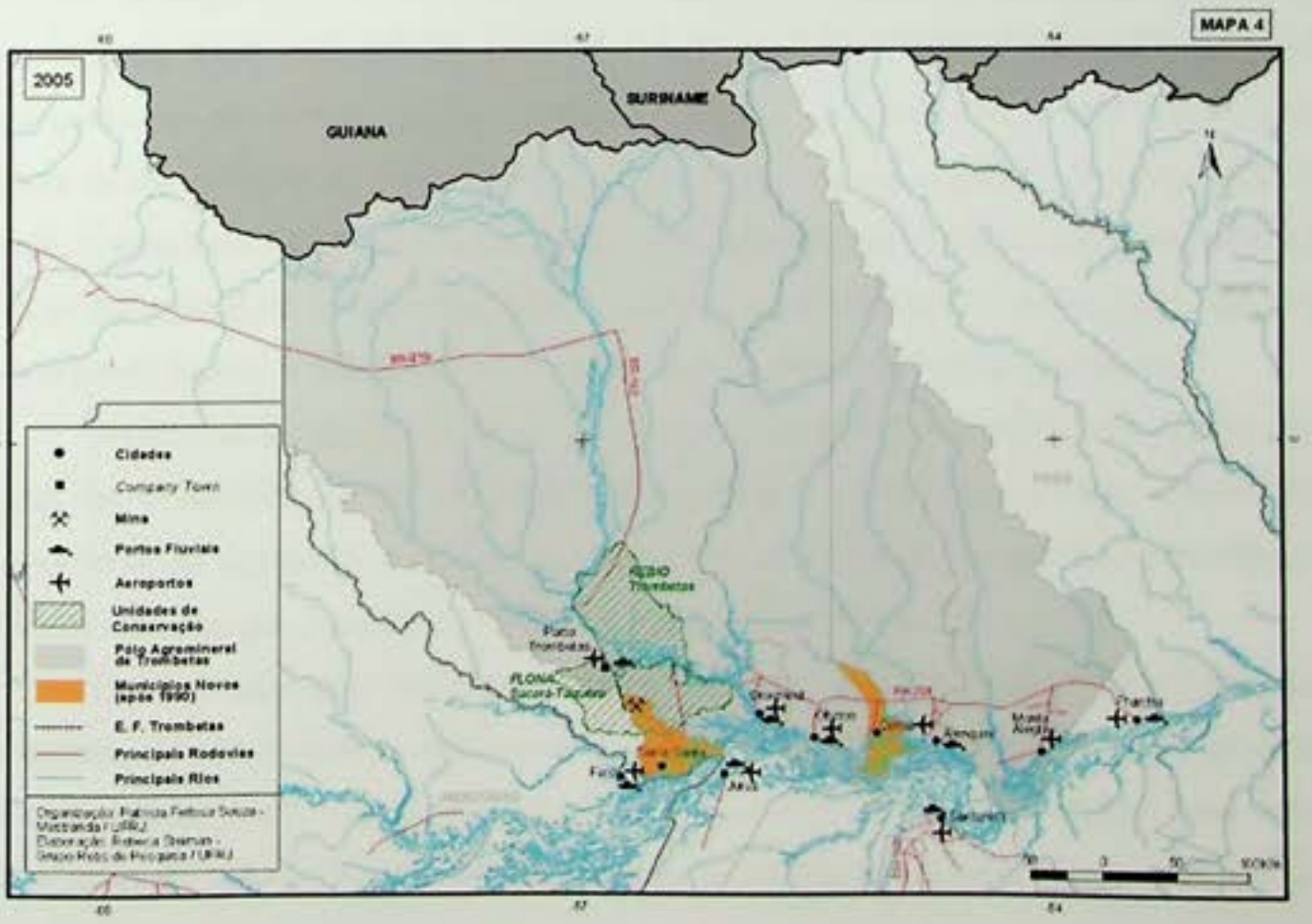
Desse modo, a exploração extrativa, principal atividade econômica da região, distinguia-se por seu caráter disperso dada à distribuição aleatória dos recursos extrativos no meio natural, mas que para propriamente serem produzidos, distribuídos, consumidos e

circulados a produção era orientada pela rede de drenagem fluvial, onde a estrutura espacial de ocupação e o padrão de circulação obedeciam à disposição dos rios e de seus afluentes. Isso quer dizer que os assentamentos humanos fundamentavam-se assim nas ofertas da natureza, e as localizações econômicas resultavam da combinação entre as necessidades de cada produto e as condições naturais preexistentes.

O Mapa 03 indica a organização espacial típica dessa região de economia predominantemente extrativa e orientada pela forte presença da rede hidrográfica. O resultado foi a obtenção de um espaço onde a rede hidrográfica influía muito no aproveitamento econômico da região, condicionando ao longo de suas vias líquidas a ocupação de suas margens, determinando o padrão de localização das cidades, e ao mesmo tempo, a viabilização dos fluxos regionais de pessoas e mercadorias, pela ausência de outros meios de comunicação.

Mapa 03 e 04: Mudanças Espaciais no Médio Amazonas paraense





Nos anos de 1960, conforme o mapa mencionado, os centros urbanos estavam situados junto aos rios e deles dependiam. As cidades do Médio Amazonas apresentavam um inexpressivo crescimento, o que levava, na maioria das vezes, a manterem contato apenas com a sua área de influência imediata, ou em certos casos, a se ligarem às demais áreas pela rede de drenagem fluvial. Mas ao mesmo tempo em que mantinham algumas interações, "vivenciavam o isolamento geográfico", isolamento que ficava muito nítido quando se tomava a extensão territorial do grande rio – o Amazonas.

Em face da estrutura espacial descrita, fica evidente que o relativo dinamismo da economia regional, proporcionado pelo pouco incremento do extrativismo vegetal, da agricultura de subsistência e da pecuária extensiva, só teve o seu ritmo alterado apenas pelos poucos surtos efêmeros de crescimento da agricultura de exportação (como foi o caso do cultivo da juta[21]). Tais atividades contribuíram para a formação de um padrão espacial único, cujo povoamento e a ocupação eram condicionados pela distribuição dos recursos e da rede hidrográfica, o que levou à formação de um padrão linear do povoamento.

No Médio vale do rio Amazonas paraense, as distribuições dos núcleos urbanos permaneceram com a mesma configuração espacial nas quatro décadas que se seguiram ao declínio da exploração da borracha, ou a estagnação econômica. A ruptura deste padrão se deu somente a partir da década de 1970, quando o governo federal procurou criar condições que gerassem um novo impulso desenvolvimentista para a região, o que redimensionou a forma de apropriação do território, deslocando o foco de sua ocupação da várzea para a terra firme. Isto se deu, no contexto da transformação espacial, motivada pela construção de vias de transporte (estradas) e implantação de grandes empreendimentos econômicos, que tiveram como ponto basilar a integração da fronteira ao processo de expansão capitalista.

As alterações significativas na estrutura espacial da região verificaram-se: em primeiro lugar, na diversificação das atividades econômicas e, conseqüentemente, o acréscimo de novas áreas ao espaço produtivo, e, em segundo, nas mudanças no padrão de localização dos núcleos urbanos que passaram a ocupar, também, a terra-firme.

O novo elemento do espaço regional passou a ser o Projeto Trombetas, modelo resultante de um processo seletivo que destacou uma área, por sua posição geográfica e potencialidade, para concentrar num espaço limitado da imensa região uma atividade econômica de grande porte e seu contingente populacional. O novo acréscimo não poderia

[21] Planta têxtil usada na fabricação de sacaria.

deixar de contribuir para alterar a estrutura espacial anterior, organizada pelas atividades ribeirinhas, que sobre a influência do extrativismo tradicional e da agricultura de subsistência comandavam a vida da região. Daí o caráter ribeirinho de ocupação, com um padrão dominante de distribuição população-atividades, está sendo atingido por uma outra atividade de caráter exógeno, responsável pela introdução de uma nova variável no espaço econômico do Médio Amazonas paraense - o povoamento e a ocupação condicionados pelas grandes obras no espaço, que vêm imprimindo um aproveitamento distinto da "terra firme" no espaço regional.

Certamente a nova organização espacial das atividades produtivas, baseada na intensificação do uso dos recursos humanos e naturais existentes na área do Projeto Trombetas, vem introduzindo alterações significativas na estrutura espacial da sub-região. A nova forma de organização espacial foi favorecida pela ação governamental, seja através da instalação de infra-estrutura física, seja através da definição de políticas incentivadoras da migração e da aplicação de recursos financeiros extra-regionais em atividades locais. Graças a tais medidas foi possível transformar a estrutura produtiva regional, que passa a ter como principal função econômica a produção e a exportação de minério de bauxita.

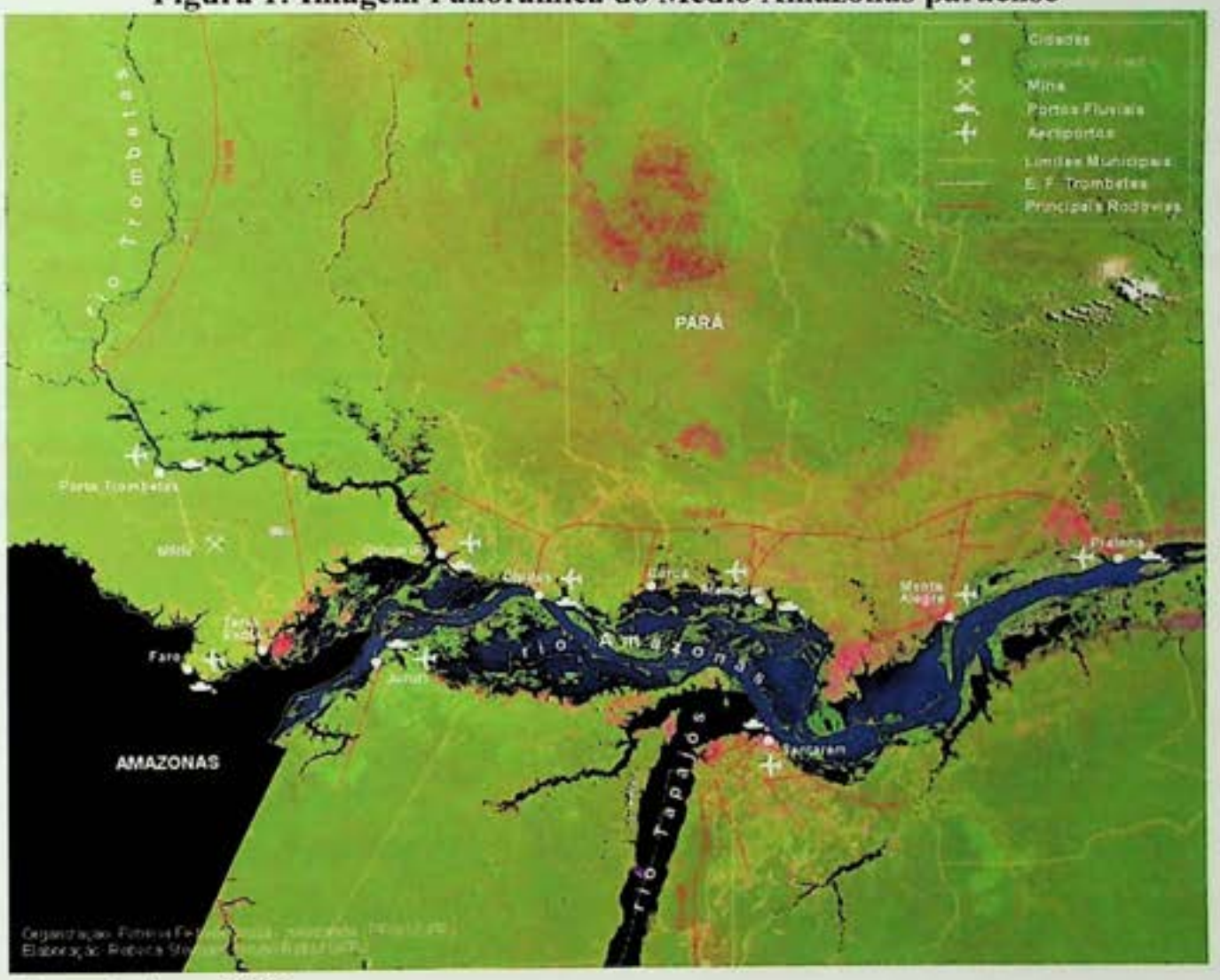
Verificar que conteúdos e formas vêm sendo criados na região foi fundamental para entendermos a individualidade atual da estrutura regional, sem esquecer que este subespaço não é um recorte espacial estático, mas uma porção do espaço em que sua transformação era fruto tanto de suas articulações com as demais regiões e com as de sua própria organização interna. Assim, para compreensão do significado, consideramos que a estrutura atual do espaço resulta num "agregado de decisões locacionais", que envolvem fixos e fluxos que são responsáveis pela geração de lugares ou áreas como unidades espaciais diferenciadas.

Inicialmente, as mudanças na região começaram com a abertura da Perimetral Norte (BR-210) e o asfaltamento parcial da Cuiabá-Santarém (BR-163), projetadas durante o Plano Nacional de Integração (PIN). Tais rodovias contribuíram para ampliar a migração para a região, multiplicando os núcleos de povoamento urbano e rural a partir da década de 1970. A expansão do sistema viário foi sendo desenvolvida também a nível estadual com a projeção e a construção de rodovias estaduais: Monte Alegre-Colônia Mulata–Campos Gerais (PA-19), Óbidos-Ciposal–Campos de Arari (PA-20), Óbidos–Oriximiná (PA-28), Alenquer–Monte Alegre (PA-SN), Prainha–Colônia da Mulata–Colônia Pais de Carvalho–Ciposal (PA-SN). Muitas dessas rodovias foram projetadas e abertas para eliminar ou atenuar o isolamento de determinadas áreas e promover o rápido acesso à zona da pecuária e a interligação das colônias existentes. No entanto, boa parte delas ainda não foi asfaltada, dificultando e

UFRJ PROG PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA BIBLIOTECA

mantendo o isolamento anterior dos lugares. A reorientação do fluxo de pessoas e mercadorias se fez também com a construção e/ou melhoria de novos aeroportos, que passaram a conectar determinadas áreas da região ao espaço produtivo regional e/ou nacional. Na região um dos mais movimentados aeroportos está localizado na cidade de Santarém. Na área de abrangência do Projeto Trombetas existem ainda aeroportos de porte pequeno nas cidades vizinhas, como os existentes em Oriximiná e em Óbidos; e o da própria mineração em Porto Trombetas.

Figura 1: Imagem Panorâmica do Médio Amazonas paraense



Fonte: Embrapa, 2005.

Com a criação da infra-estrutura viária e a instalação do Projeto Trombetas, novos núcleos urbanos emergiram. Dentre estes núcleos destacaram-se o núcleo urbano criado pela MRN, a *company town* de Porto Trombetas, os núcleos de ocupação espontânea às margens do projeto de mineração (o beiradão[22]) e outros que emergiram com a criação de novos

[22] De acordo com Rodrigues (2001, p. 25) "muitos são os termos utilizados para designar determinadas áreas no entorno das *company towns*: cidades livres, franjas, e mesmo cidades satélites. O termo "cidade espontânea" faz-se interessante, mas não conjuga as dimensões específicas destas na região amazônica. Consideramos que estas expressões representam diferentes perspectivas de cidades que não correspondem totalmente ao entendimento que temos destes locais. As cidades (até porque assim são referidas pela população residente, independente de

municípios, quando a partir de 1990 antigos centros evoluíram, adquiriram população e respaldo político que lhes permitiram dar origem a novas cidades: Curuá e Terra Santa.

A partir da segunda metade da década de 1980, a aceleração do processo de urbanização associava-se à decadência de atividades produtivas rurais tradicionais, que geraram como conseqüência, em algumas áreas, o abandono do campo e o inchamento das cidades, e, também, pelo pólo mineral e sua respectiva área de influência imediata tornaram-se focos de atração populacional, devido ao estímulo que a ação governamental criou para atrair as correntes imigratórias extra-regionais para suprir a escassez de mão-de-obra para a expansão e o revigoramento das atividades de produção e a baixa qualificação da mão-de-obra local.

Por sua vez, a estrutura da urbanização regional revela a alteração do papel de algumas cidades médias. Nestes núcleos houve a concentração e expansão das funções administrativas, comerciais e de serviços favorecendo o desempenho de novas funções urbanas, como vem sendo o caso da cidade de Oriximiná (sede do município minerador), que atualmente é um núcleo urbano que vive, sobretudo, da expansão das funções terciárias, onde o setor público emprega uma parte considerável da população. Necessário se torna ainda realçar que o sistema de cidades na região começa a se estruturar, tendo na cidade de Santarém um papel e posição de destaque, sendo o mais importante centro sub-regional e o de mais vigoroso crescimento urbano, que está se reposicionando, não tendo mais seu limite condicionado pela rede hidrográfica, em função da instalação da BR-163. Ao lado dessas mudanças a estruturação do espaço regional se faz sentir ainda pela fragmentação do território, por sua vez, desencadeada por processos de disputa política no espaço, responsável pela divisão territorial de municípios. Na área de entorno do Projeto Trombetas encontram-se os casos de criação de Terra Santa e Curuá, na década de 1990. A preponderância pela criação desses novos municípios, pode se atribuir, em certa medida, ao modelo de desenvolvimento desencadeado nestas áreas na década de 1970, uma vez que, os "grandes projetos" trouxeram como conseqüência para a região um substancial aumento populacional e o surgimento de povoados ao redor dos empreendimentos e nas margens das rodovias, culminando na criação de muitos municípios

---

serem sedes municipais) localizadas às proximidades de *company towns* na Amazônia significam para nós estratégias de sobrevivência de parcela da população, e que são absorvidas no decorrer do tempo pela rede construída pela *company town*, estabelecendo relações diversas com esta. No entanto, esta relação também reforça a condição de "periferia" destas áreas, de áreas à margem, à beira. Como popularmente são chamadas também, utilizaremos o termo beiradões para estas cidades, que podem estar localizadas tanto em áreas de terra firme quanto de várzea".

Partindo-se das evidências que a grande mineração vem desencadeando processos que conduzem o espaço a passar por mudanças rumo a uma nova estrutura. Na evolução destas mudanças, a partir do Mapa 04 percebemos a fragmentação territorial do espaço regional, com a criação de novos municípios e novas cidades, a formação de novas formas urbanas e a variação da taxa de urbanização das cidades, marcada pela ausência de diferenciação dos níveis hierárquicos das cidades não prevalecendo na região o aparecimento de novas classes de tamanho de cidades, apesar das alterações das taxas de urbanização. Na região encontram-se ainda, a ampliação dos portos fluviais e a complementação do sistema fluvial de transporte, com a introdução de novos meios (rodoviário, aeroviário) e a revitalização dos já existentes, a partir da ampliação dos portos e aeroportos, bem como, pela implantação dos portos especializados e a instalação de linhas ferroviárias, apesar de terem uma função especializada e serem de uso exclusivo da mineração, tendo a sua relevância reduzida na vida das relações regionais.

O atual desenho do quadro regional revelou cuidadosamente as rupturas provocadas no espaço regional após as instalações dos sistemas de objetos da mineração. Eles vêm refletindo a desestruturação e reestruturação do sistema espacial, mudando irreversivelmente a história e a geografia da região (Figura 01).

Tendo em vista o novo cenário em construção, a área se estruturou em função do Projeto Trombetas e de seus efeitos no seu entorno, mas também, pela construção e abertura das rodovias. Pela figura 01 percebemos que áreas de maior intensificação de ocupação encontram-se na porção leste, seguindo o percurso das rodovias e que a ocupação ribeirinha acompanhando a via fluvial permanece. Apesar da imagem revelar que as manchas mais fortes estão situadas nas áreas de expansão das minas de bauxita, no trecho entre Oriximiná, Terra Santa e Juriti, esta porção do espaço regional vem revelando um crescimento e uma ocupação restrita, bloqueado pela criação das áreas de proteção ambiental da mineração, uma estratégia adotada pela MRN para conter a ocupação das áreas de expansão futura das atividades de extração.

CAPÍTULO II

CAPÍTULO II

A COMPANY-TOWN DE PORTO TROMBETAS E SUAS RELAÇÕES ESPACIAIS COM A CIDADE DO MUNICÍPIO SEDE DO EMPREENDIMENTO

Localizada no Médio vale do rio Trombetas, a *company town* de Porto Trombetas difere, tanto em sua história como em suas feições atuais das demais *company towns* situadas em áreas de mineração, que se dispõem em meio à floresta tropical úmida amazônica. Destaca-se, mais uma vez, a posição da vila planejada em relação à sede municipal, 80km de distância, uma singularidade que não encontramos nas outras vilas planejadas da Amazônia, sugerindo uma evolução – senão uma origem - bastante diferente.

Uma outra relevância referente à sua localização é o fato de estar situada entre uma via fluvial e a floresta. O rio, ao qual as outras cidades do vale, de um modo ou de outro, estiveram ligadas desde o passado, definindo a disposição das mesmas ao longo do Amazonas e de seus afluentes, representa para a *company town* de Porto Trombetas também uma certa peculiaridade, já que foi importante para a sua construção, e mais ainda para a do Projeto minerador.

Foi a decisão de uma empresa em explorar minas distantes dos centros populacionais, que levou à construção da *company town* de Porto Trombetas, executada pela MRN na segunda metade da década de 1970. Com a concepção do projeto e o avanço das obras de construção da infra-estrutura da mina e da cidade é interessante notar que até na sua origem a *company town* aqui estudada difere das demais vilas situadas na Amazônia brasileira. Nas proximidades do porto foi planejada a sua construção para servir, sobretudo, como um apoio às atividades administrativas da empresa onde uma estrada de ferro foi implantada em função da distância (30 km) entre o local de extração das jazidas e o porto de embarque do minério. Em Porto Trombetas o empreendimento minerador desenvolveu um padrão espacial, que corresponde mina - *company town* – transporte ferroviário – *company town*- porto (transporte fluvial). Dessa maneira, a localização da *company town* se deu junto às áreas de lavra – em geral em áreas isoladas da rede urbana consolidada, em face das ocorrências geológicas esparsas, e junto ao porto exportador, pontos extremos de um padrão espacial, nas áreas

próximas tanto da mina quanto do porto, servindo de apoio as diferentes etapas do empreendimento.

Conforme dito acima um dos primeiros aspectos de diferenciação a ser aqui tratado é a localização. O fator localização[23] na maioria das vezes define características e especificidades de uma determinada *company town*, sobretudo, quando a decisão de uma empresa em explorar uma mina cujas instalações sejam distantes dos centros populacionais já estabelecidos influa e condiciona na elaboração do projeto urbanístico da cidade empresa, principalmente quando se considera a sua localização, distância e posição em relação às redes de cidades que irão conferir singularidades à estruturação social e espacial desta vila residencial.

A vila de Porto Trombetas acha-se posicionada no Médio vale do Trombetas, no ponto de convergência da estrada de ferro, construída pela MRN, com a área industrial, que corresponde ao beneficiamento de minério – lavagem e secagem, e transporte para o porto responsável pelo carregamento da produção de bauxita nos navios graneleiros, capazes de transportar até 60 mil toneladas de minério (já dito anteriormente). No que diz respeito à cidade-sede de Oriximiná, a vila encontra-se em um contexto locacional diferente das demais *company towns* da Amazônia. A estrutura necessária para apoiar o projeto de mineração, uma vila distante das cidades, representa um padrão de cidade diferente dos demais arranjos existentes na região.

As diferentes etapas de desenvolvimento dos projetos[24], que vão desde a fase de implantação até o encerramento das atividades de exploração da mina interferem na análise da

---

[23] O termo localização ora mencionado deve ser entendido como posição geográfica. Tal substituição é necessária, por sua vez, por estarmos priorizando entender a coerência na localização e distribuição dos fenômenos espaciais relacionados à existência de uma *company town* em plena Amazônia Central. E, ainda por termos como foco de estudo na análise de cidades "... à compreensão daqueles processos sociais, econômicos e ambientais que determinam a localização, o arranjo espacial e a evolução dos lugares urbanos (CLARK, 1998, p.18). Tendo a cidade como campo de estudo, neste contexto, a geografia urbana tradicionalmente vem destacando o conceito posição geográfica. Assim, é justamente a partir dele que conferimos uma maneira de como se deve determinar e descrever a situação de um lugar. Com relação à concepção defendida por nós o termo posição não significa apenas a localização dos lugares urbanos segundo as coordenadas geográficas ele é tratado como sendo a localização da cidade com relação a fatos naturais, susceptíveis tanto no passado como no presente de exercerem alguma influência sobre o seu desenvolvimento, estruturado por sua vez pela facilidade de sua irradiação (GEORGE, 1983). O que importa ressaltar, é o fato do autor, ter feito uma abordagem que trata a posição geográfica como uma noção relativa, expressa em função dos fatores circunstanciais – de ordem técnica, econômica e política, do desenvolvimento urbano. Isto é, a posição geográfica das cidades configura-se em relação às condições naturais e sociais externas a elas. Enfim, ao explicarmos as vantagens ou desvantagens proporcionadas a uma determinada cidade pela sua localização defendemos a idéia de que as vantagens ou desvantagens oferecidas pela posição geográfica de uma cidade precisam ser analisadas de forma contextualizada e relativa, pois o lugar de seu estabelecimento, quer dizer, do seu sítio, não está fadado a desempenhar uma função *a priori*, e que são as condições econômicas, sociais e espaciais de um certo momento histórico que irão favorecer ou não o seu desenvolvimento.

[24] Ao longo dos 25 anos de operação do empreendimento mineiro de bauxita podemos atestar que o ciclo de acumulação do projeto passou por três fases. A primeira fase corresponde ao período de implantação do projeto, que vai das primeiras pesquisas prospectivas, no início da década de 1970, até o primeiro embarque de minério

funcionalidade de uma *company-town*, sobretudo quando elas são vistas enquanto objetos técnicos – fixos artificiais, criados para atender às atividades vinculadas ao capital hegemônico, cujo conjunto nos dá uma configuração territorial dotada por um crescente conteúdo de ciência e de técnica que estão sendo responsáveis por mudanças substanciais quanto à forma, ao tipo e à intensidade das relações, criando um novo espaço e um novo sistema urbano, ambos redefinidos (SANTOS, 1994). Assim, o desenvolvimento de uma cidade empresa como a de Porto Trombetas é viabilizado pelos fatores citados, que tornam a sua posição geográfica excepcional e condicionam elementos para o desempenho da sua função de cidade industrial.

A *company town* de Porto Trombetas, também, distingue-se de suas similares na Amazônia pelas suas características estruturais, de concepção do projeto, de gestão e de relação com suas áreas de entorno e com as empresas que atendem ao Projeto Trombetas, além ainda do estágio e perspectiva de exploração do(s) produto(s) em questão, isto é, a fase em que se encontra o investimento produtivo do empreendimento ao qual ela está associada.

Graças à distância da cidade mais próxima, a vila residencial de Porto Trombetas consiste em ser uma *company town* mais fechada do que as demais. É caracterizada por um núcleo habitacional de uso exclusivo da empresa, com tendência à padronização, ao segregacionismo hierárquico e ao isolamento. Tal caracterização é importante, pois confere formas ou estratégias diferenciadas de inserção deste modelo urbanístico na rede de cidades da Amazônia.

Como é uma cidade construída para atender às diversas fases de funcionamento do empreendimento de extração e transformação mineral de bauxita, é mister para compreensão de sua evolução destacarmos que tanto o seu crescimento como, também, os seus momentos de crise estão estreitamente associados à fase de implantação, expansão, desenvolvimento e finalização das atividades de exploração das minas de bauxita. Como c*ompany town* fechada, Porto Trombetas possui crescimento populacional limitado. Sua posição exerce influência direta sob as funções desta aglomeração urbana, que constitui a principal razão de sua maior ou menor importância e pode vir a ser um elemento maior na compreensão do fenômeno urbano que envolve a evolução histórica, o crescimento, a fisionomia e estrutura, as funções urbanas e o raio de ação desta cidade.

---

em agosto de 1979. A segunda fase vai até 1988, ano em que é definido um acordo entre os "sócios-compradores estrangeiros e a MRN", encerrando o "processo de arbitragem para definição do preço da bauxita". E, por fim, a fase atual, marcada por um processo de intensa reestruturação produtiva e adequação às condições de competitividade internacional (TRINDADE, 2001).

Esta cidade planejada serviu como um ponto de partida para a construção de mais uma reflexão em torno das relações sociais estabelecidas entre a *company-town* e a região. Desta forma, questionamos em que medida a *company town* de Porto Trombetas apresenta uma auto-suficiência planejada, de forma a isolar a companhia das demais cidades do médio vale do Amazonas paraense.

2.1 Porto Trombetas: Uma Cidade-Empresa em Plena Selva

Hoje, conforme já apontamos, o espaço do Médio Amazonas paraense conhece grandes mudanças em função de acréscimos técnicos que renovam a sua materialidade, como resultado e condição, ao mesmo tempo, dos processos econômicos e sociais em curso impulsionados com a instalação do projeto mínero-industrial de bauxita. Destacamos aqui as infra-estruturas de habitação, o porto especializado em transporte de minério, o aeroporto, as instalações ligadas à energia elétrica, as bases materiais de comunicação e as instalações industriais indispensáveis ao funcionamento da nova base produtiva regional.

Esse número de objetos técnicos especializados é implantado para cumprir eficientemente as diversas funções que concorrem para assegurar a produção e, por conseguinte, o escoamento da *commodity* de bauxita. Com isto, criam-se novos sistemas de engenharia, responsáveis pela definição de um novo espaço geográfico, que permitem a chegada brutal de uma nova tecnosfera[25] e de uma nova racionalidade econômica, para que os novos agentes hegemônicos disponham de condições materiais e imateriais indispensáveis ao desenvolvimento de suas atividades produtivas.

A base material do espaço passa por mudanças, cabe-nos então, indagar se o seu comportamento continua o mesmo, já que forças da modernização atingiram novos pontos desse espaço transformando-o num espaço operacional distinto. Isto resulta num novo movimento que nos obriga a avaliar os sistemas de engenharia, a partir da observação direta das suas ações, da dinâmica dos seus objetos qualificados e de sua articulação intra e/ou inter-

[25] Segundo Santos (1999, p. 204; 205) o meio geográfico atual, graças ao seu conteúdo em técnica e ciência, condiciona a necessidade da utilização de recursos técnicos, que constituem a base operacional das atividades. A base técnica criada leva a formação de uma tecnosfera que se instala, substituindo o meio natural ou o meio técnico que a precedeu, constituindo um dado local, aderindo ao lugar como uma prótese. A tecnosfera compõe o mundo dos objetos que se adaptam aos mandamentos da produção e do intercâmbio e, desse modo, freqüentemente traduzem interesses distantes.

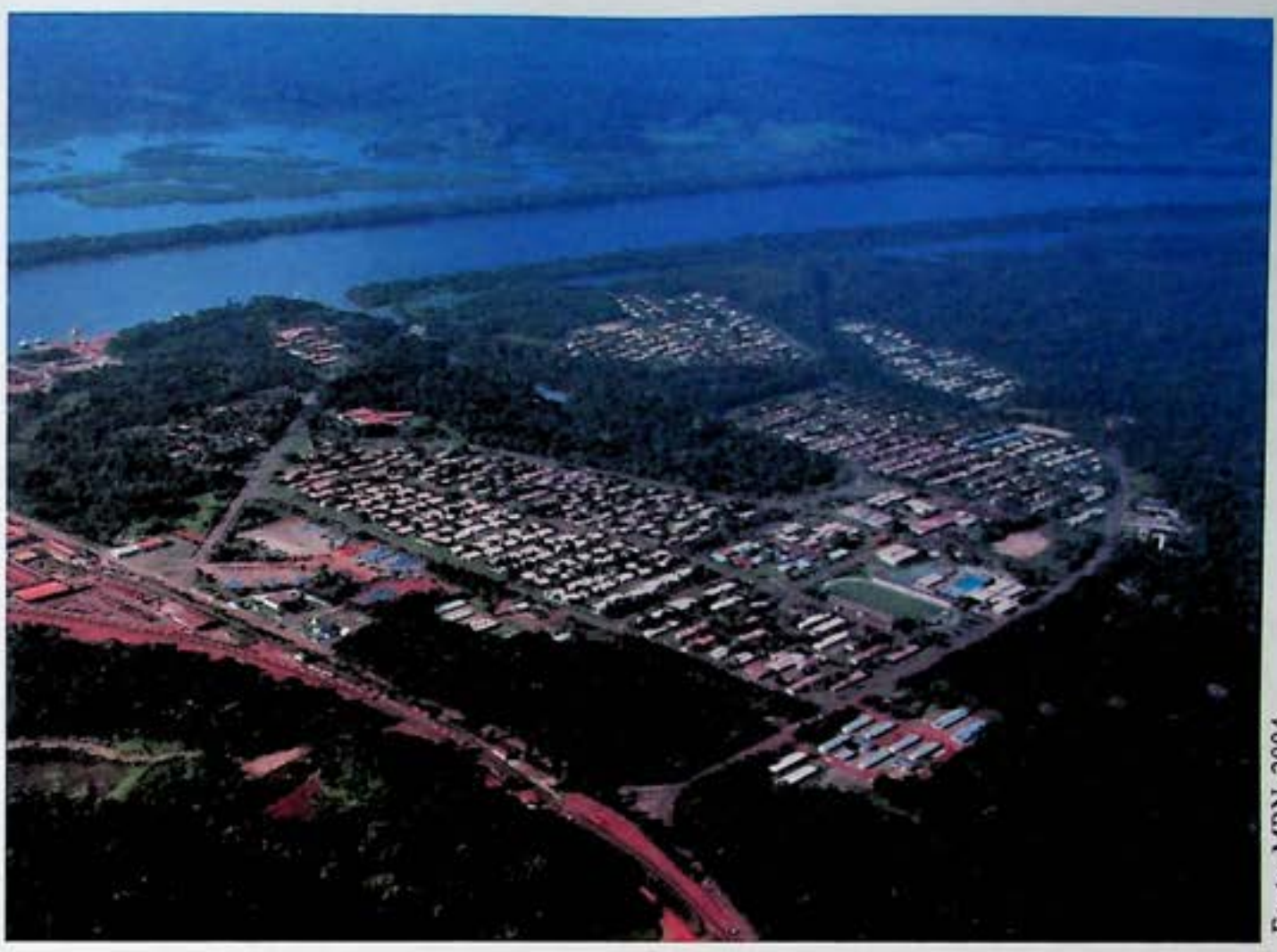
A vila está situada num platô e entre ela e a cancela interpõe-se o rio Trombetas como parte da paisagem de um grande projeto, tendo a oeste os conjuntos industriais[26] e a leste o porto especializado no transporte de minérios e em seqüência o curso do rio Trombetas com suas águas negras (Figura 02).

Figura 02- Planta da *Company Town* de Porto Trombetas

Fonte: MRN, 2004

A vila de Porto Trombetas (Foto 11), criada para abrigar mão-de-obra e infra-estrutura de apoio à Mineração Rio do Norte, nela tudo parece artificial, rigidamente planejada e controlada, produzindo um espaço urbano normatizado sem a mediação da espontaneidade. É uma pequena "cidade" para os padrões da região. A vila dispõe de saneamento básico (rede de esgoto, coleta de lixo, água tratada e energia elétrica), serviços de telecomunicações, banco, escola, hospital, área de lazer e supermercado.

[26] O conjunto industrial do projeto envolve a área da mina, a área do porto e a área de estocagem do minério para embarque no porto. A primeira área abrange a usina de britagem, o sistema de manuseio e carga, os sistemas de instrumentação e controle e ainda os prédios auxiliares. A segunda e a última compreendem as instalações de descarga, os sistemas de manuseio e lavagem, o tratamento e o transporte de resíduos, o secador e a estocagem de bauxita seca, o carregamento de navios e também os prédios auxiliares. Além disso, entre uma área e outra há a conexão entre a mina de bauxita e a área de estocagem do minério feita pela estrada de ferro para o transporte de bauxita e uma estrada de rodagem paralela, com cerca de 30 quilômetros de extensão, ligando o porto à mina.



Fonte: MRN, 2004.

Foto 11 - Vista Aérea da Vila Residencial de Porto Trombetas

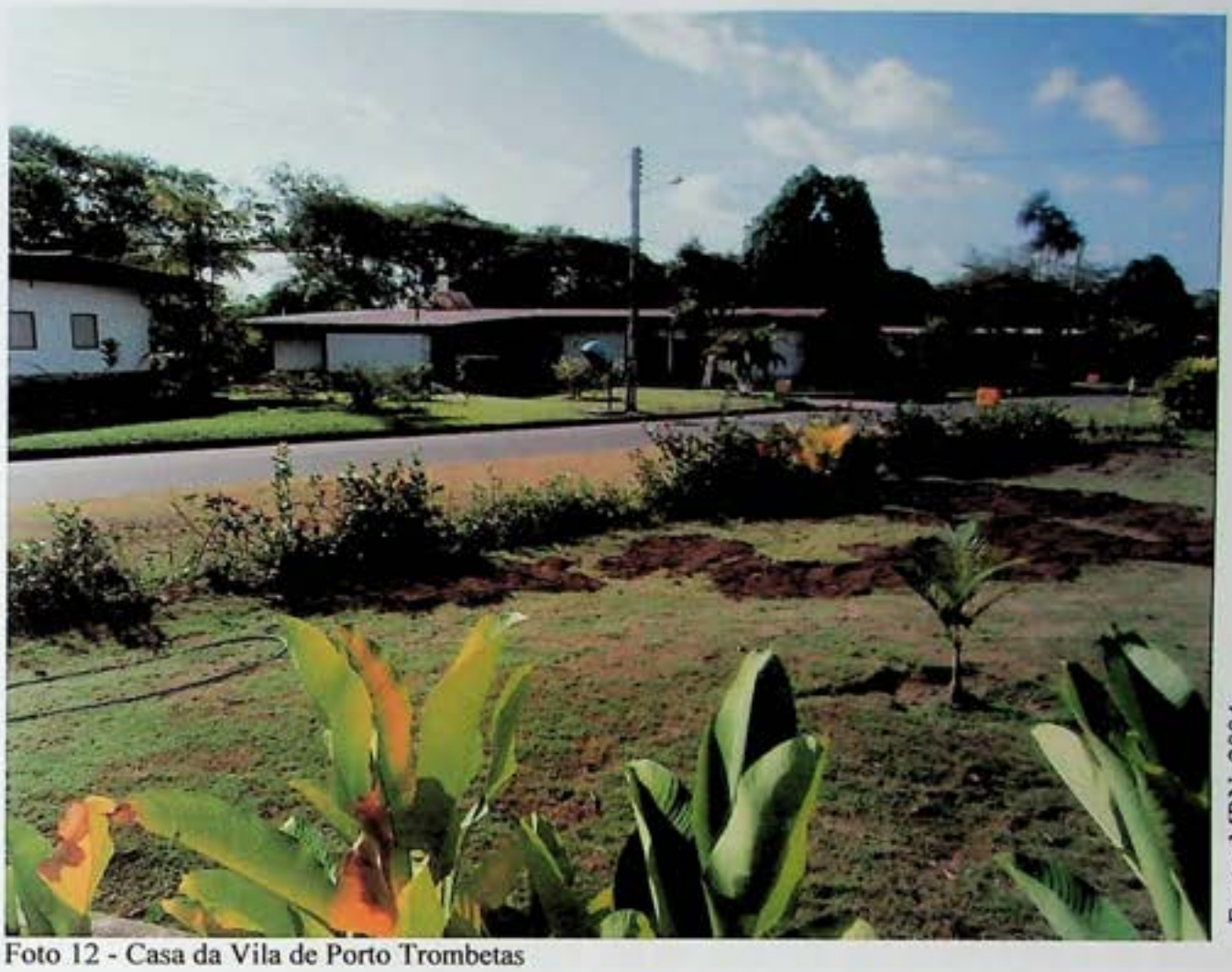
A *company town* de Porto Trombetas é um objeto que conforma parte do sistema técnico atual. Ela foi criada a partir da intenção explícita de realizar uma função precisa, específica, que é a base logística de um projeto minerador. Tais funções estão subordinadas a uma intencionalidade puramente mercantil e simbólica a serviço do capital hegemônico, isto é, do trabalho mais produtivo economicamente. A vila residencial com a sua condição e conteúdo técnico, tanto na sua realização como na sua funcionalidade foi criada para responder a fins diversos se comparado às outras vilas e cidades existentes na região. Em outras palavras, do ponto de vista do lugar a cidade planejada é vista em sua artificialidade como um objeto que materializa fins estranhos a esse lugar, por fazer parte de uma empresa a serviço do que não está na região, mas de uma racionalidade que foi criada para responder às necessidades de realização das ações hegemônicas dentro da sociedade.

A vila de Porto Trombetas surgiu como um território auto-suficiente, controlado e hierarquizado, utilizado como símbolo de modernidade e de desenvolvimento proporcionado pela empresa, de estabilidade, organização e qualidade de vida na região para atender os interesses de mercado bem mais amplos que os regionais.

pela empresa, de estabilidade, organização e qualidade de vida na região para atender os interesses de mercado bem mais amplos que os regionais.

As obras de infra-estrutura iniciaram-se em 1976. A construção das residências caminhou em ritmo paralelo à construção dos conjuntos industriais, e em 1979 os núcleos já podiam ser habitado. O núcleo urbano ocupa uma área de 59 mil m², com capacidade para habitantes e possui uma infra-estrutura urbana que engloba 892 casas, alojamentos para solteiros com 2.806 vagas, uma portaria de acesso, dois clubes (Mineração Esporte Clube - MEC e o Iate Clube), praças, parque infantil, uma escola até o ensino médio, escola de línguas, brigada de incêndio, estação de tratamento de água (ETA), estação de tratamento de esgoto (ETE), unidade de triagem e compostagem (UTC), aterro controlado, um hospital com 32 leitos, aeroporto com capacidade para aeronaves do tipo Boeing 737, um cineteatro (auditório), sistema de comunicação digital nacional e internacional, cinco canais de TV, rede de água fluoretada, geração de energia própria, limpeza urbana e transporte, 2 hotéis, 2 centros comerciais (com 60 pontos comerciais), igrejas, supermercado, feira, bancos, e uma grande casa para hóspedes com 20 apartamentos para os visitantes e prestadores de serviço eventuais. A população atual do núcleo urbano de Porto Trombetas era de aproximadamente 6 mil pessoas até agosto de 2004.

Como outros núcleos urbanos planejados, construídos e administrados por grandes empresas, a vila de Porto Trombetas se caracteriza pela especialização estratificada, controlada e hierarquizada. As casas (Foto 12) estão distribuídas em 5 vilas que são destinadas a empregados da empresa conforme a função que ocupam. A forma espacial da vila é determinada pela hierarquia socioprofissional, com seis tipos de residências: 11 casas do tipo "B", com 278 m², destinadas aos engenheiros seniores; 196 casas do tipo "C", com 197 m², destinadas aos engenheiros juniores e ao pessoal de nível universitário ou equivalente; 80 casas tipo "D-1", com 82 m² e 120 casas do tipo "D-2", com 70 m², para técnicos e operários especializados.



Fonte: MRN, 2004.

Foto 12 - Casa da Vila de Porto Trombetas

A estrutura espacial da vila de Porto Trombetas reproduz um padrão análogo ao existente em outros núcleos urbanos de grandes projetos na Amazônia, como as vilas de serra do Navio, Carajás e Vila do Conde. Nestas vilas, o planejamento do espaço implica não apenas na tentativa de estabelecer uma vida cotidiana programada e manipulada, mas também uma espacialidade hierarquizada que implica na determinação do espaço a ser ocupado por cada um de seus moradores. A distribuição das casas (Foto 13) é feita de acordo com o cargo desempenhado na empresa, que corresponde a pelo menos três níveis hierárquicos: superior, médio e baixo nível funcional, pelo número de familiares e pelo tempo de vinculação à empresa, mas, ainda assim, dentro do padrão de residência correspondente a cada uma das faixas funcionais (Quadro 01). As funções e responsabilidades são diferenciadas e, simbólica e materialmente, marcadas pela diferença salarial, pelos direitos, deveres e benefícios que cabem a cada cargo ou faixa funcional (RODRIGUES, 2001). A vila materializa todas essas diferenciações, distinguindo grupo de moradores através do tamanho e distribuição das casas.

Fonte: MRN, 2004.

Foto 13 - Vista do Núcleo Urbano de Porto Trombetas

A *company town* de Porto Trombetas, por ser uma vila que se encontra mais distante e isolada dos grandes centros urbanos tende a oferecer um número maior de serviços do que àquelas situadas nas proximidades dos núcleos urbanos maiores, como é o caso de Vila dos Cabanos em Barcarena, próxima a Belém-PA. Isto justifica, por exemplo, a necessidade de criação dentro da vila de uma área comercial mais completa, um sistema de telecomunicações mais eficiente e infra-estrutura aeroportuária que atenda os requisitos necessários à manutenção da auto-suficiência dos serviços urbanos da vila planejada.

QUADRO 01 – Porto Trombetas: níveis hierárquicos identificados dos tipos de residências existentes na *company town*

Níveis Funcionais	Características Funcionais	Núcleo Urbano de Trombetas
Diretoria, nível tecnológico mais elevado (engenheiros, etc.) e funcionários graduados	**Tipo**	Tipo "B" Tipo "C"
	Média de área construída	278m² (tipo "B") 197m² (tipo "C")
	Número de casas	11 casas (tipo "B") 196 casas (tipo "C")
Nível técnico e administrativo intermediário	**Tipo**	Tipo "D-1" Tipo "D-2"
	Média de área construída	82 m² (tipo "D-1") 70m² (tipo "D-2")
	Número de casas	80 casas (tipo "D-1") 120 casas (tipo "D-2")
Operários e pessoal de apoio administrativo	**Tipo**	Tipo "D-3"
	Média de área construída	56 m²
	Número de casas	200 casas

Fonte: MRN, 2002

A configuração organizacional do espaço urbano de Porto Trombetas, em uma área de mineração, demonstra, ser um contraste em comparação às tradicionais aglomerações urbanas situadas na região do Médio Amazonas paraense, no que se refere aos equipamentos urbanos, a oferta de serviços, a estrutura urbana e a qualidade de vida. Estas diferenças tornam-se mais nítidas quando avaliamos a oferta e a qualidade dos serviços de comércio, saúde, educação e lazer oferecidos aos moradores da vila residencial administrada pela MRN, em relação aos serviços prestados nas cidades vizinhas ao Projeto.

Observamos no trabalho de campo que os serviços de comércio de Porto Trombetas estão distribuídos em duas áreas na cidade (Figura 02). A primeira área comercial está situada próxima ao cais (Foto 14), onde os barcos de pequeno e médio porte atracam para o desembarque de pequenas mercadorias e passageiros (geralmente empregados da MRN, prestadores de serviços e eventuais visitantes). Na feira da cidade encontramos pontos de vendas, com barracas padronizadas, destinadas à venda de frutas, carnes, peixes, legumes, artesanato regional, além do comércio de estivas. No mesmo local encontra-se um prédio anexo à feira com estabelecimentos comerciais e postos de serviço, onde há um banco, uma agência dos correios, uma ótica, farmácia, loja especializada em artigos esportivos, autopeças, artigos para bicicletas, uma boutique, copiadora, papelaria, uma loja de variedades, um

açougue, um depósito de bebidas, um mercadinho e uma loja de distribuição de gelo, além de um posto do IBAMA, da Secretaria Estadual da Fazenda - SEFA e da Prefeitura de Oriximiná.

Fonte: MRN, 2004.

Foto 14 - Centro Comercial e o Porto da Feira da *Company Town*

Constatamos em campo que a outra área é o principal centro comercial da vila e está situada no núcleo da *company town*, onde estão localizados os principais equipamentos de serviço da cidade, como: a escola, o cine-teatro, a igreja ecumênica e o clube da cidade. Neste centro comercial encontramos 8 lojas (venda de confecções, O Boticário, Banco do Brasil, farmácia, locadora de vídeo, loja especializada na venda de artigos importados, supermercado, padaria). Apesar da existência dessas duas áreas destinadas, especificamente, ao comércio e a prestação de serviços na cidade, verificamos que ao longo da vila, existem outros pontos comerciais. Através de entrevista constatamos de que ao todo são 60 pontos comerciais oficialmente cedidos pela MRN, e 143 ainda não credenciados.

Ao inquirirmos uma funcionária da MRN, responsável pela administração da vila, obtivemos a explicação de que alguns estabelecimentos comerciais são terceirizados pela MRN: lanchonete, armarinhos, vídeo locadora, salão de beleza. E ainda o esclarecimento de

que a empresa estava analisando propostas de moradores para implantação de vários serviços no centro comercial, tais como: salão de beleza, barbearia, casa lotérica, farmácia, confecções, livraria, locadora, lanchonetes, bazar, oficina eletrônica, mini-supermercados. A funcionária entrevistada afirmou que alguns destes serviços já são oferecidos pelos próprios funcionários e seus familiares em suasresidências.

A implantação de um centro comercial visava um melhor controle sobre as atividades informais na vila. Estas atividades informais são geralmente encontradas nas Vilas D1, D1-D e D-2, desenvolvidas principalmente por mulheres e crianças ou por trabalhadores nas horas de folga, constituindo-se num sobretrabalho. Na vila D moram os trabalhadores que recebem os salários mais baixos, sendo os serviços que oferecem ou o que vendem, uma estratégia para complementar o orçamento familiar.

No trabalho de campo notamos que os serviços de saúde são fornecidos pela empresa. Na vila residencial há um hospital, o Hospital Santo Antônio do Uruá-Tapera, com 2.812,86 m² de área total construída, com 33 leitos, um leito para CTI, centro cirúrgico, berçário, oito salas para ambulatório, uma sala para otorrinolaringologia e oftalmologia, dois gabinetes odontológicos, um laboratório, várias salas para exames específicos como ultra-sonografia e uma unidade de pronto-socorro, farmácia e um corpo clínico formado por médicos, odontólogos, enfermeiros, bioquímicos e funcionários de apoio, gerenciado pela empresa Pró-Saúde em convênio com a MRN, desde 1987. Ao entrevistarmos o funcionário responsável pela administração do hospital da MRN foi notificado que este hospital presta serviços nas áreas de medicina preventiva e assistencial aos habitantes da cidade.

Percorrendo a vila residencial visitamos a escola do núcleo urbano, a Escola Jonathas Pontes Athias, obtendo o esclarecimento de que ela possui 6.779,19 m² de área construída, com 36 salas de aula, duas salas de informática, uma biblioteca, dois laboratórios, duas salas de arte, uma sala de audiovisual, um anfiteatro, salas para o pessoal técnico, administrativo e professores. Até 1997 a escola era administrada pelo Sistema Pitágoras de ensino, com sede em Minas Gerais, que se especializou em prestar serviço educacional nos canteiros de obras nas *company towns* estando presente em vários dos grandes projetos instalados na Amazônia. A partir deste ano, a escola passou a ser administrada pela fundação Vale do Trombetas. O sistema de ensino da *company town* tem um alto padrão de qualidade, sendo eficiente no tocante ao atendimento das necessidades de um lugar como Porto Trombetas, cujas características são a rígida estratificação e hierarquização social. A escola atende da pré-escola ao ensino médio, funcionando nos três turnos com 1.000 alunos matriculados, 52 professores e 30 funcionários. Outro aspecto observado foi a predominância de professores

vindos de outros Estados. Em 2004, o corpo docente da escola era em sua totalidade de outras regiões, principalmente dos estados da região sul, sudeste e nordeste.

Em entrevista foi explicado que as opções de lazer no núcleo urbano são restritas. Observamos que além dos dois clubes já citados, uma antena de captação da imagem de satélite existente na vila possibilita sintonizar as principais redes nacionais e internacionais de televisão. Existe ainda um cinema que funciona com sessões diárias às 20:00h e sessão infantil aos domingos, sendo freqüentado principalmente pelos operários solteiros e por jovens. Além dessas opções de lazer há as atividades sociais e culturais promovidas pelo MEC, como oficinas de música e dança e cursos esportivos. Os moradores também dispõem de outras opções oferecidas pelos atrativos naturais da região como os igarapés que são bastante freqüentados nos fins de semana – igarapé das Pedras, igarapé Sindicato, igarapé do Km 14, igarapé Madeireiro e Ajudante. Na vila residencial a repetição e a monotonia tornam as opções de lazer desinteressantes com o passar do tempo, ficando como principal opção a televisão.

A riqueza infra-estrutural ora apresentada revela a tendência à auto-suficiência na prestação de serviços urbanos oferecidos aos funcionários e trabalhadores da Mineração Rio do Norte, bem como, a qualidade no padrão das instalações de habitação. No entanto, por mais que estes atributos conduzam ao isolamento da vila residencial em relação às demais cidades da região, tanto pelo nível de exigência e a qualidade dos serviços solicitados pela mineração, que geralmente estão acima dos padrões regionais, como pela localização da vila residencial, em plena selva amazônica, a *company town* não é uma "cidade fechada", vivendo sobre si mesma.

A *company town* é um centro de relações que integram a vila industrial a um sistema urbano mais amplo, de extensão nacional e mundial. Tais relações integram ainda precariamente a vila de Porto Trombetas a sua região. Isto acontece pela vila residencial ser um objeto técnico que envolve dois circuitos econômicos: um ligado ao comércio de exportação e outro constituído por atividades de pequenas dimensões vinculadas ao circuito inferior[27]. Porém, as ligações entre a *company town* e a cidade de Oriximiná se dão de forma descontinua. Especulamos que as ligações maiores se dão mais com a cidade de Santarém, por ser esta um centro regional, com alternativas de comércio e de lazer para os habitantes de Porto Trombetas. Esta população ao ter que utilizar de meio de transporte, fluvial ou aéreo,

[27] O circuito inferior da economia urbana compreende as atividades de fabricação tradicionais, como o artesanato, assim como os transportes tradicionais e a prestação de serviços. Formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres é bem enraizado e mantém relações privilegiadas com a sua região (SANTOS, *op. cit.*, p. 22-24).

para chegar até Oriximiná, prefere viajar mais um pouco e alcançar Santarém, um centro com possibilidades mais diversas.

2.2 A Vida de Relações da *Company Town* de Porto Trombetas: nos Níveis Internacional, Nacional, Regional e Local

A análise dos sistemas de objetos técnicos, implantados com o advento das atividades de extração mineral no Médio Amazonas paraense, permite entender a forma como que esta porção do espaço foi se inserindo tanto na divisão territorial nacional do trabalho quanto na divisão territorial internacional do trabalho, e como esta especialização do trabalho no lugar contribui para definir as conexões geográficas de e para Porto Trombetas.

No caso específico do Projeto Trombetas, exemplo de uma base técnica incorporada ao espaço (com novas qualidades materiais e possibilidades organizacionais), queremos destacar como a *company town* e o seu conjunto industrial - novos componentes da base territorial, estão sendo responsáveis pela criação de outros padrões de circulação, isto é, como os "sistemas de engenharia (fixos) e os sistemas de fluxos (materiais e imateriais)" (SANTOS, 1996, p.141), respondem pelo fenômeno geral da movimentação de mercadorias, pessoas e informações no espaço regional. Nesta perspectiva, observar a formação das densidades de movimentação destes fluxos, enquanto o resultado da presença de circuitos especializados de produção, requer fazermos, por isso mesmo, um estudo a parte da composição da vida de relações geradas pela aquisição desses "grandes objetos técnicos" no espaço.

O conjunto de objetos técnicos provocou a mudança no padrão de circulação da região, com as novas atividades econômicas (ligadas ao circuito espacial produtivo do alumínio na Amazônia Oriental), também acelerou o ritmo de vida e uma necessidade de maior fluidez na movimentação de pessoas e mercadorias no espaço. Todavia, a novidade do espaço de fluxos contemporâneo é dada por especificidades, principalmente quando se trata de circuitos especializados[28] e de núcleos urbanos dotados de conteúdos, funções e de forma distintas das demais cidades situadas na região. No caso específico da *company town* como todos os seus equipamentos urbanos são destinados a atender exclusivamente os funcionários e trabalhadores da MRN, seus serviços exercem ações extra-locais reduzidas e esporádicas,

[28] Segundo Santos (Ibid., p.128), os circuitos produtivos, melhor dizendo, os circuitos espaciais de produção, são definidos pela circulação de produtos, isto é, de matéria.

sendo seu alcance restrito e praticamente exclusivo, fazendo com que a vila residencial não gere relações de concorrência ou de complementaridade com as cidades da região.

A vida de relações da *company town* inclui, em primeiro lugar, as circulações estimuladas na fase inicial de construção do conjunto industrial até a finalização da infra-estrutura urbana. No momento em que se levantava o complexo industrial e se construía a cidade ainda não haviam sido instaladas as habitações fixas e nem o centro comercial da cidade, sendo tudo era provisório. Nesta ocasião, houve uma intensa relação da área do projeto com as pequenas e grandes cidades da região, a começar pela montagem de vários escritórios de apoio da empresa em Belém, Manaus, Santarém e Oriximiná para o desenvolvimento do projeto (SIQUEIRA, op. cit., p.72).

Neste processo de construção do projeto, o advento de fluxos mais densos ocorria por meio do fornecimento da mão-de-obra e de suprimento de alimentos para alimentação dos trabalhadores. As compras dos gêneros básicos eram realizadas nas cidades de Santarém, Belém, Rio de Janeiro e São Paulo. Dos estados do sudeste do Brasil, chegavam principalmente arroz, feijão e lacticínios. A carne bovina fornecida ao projeto vinha basicamente de Santarém. Um ponto importante e que culminou na intensificação das relações regionais, foi exatamente a dificuldade de adaptação da mão-de-obra, principalmente a não especializada, que vinha de outras regiões brasileiras, levando a empresa a optar pela própria mão-de-obra da região recrutada nas cidades de Oriximiná, Óbidos, Faro, Santarém Belém, Manaus e Parintins (SIQUEIRA, op. cit., p. 73-74).

Enquanto Porto Trombetas era construída a frota e fluxo de aeronaves crescia. No aeroporto improvisado do projeto uma frota de quatro aparelhos, com quatro tripulações para 22 passageiros com capacidade para carregar 1.800kg de carga, além de dois aviões executivos, com capacidade para até cinco passageiros cada, com vôos diários sendo feitos de Trombetas para Manaus e Santarém. Um panorama semelhante era visto em relação aos fluxos das embarcações fluviais. O porto do Projeto recebia e embarcava passageiros para Oriximiná, Óbidos, Faro, Santarém, Manaus e Parintins. As linhas com destino a Manaus e Santarém eram feitas a cada dois dias, sendo que a última tinha capacidade para uma lotação de 300 passageiros. Para se ter uma idéia no auge da construção das obras houve um mês (outubro de 1977), em que a média do número de barcos/ancorados dia, para carga e passageiros, alcançou o número de 14 embarcações e de 21 balsas (SIQUEIRA, op. cit., p. 72). Todo esse movimento, no pico da construção, foi diminuindo na medida em que foram sendo construídas as obras de infra-estrutura do projeto.

Com o término da construção das obras de infra-estrutura e a montagem completa dos equipamentos, em 13 de agosto de 1979, ocorreu o primeiro carregamento e embarque do minério de bauxita. O primeiro navio recebeu uma carga de bauxita de 21.054 toneladas de minério, saindo de Trombetas com destino ao Canadá. Nesta ocasião, iniciaram-se as explorações e o escoamento do minério de bauxita, matéria-prima destinada a compor o circuito espacial produtivo do alumínio na Amazônia Oriental brasileira. Assim, inaugurou-se a circulação de um novo fluxo no espaço regional ligando Porto Trombetas aos mercados nacionais e internacionais especializados na produção e circulação desta *commodity* (SIQUEIRA, op. cit., p.91).

Entre os aspectos associados à alteração do padrão espacial das conexões, destaca-se, em primeiro lugar, a mudança nos fluxos materiais operada pela implantação do corredor de exportação de bauxita. É com a produção de bauxita que a mineração estabelece as mais longínquas interações espaciais, em especial no que tange à circulação de minério entre Porto Trombetas e as cidades de Barcarena-PA e São Luís-MA, e o movimento de Porto Trombetas destinado ao mercado externo. Apesar do fluxo de minério se realizar por via fluvial, no mesmo sentido o rio vem sendo utilizado para a circulação do comércio extrativista regional o padrão espacial das interações se difere pelo fluxo do minério seguir via fluvial sem fazer nenhuma conexão com as cidades da região, pela natureza do produto transportado, qualidade, volume e escala. Uma das mudanças registradas no fluxo do rio Trombetas, por exemplo, ocorre com a introdução de sinalizadores que permitiu a circulação noturna das embarcações responsáveis pelo transporte do minério de bauxita. O incremento dos fluxos foi também impulsionado pela aviação aérea, que em virtude das grandes distâncias foi implantada na área do projeto.

2.2.1 - Evolução da Produção e do Crescimento da *Company Town* de Porto Trombetas

A produção da MRN foi crescendo ao longo dos vinte e cinco anos de operação do empreendimento, evoluindo de cerca de quatro milhões de toneladas registradas em 1985 para os atuais 16,45 milhões, o que representa um crescimento considerável no intervalo entre os anos de 1986 e 2004, quando a capacidade de produção atingiu uma taxa de crescimento de 80,44%.

TABELA 01- Porto Trombetas: Evolução da Produção – MRN (em milhares de toneladas).

Anos	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Produção	6.745	8.536	9.603	9.314	10.101	10.952	11.211	10.708	9.919	14.406	16.749

Fonte: Relatório Financeiro da MRN (1994-2004)

No período que vai de 2001 a 2004, vale notar a evolução dos fluxos comerciais da bauxita destinados ao mercado interno e externo, para avaliarmos as dimensões referentes ao direcionamento dos fluxos da empresa. Nesse quatriênio, as vendas para o mercado externo oscilaram entre 25% e 42% e para mercado interno atingiram índices entre 65% e 74%. A tabela abaixo demonstra essa evolução:

TABELA 02 – Porto Trombetas: Vendas em Milhões de Toneladas

Anos	Total	Mercado Interno		Mercado Externo	
		Milhões	(%)	Milhões	(%)
2001	10.953 mil	7.134	65	3.819	35
2002	9.928 mil	7.312	74	2.616	26
2003	14,12 milhões	9,78	69	4,34	31
2004	16,45 milhões	9,52	58	6,93	42

Fonte: Relatório Financeiro da MRN (2001-2004)

Em termos gerais, podemos verificar um mercado em que os maiores fluxos estão direcionados para o mercado interno, que concentrava, em 2001, 65 % do fluxo e que em 2004 atinge 58%, seguido pelo fluxo externo, que possuí uma participação relativa de 35 % para 2001 e 42% para o último ano. Verificamos, outrossim, que os fluxos para o mercado internacional foram bem mais modestos. Apesar disso, a integração do espaço regional ao mercado mundial do alumínio repercutiu amplamente na circulação da região, dada não apenas por um aumento das freqüências, mas também pela *commodity* de bauxita ter um valor, um mercado e uma escala de venda diferente.

Como já observamos, desde a fase de implantação do projeto, a MRN manteve interações locais e extra locais para o funcionamento de suas atividades, sobretudo, no que diz respeito aos fluxos de serviços e comércio, bem como, o de mão-de-obra indispensável ao seu desenvolvimento. Apesar dos padrões de exigência da mineração e da carência no fornecimento de alguns serviços e produtos regionais, a empresa, como mencionam os dados do Relatório Financeiro Anual, sempre priorizou a região norte como fornecedora de bens e serviços, com destaque para o estado do Pará, que segundo os dados vem acelerando sua participação nas compras, que em 2001 passa de 38% para 63,8% em 2004. No entanto, devido aos interesses da empresa e o nível de especialização das suas atividades a

movimentação dos fluxos das compras revelou também uma certa concentração das vendas e compras para os outros estados da federação atingindo os índices de 51% para 2001 e de 41% para 2004. No caso das importações, os valores estavam em torno dos 10% em 2001 e caíram para 5,8% em 2004, como nos mostra a tabela a seguir:

TABELA 03 – Porto Trombetas: Compras de Materiais e Serviços em milhões de dólares.

Localidade	2001		2002		2003		2004	
	Vendas	(%)	Vendas	(%)	Vendas	(%)	Vendas	(%)
Pará	49,6	38	67,3	39	63,8	58	63,8	58
Outros Estados	65,9	51	82,9	48	41,3	37	41,3	37
Importações	14,4	11	23,5	14	5,8	5	5,8	5

Fonte: Relatório Financeiro da MRN

Ainda tentando revelar o padrão de circulação provocado por circuitos especializados de produção na organização dos sistemas de relações urbano-regionais, a *company-town* de Porto Trombetas e seu complexo industrial encontram-se numa faixa específica de fluxos da mão-de-obra que são, em geral, geograficamente diferenciados.

Como o Projeto Trombetas ficou popularmente conhecido na região, a exploração de bauxita pela MRN atraiu um permanente contingente de força de trabalho dos municípios situados no entorno do Projeto, principalmente nos momentos de abertura de frente de lavra quando o movimento era proveniente até mesmo da região Nordeste do país, como pontuamos nas entrevista feitas no campo. Esse contingente de trabalhadores, em grande parte, é empregado pelas empreiteiras vinculadas à MRN ou contratado pela agência local de mão-de-obra temporária, geralmente oriundos das comunidades situadas ao longo do Trombetas, de Oriximiná, Terra Santa, Juriti e Alenquer. Após o término das obras apenas uma parcela significativamente menor e dotada de melhor qualificação será eventualmente fixada na MRN, compondo seu efetivo próprio.

Em campo verificamos que uma outra parte da mão-de-obra direta foi sendo recrutada fundamentalmente nas regiões Norte e Sudeste do Brasil. Da primeira região selecionavam-se os efetivos operacionais e certos quadros intermediários, formando um mercado local e sublocal para um conjunto de atividades semiqualificadas ou qualificadas. Os quadros intermediários da mineração eram e são geralmente de nível técnico oriundo das escolas técnicas regionais. Como existe um programa de estágio para os alunos da região promovido pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará (CEFET-PA), esta é a principal instituição de ensino que mantém contatos com a MRN. Da segunda região contratam-se os

quadros do "staff", em sua maioria, recrutados junto às mineradoras de Minas Gerais e Espírito Santo (*Ibid.*, p.108-109).

Novas formas técnicas e organizacionais, como a mineração industrial, e os novos modos de circulação, conduziram à criação de novas profissões na região. Estas surgem no subespaço da mineração aptas a manipular os novos objetos técnicos do complexo industrial da MRN. A crescente diversificação das profissões foi acompanhada por uma diversificação regional do fluxo e do número de empregados permanentes e temporários da empresa. Observar-se na tabela abaixo os fluxos que afluem para a c*ompany-town* de Porto Trombetas.

TABELA 04 – Porto Trombetas: Origem dos Empregados por Região - Percentuais

Região	Anos			
	2001	2002	2003	2004
Norte	75	74	76	81,47
Nordeste	11	12	11	6,41
Sudeste	12	12	11	11,15
Outros	2	2	2	0,97

Fonte: Relatórios Financeiros, MRN (2001-2004).

Ao longo dos últimos anos, cerca de mais de 70% da mão-de-obra contratada, mostrava-se, de modo geral, concentrado na região Norte. Para as regiões Sudeste e Nordeste do país essa porcentagem manteve-se em torno de 11%. De modo que as demais regiões do Brasil contribuíram muito pouco para o fornecimento do pessoal recrutado. Como vemos, em anos mais recentes, a mineração continua a registrar uma certa mobilidade da população, que em termos de alocação da mão-de-obra, a mobilidade intra-regional é maior. Segundo os dados acima, a mão-de-obra recrutada nos outros estados apresenta índices menores. Os dados mostram que os fluxos mais importantes correspondem, sobretudo, aos deslocamentos dentro do estado do Pará e menores as migrações entre as grandes regiões, isto se explicava exatamente pela dificuldade de adaptação da mão-de-obra e dos custos que a mineração tem em deslocar esse contingente de trabalho de outras regiões.

Os custos de deslocamento e fixação da força de trabalho foram ressaltados pela direção da empresa como uma das principais dificuldades operacionais da MRN. Um dos obstáculos enfrentados pela empresa foi o acesso às suas instalações, que somente foi e ainda é possível por via aérea (uma hora e meia de Belém) ou mediante navegação de cabotagem (quatro horas de Oriximiná, seis horas de Óbidos, doze horas de Santarém, cento e vinte horas de Belém e setenta e duas horas de Manaus), dessa maneira, a distância geográfica constitui

fator de forte influência sobre a mobilidade de mão-de-obra empregada. Por isso, Trindade (*op. cit.*, p.105) em sua pesquisa confirmava que os altos custos de mobilização da força de trabalho seriam para a MRN, um fator de incentivo à redução do efetivo próprio de sua mão-de-obra permanente, representando um aspecto de influência endógena importante no quadro de racionalização produtiva adotada nessa empresa.

Mudanças nas conexões geográficas estabelecidas pela empresa para o fornecimento de mão-de-obra, bens e serviços estão sendo sentido quando o espaço ligado à mineração, mais especificamente a sua *company town* e o complexo industrial, incrementam-se a partir da fase de reestruturação produtiva iniciada na década de 1990. Nessa conjuntura, a MRN passa por forte enxugamento de seu quadro pessoal, por um amplo processo de racionalização produtiva e por modificações na sua estrutura acionária. Diante disso, inicia-se na empresa o processo de terceirização de algumas atividades, que já tinha dado seus primeiros passos em 1986 quando as atividades vinculadas à infra-estrutura comunitária de Trombetas (manutenção predial, segurança, zeladoria, limpeza) passaram a ser realizadas por empresas subcontratadas. Em 1991, a terceirização dos serviços amplia esse quadro, com um acréscimo de mais empresas contratadas operando em Porto Trombetas. Para se ter uma idéia das mudanças, em 1991 passam a ser terceirizados na vila residencial o hospital, o restaurante e a escola local, assim, paulatinamente intensifica-se a contratação de empresas para realização serviços rotineiros, desde a manutenção especializada até as obras eventuais, passando pelas atividades de apoio típicas (limpeza, segurança e restaurante) a atividades próprias do processo produtivo (TRINDADE, op. cit. , p. 127). No quadro abaixo pode-se notar algumas das principais empresas contratadas da mineração, com a respectiva setor de atuação.

QUADRO 02 – Porto Trombetas: Principais Contratadas da MRN

Empresa	Área de Atuação
Cattani	Transporte / veículos leves
Logus/Pró-saúde	Hospital
CNO	Manutenção civil/desmatamento/desmonte de rocha
Sertep	Manutenção industrial/obras/manutenção da vila
Maverfer	Manutenção da via permanente da ferrovia
Fundação Vale do Trombetas	Escola
Ticket/Gr	Limpeza urbana/hotelaria/ segurança patrimonial
CNR	Manutenção de veículos leves
B&MË	Informática
Executivaëí	Obras/contratos temporários com veículos diversos

Fonte: TRINDADE, 1991

* Lamentamos a falta de disposição de dados pela MRN para atualização das empresas contratadas por esta mineradora

Mediante a introdução dessas empresas na área de atuação do projeto, a *company town* de Porto Trombetas, passa a se encontrar numa faixa de intersecção das polarizações de grandes capitais regionais e centros regionais. Isto se explica, em parte, pelas empresas contratadas terem seus escritórios de apoio na maioria das vezes localizados fora da região, e também, fluxos de mercadorias, pessoas e informações indispensáveis ao andamento de suas funções no projeto se originarem nos principais centros do país. A título de exemplo, de reorientação dos fluxos, em especial no que tange a circulação entre grandes centros, temos o caso do hospital da vila residencial, que por ser administrado pela empresa Pró-Saúde, que tem a sua sede localizada no estado de Minas Gerais, mantém relações com este estado, além de outras interações que ocorrem através da compra de materiais e da prestação de serviços em cidades como São Paulo-SP, Goiânia-GO, Recife-PE, São Luís-MA, Fortaleza-CE, Natal-RG. Para ilustrar esta situação um outro exemplo encontrado nas entrevistas feitas no campo é o caso da Ticket/GRSA, da empresa ESS *(Support Services Worldwide)*, com sede no Rio de Janeiro-RJ há 18 anos que vem realizando operações de parceria por ser um segmento especializado do mercado responsável por prestar serviços nas áreas mais remotas. A ESS oferece serviços diversos aos funcionários da mineração, respondendo pela gestão da infra-estrutura comunitária de Trombetas, encarregando-se dos serviços de uso coletivo – alimentação, lavanderia, hotelaria, limpeza urbana e industrial, manutenção de área verde, reflorestamento, obras de pequeno porte, reciclagem do lixo, manutenção civil, eletromecânica e de refrigeração, oficina de veículos, segurança, além de administrar o único supermercado do núcleo urbano. Os principais fornecedores da empresa estão localizados no centro-sul do país, o que leva a *company town* por intermédio dos serviços da GRSA, a estabelecer ligações com a cidade de São Paulo e outras cidades deste Estado, onde a empresa compra principalmente produtos do setor alimentício. Mais recentemente, a GRSA deverá comprar carne bovina congelada dos frigoríficos da cidade de Santarém, informações obtidas nas entrevistas feitas no campo.

A vida de relações deste subespaço é ainda revelada pelas novas interações que surgem ou que permanecem a partir da mobilidade do contingente de trabalho empregado por estas empresas terceirizadas. No campo confirmamos que os serviços que exigem pouca qualificação estimulam a continuidade da contratação de mão-de-obra local, serviços como os de auxiliares de serviços gerais, eletricistas, mecânicos, pedreiros, carpinteiros, bombeiros, pintores, serventes de construção civil, entre outros, são em sua grande maioria contratados nas cidades vizinhas ao projeto, e nas comunidades do próprio município de Oriximiná. O recrutamento desta mão-de-obra atinge os municípios de Terra Santa, Óbidos, Santarém, Juriti

e Faro. Em relação à mão-de-obra mais qualificada, de maior especialização, os empregados continuam a ser, geralmente, contratados em Belém e em outros estados.

As interações espaciais desenvolvidas na mineração são muito mais variadas, quanto ao espaço em que se realizam, quanto aos seus tipos e intensidades, quanto aos equipamentos que as provocam ou possibilitam e quanto às características de sua evolução, resultado da configuração dos objetos técnicos da mineração que são dotados de intencionalidades específicas. O fato é que os objetos geográficos desta natureza, com suas novas formas técnicas e organizacionais e com os novos modos de circulação, constituem uma materialidade contemporânea indispensável a uma economia exigente de movimento, que conduzem a transformações na organização do espaço, reveladas, principalmente, na vida de relações. Por isso, as mudanças substanciais na forma, no tipo e na intensidade das conexões regionais são verificadas entre estes subespaços que estão inseridos no circuito espacial produtivo do alumínio. Cabe, neste ponto, reconhecer com mais detalhe as novas relações que o Projeto Trombetas, na figura de sua *company town*, vem desenvolvendo com os centros urbanos situados fora da região e as cidades do Médio Amazonas paraense.

A organização interna da *company town* de Porto Trombetas criada e programada para atender a racionalidade de sistemas técnicos hegemônicos, traduz a sua especificidade, já que foi construída para organizar e controlar o espaço urbano de modo a contribuir com os objetivos de racionalidade, eficiência e funcionalidade econômica da MRN. Na qualidade de um núcleo urbano, que surge para atender aos funcionários de uma empresa de mineração oferecendo, serviços de habitação, lazer, cultura e promoção social, a estrutura funcional e morfológica da cidade pretende atingir exclusivamente os empregados próprios e contratados da mineração e, eventualmente, seus visitantes, limitando com isto o uso de seus equipamentos urbanos a uma determinada amplitude espacial e demográfica.

A vida urbana da vila residencial depende de inúmeros fluxos para complementar seu funcionamento, daí as diversas intensidades e direções que conduzem sua existência relacional, associada à sua função e às suas relações interurbanas. Podemos dizer que os inúmeros fluxos de todos os tipos surgem e são incrementados pelos objetos geográficos que compõem a cidade - estrada de ferro, porto especializado, aeroporto, hospital e os sistemas de telecomunicações e que como novos acréscimos dão um conteúdo extremamente técnico ao espaço. Todos esses objetos, dotados de uma especialização extrema, têm como base material a ciência, a técnica e a informação, dados novos que influem sobre a natureza e intensidade das conexões interurbanas.

Uma cidade com funções especificas, como é o caso da *company town* de Porto Trombetas, se torna extremamente diferenciada pela existência de "funções urbanas características de um nível hierárquico elevado em centros de pequenas dimensões" (MACHADO, 1995:15).Estas atribuições da vila residencial representam uma das mudanças de definição do conteúdo funcional da região, por alterar a vida de relações no sistema urbano regional, trazendo uma diversificação dos fluxos, confirmando por que os grandes projetos de mineração, a partir da criação de suas c*ompany towns,* vêm sendo responsáveis também pela ruptura no padrão espacial das interações urbanas. As alterações deste padrão se dão pela criação de fluxos mais complexos que não seguem a hierarquia linear anteriormente disposta entre os centros. A partir de então, as relações desenvolvidas são capazes de romper com o caráter unidirecional dos fluxos e as interações tradicionais. Assim, os novos centros urbanos criados pela mineração e os centros antigos em alguns casos revitalizados para atendê-la, são conduzidos a ampliarem sua área de influência e a entrarem em relação com áreas mais longínquas.

As ligações da c*ompany town* com os demais centros urbanos da rede urbana nacional se dão através dos fluxos de mercadorias e serviços. Tais fluxos extra-regionais expressam via de regra os padrões do nível de renda dos empregados da mineração e as suas necessidades de consumo, obrigando os comerciantes da *company town* a se abastecerem em outros centros urbanos situados fora da região. Os fluxos materiais e imateriais operados por eles ocorrem pela formação de um sistema de relações comandados pelas cidades de hierarquia superior. São vários os centros que mantêm relações importantes com a *company town*, sendo, portanto, difícil sua inclusão segura neste ou naquele sistema de polarização urbana. A maior parte das informações sobre fluxos coletadas no trabalho de campo indica que, entre todas as grandes cidades, as que têm relações mais intensas com a *company town* de Porto Trombetas são: São Paulo-SP, Piracicaba-SP, Sorocaba-SP, Ribeira-SP, Rio de Janeiro-RJ, Belo Horizonte-MG, Uberlândia-MG, Goiânia-GO, Curitiba-PR, Fortaleza-CE, Terezina-PI. Normalmente a conexão entre essas cidades ocorre em parte por rodovias, BR –163 (Cuiabá-Santarém) e pela BR-010 (Belém-Brasília) até Santarém ou Belém, para em seguida, via circulação fluvial os produtos seguirem em balsas ou em embarcações de médio e pequeno porte até Porto Trombetas. No entanto, em alguns casos certas mercadorias são transportadas por via aérea com vôos que ligam Porto Trombetas às cidades do Rio de Janeiro-RJ, São Paulo-SP e Brasília-DF. A c*ompany town* de Porto Trombetas tem uma posição geográfica privilegiada, que possibilita contatos com alguns dos maiores centros urbanos brasileiros, mas que, ao

mesmo tempo, não impede a provável influência de algumas metrópoles regionais como Manaus-AM e Belém-PA e centros regionais como Santarém-PA.

No nível mais regional, constatamos por meio de nossas entrevistas que a *company town* mantém conexões mais ou menos intensas com as cidades de Manaus-AM, Belém-PA e Santarém-PA. Um fator percebido nas conversas com os moradores é que os habitantes da vila residencial buscam nestas cidades serviços mais especializados, produtos industrializados e lazer. Por outra parte, o fluxo de produtos agropecuários também conhece uma expansão. Neste caso, observamos no trabalho de campo, em entrevista realizada na feira da cidade, que Santarém envia para Trombetas parte de sua produção. Chegam à cidade produtos como tomate, mamão, melancia, maracujá, abacaxi, ovos e farinha. Ainda verificamos na feira, que da cidade de Belém chegam os seguintes produtos: ovos e batata. Dessa forma, em nível sub-regional encontramos um espaço em que as relações predominantes estão direcionadas ao setor primário, aos produtos rurais. Apesar da *company town* encontrar-se numa posição de proximidade em relação à Manaus é Belém que provavelmente mantém maior intensidade de relações com a vila residencial.

Quanto aos fluxos do comércio varejista e atacadista da vila residencial, as mercadorias destinadas à renovação de estoques são obtidas prioritariamente junto à região centro-sul do país com intermediações em Belém-PA, Santarém-PA, em Oriximiná via Santarém e em Manaus; neste último caso, ressaltam-se os fluxos de mercadorias oriundos da zona franca. Dessa forma constatamos em nossas entrevistas que Porto Trombetas encontra-se numa faixa em que se dá possivelmente a intersecção das polarizações de um certo número de grandes cidades brasileiras: Belo Horizonte - MG, São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ e a própria influência de metrópoles regionais como Manaus e Belém e cidades médias como Uberlândia-MG se faz sentir. Mas é provavelmente Belém que mantém relações mais intensas com este subespaço do Médio Amazonas, apesar da forte influência de Manaus por esta cidade empresa está situada em uma das principais áreas de influência daquela cidade. No nível das cidades de hierarquia inferior, Porto Trombetas mantém relações mais intensas com Santarém e em segundo plano com a cidade de Oriximiná, nesta última as interações se dão principalmente pela mineração tentar controlar e favorecer seus interesses e suas atuações no município onde estão as reservas de bauxita.

O movimento de mercadorias e informações destinadas à vila residencial ajuda a entender o ingresso de Porto Trombetas nas mais variadas conexões. Os fluxos que partem do nível local não são tão intensos. Parte deles origina-se da produção agropecuária e extrativa vegetal e animal das comunidades localizadas à margem do Trombetas, geralmente tais

transações são constituídas do comércio de frutas regionais e do pescado, destinada a *company town*. As demais mercadorias como os produtos industrializados são comprados exclusivamente pelo baixo escalão da empresa (funcionários não graduados) e pelos funcionários das firmas terceirizadas que não vivem na *company-town*, geralmente essa mão-de-obra é contratada nas comunidades vizinhas ao projeto. Estas transações acontecem por mais que a vila residencial tenha sido projetada para dispor praticamente de todos os equipamentos e serviços urbanos, mas a ausência de variedade de alguns serviços e os preços dos produtos levam os moradores a procurarem outras opções. Por isso, em entrevista no trabalho de campo aos moradores identificamos que a população é levada a buscar outros serviços e bens nas cidades mais próximas (Oriximiná, Óbidos, Terra Santa, Juriti) pela ausência de produtos e pelo valor dos mesmos, e para diversificar as atividades ou mudar a rotina. Um outro nível de interações entre a empresa e sua área de influência imediata foi ainda observado, quando a MRN ao tentar manter boas relações na região e destacar a imagem da empresa a mineradora promove programas de ação social na área de atuação imediata e nos municípios do entorno do projeto, sendo eles: Pé de Pincha (manejo de quelônios, em parceria com o IBAMA), Várzea (plantio de juta e outras culturas nas áreas de várzea), o programa de inclusão digital (distribuição de equipamentos e treinamentos de informática em escolas e centros comunitários de Oriximiná, Terra Santa, Faro e Óbidos). O projeto cultura do barro em parceria com o Museu Paraense Emílio Goeldi (resgate da cerâmica em comunidades ribeirinhas); Aprender Trabalhando em Terra Santa (ensino de agricultura para jovens e estudantes do município); apoio e incentivo ao desenvolvimento de fornecedores regionais (desenvolvido nas cidades Oriximiná, Óbidos, Terra Santa e Santarém), a construção do Núcleo de Ensino Superior de Oriximiná, em parceria com a Prefeitura Municipal de Oriximiná e com a Universidade Federal do Pará.

As ligações entre a cidade de Oriximiná e Porto Trombetas iniciaram-se desde a fase de instalação do Projeto, como foi citado anteriormente, no entanto, em entrevista feita aos grandes comerciantes da cidade esta fase foi a que mais proporcionou ligações do comércio atacadista local com a área do empreendimento. Numa entrevista a uma grande comerciante de Oriximiná percebemos como a fase de implantação do projeto influenciou os grandes atacadistas da cidade quando a entrevistada chegou a afirmar que: "nesta época o fluxo de pessoas e de vendas era muito intenso, faltavam até mercadorias nas prateleiras. Quando chegavam os fins de semana e os operários procuravam a cidade em busca de lazer, era o

momento de maiores vendas do comércio local" (informação verbal)[29]. Passado este período as vendas e os contatos entre os comerciantes da cidade e de Porto Trombetas diminuíram, principalmente, após a conclusão da infra-estrutura urbana do projeto, momento em que as relações se restringiram somente a alguns cadastrados realizados pela empresa, para se manter informada sobre os principais estabelecimentos comerciais que poderiam atendê-la, caso ocorresse algum problema de abastecimento em qualquer loja do centro comercial de Porto Trombetas.

Após essa intensa fase de conexões, Oriximiná só veio retomar seus contatos na oferta de bens e serviços com Porto Trombetas em meados da década de 1990, quando a sede municipal passou a receber os *royalties* da mineração que influenciaram na diversificação das funções urbanas da cidade. Este aumento no orçamento municipal elevou o número de funcionários públicos e expandiu o status socioeconômico de parte da população, o que levou a um crescimento das atividades comerciais e a diversificação dos serviços pautados no deslocamento de médias e grandes empresas extra-locais atraídas pelas mudanças. Como houve melhoria na oferta dos serviços e uma certa diversificação da venda dos produtos, em alguns estabelecimentos comerciais da cidade obtivemos a informação de que determinados funcionários da MRN, sobretudo os de nível técnico e os poucos qualificados, procuram as lojas e alguns serviços na cidade, no momento em que buscam o lazer ou estão interessados em encontrar uma diversidade maior de produtos a preços mais acessíveis. Nas entrevistas, percebemos que os serviços mais procurados são os de hospedagem e os estabelecimentos comerciais mais requisitados são os que vendem artigos de confecções. Em linhas gerais, a busca destes serviços na cidade justifica-se também pelo projeto mineral estar localizado numa região pouco desenvolvida, onde os núcleos urbanos não apresentam bons índices de crescimento.

A circulação da força de trabalho é uma das variáveis a ser considerada. No trabalho de campo verificamos que desde a fase inicial do Projeto a empresa contrata mão-de-obra da cidade, seja com qualificação média ou sem nenhuma qualificação, e hoje esse fluxo foi retomado a 5 anos, desde quando foram iniciados os projetos de reflorestamento da empresa nas áreas que já foram mineradas.

As ligações entre a *company town* de Porto Trombetas e a cidade de Oriximiná são limitadas restringindo-se às tentativas que a empresa realiza com o intuito de controlar e favorecer seus interesses e suas atuações no município. Por isso, ela se aproxima das elites

---

[29] Informação fornecida pela Srª. Felipa – proprietária do estabelecimento comercial Casas Belém – Oriximiná – PA.

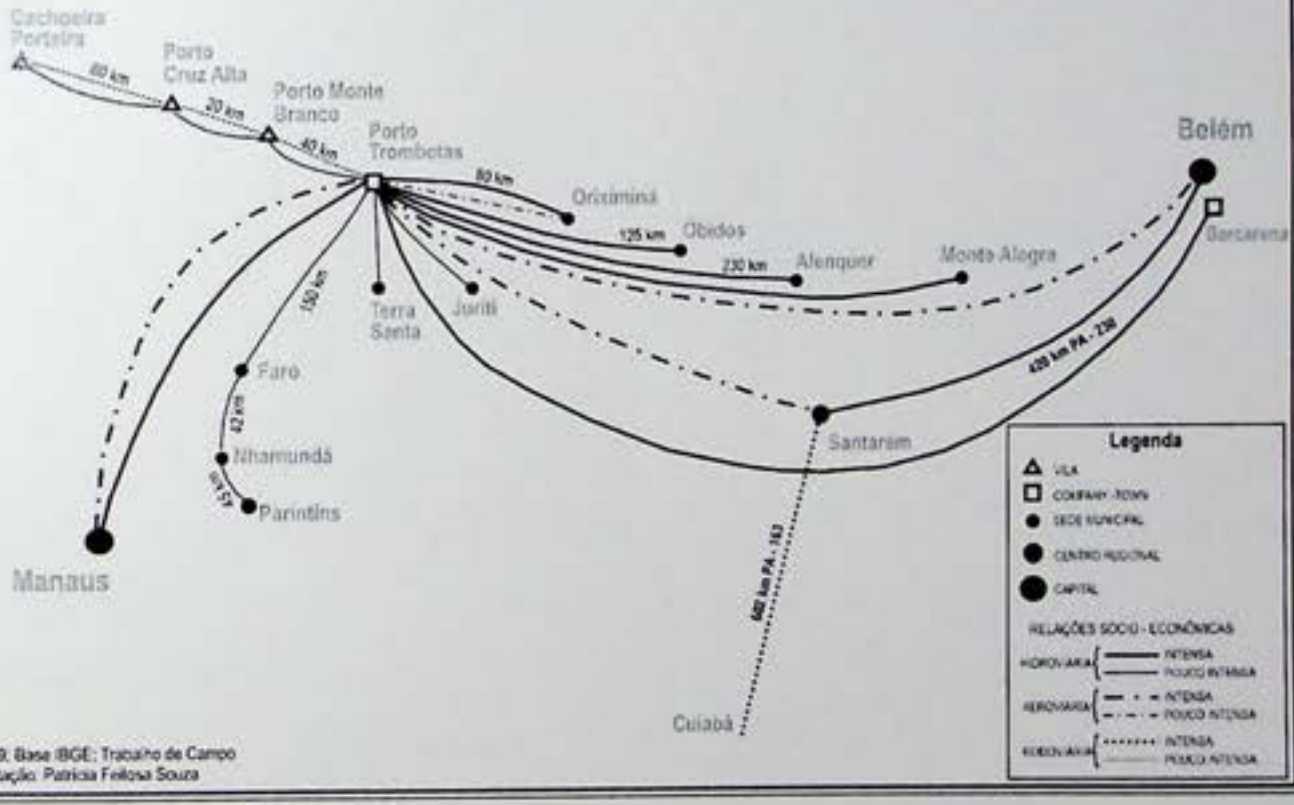
locais por meio de relações de parceria que ela desenvolve com a prefeitura municipal. No trabalho de campo confirmamos que as maiores atuações ocorrem por meio do patrocínio de eventos culturais, como é o caso da principal festividade religiosa da cidade, o Círio de Santo Antônio, padroeiro de Oriximiná. Obtivemos, ainda, a informação de que ela presta apoio durante algumas campanhas de saúde pública; parceria na construção de alguns prédios públicos, como vem sendo o caso do prédio da Associação Comercial da cidade e das instalações do futuro Campus Universitário do municipio; a MRN também está promovendo e estimulando parcerias entre a prefeitura, o SEBRAE e o SENAC de Santarém, para desenvolverem cursos de treinamento que tornem os comerciantes locais aptos a atenderem as exigências da mineração no momento em que forem procurados, (Programa de Desenvolvimento de Fornecedores). Estes dados cobrem apenas o período do trabalho de campo, devendo-se levar em conta que, em mais de 18 anos de existência em Oriximiná, a empresa deve ter feito muitas outras realizações semelhantes junto a comunidade local.

Por mais que exista uma vida de relações entre a cidade de Oriximiná e a *company town* de Porto Trombetas ela ainda é pequena. A expectativa seria que após a instalação do Projeto a cidade de Oriximiná pudesse atingir um certo nível de crescimento capaz de expandir suas atividades. No entanto, a existência de uma *company town* e de um distrito industrial no município não foram suficientes para transformar Oriximiná numa área industrial. A partir deste quadro, vários fatores contribuíram para que o município e/ou a cidade não reunissem condições favoráveis que atraíssem novas indústrias ou elevasse o número de estabelecimentos comerciais de grande porte em ambos.

A estes fatores foi associada irreversivelmente a idéia de que a instalação dos pólos iria intensificar e articular as cidades da região. No entanto, ao analisarmos cada um deles percebemos que o cenário é totalmente diferente. O primeiro deles refere-se a impossibilidade do projeto de mineração ter expandido a rede de energia elétrica no município, e também ao fato deste ainda não ter estimulado a construção de uma hidrelétrica. O outro tem haver com a carência de infra-estrutura de transporte, apesar da mineração ter incentivado a expansão das rodovias e dos aeroportos na região e criado uma outra alternativa de translado com a instalação de uma ferrovia e de um porto especializado no transporte de minério, ela não foi capaz de romper a carência do sistema de transporte regional e isto reforçou a dependência do transporte fluvial na região. Para se ter uma idéia à respeito da realidade local e regional, desde que foram dados os primeiros passos para se construir outras alternativas de transporte o distanciamento regional ainda permanece, sobretudo quando constatamos que muitos trechos das estradas de rodagem dos municípios continuam sem pavimentação, reduzindo os

fluxos entre os núcleos urbanos e inviabilizando o acesso rápido aos bens e serviços. Por fim, esperava-se que a *company town*, por estar localizada a uma certa distância da cidade, iria conduzir Oriximiná a estabelecer uma rede de relações entre as empresas deste núcleo urbano e a vila residencial. No entanto, nenhuma dessas suposições ocorreu. Primeiramente, pelo projeto não ter favorecido a expansão da infra-estrutura de telecomunicações, ficando ela restrita à sua área de atuação imediata e, em segundo caso, pela *company town* ser um núcleo urbano que tende a auto-suficiência, não estabelecendo relações permanentes com a cidade, limitando o incremento de suas funções urbanas. Portanto, a mineração só veio afetar diretamente a cidade, no momento em que, os *royalties* começaram a ser repassados à sede municipal, incrementando os seus cofres públicos.

Mapa Esquemático das Relações Sócio-Econômicas de Porto Trombetas com Lugares Adjacentes



Fonte: PROMON, 1989; Base IBGE; Trabalho de Campo
Atualização e Readaptação: Patrícia Feitosa Souza

As interações espaciais que ocorreram a partir da circulação de mercadorias, pessoas e informação com as atividades de mineração demonstram uma grande ampliação de área através da qual geograficamente se dá a circulação (Figura 03). As mercadorias destinadas a renovação do comércio atacadista e varejista são obtidas prioritariamente das cidades do Sudeste, de algumas cidades do Nordeste do Brasil e das cidades de Belém, Santarém e Manaus. Isto explica porque os fluxos hidroviários são mais intensos, uma vez que a mineração utiliza as balsas que vêm de Belém, depois de intermediarem os fluxos de

os fluxos das cidades do Centro-Sul do país que percorrem a rodovia Cuiabá-Santarém. Os fluxos aéreos também são relevantes para a renovação do estoque dos produtos. O incremento dos fluxos hidroviários e aéreos é alimentado ainda pelos fluxos da mão-de-obra, reforçando que neste caso, as ligações fluviais regionais e locais são mais intensas, e as aéreas são extra-regionais. O fluxo rodoviário local é muito restrito acontecendo apenas nas áreas mais imediatas de Porto Trombetas, que se justifica pela carência de tal sistema de transporte, segundo as informações levantadas no trabalho de campo identificamos poucas ligações deste tipo, sendo elas: Projeto Trombetas-Terra Santa e Porto Trombetas com as vilas de Cachoeira Porteira, Porto Cruz Alta e Porto Monte Branco no município de Oriximiná. Se por um lado os fluxos de mercadorias e pessoas destinados ao núcleo urbano provêm das mais variadas regiões e estados, o fluxo que parte do núcleo urbano via rede hidrográfica também é bastante amplo, alcançando inclusive a escala nacional (Barcarena e São Luís) e internacional.

CAPÍTULO III

CAPÍTULO III

A CIDADE DE ORIXIMINÁ E AS RELAÇÕES COM AS CIDADES VIZINHAS

A cidade de Oriximiná apresenta-se hoje como um núcleo urbano relativamente pouco desenvolvido, no qual verificam-se importantes transformações nas relações função-forma. Isto significa que os processos que incidiram sobre o núcleo urbano, causados pela atividade de extração mineral, foram capazes de provocar transformações significativas neste núcleo urbano. De ordem econômica, social e institucional os processos emanados com a implantação do projeto foram incorporados de modo muito particular traduzindo mudanças funcionais na estrutura urbana desta cidade. Esta complexidade é resultante do próprio movimento social que com a sua incidência pode vir a suscitar novas funções a serem exercidas, enquanto as formas geográficas se alteram ou mudam de valor, e o espaço se modifica para atender as transformações da sociedade (SANTOS, 1986, p. 38).

Neste contexto, nos anos de 1979, a cidade de Oriximiná, no oeste do Pará, vivenciou um verdadeiro "boom populacional", quando a empresa, Mineração Rio do Norte, se instalou no município. A instalação do Projeto Trombetas suscitou uma grande expectativa frente à população regional e local, cuja idéia era de que as coisas fossem diferentes e melhores para o futuro da região com a chegada da nova atividade. Com isto alimentou-se o surgimento de um movimento migratório acima da real capacidade de absorção da cidade. Pode-se verificar ainda uma dinamização dos setores de pequena dimensão em Oriximiná, com a criação de novas atividades e o início do processo de expansão urbana. Verifica-se, também, que a chegada dos novos imigrantes de nível cultural, econômico e salarial mais elevado gerou maior contribuição ao dinamismo da vida urbana, com a ampliação do orçamento urbano, mas que em contrapartida, ressaltamos que a vinda dos imigrantes de nível educacional inferior contribuiu, ao mesmo tempo, no momento em que tornaram possível a criação de atividades novas que exigiram um certo mínimo de população. Constata-se, ainda, que a exploração de bauxita desde o início das atividades vem produzindo uma rede de fluxos que extrapola a escala local e regional, haja visto que a sua sistemática de ação está concentrada na contratação de serviços de outras empresas. Nesta perspectiva, pode-se identificar mudanças expressivas a nível local e regional quando da exploração do minério, mudanças estas

percebidas na fisionomia do território, no comportamento econômico do grupo social diretamente ligado à atividade e do seu relacionamento com a sociedade local, e pela constante auto-melhoria da qualidade de infra-estrutura logística no distrito industrial, do município de Oriximiná, face às atividades de mineração industrial.

Junto com a MRN vieram novas empresas prestadoras de serviços e novos empregos foram criados. Novas agências bancárias foram inauguradas, um número expressivo de hotéis ainda de pequeno porte e bares. Com a implantação da mineração, nos primeiros anos de suas atividades, a população na cidade de Oriximiná passou de 18.994 para 29.594, ou seja, mais do que dobrou. A partir de então, começou a se manifestar no núcleo urbano mudanças sensíveis. Assim, os anos de 1970 deram início as transformações no espaço regional, com a instalação de novos fixos e, conseqüentemente, a constituição de muitos fluxos de pessoas e de mercadorias. Com a possível fluidez, graças à construção dos modernos sistemas de engenharia dos transportes e de comunicações, intensificaram-se as trocas de todas as naturezas difundindo o comércio e os serviços diversos, com grande impacto na vida social e no espaço local e regional.

A intensificação da mudança da base técnica de sua produção extrativista, levando ao surgimento do extrativismo industrial (minério de bauxita), numa região caracterizada pela presença marcante das atividades extrativistas tradicionais, ligadas à produção do extrativismo vegetal e animal e a produção da pecuária, reorganizou a cidade, que com o passar dos anos começou a desenvolver um comércio mais especializado e vários serviços, principalmente a partir da injeção dos recursos financeiros provenientes dos *royalties* da mineração na economia do município. As casas de comércio em geral, de comerciante distribuidor, de distribuidores especializados, de firma de produtos rurais, de firmas de engenharia e publicidade, de laboratórios e clínicas médicas, consultórios dentários, se difundiram na cidade. Diante disso, a modernização da atividade extrativa não apenas ampliou e reorganizou a produção material, mais foi determinante para o crescimento da economia urbana de Oriximiná.

Tradicionalmente a economia de Oriximiná[30] deve seu dinamismo às atividades extrativistas tradicionais e à pecuária, principalmente no que se relaciona a coleta de castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa*) e a caça de tartaruga. A importância da comercialização dos produtos extraídos da floresta constitui desde o surgimento da cidade o significado de sua

[30]A atual cidade nasceu quando o padre José Nicolino de Souza, em 1877, desbravou partes de terras firmes, situadas à margem esquerda do rio Trombetas, onde fundou uma povoação designando-a *Uruã-Tapera* ou *Mura-Tapera*, a qual em 1886 foi elevada à categoria de freguesia de Santo Antônio do *Uruã-Tapera*, quando em 1894 elevou-se a categoria de vila, já com a denominação de Oriximiná (FIBGE, 1956).

existência. Como a maior parte das antigas aglomerações amazônicas, localizadas nas margens das vias fluviais, Oriximiná situa-se nos terrenos escalonados formados pelo movimento das águas do rio. Localizada em área de floresta equatorial densa, convencionalmente desde sua fundação, ganhou destaque a comercialização de produtos extrativos. A cidade se constituiu num ponto para estocagem de produtos agrícolas e extrativos, estes últimos destinados à exportação em estado *in natura* ou no máximo semibeneficiados. Por isso, tais atividades pouco contribuíram para o crescimento da referida aglomeração urbana.

Oriximiná era uma pequena cidade até a década de 1970, com infra-estrutura mínima e um centro comercial pouco expressivo. Na atualidade a estrutura da cidade sofreu alterações, mas os produtos extrativos e a pecuária continuam a ter uma certa importância na sua economia urbana. O levantamento das principais atividades extrativistas presentes no município de Oriximiná demonstra que, aqueles produtos extrativistas que se destacaram no passado ainda permanecem importantes.

A cidade de Oriximiná possui uma posição de destaque na sub-região do Médio Amazonas paraense, tanto no que diz respeito aos aspectos populacionais considerados, como também em relação à riqueza gerada pela arrecadação de tributos e transferência de receitas, representando a 2ª maior arrecadação de *royalties* da mineração do estado do Pará, ficando atrás apenas do município de Paraupebas. Segundo os dados do DNPM, no ano de 2004, o município de Oriximiná recebeu R$ 17.571.521,33 dos *royalties* repassados para todos os municípios mineradores do estado[31].

Nas últimas três décadas Oriximiná sofreu um expressivo crescimento populacional, notadamente no que diz respeito à expansão urbana, cujo crescimento relativo ao período de 1970-2000 foi ainda maior que o próprio crescimento da população total. No que tange à população rural, observa-se uma variação negativa no lapso de tempo considerado, não obstante as variações positivas registradas nas décadas de 1980, 1990 e 2000. Oriximiná, assim como a esmagadora maioria dos municípios brasileiros, experimentou o mesmo fenômeno de crescimento da população urbana em detrimento do crescimento da população rural, o qual se tornou característico do processo da modernização brasileira no período considerado.

---

[31] Segundo os dados do Ministério de Minas e Energia o valor total distribuído das cota-partes do CEFEM ao estado do Pará atingiu as cifras de R$ 59. 843.145,57 no ano de 2004, deste valor total foram destinados ao município de Paraupebas R$ 31.845.797,89.

3.1 - As Novas Feições do Urbano no Médio Amazonas Paraense e as Diferenciações Regionais de Urbanização

As políticas de modernização implantadas pelo governo na Amazônia brasileira, a partir da década de 1970, introduziram um importante elemento exógeno dentro da situação do quadro amazônico, no sentido de acelerar o processo de urbanização. Neste cenário de mudanças, novos elementos vieram participar da vida urbana, marcando novos rumos para a região. Na referida década, a dinâmica regional se reestruturava a partir da política de polarização (Polamazônia), que passou a atribuir um papel dinamizador às cidades, sendo este traduzido pela incorporação de novas áreas ao processo produtivo, criação de novas cidades, revitalização de várias outras, e diversificação das redes de interação socioespacial existente entre as velhas e novas aglomerações.

Um exemplo de nova tendência da urbanização encontra-se no oeste do Pará, nas áreas que compõem o Médio vale do Amazonas e que também foram afetadas pelas políticas de modernização, quando da instalação do pólo mineral de Trombetas em Oriximiná. Daí em diante, o município-sede do empreendimento minerador e àqueles situados no seu entorno, tiveram o conteúdo de suas cidades ribeirinhas afetados, passando a vivenciar novas feições da urbanização, visualizadas pela modificação simultaneamente das formas como as próprias cidades se organizam, em face da produção e pela forma como as pessoas encontram seus lugares, em cada momento, dentro dessas cidades.

Na nova realidade urbana regional as unidades municipais vizinhas aos municípios-sede de empresas apresentam taxas de crescimento urbano e rural relativamente altas, comprovando o fato de que o processo de migração desencadeado pelos projetos produtivos e infra-estruturais considerados não produzem efeitos pontuais, podendo atingir municípios vizinhos ou mesmo áreas situadas a maiores distâncias (COELHO *et al.*, 2003).

O recente processo de reestruturação espacial está pondo em evidência uma nova feição que se configura espacialmente nas sedes municipais. As novas feições da cidade se tornam mais destacadas no urbano, do que no rural, através do espaço construído e da presença de funções que pressupõem um conjunto maior de habitantes e renda. Algumas evidências do processo de reestruturação das novas feições socioespaciais desse espaço serão apresentadas em seguida.

Em relação à população, a região do Médio Amazonas paraense aglutina cerca de 258.094 habitantes (IBGE, 2000), apresentando uma evolução crescente de seu contingente populacional. Nos últimos anos, tais municípios registraram uma taxa geométrica de crescimento anual de aproximadamente 35.07%, conforme os últimos resultados levantados pela IBGE no censo de 2000 (Tabela 05).

TABELA 05 – Médio Amazonas Paraense: Taxa de Crescimento Anual da População

Municípios	Taxas de crescimento Anual (%)		
	1970/1980	1980/1991	1996/2000
Alenquer	2.47	1,54	(-)0,93
Curuá	-	-	3,49
Faro	2.31	0,59	12
Monte Alegre	2.96	1,97	5,35
Prainha	13.92	3,65	6,16
Óbidos	3.70	0,95	1,2
Oriximiná	4.53	3,02	3,56
Terra Santa	-	-	2,83

Fonte: IBGE, 1970 - 2000

Os dados da Tabela 05 demonstram que Oriximiná, em relação aos demais municípios, manteve índices de expansão na sua taxa de crescimento anual por abrigar projetos de investimentos no seu território. Os municípios de Alenquer, Faro e Óbidos foram os que apresentaram os menores valores; são municípios antigos com quadros de crescimento econômico inalterados pela estagnação das suas principais atividades, a exemplo da agricultura de exportação, do extrativismo e da pecuária, fatores que conduzem a redução dos deslocamentos populacionais para estas áreas, sobretudo quando temos na região novas atividades que redimensionaram os fluxos migratórios, como vem sendo o caso da grande mineração.

Nos últimos anos, cabe destacar que a população urbana de alguns municípios vem apresentando alterações nos seus índices de crescimento. Os municípios sedes das mineradoras ou que estão localizados nas suas áreas de influência imediata (Oriximiná, Monte Alegre, Terra Santa, Curuá e Faro) são os que mais expressam mudanças. Segundo os dados os municípios de Alenquer e Óbidos são os que estão provavelmente perdendo mais população para os municípios mais diretamente ligados a mineração. Alguns índices demonstram, ainda, que ao longo dos anos houve uma propagação da população urbana acompanhada pela permanência de índices elevados da população rural. Isto se explica pela contínua estagnação das atividades urbanas destas sedes municipais sempre dependentes ou atreladas às variações dos quadros da produção econômica rural, o que tem reforçado a

tendência concentradora da população destes municípios nas áreas rurais, bastando citar os casos de Prainha, Óbidos, Faro e Alenquer.

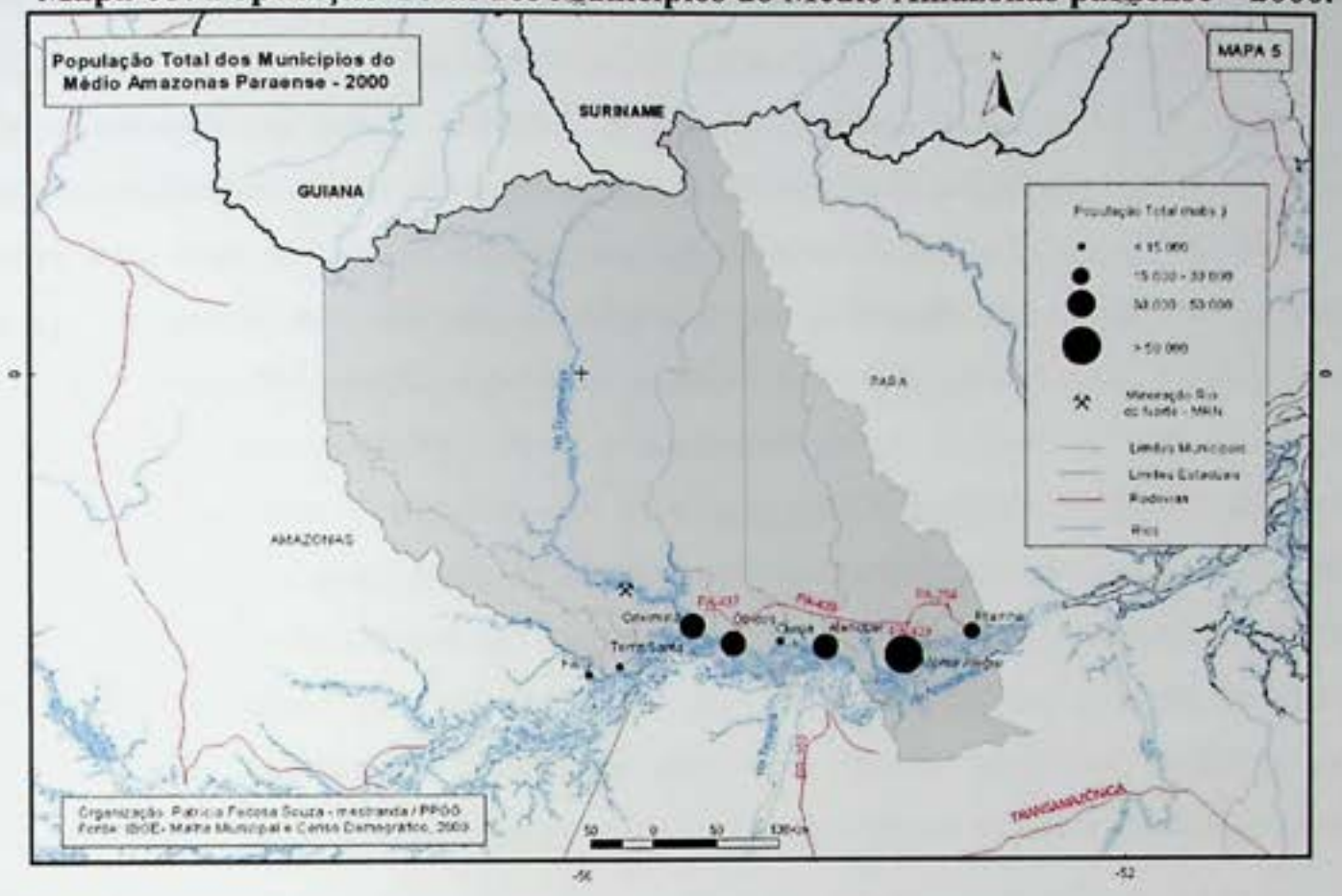
Conforme os dados do Censo Demográfico do IBGE, entre 1970 e 2000 ocorreu um crescimento da população total de 130.978 para 258.094 habitantes, mas percebemos (ver Tabela 06) que a partir dos anos noventa houve um crescimento da população urbana para as sedes municipais de Alenquer, Faro, Monte Alegre e Oriximiná, com médias de crescimento acima de 30%, pois enquanto em 1970, somente 181,1% da população era residente na cidade, em 1991, saltou para 257,8%, e atualmente, aí residem aproximadamente 47,55% da população municipal (Mapas 5 e 6). O não esvaziamento do campo é destacável, uma vez que houve um crescimento constante da população rural no período em análise. Em 1970, o número de habitantes rurais era de 91.695, enquanto em 1990 essa população foi ampliada para 134.889 pessoas. Esta situação aconteceu praticamente para a metade dos municípios do Médio Amazonas (Alenquer, Monte Alegre, Óbidos e Prainha), ampliando o número e a participação da população residente no campo. Os valores destacam que em Óbidos a população rural ainda supera a urbana enquanto que em Oriximiná a população urbana já ultrapassou a rural. O alto índice de urbanização de Oriximiná é imbatível, quando comparado aos demais municípios.

TABELA 6 - Médio Amazonas Paraense: Crescimento da População Urbana e Rural, 1970-2000.

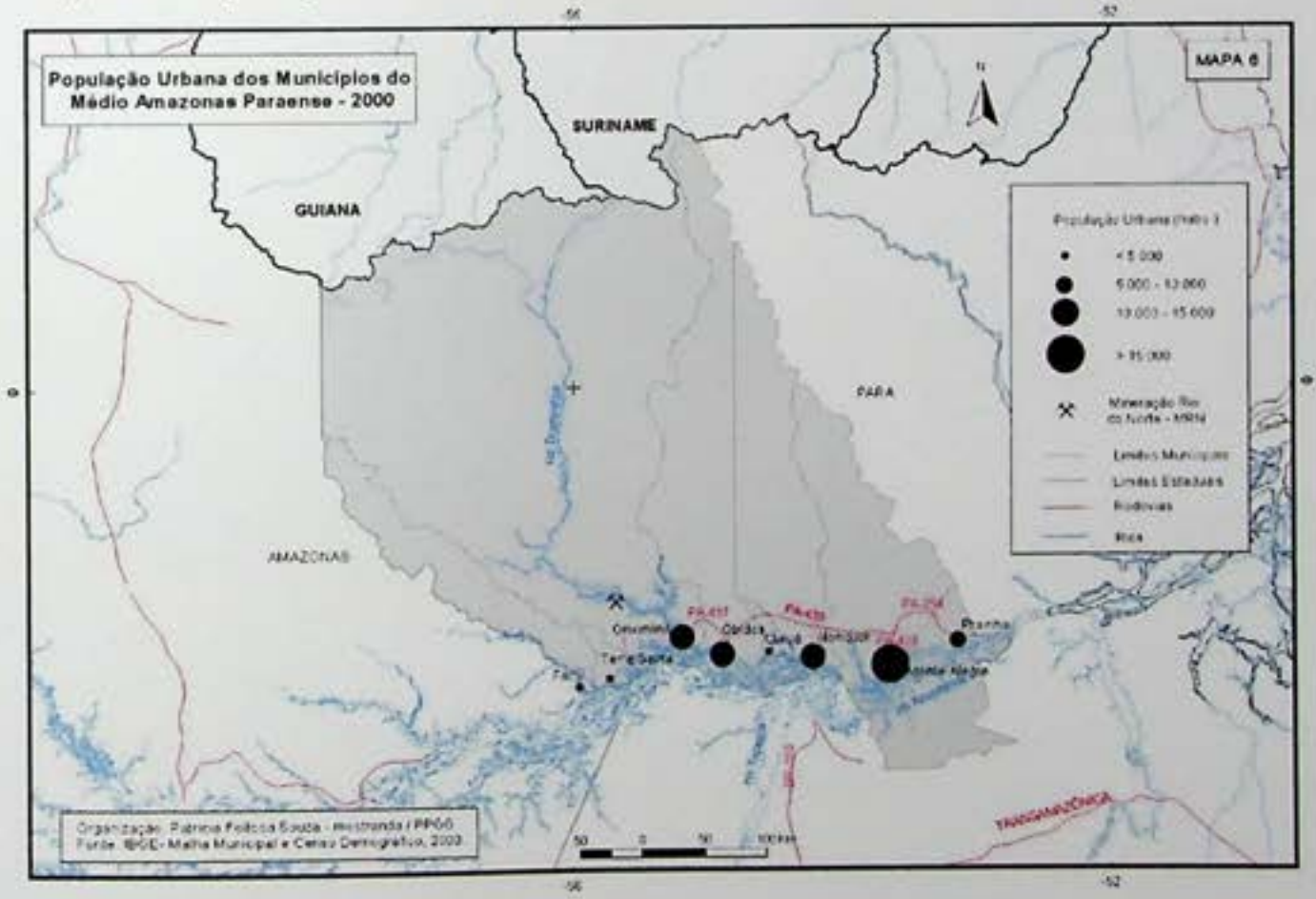
Município	Crescimento da População	Anos/Valores Percentuais		
		1970-1980	1980-1991	1991-2000
Alenquer	Cresc. da Pop. No Período	27,17	19	21
	Cresc. da Pop. Urbana no Período	51,92	36	15
	Cresc. da Pop. Rural no Período	15	15,35	46,19
Curuá	Cresc. da Pop. No Período	-	-	-
	Cresc. da Pop. Urbana no Período	-	-	-
	Cresc. da Pop. Rural no período	-	-	-
Faro	Cresc. da Pop. No Período	25,27	8	26,05
	Cresc. da Pop. Urbana no Período	51,31	35	42,37
	Cresc. da Pop. Rural no Período	5,32	22	9,14
Monte Alegre	Cresc. da Pop. No Período	34	24	31
	Cresc. da Pop. Urbana no Período	78	59,15	23,15
	Cresc. da Pop. Rural no Período	22	10,03	35
Óbidos	Cresc. da Pop. No Período	45	11,32	10
	Cresc. da Pop. Urbana no Período	98,44	14	14,05
	Cresc. da Pop. Rural no Período	16	9,21	6,14
Oriximiná	Cresc. da Pop. No Período	56	39,06	18,01
	Cresc. da Pop. Urbana no Período	80,31	76	33,16
	Cresc. da Pop. Rural no Período	44	14	4,2
Prainha	Cresc. da Pop. No Período	267	41	2
	Cresc. da Pop. Urbana no Período	93	26	70,37
	Cresc. da Pop. Rural no Período	296	46,25	11
Terra Santa	Cresc. da Pop. No Período	-	-	-
	Cresc. da Pop. Urbana no Período	-	-	-
	Cresc. da Pop. Rural no Período	-	-	-

Fonte: IBGE, Censos Demográficos, 1970-2000.

Mapa 05: População Total dos Municípios do Médio Amazonas paraense – 2000.



Mapa 06: População Urbana dos Municípios do Médio Amazonas paraense -2000



Os mapas revelam um padrão espacial diferenciado para o crescimento da população total dos municípios no censo de 2000, com semelhança de crescimento dos valores para Oriximiná, Óbidos e Alenquer, devido serem municípios que abrigam atividades de extração mineral ou estão na área de influência de grandes projetos. Neste cenário de variações são ainda identificados valores expressivos para a propagação da população urbana. O tamanho das cidades ainda permanece similar para alguns casos (Alenquer, Óbidos e Oriximiná), no entanto, tal quadro será alterado no próximo censo principalmente se Alenquer e Óbidos, segundo informações locais, continuarem perdendo população para as sedes municipais mais dinâmicas. O mapa, também, retrata números expressivos para os municípios de Monte Alegre e Terra Santa. O primeiro caso deve-se ao grande potencial turístico e mineral do município, servindo como fonte de atração para o contingente populacional. Em relação ao segundo caso, embora ele seja um município criado recentemente e de pequenas dimensões apresenta tais índices de urbanização por estar bem próximo aos platores futuramente explorados pela mineração. E, finalmente, temos duas situações inexpressivas, Faro e Curuá, que apresentam taxas de urbanização muito baixas por estarem situadas fora das áreas mais dinâmicas.

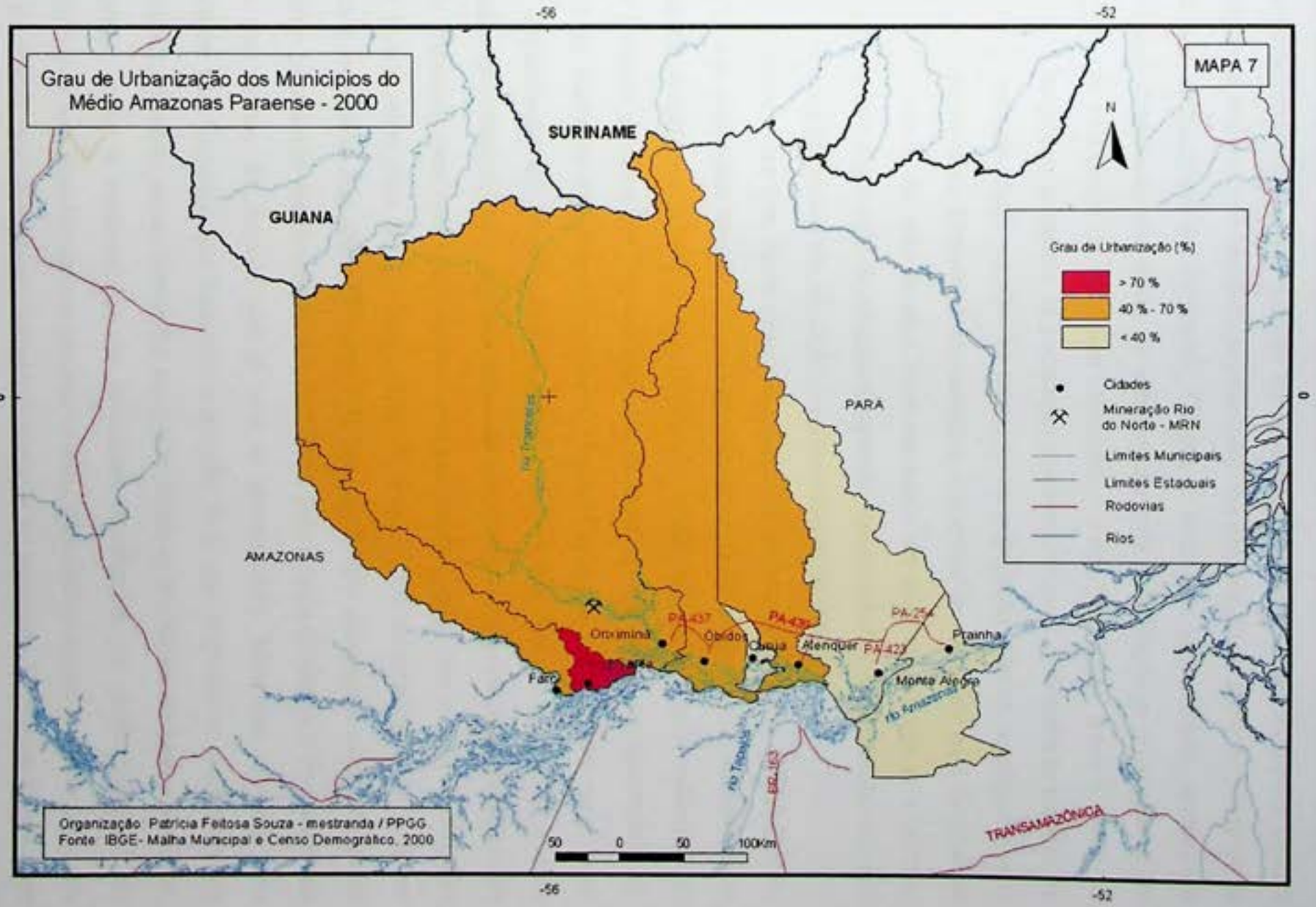
TABELA 07 - Médio Amazonas Paraense: População Total, Urbana e Rural dos Municípios do Médio Amazonas Paraense- 1970 a 2000

Município	Crescimento da População	Anos			
		1970	1980	1991	2000
Alenquer	População Urbana / V.Absoluto	11.687	17.755	21.958	25.160
	População Rural/ V.Absoluto	23.334	26.784	30.898	16.624
	População Total/ V.Absoluto	35.021	44.539	52.856	41.784
	Taxa de urbanização (%)	33	40	42	60
Curuá	População Urbana/ V.Absoluto	-	-	-	2.933
	População Rural/ V.Absoluto	-	-	-	6.291
	População Total/ V.Absoluto	-	-	-	9.224
	Taxa de urbanização (%)	-	-	-	32
Faro	População Urbana/ V.Absoluto	4.361	6.599	8.884	5.119
	População Rural/ V.Absoluto	5.693	5.996	4.690	5.119
	População Total/ V.Absoluto	10.054	12.595	13.574	10.037
	Taxa de urbanização (%)	43,4	52,4	65,4	49
Monte Alegre	População Urbana/ V.Absoluto	6.007	10.673	16.987	20.921
	População Rural/ V.Absoluto	22.372	27.231	29.964	40.413
	População Total/ V.Absoluto	28.379	37.904	46.951	61.334
	Taxa de urbanização (%)	21,2	28,2	36,2	34,1
Óbidos	População Urbana/ V.Absoluto	8.925	17.711	20.147	22.978
	População Rural/ V.Absoluto	17.501	20.291	22.160	23.521
	População Total/ V.Absoluto	26.226	38.002	42.307	46.490
	Taxa de urbanização (%)	34	46,6	47,6	49,4
Oriximiná	População Urbana/ V.Absoluto	6.671	12.029	21.163	28.181
	População Rural/ V.Absoluto	12.223	17.565	19.991	19.151
	População Total/ V.Absoluto	18.994	29.594	41.154	47.332
	Taxa de urbanização (%)	35,1	40,6	51,4	58,3
Prainha	População Urbana/ V.Absoluto	1.728	3.332	4.196	7.149
	População Rural/ V.Absoluto	10.572	42.026	22.586	20.152
	População Total/ V.Absoluto	12.304	45.358	26.782	27.301
	Taxa de urbanização (%)	14	7,3	15,7	26,2
Terra Santa	População Urbana/ V.Absoluto	-	-	-	10.965
	População Rural/ V.Absoluto	-	-	-	3.627
	População Total/ V.Absoluto	-	-	-	14.592
	Taxa de urbanização (%)	-	-	-	75,1

Fonte: IBGE, Censos Demográfico,1970-2000

A situação recente da urbanização e do crescimento da população urbana e rural dos municípios da região vem apresentando uma evolução crescente de seu contingente populacional. Ainda em relação à população, os dados do IBGE traduzem em números as mudanças ocorridas entre os anos de 1970/2000 na sede dos municípios. A intensificação da urbanização nos anos de 1970, resultando em 1980, em 4 municípios com grau de urbanização situado entre 14% e 34% (havia somente 6 em 1970) e 2 municípios com grau de urbanização entre 35% e 44%. Dos 8 municípios da região, em 2000 (Mapa 07), a maior parte (5 municípios) apresenta grau de urbanização maior que 49% e, pela primeira vez, surge a intensidade de mais de 55% (em 3 municípios).

Mapa 07: Grau de Urbanização dos Municípios do Médio Amazonas paraense - 2000.



O processo de urbanização é um dado comum a todos os municípios que dispõem de territórios na área geográfica mais imediata do Projeto Trombetas. Todavia, a análise da variação nas taxas de urbanização por municípios-sede dos projetos produtivos (mina ou indústria de transformação) e seus vizinhos revelam um crescimento desigual; apesar disso é visível na região o aumento do tamanho populacional das cidades como parte do processo de urbanização. Os municípios de Oriximiná, Óbidos e Alenquer, sem dúvida, apresentam semelhanças nas dinâmicas das taxas de urbanização pela localização e proximidade do projeto mineral. A existência de um único município – Terra Santa, que tende a reunir os maiores índices mostra o aumento da população residente urbana. A tendência recente de urbanização, no sentido mais restrito de aumento da população urbana, explica-se pelo contingente de mão-de-obra disponível do município concentrar-se na cidade para facilitar os contatos e a mobilidade da mão-de-obra local em busca de emprego, já que as empresas responsáveis por contratar a mão-de-obra para expansão das atividades da mineração vão aos núcleos urbanos mais próximos em busca do novo contingente de trabalho.

É importante dizer que, neste contexto, a forte mobilidade do mercado de trabalho na região, é uma das alterações bruscas provocadas pela urbanização do território na fronteira de povoamento da Amazônia brasileira. Haja visto que a atividade de extração industrial do minério de bauxita desde a sua implantação vem provocando alterações na distribuição da população e do mercado trabalho no interior da região. Em linhas gerais, como seria de se esperar, a implantação do projeto, seu desenvolvimento e sua fase de maturação seriam acompanhadas inicialmente até a segunda etapa das curvas de crescimento da população e do mercado de trabalho, mas que com o tempo se estabilizariam, enquanto reflexo da redução dos fluxos migratórios para região, bem como, da retração dos investimentos do governo federal para a expansão das obras de infra-estrutura, em função das sucessivas crises pelas quais passou o país desde meados da década de 1970, e pela própria tendência a finalização da exploração das minas de bauxita que já está se aproximando. Mas esta evolução dos acontecimentos não impediu que houvesse a geração de fluxos migratórios constantes em direção à região, criando novas demandas no que se refere às atividades de bens e serviços, motivos pelos quais a concentração de atividades econômicas na sede municipal do empreendimento e nas situadas em seu entorno ocorreu, com destaque para o crescimento das atividades terciárias, que vêm proporcionando a alteração no panorama do grau de diversidade funcional das cidades e do número de pessoas empregadas por setor.

Essas transformações podem ser observadas quando contabilizamos para cada município a relação entre o número de estabelecimentos com a faixa de pessoal ocupado por

cada um dos setores da economia local (Tabela 08). Como a maior parte dos setores identificados é claramente de tipo urbano (alojamento e alimentação, comércio, construção civil, administração pública, indústria de transformação), os dados oferecem um panorama dos núcleos urbanos do Médio Amazonas por possibilitarem identificar o grau de diferenciação funcional, econômica e demográfica entre os centros. Para a região Amazônica, e especificamente o vale do médio Amazonas, o peso relativo do setor público como principal empregador no mercado formal de trabalho é significativo para a maior parte dos municípios aqui estudados.

Um aspecto interessante é que na cidade-empresa mineradora de Oriximiná existem índices maiores para o emprego do trabalho formal, principalmente porque as empresas mais capitalizadas precisam reter mão-de-obra qualificada, como é o caso da indústria extrativa emprega mais de 500 pessoas. Nela o setor com maior índice de ocupação é o comercial, apesar de ser composto por estabelecimentos comerciais de pequeno porte eles chegam a empregar mais de 300 pessoas ao considerarmos os valores da faixa de pessoal ocupado por classe. Como podemos observar nos setores que empregam de 500 a mais funcionários, constatamos, que apenas três empregam mais, neste caso temos a Mineração Rio do Norte em Oriximiná, atuando no setor da indústria extrativa, o ramo hoteleiro, agindo no setor de alojamento e alimentação, e, por último o setor público com as ações nas áreas de administração pública, defesa e seguridade social, educação, saúde e serviços sociais.

As condições expostas anteriormente são um pouco distintas para o município de Óbidos; Alenquer e Monte Alegre apresentam uma concentração da faixa de pessoal ocupado para os setores de comércio e de serviço público, mas não apresentam nenhum incremento na indústria extrativa, não chegando a atingir as classes de mais de 500 pessoas ocupadas por setor em nenhuma atividade pela ausência de dinamismo das atividades que sustentam estes municípios. Por fim, temos a realidade dos municípios de Faro e Curuá, lugares com baixa capacidade de emprego e pequeno contingente populacional, sendo sustentados apenas pelas ações das empresas de pequeno porte.

Quanto aos empreendimentos de tamanho médio, percebemos que nestas cidades há pouco dinamismo econômico, e por isso essa situação pode ser tomada como um indicador da ausência de crescimento da economia regional. No entanto, são os estabelecimentos de pequeno porte em números elevados que empregam mais pessoas nos núcleos urbanos. Há destaque para os setores de comércio, os de serviços coletivos, sociais e pessoais e a indústria de transformação. Um outro dado importante da análise é que apenas quatro cidades apresentam uma variação maior na faixa de pessoal ocupado por estabelecimento, destacando-

se em primeiro plano as cidades de Oriximiná e Óbidos e, em seguida, Monte Alegre e Alenquer.

TABELA 8.1 - Número de Unidades Locais por Faixa de Pessoal Ocupado em Alenquer em 2000

Atividades / Classes	Faixa								
	0 - 4	5 - 9	10 - 19	20 - 29	30 - 49	50 - 99	100 - 249	250 - 499	> 500
Agricultura, Pecuária, Sivicultura e Exploração Florestal	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pesca	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústria Extrativista	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústria de Transformação	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Produção de Eletricidade, Gás e Água	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Construção	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alojamento e Alimentação	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Comércio, Reparação de Veículos Automotores, Objetos Pessoais e Domésticos	6	-	-	-	-	-	-	-	-
Transporte, Armazenagem e Comunicações	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Intermediação Financeira	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Atividades Imobiliárias, Aluguéis e serviços Prestados às Empresas	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Educação	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Saúde e Serviços Sociais	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros Serviços Coletivos Sociais e Pessoais	3	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	**14**	**1**	**-**	**-**	**-**	**-**	**-**	**-**	**-**

Fonte: IBGE, Censos Econômicos, 2000.

TABELA 8.2 - Número de Unidades Locais por Faixa de Pessoal Ocupado em Curuá em 2000

Atividades / Classes	Curuá								
	0 - 4	5 - 9	10 - 19	20 - 29	30 - 49	50 - 99	100 - 249	250 - 499	> 500
Agricultura, Pecuária, Sivicultura e Exploração Florestal	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pesca	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústria Extrativista	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústria de Transformação	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Produção de Eletricidade, Gás e Água	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Construção	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alojamento e Alimentação	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Comércio, Reparação de Veículos Automotores, Objetos Pessoais e Domésticos	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Transporte, Armazenagem e Comunicações	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Intermediação Financeira	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Atividades Imobiliárias, Aluguéis e serviços Prestados às Empresas	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	1	-	-	1	-	-	-	-	-
Educação	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Saúde e Serviços Sociais	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros Serviços Coletivos Sociais e Pessoais	9	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	**13**	**-**	**-**	**1**	**-**	**-**	**-**	**-**	**-**

Fonte: IBGE, Censos Econômicos, 2000.

TABELA 8.3 - Número de Unidades Locais por Faixa de Pessoal Ocupado em Monte Alegre em 2000

Atividades / Classes	Monte Alegre								
	0 - 4	5 - 9	10 - 19	20 - 29	30 - 49	50 - 99	100 - 249	250 - 499	> 500
Agricultura, Pecuária, Sivicultura e Exploração Florestal	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Pesca	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústria Extrativista	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústria de Transformação	19	-	-	-	-	-	-	-	-
Produção de Eletricidade, Gás e Água	3	-	1	-	-	-	-	-	-
Construção	4	-	-	-	-	-	-	-	-
Alojamento e Alimentação	4	-	-	-	-	-	-	-	-
Comércio, Reparação de Veículos Automotores, Objetos Pessoais e Domésticos	191	6	1	-	-	-	-	-	-
Transporte, Armazenagem e Comunicações	8	1	-	-	-	-	-	-	-
Intermediação Financeira	-	-	2	-	-	-	-	-	-
Atividades Imobiliárias, Aluguéis e serviços Prestados às Empresas	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Educação	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Saúde e Serviços Sociais	-	2	-	-	-	-	-	-	-
Outros Serviços Coletivos Sociais e Pessoais	19	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	**257**	**9**	**4**	**-**	**-**	**-**	**-**	**-**	**1**

Fonte: IBGE, Censos Econômicos, 2000.

TABELA 8.4 - Número de Unidades Locais por Faixa de Pessoal Ocupado em Óbidos em 2000

Atividades / Classes	Óbidos								
	0 - 4	5 - 9	10 - 19	20 - 29	30 - 49	50 - 99	100 - 249	250 - 499	> 500
Agricultura, Pecuária, Sivicultura e Exploração Florestal	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pesca	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústria Extrativista	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústria de Transformação	17	-	2	1	1	-	-	-	-
Produção de Eletricidade, Gás e Água	2	1	1	-	-	-	-	-	-
Construção	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Alojamento e Alimentação	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Comércio, Reparação de Veículos Automotores, Objetos Pessoais e Domésticos	154	8	2	-	1	1	-	-	-
Transporte, Armazenagem e Comunicações	8	1	-	1	-	-	-	-	-
Intermediação Financeira	-	2	1	-	-	-	-	-	-
Atividades Imobiliárias, Aluguéis e serviços Prestados às Empresas	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Educação	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Saúde e Serviços Sociais	3	1	-	1	-	-	-	-	-
Outros Serviços Coletivos Sociais e Pessoais	17	3	1	1	-	-	-	-	-
TOTAL	**210**	**16**	**7**	**4**	**2**	**1**	**-**	**-**	**-**

Fonte: IBGE, Censos Econômicos, 2000.

TABELA 8.5 - Número de Unidades Locais por Faixa de Pessoal Ocupado em Oriximiná em 2000

Atividades / Classes	Oriximiná								
	0 - 4	5 - 9	10 - 19	20 - 29	30 - 49	50 - 99	100 - 249	250 - 499	> 500
Agricultura, Pecuária, Sivicultura e Exploração Florestal	7	-	-	-	-	-	-	-	-
Pesca	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústria Extrativista	4	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústria de Transformação	31	4	-	-	-	-	-	-	1
Produção de Eletricidade, Gás e Água	2	1	-	-	-	-	-	-	-
Construção	16	1	1	-	-	2	-	-	-
Alojamento e Alimentação	9	3	-	-	-	-	-	-	1
Comércio, Reparação de Veículos Automotores, Objetos Pessoais e Domésticos	232	21	6	1	-	-	-	-	-
Transporte, Armazenagem e Comunicações	20	2	1	-	1	-	-	-	-
Intermediação Financeira	1	4	-	-	-	-	-	-	-
Atividades Imobiliárias, Aluguéis e serviços Prestados às Empresas	10	3	1	-	-	-	2	1	-
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Educação	3	-	-	-	-	-	-	-	-
Saúde e Serviços Sociais	4	2	-	-	-	-	-	-	-
Outros Serviços Coletivos Sociais e Pessoais	63	4	-	1	1	2	-	-	-
TOTAL	**403**	**45**	**9**	**2**	**2**	**4**	**2**	**1**	**3**

Fonte: IBGE, Censos Econômicos, 2000

TABELA 8.6 - Número de Unidades Locais por Faixa de Pessoal Ocupado em Prainha em 2000

Atividades / Classes	Prainha								
	0 - 4	5 - 9	10 - 19	20 - 29	30 - 49	50 - 99	100 - 249	250 - 499	> 500
Agricultura, Pecuária, Sivicultura e Exploração Florestal	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pesca	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústria Extrativista	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústria de Transformação	4	-	-	-	-	-	-	-	-
Produção de Eletricidade, Gás e Água	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Construção	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alojamento e Alimentação	18	-	-	-	-	-	-	-	-
Comércio, Reparação de Veículos Automotores, Objetos Pessoais e Domésticos	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Transporte, Armazenagem e Comunicações	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Intermediação Financeira	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Atividades Imobiliárias, Aluguéis e serviços Prestados às Empresas	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Educação	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Saúde e Serviços Sociais	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros Serviços Coletivos Sociais e Pessoais	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	**22**	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: IBGE, Censos Econômicos, 2000

TABELA 8.7 - Número de Unidades Locais por Faixa de Pessoal Ocupado em Terra Santa em 2000

Atividades / Classes	Terra Santa								
	0 - 4	5 - 9	10 - 19	20 - 29	30 - 49	50 - 99	100 - 249	250 - 499	> 500
Agricultura, Pecuária, Sivicultura e Exploração Florestal	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pesca	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústria Extrativista	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústria de Transformação	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Produção de Eletricidade, Gás e Água	5	-	-	-	-	-	-	-	-
Construção		-	-	-	-	-	-	-	-
Alojamento e Alimentação	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Comércio, Reparação de Veículos Automotores, Objetos Pessoais e Domésticos	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Transporte, Armazenagem e Comunicações	3	-	-	-	-	-	-	-	-
Intermediação Financeira	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Atividades Imobiliárias, Aluguéis e serviços Prestados às Empresas	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Educação	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Saúde e Serviços Sociais	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros Serviços Coletivos Sociais e Pessoais	2	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	10	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: IBGE, Censos Econômicos, 2000.

Tal fato não ocorria até o final da década de 1970, quando o setor primário absorvia 60% da população economicamente ativa. Essa participação tem sido mantida de maneira persistente, chegando a apresentar, nos anos mais recentes, em alguns casos uma ampliação considerável do pessoal ocupado no setor, devido a falta de dinamismo das atividades urbanas, retardando as possibilidades de crescimento, principalmente o setor público das cidades empresas mineradoras, onde existe um percentual maior da população empregada nos serviços públicos municipais, sobretudo porque a administração municipal desta cidade aproveita o incremento dos seus cofres para contratar e criar novos postos de trabalho. Apesar da importância deste setor temos observado, portanto, que nos últimos anos houve uma "quebra" da hegemonia das atividades primárias (agricultura, pecuária e extrativismo), tanto na geração de renda quanto no perfil da força de trabalho, com o crescimento da população economicamente ativa nos outros setores (Tabela 09).

TABELA 09 - Médio Amazonas Paraense: População economicamente ativa por setor de atividade, 1970 a 1991

Município	Setores da Economia	Anos / Valores Absolutos		
		1970	1980	1991
Alenquer	Primário	9.184	9.336	9.703
	Secundário	324	674	913
	Terciário	2.105	2.286	3.498
	Total	11.613	12.541	14.635
Curuá	Primário	-	-	-
	Secundário	-	-	-
	Terciário	-	-	-
	Total	-	-	-
Faro	Primário	1.864	2.352	1.546
	Secundário	260	210	461
	Terciário	585	572	823
	Total	2.709	3.279	2.896
Monte Alegre	Primário	5.920	7.073	9.035
	Secundário	348	652	967
	Terciário	674	1954	3.143
	Total	7.532	4.834	13.688
Óbidos	Primário	5.790	7.252	7.488
	Secundário	945	1.351	1.300
	Terciário	1.385	2.207	2.963
	Total	8.020	11.079	12.404
Oriximiná	Primário	3.922	4.906	6.152
	Secundário	469	683	2.508
	Terciário	1.979	1.522	1.093
	Total	6.370	8.500	12.873
Prainha	Primário	3.157	11.725	8.510
	Secundário	60	573	289
	Terciário	749	1.005	595
	Total	3.966	13.303	9.394
Terra Santa	Primário	-	-	-
	Secundário	-	-	-
	Terciário	-	-	-
	Total	-	-	-

Fonte; IBGE, Censos de Comércio, Industria e Serviços, 1970-1991

Mesmo sendo pouco expressivo os setores de comércio e serviço, nestas cidades, vêm ganhando significado na base econômica das sedes municipais, principalmente no que diz respeito à geração de renda e de empregos formais. Segundo dados do IBGE, considerando-se os anos de 1970, cerca de 15% da população economicamente ativa, encontrava-se inserida no setor terciário e 5% no setor secundário. Estes números demonstram a intensificação da migração que se deu a partir dos anos oitenta, principalmente para o município de Oriximiná. Por ter ocorrido neste município, desde a fase de implantação do projeto de extração de bauxita, o crescimento e a concentração de atividades ligadas ao setor secundário para atender às necessidades e os anseios do projeto de extração mineral.

O setor público é aqui ressaltado pelo papel que tem na formação da renda municipal, constituindo-se atualmente numa importante base da economia local. Mais recentemente, o número do pessoal ocupado nesse setor de atividade tem crescido nos estabelecimentos. Mas isso ainda é pouco representativo, em face da realidade vivida pelas populações que têm suas reproduções sociais vinculadas às atividades de extração vegetal e animal e a agropecuária. Conforme as entrevistas realizadas no trabalho de campo, o setor secundário vem sendo fortemente alimentado por pessoas vindas de outras cidades da região ou de fora dela, principalmente para trabalhar direto na mineração ou em suas empresas terceirizadas.

No que concerne ao mercado de trabalho, cumpre registrar ainda, o crescimento do mercado de trabalho formal, nos últimos dez anos, entre as cidades da região. Para o Médio Amazonas, cidades como Oriximiná se diferenciam do padrão dominante, apresentando uma proporção relativamente maior de empregados no setor formal. A explicação desta discrepância justifica-se por esta localidade abrigar uma grande empresa mineradora que precisa reter mão-de-obra qualificada.

A Tabela 10 mostra a distribuição do mercado de trabalho formal para as cidades do Médio Amazonas paraense. De fato, como podemos constatar, existe para seis sedes municipais da região (Alenquer, Curuá, Monte Alegre, Óbidos, Oriximiná e Terra Santa) uma tendência crescente do mercado de trabalho para o período em análise. No entanto, os dados apontam duas sedes com proporções relativamente menores do emprego formal – Faro e Prainha. Por outro lado, o destaque prevalece para Oriximiná, que abriga a grande mineradora. Há ainda o crescimento dos postos de trabalho que foi significativo para este município, totalizando 41.091 em 10 anos. Os índices das demais sedes comprovam a relevância desse acréscimo, quando atingem valores no intervalo de 4.000 a 9.000 por postos de trabalhos.

TABELA 10 - Médio Amazonas Paraense: Mercado Formal de Trabalho: o peso do emprego por município - 1989 a 2003

Anos	Municípios							
	Alenquer	Curuá	Faro	Monte Alegre	Óbidos	Oriximiná	Prainha	Terra Santa
1989	236	-	160	608	731	4.141	858	-
1990	270	-	147	518	708	4.290	454	-
1991	389	-	120	566	725	4.501	544	-
1992	470	-	17	704	855	3.821	93	-
1993	479	-	108	708	1082	3.662	251	-
1994	710	-	120	120	998	3.738	311	11
1995	208	-	109	665	1005	2.952	284	14
1996	204	-	134	690	968	4.065	255	23
1997	534	-	92	689	853	3.007	284	39
1998	518	10	150	803	787	3.334	423	38
1999	551	182	134	786	880	3.580	443	31
2000	637	15	136	1.458	1.710	3.935	549	42
2001	880	27	150	1.487	850	4.716	302	24
2002	1.037	258	171	1.823	1.633	6.041	470	307
2003	1.124	3	193	1.839	1.820	4.473	595	324
TOTAL	8.247	495	1.941	13.464	15.605	60.256	6.116	853

Fonte: Grupo Retis, Ministério do Trabalho/ RAIS, 1989- 2003.

Alguns municípios da região passaram a fornecer mão-de-obra especializada para atender às demandas da mineração. Destacamos que esta modernização do setor extrativo propiciou em alguns casos a reorientação da população que se ocupava do extrativismo tradicional para outras atividades que exigissem pouca qualificação, a exemplo dos serviços domésticos e de jardinagem. Com isto a mineração propiciou a vinda dos trabalhadores do campo para a cidade de Oriximiná ou para o beiradão próximos a área da Mineração Rio do Norte, na expectativa de serem contratados para a prestação de serviços no núcleo urbano da companhia ou nas atividades de expansão das minas e de reflorestamento das áreas degradadas. De modo geral, cabe destacar o surgimento de relações de trabalho assalariado e temporário, sendo que os trabalhadores temporários são, em sua maioria, residentes do espaço urbano, o que evidencia a expansão da população urbana, em detrimento de uma população rural.

É assim que, os efeitos da modernização direta ou indiretamente afetam o comportamento e a evolução das mudanças na base espacial em que ela atua, seja com a chegada incessante de pobres na cidade em busca de trabalho, ou com a existência de infra-estruturas e de ajuda do Estado, que atraem atividades do setor moderno. De fato, quanto mais a economia se moderniza, maiores são as mudanças no meio econômico e social; tratam-se de alterações na distribuição da renda e das possibilidades de crédito, do grau de abertura da

população aos consumos modernos, da importância do emprego e das migrações regionais, do tipo e do ritmo das atividades e da organização dos transportes nesta porção do espaço.

Na realidade, o que encontramos em cada caso concreto são formas diferentes de com binação entre um novo modelo de produção, distribuição e consumo, e a situação preexistente, e isso em função das condições históricas da introdução das modernizações. Em outros termos, a instalação da mineração industrial na região introduziu mudanças no padrão dos serviços urbanos, no consumo dos produtos, nos postos de trabalho e no uso do crédito, que levaram à adaptação da sociedade e de um modo mais geral à transformação de todo o subsistema local.

O crescimento populacional, a urbanização e os novos ímpetos à circulação material e imaterial, somados ao quadro geral de ampliação e diversificação do consumo e de maior disponibilidade de crédito e de demanda solvável, permitiam a formação de um mercado consumidor interno contíguo, que será aproveitado por antigas e novas empresas da região.

Com o crescimento populacional e a taxa elevada de urbanização verificamos na região novas necessidades de consumo e um maior acesso ao crédito. Em razão disso, expande-se tanto o consumo pessoal e familiar como os das empresas. Nesta perspectiva, o consumo produtivo das empresas participam da constituição de novas relações interurbanas.

A economia urbana vem, também, se reestruturando, onde novos setores começam a se fazer presentes. Convém salientar o predomínio dos setores de comércio e serviços na economia urbana local das cidades, destacando, geralmente, um crescimento do setor de serviço acima de 20%. Em relação ao número de estabelecimentos comerciais os dados revelam um padrão acima de 100 estabelecimentos para 5 municípios – Alenquer, Monte Alegre, Óbidos e Oriximiná, por outro lado, três sedes-municipais (Curuá, Faro e Terra Santa) contrapõem-se a estes índices, atingindo cada um deles valores acima de 10 estabelecimentos.

Com relação ao comércio, em 1970, havia nas sedes municipais da região a predominância de estabelecimentos comerciais do sistema comum da Amazônia: atacadistas e varejistas. Em 1980, esse setor continuou a crescer atingindo taxas de crescimento acima de 50%, e até mesmo, alcançando patamares de mais de 80%. No que se refere ao setor de serviços, os dados mostram que, em 1970, havia taxas de crescimento muito baixas com índices de 13% de crescimento. No período entre 1970 a 2001, os estabelecimentos de serviços somaram os mais altos valores de crescimento situados entre 100% a 300%. Em 2001, como retratado na Tabela 11, o setor terciário atingiu mais de 270 estabelecimentos comerciais e de serviços em 4 sedes municipais, sendo este número demonstrativo da importância do fenômeno de terceirização nas cidades.

Tabela 11. Médio Amazonas Paraense: número de estabelecimentos industriais,comerciais e de serviços, 1970-2000

Município	Setores	1970	1980	1970	1980	1991	2000	1991	2000
		nº de estabelecimentos		Pessoal Ocupado/V. Absoluto		nº de estabelecimentos		Pessoal Ocupado/V.Absoluto	
Alenquer	Indústria	19	34	324	674	9	15	913	1.187
	Comércio	244	558	316	524	156	151	1555	1.553
	Serviço	41	105	1150	1762	69	99	2343	3.098
Curuá	Indústria	-	-	-	-	0	1	-	83
	Comércio	-	-	-	-	1	0	-	139
	Serviço	-	-	-	-	5	11	-	442
Faro	Indústria	6	16	260	210	0	0	461	173
	Comércio	39	67	111	127	8	7	211	139
	Serviço	14	28	207	445	9	9	612	617
Monte Alegre	Indústria	11	13	348	652	16	19	967	1.125
	Comércio	109	300	229	478	177	199	959	1.960
	Serviço	28	51	361	1476	52	53	2148	3.917
Óbidos	Indústria	0	0	954	1351	14	21	1300	1.629
	Comércio	136	439	237	644	156	167	1058	1.740
	Serviço	37	81	504	1563	58	52	1905	3.346
Oriximiná	Indústria	27	24	469	683	29	40	2508	2.053
	Comércio	110	214	245	317	245	267	733	1.896
	Serviço	19	95	456	1205	127	166	360	5.401
Prainha	Indústria	1	16	60	573	4	7	289	941
	Comércio	27	304	33	196	11	19	204	704
	Serviço	0	0	68	809	7	13	391	1.214
Terra Santa	Indústria	-	-	-	-	-	-	-	525
	Comércio	-	-	-	-	-	-	-	435
	Serviço	-	-	-	-	-	-	-	1.178

Fonte: IBGE, Censos de Comércio, Indústria e Serviços, 1970-2000

Além do setor comercial, as atividades ligadas à prestação de serviços têm se espraiado pelas cidades, como vem acontecendo em Oriximiná, apesar deste setor ainda encontrar-se pouco aparelhado, mas expressando uma certa melhoria, ainda que de maneira incipiente, no atendimento à demanda local.

A gênese e a dinâmica do setor comercial na cidade de Oriximiná tem relação intrínseca com a modernização das atividades na região, pois, justamente, com ela, ocorreu a instalação de novos ramos no setor de comércio e de novas modalidades de serviços. Oriximiná passou à atender as necessidades dos centros urbanos situados no seu entorno, dessa forma, tornou-se um núcleo com uma certa importância, passando a influenciar a sua própria região. Paralelamente à instalação local de novos estabelecimentos comerciais, ocorreu a introdução de um comércio mais especializado diretamente relacionado às demandas (ainda delimitadas) da mineração. Não é apenas uma primeira impressão. A cidade

de Oriximiná, nos últimos 15 anos, vem sendo dotada de novas funções e/ou processos de refuncionalização. Atualmente, a função urbana da cidade resulta, então, essencialmente, da substituição dos armazéns de secos e molhados por um comércio mais diversificado, sobretudo, pelo surgimento de um grande número de lojas ligadas ao comércio de remédios, produtos agropecuários, aparelhos eletrodomésticos, filmes fotográficos, artigos importados, motocicletas, móveis e estofados, antenas parabólicas, além dos estabelecimentos lojistas voltados a redistribuição de confecções. Mas, não podíamos deixar de mencionar o aparecimento de novos tipos de serviços, sob este aspecto, englobamos as atividades administrativas de ensino superior e de saúde, as atividades bancárias, turísticas, de construção e terraplanagem (com o surgimento de cinco novas firmas de engenharia).

A criação de novas funções urbanas[32] ou até mesmo a refuncionalização[33] implica também em novos padrões de interações espaciais, padrões que são viabilizados pelas redes técnicas implantadas e que acompanham ou precedem a modernização. Os novos padrões caracterizam-se pela importância dos fluxos a longa distância e às ligações com outros centros urbanos com os quais não mantinham relações no passado.

Neste contexto, tanto a cidade de Oriximiná como as demais, vêm tendo o setor de comércio, notadamente, como o principal responsável pela criação de inúmeros fluxos, uma vez que tem a sua disposição novas redes técnicas, responsáveis pela sua crescente aceleração. Esses fluxos, por conseguinte, foram capazes de intensificar as relações entre a cidade e sua área de influência imediata, entre as cidades da própria região, e também possibilitaram maior integração com o território nacional (Tabela 12).

---

[32] A este respeito, Capel (1972, p. 218) salienta ao discutir a aplicação do conceito de função aos estudos urbanos, no qual tal termo pode definir-se como o conjunto de relações entre atividades que se influenciam entre si regularmente por meio de associações que tendem a possibilitar a operação da continuidade do sistema social, por isso, função é sinônimo de atividade.

[33] A complexificação funcional dos centros urbanos pode ser pensada através da reestruturação do espaço regional considerando os espaços urbanos já consolidados, mas que estão submetidos a intensas transformações, e os espaços urbanos ainda em reestruturação (DAVIDOVICH, 1989). Assim, a complexificação funcional dos centros e a reestruturação do espaço urbano são correlatos, o que contribui para conferir diferentes aspectos no trabalho de Davidovich (2002, p.89 e 90). Esta autora, ao mostrar diversos fenômenos de reestruturação de funções das cidades e do aparecimento de novos centros, destacou entre eles, as cidades que cristalizam à retaguarda do avanço agrícola e extrativo mineral nas regiões remotas do espaço brasileiro.

TABELA 12 – Oriximiná: Mercado de Trabalho Formal: o peso do emprego – 1994-2003

Atividades	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Agropecuária e Silvicultura	10	67	88	62	73	46	22	85	89	100
Ind. Extrativa Vegetal	1.097	998	1.019	943	945	961	936	1.025	979	1.106
Ind. De Transformação	10	17	12	18	20	28	27	26	29	25
Construção	489	167	571	199	292	34	231	769	2.033	271
Comércio e Reparações Diversas	138	131	263	247	258	257	279	247	289	301
Alojamento e Alimentação	342	10	406	330	364	475	528	743	792	717
Infra- Estrutura de Transporte	81	67	88	99	91	103	86	178	168	124
Intermediação Financeira	61	53	49	36	23	18	29	26	29	26
Atividades Imobiliárias	11	63	208	69	171	574	656	214	34	39
Administração Pública	1.287	1.257	1.265	829	827	816	1.135	1.391	1.587	1.753
Educação	32	54	0	71	0	0	0	0	3	5
Outros Serviços	99	21	60	79	256	252	296	309	325	329

Fonte: Ministério do Trabalho/ RAIS, 1994-2003.

Por sua vinculação econômica às atividades extrativas a mão-de-obra rural do município ainda tem importância, mas este quadro sofreu alterações pelo mercado de trabalho formal do município que em sua esmagadora maioria está na cidade. Mas a presença do trabalho informal também foi constatada. É também típico que nas áreas situadas no entorno da mineração, o maior empregador formal seja a administração pública. O fato interessante e que pode ser indicador de um certo dinamismo econômico é que as cidades influenciadas pelas atividades de extração mineral, apresentam empregadores diversificados, com grande peso para o comércio varejista e atacadista, os setores de transporte hotelaria e restaurante

Nesse sentido, a partir desses novos nexos presididos por essas cidades diante das transformações ocorridas a partir dos anos de 1960 no Médio Amazonas paraense, vem-se criando uma estreita relação entre estes núcleos urbanos e a sua região, por meio de fluxos de produtos extrativos e agropecuários e daqueles associados ao consumo de produtos industrializados e a prestação de serviços, principalmente, os serviços públicos ligados às áreas de saúde e educação. De modo geral, essa ligação é propiciada em razão da diversificação do setor de comércio e serviços, das transformações ocorridas na malha da articulação regional, calcada pela expansão das redes de telecomunicações e do sistema rodoviário, que pela combinação de transporte fluvial com a construção de rodovias estaduais que ligam as cidades entre si, vem lhes permitindo desenvolver serviços diversos que se estenderão além de seus meios circundantes imediatos e pelas mudanças no padrão de consumo e do uso do cartão de crédito nas cidades. As interações espaciais entre as cidades locais indicam mudanças. Núcleos urbanos como Oriximiná ao ampliarem suas funções

administrativas e comerciais cresceram passando a exercer uma liderança ainda que secundária na região, já que a liderança principal fica com Santarém.

Na nova estruturação da rede urbana, alguns municípios projetaram-se, à medida que implantaram toda uma infra-estrutura de apoio à produção e à distribuição dos setores modernos, diversificando serviços e, principalmente, aumentando a oferta de empregos. Como contrapartida, aconteceu uma grande expansão das taxas de urbanização da região, mas, por outro lado, houve um grande esvaziamento de alguns núcleos urbanos, conforme observamos os números dos Censos Demográficos de 1970 e 1991, que revelam taxas de crescimento abaixo da média brasileira.

As principais cidades dessa rede urbana, atingidas pela modernização da economia passam a ser o destino dos movimentos migratórios, uma vez que esse processo redefiniu o papel desempenhado pelas mesmas com relação às atividades econômico/sociais da região.

A intensificação desse fenômeno possibilitou a determinadas cidades, localizadas nesta região, um crescimento diferenciado, que fez com que as mesmas redefinissem suas atividades econômico-sociais. Essas novas relações modificaram sua forma e seu conteúdo, criando uma nova organização social e espacial nos mesmos.

A urbanização relativamente recente da região vem mostrar o grau de complexidade dos processos que atuam sobre a evolução dos subespaços regionais. Em face das mudanças na esfera produtiva e nas relações de produção, verificam-se transformações na estrutura urbana regional que se referem ao aparecimento de outros modelos de gênese de cidades e novas funções urbanas, à dependência da rede urbana a um maior número de produtos, e alterações no tipo de sítio, paisagem urbana e no padrão espacial da rede de cidades, constituindo mudanças que significam, simultaneamente, a valorização de um outro sítio e a ruptura do tradicional padrão espacial dendrítico da rede urbana tradicional (CORRÊA, 1991).

Em face do exposto, um novo cenário urbano vem se descortinando na região do Médio Amazonas paraense, ainda que tenha sido especificado por partes. É notável que surjam outros elementos na sua composição, uma vez que atividades modernas e em larga escala como a mineração, realizada por grandes empresas multinacionais ou nacionais, com a participação ou não do Estado, estão sendo capazes de provocar diversas repercussões na estrutura urbana local e regional. Repercussões que se traduzem tanto nas antigas formas urbanas preexistentes quanto pelas novas formas que surgem - as *company towns* -,nos levaram a retratar as configurações destas mudanças no espaço urbano pretérito, como também, tratamos as implicações que o surgimento dessas novas formas de ocupação urbana

vêm introduzindo, alterando ou não, o padrão de relações com as cidades ribeirinhas já existentes.

3.2 - A Antiga Funcionalidade Rural e Urbana de Oriximiná: o Comércio, a Indústria e os Serviços

O processo histórico de constituição da estrutura econômica e política da região sempre teve as bases de sustentação de sua economia assentada na produção de origem vegetal e animal, com destaque para a extração do cacau e a criação de gado bovino. Pós-período colonial a movimentação da região foi animada outrora por uma intensa fase de especulações, baseada na coleta da borracha, cuja decadência pesa ainda hoje sobre a economia regional. Progressivamente, a atividade econômica do Médio Amazonas paraense ressurgiu em outras bases, menos espetaculares e mais variadas, principalmente após o declínio da exploração do látex, nesse meio termo, a região reapareceu com as seguintes atividades: plantações de juta, castanheiros, frutas tropicais, coleta de guaraná, explotação das essências preciosas da floresta, castanhas silvestres e borracha (ROCHEFORT, 1959).

Na fase contemporânea da história, percebemos como as atividades ligadas ao extrativismo vegetal e animal continuaram a assumir um papel importante na estrutura econômica e social da região. Desse modo, é significativo destacar que municípios como Alenquer, Faro, Monte Alegre, Óbidos e Oriximiná tiveram a sua economia firmada principalmente na produção de fibra de juta amazônica, na criação de gado bovino, na produção de cacau em grãos, do fumo em molho, do arroz beneficiado seguindo-se da indústria extrativa da castanha-do-pará, da madeira bruta beneficiada e aparelhada, da extração da balata, da produção de essência de pau-rosa. Também há a produção extrativa mineral que consiste na extração de argila e conchas de madrepérola. E, em último lugar ressalta-se a relevância da produção e do comércio de peles de animais silvestres (IBGE, 1959). Assim, no nível dos municípios aqui tratados, no geral, predominava no padrão das atividades econômicas de cada um deles a própria estrutura econômica amazônica, sustentada na indústria extrativa, na agricultura rotineira e de subsistência, que até hoje perdura; e na produção extrativa de origem vegetal e animal.

Neste contexto, o Médio Amazonas paraense passou a fornecer mais de um produto para os mercados dos grandes centros da região (Belém, Manaus e Santarém), tendo como

carro chefe a fibra de juta amazônica e a castanha-do-pará, que estabeleceram a região uma especialização centrada na produção e comercialização de produtos extrativos mais diversificados.

A organização das atividades urbanas em Oriximiná[34], no período anterior a implantação dos projetos de modernização na Amazônia oriental, se fazia calcada no mercado produtor e consumidor rural que se constituía na maior parcela da população total. Sendo assim, naquela época, o setor terciário tinha como função principal estabelecer o elo da cidade com sua área de influência imediata, o próprio município, através do consumo de bens e serviços colocados à disposição das populações que acorrem a cidade em busca da satisfação de suas necessidades, além de satisfazer, também, as necessidades do setor produtivo local, em grande medida, relacionado à produção extrativa e a pecuária.

O comércio atacadista desenvolvido em Oriximiná representou uma importante função destinada, sobretudo ao pequeno comércio de produtos alimentícios e bebidas. Iniciou-se o desenvolvimento desta atividade com a necessidade de abastecer pequenos estabelecimentos comerciais varejistas localizados na área comercial da cidade, no seu subúrbio e na zona rural, principalmente nas comunidades ribeirinhas, afastadas do núcleo urbano. Estes pequenos estabelecimentos eram responsáveis pelo fornecimento de produtos básicos à população rural que não podia recorrer ao centro urbano constantemente para satisfazer suas demandas.

No trabalho de campo confirmamos que o abastecimento destes pequenos varejistas era efetuado por armazéns de secos e molhados localizados em Oriximiná, que além de venderem a varejo, trabalhavam com atacado.

Verificamos no campo que os produtos comercializados pelos atacadistas não se resumiam apenas aos gêneros alimentícios, embora estes fossem os principais. Estavam inclusos no rol dos produtos querosene, facão, rede para pesca, arames farpados e lisos e instrumentos agrícolas, destinados estes últimos, sobretudo, à população rural.

Entrevistando os estabelecimentos comerciais mais antigos da cidade observamos que os atacadistas de Oriximiná, por sua vez, eram abastecidos por grandes atacadistas localizados em Belém e Santarém que desde o início da fundação do núcleo urbano supriam as necessidades dos comerciantes ali instalados. Tendo sido Santarém um centro de destaque na

---

[34] Segundo Rochefort (op.cit., p.24) no período compreendido entre 1950 e 1975, a organização urbana da região caracterizava-se por núcleos urbanos que desempenham papel de centros elementares, cujas zonas de influência não excedem os limites de seus respectivos municípios, em outras palavras, são centros reabastecedores de áreas que lhe ficam próximas, mas cujas funções e importância variam de acordo com as atividades de produção de cada município e com o desenvolvimento da região a que servem. Na realidade, tratam-se de aglomerados urbanos em que os habitantes das cidades se dedicam normalmente às atividades administrativas, ao pequeno comércio, às atividades portuárias ou às pequenas indústrias.

cadeia de comercialização do cacau, da castanha-do-pará, da mandioca, da madeira e do pescado naquela época mesmo tal cidade já firmava seu papel de centro comercial. Das cidades da região era a que controlava e recebia os produtos vindos da produção extrativa, seus comerciantes atacadistas que controlavam a venda das mercadorias eram os mesmos que exerciam a função de agentes coletores dos produtos extrativos regionais, assim este núcleo urbano desempenhava uma função de destaque e mantinha seu papel de centro comercial regional. E por este motivo os atacadistas de Santarém, já contavam com uma estrutura em termos de vendedores e de transporte capaz de abastecer as cidades situadas a oeste do estado do Pará.

Confirmamos no campo que além dos atacadistas localizados em Santarém, os comerciantes do núcleo urbano de Oriximiná também se abasteciam junto às indústrias situadas em outros localidades, como por exemplo, aquelas situadas em Belém que fabricavam biscoito, os moinhos de trigo, as indústrias de cerveja; também junto à indústria de fabricantes de óleos vegetais, de móveis e estofados, implementos agrícolas, arame farpados e lisos, ferragens, ferramentas, material de construção e comércio de cereais em São Paulo e, ainda, junto à indústria de roupas e calçados, bebidas e alimentos situadas em Manaus. Para este sistema de compras diretas às indústrias, o transporte era preferencialmente realizado pelo próprio atacadista ou os produtos eram despachados através de balsas e embarcações vindas de Belém.

De acordo com as informações coletadas percebemos que o desenvolvimento do comércio atacadista de gêneros alimentícios em Oriximiná se deu para abastecer a população de sua hinterlândia mais próxima, sobretudo os pequenos estabelecimentos varejistas localizados na área rural do município. Naquele momento, a atividade atacadista contava ainda com uma outra vantagem representada pela proximidade das áreas de coleta dos produtos extrativos, por isso um outro setor do comércio atacadista era aquele representado pelos agentes coletores – expedidores da produção extrativa vegetal e animal. Estes agentes desenvolviam importante função no que se refere à comercialização da produção. Os mais importantes agentes eram aqueles vinculados ao comércio de castanha-do-pará. Neste caso, os agentes adquiriam a castanha e depois a comercializavam com os beneficiadores de Belém. Neste mecanismo o agente funcionava como intermediário detendo uma grande margem de lucros em detrimento do lucro dos coletores.

Ratificamos pelas entrevistas que o comércio varejista da cidade representava uma das funções importantes desempenhada pelo núcleo urbano. Tinha como seu principal

representante os armazéns de secos e molhados, estabelecimentos que comercializavam além dos gêneros alimentícios, produtos destinados à produção rural.

O comércio varejista de um núcleo urbano fundado para a estocagem de produtos extrativos e agrícolas iniciava-se, via de regra, com a instalação de um armazém de secos e molhados, importante para suprir as necessidades básicas dos coletores dos produtos da floresta e dos agricultores.

Embora tais estabelecimentos fossem denominados de armazéns de secos e molhados, a variedade de artigos vendidos não se restringia apenas àqueles referenciados na denominação. Nas entrevistas comprovamos que além dos gêneros alimentícios, comercializavam-se produtos que estavam vinculados diretamente às atividades rurais como instrumentos agrícolas, arames, inseticidas, sementes, cordas, ferragens e até mesmo produtos de utilidade doméstica como louças, alumínio, lamparinas, querosene, etc. Até que outros estabelecimentos especializados não se implantassem, comercializavam tecidos, calçados e roupas. Eram os armazéns os responsáveis pelo fornecimento dos bens para a satisfação imediata da população local.

Os armazéns de secos e molhados destinavam-se basicamente a suprimirem as necessidades básicas da população da cidade em termos de bens indispensáveis à sobrevivência. Consultando os comércios mais antigos identificamos que o mais importante mercado consumidor era representado pela população das comunidades ribeirinhas localizadas nas ilhas e nas comunidades do interior do município, isto é, a população rural que em 1950 abrangia 80% da população total do município.

A dinâmica das vendas dos armazéns de secos e molhados nos finais de semana era totalmente diferente daquele que ocorria durante a semana. Tendo o município uma elevada população rural, que correspondia ao principal mercado consumidor, esta durante a semana estava vinculada às suas atividades rurais, o que lhes dificultava a ida ao núcleo urbano para a realização de suas compras. Isto só ocorria nos finais de semana destacando-se os sábados, quando então grande parte da população rural afluía ao centro urbano. Neste contexto, a cidade fervilhava, ou seja, era neste momento que o grande mercado consumidor se realizava, ao contrário do que acontecia no transcorrer da semana quando o movimento era constante pela já fixada população urbana. Tal qual ocorria nas demais cidades da região, o comércio varejista no transcorrer da semana apresentava um pequeno movimento, uma vez que a população era constituída de 2.415 habitantes em 1950. Era aos sábados que o principal mercado consumidor afluía ao núcleo urbano para satisfazer suas necessidades, vinham até a cidade para vender seus produtos na feira do mercado municipal e depois se abasteciam de

mercadorias nas lojas do centro comercial, para retornar às suas localidades com os produtos que iriam suprimir suas necessidades básicas.

Para compras efetuadas pela população predominavam, de uma maneira geral, os pagamentos à vista, embora em menor escala ocorressem os pagamentos a prazo. Segundo os comerciantes entrevistados além destas duas formas de pagamento, se detectou outra, aquela vinculada ao período de coleta dos produtos extrativos, ou seja, quando da comercialização da produção, o produtor liquidava seus débitos junto aos armazéns.

Com relação a reposição dos estoques por parte destes estabelecimentos comerciais, confirmamos no campo que estes possuíam algumas fontes para tal fim. A mais importante delas, pela quantidade de gêneros adquiridos, estava centrada nos atacadistas situados em Santarém, Belém e Manaus. Estes atacadistas possuíam vendedores, os viajantes, que percorriam as cidades da região efetuando os pedidos com uma certa periodicidade. As entregas eram realizadas, exclusivamente, por via fluvial, já que naquela época ainda não havia ocorrido a implantação das rodovias e nem dos aeroportos. Mesmo que estes fossem os mecanismos predominantes para a comercialização com os atacadistas, ocorriam esquemas diferentes como a ida direta dos varejistas aos atacadistas, sendo os primeiros os responsáveis pelo transporte com embarcações próprias ou fretadas.

Outras atividades que complementavam o comércio varejista estavam representadas por posto de gasolina, os bazares, estabelecimentos que comercializavam artigos de armarinhos, confecções, brinquedos, perfumarias; lojas de ferragens, com material para construção e representantes de produtos metalúrgicos. Em 1956, a cidade tinha 82 estabelecimentos comerciais do sistema comum da Amazônia: atacadista e varejista; em 1970, o núcleo urbano de Oriximiná passou a contar com 73 estabelecimentos varejistas. Em 1980 contava com 162 estabelecimentos que comercializavam produtos alimentícios, bebidas e estimulantes, 4 de produtos químicos e farmacêuticos, 29 de tecidos e artefatos de tecidos, artigos de vestuário e de armarinho, 5 estabelecimentos voltados para a venda de ferragens, produtos metalúrgicos, artigos sanitários e material de construção, 2 para máquinas, aparelhos e material elétrico e não elétrico, 1 de veículos novos e usados e acessórios, 4 de combustíveis e lubrificantes, 1 de mercadorias em geral com produtos alimentícios e 1 de artigos diversos, totalizando 209 estabelecimentos comerciais varejistas.[35]

Na cidade, por sua vez, havia apenas um posto de gasolina, sendo invariavelmente acompanhado de revenda de peças e acessórios e de oficinas mecânicas. De um modo geral, o

[35] Dados extraídos do Censo de Comércio e Serviços do IBGE, 1970 e 1980.

comércio varejista presente em Oriximiná destinava-se a fornecer à população local apenas os bens que satisfaziam suas necessidades básicas. Tendo em vista o restrito número de pequenos proprietários rurais e pecuaristas, isto implicava para o núcleo urbano uma restrita produção agrícola para ser comercializada por ele. Mais do que isto, tais proprietários representavam também um pequeno mercado consumidor o qual, embora com nível de renda elevado, pouco investia no núcleo urbano; neste contexto, o comércio varejista instalado era expressão do seu mercado consumidor.

A função industrial desempenhada pelo núcleo urbano de Oriximiná entre 1950 e 1970 era bastante inexpressiva sendo representada basicamente por 8 estabelecimentos industriais nos anos de 1956, sendo 2 serrarias, 1 olaria, 2 estaleiros para construção de pequenas embarcações, 1 usina para prensagem de juta, 1 fábrica de calçados e 1 matadouro para abate de reses, além dos pequenos estabelecimentos que se dedicavam ao fabrico de mandioca. Neste período, destacam-se as serrarias e os estaleiros. As serrarias enquanto unidades responsáveis pelo beneficiamento da madeira advinda dos desmatamentos, forneciam a madeira necessária para a construção das edificações e para os estaleiros construírem as embarcações do município (IBGE, 1955).

Entretanto, a partir de 1970 inicia-se um incremento do setor industrial no município com a criação de novos estabelecimentos e a ampliação de alguns já existentes, isto é, dos estabelecimentos industriais instalados em 1956. A cidade e o município passaram a contar em 1970, com 11 estabelecimentos industriais, neste ano as atividades industriais voltadas à produção de produtos de minerais não-metálicos já somavam 2 estabelecimentos, as mecânicas também contavam com 2, as atividades ligadas ao material de transporte totalizavam 9 estabelecimentos; já a indústria madeireira, a indústria de mobiliário e a têxtil tinham somente 1 estabelecimento cada.

Segundo dados do IBGE, Oriximiná, entre 1950 e 1970, era um núcleo urbano que exercia principalmente funções comerciais e de prestação de serviços. Os serviços prestados pela cidade eram bastante inexpressivos sendo representados basicamente por alojamento e alimentação, de comércio, de saúde, educação e comunicação.

Um serviço de fundamental importância para a cidade era o transporte fluvial. Este era um dos elos de ligação que dava uma certa dinamicidade ao núcleo urbano. Através do transporte os fluxos de pessoas, mercadorias, informações, investimentos e lucros se faziam presentes na cidade. O transporte fluvial ligava Oriximiná às sedes municipais limítrofes – Óbidos (50 Km), Faro (110 Km) e a capital estadual (939 Km). Foi através do transporte fluvial que a ocupação do município se efetivou, garantindo o acesso da população rural e de

sua produção ao centro urbano. Outro meio de transporte que ligava Oriximiná às demais cidades da região era uma linha aérea, semanal, da *Painar* do Brasil que servia ao município. Apesar disso no núcleo urbano não se faziam presentes empresas voltadas ao serviço de transporte rodoviário, limitando as ligações por terra entre a população rural e urbana (IBGE, op. cit., p. 442).

Desde 1955, Oriximiná já possuía uma agência do Banco de Crédito da Amazônia S.A. Apesar da cidade possuir apenas uma agência bancária esta atividade, especificamente urbana, criava condições de apoio à produção agrária e urbana através de financiamentos, empréstimos e operações diversas, próprias do setor bancário, ao mesmo tempo em que possibilitava que o capital gerado nas atividades agropecuárias e extrativas fosse transferido a outros setores da economia e vice-versa, além de ser o sistema através do qual se drenava parte do lucro gerado nas atividades locais (Ibid., p. 442).

Na mesma época os serviços educacionais já haviam sidos instalados. E em 1956 a cidade já contava com o funcionamento de 32 estabelecimentos de ensino primário fundamental comum, com a matrícula geral de 1.478 alunos. Em relação aos serviços de saúde existia apenas um posto de higiene do serviço especial de saúde pública na cidade, c mantendo os serviços de assistência médica, higiene maternal e infantil, servidos por um médico e uma visitadora. Na época também já haviam sido instalados serviços diretamente vinculados à função administrativa, alguns desde a criação oficial do município e outros que surgiram posteriormente como a Prefeitura, a Delegacia de Polícia, Posto Fiscal Estadual, Agência Postal, dentre outros. Vinculada ainda à função administrativa, em 1956, Oriximiná contava com 16 logradouros públicos e era servida de luz elétrica. A iluminação pública se estendia a 11 logradouros e a domiciliária contava com 275 ligações (Ibid., p.45).

Em 1970 os serviços prestados por Oriximiná eram representados basicamente por 11 estabelecimentos de alojamento e alimentação, 2 de reparação, manutenção e conservação, 1 para serviços comerciais e 5 para serviços pessoais e de higiene pessoal. Apesar da quantidade de estabelecimentos citados a prestação de alguns serviços, desde essa época, foi ampliada e melhorada como decorrência da própria necessidade da população local em satisfazer várias demandas (Ibid., p 45.).

3.3 - A MRN em Oriximiná: a Dinamização de seu Espaços Econômico, Rural e Urbano

A partir do desencadeamento do processo de modernização da região ocorrido com a inserção dos grandes projetos mínero-metalúrgicos verificou-se que a cidade se constituiu num espaço de atração de migrantes. No entanto, a grande parte do contingente populacional que chegou ao município foi absorvido apenas na fase inicial do projeto, como mão-de-obra utilizada nas obras de construção civil do empreendimento. Portanto, a partir do encerramento das obras de infra-estrutura grande parte do contingente populacional migrante não chegou a ser absorvida e passou a se localizar na periferia do empreendimento ou das cidades próximas.

O setor comercial manteve os índices de sua participação relativamente modestos nesta fase inicial de instalação da MRN no município, apesar de ter ocorrido uma mudança qualitativa com a ampliação e diversificação das vendas. Uma outra mudança constatada foi a ampliação do número de bares, restaurantes e alojamento na cidade. Fenômeno típico que ocorre nas áreas da frente de expansão mineral da Amazônia.

Já o setor industrial apresentou um crescimento pouco expressivo com uma estrutura tipicamente local, havendo um incremento apenas nas indústrias de extração mineral e transformação de produtos minerais.

A coleta de castanha-do-pará, que sempre foi uma atividade significativa para Oriximiná, vem perdendo progressivamente sua importância. Esta atividade ficou bastante prejudicada com a instalação da empresa de extração mineral, cuja presença viabilizou a criação e afirmação de convênios entre a MRN e o IBAMA, para o gerenciamento de 2 unidades de conservação: a Floresta Nacional de Saracá-Taquera (FLONA Saracá-Taquera) e a Reserva Biológica do Trombetas (REBIO do Trombetas). A partir do convênio entre o IBAMA e a MRN a empresa mineradora na prática controla as unidades de conservação, quer dizer, a MRN autoriza ou deixa de autorizar quem entra nas áreas, fiscaliza a região e centraliza toda e qualquer ação nas aludidas unidades de conservação. Com isto, a conduta dos coletores de castanha-do-pará foi alterada, diante da delimitação do território da empresa, que envolve também as referidas unidades de conservação, passando a impedir o acesso dos coletores a estas terras.

A presença da empresa passou a significar uma nova fase de prosperidade para Oriximiná. Os dados da Tabela 13 representam de forma bastante genérica algumas variáveis indicativas de uma certa mudança no crescimento econômico da cidade.

TABELA 13 - Oriximiná: Indicadores Gerais de Crescimento Econômico do Município

Indicadores	1970	1980
Número de Domicílios	3.009	5.083
Ligações Elétricas	276	1.692
Ligações de Água	427	-
Rede Geral de Esgoto	1.960	
Telefones	-	255
Aparelho de Televisão	-	671
Geladeira	163	1.148
Automóvel	-	191
População Total	18.994	29.594
População Urbana	6.671	12.029

Fonte: IBGE, Censos Econômicos 1970-1980.

A instalação da MRN em Trombetas introduziu uma nova dinâmica de circulação de pessoas, mercadorias e idéias, além de introduzir um novo cenário, como o porto especializado no carregamento de minérios, a *company town* e a infra-estrutura industrial. Estas formas passaram a ser o símbolo da empresa no local, distinguindo-se das antigas construções e revelando um novo arranjo socioespacial.

A MRN, com a criação de novos postos de trabalho, gerou no município uma nova fonte de circulação em dinheiro estimulando a criação de novas agências bancárias. Dessa maneira, a massa de salário dos empregados da MRN, mais o montante movimentado pelas empresas contratadas e empreiteiras, possuíam um incremento significativo na economia do município.

3.4 - Crescimento Urbano E Uso Do Solo

A ação de grandes empresas mineradoras na Amazônia, implica, via de regra, em notáveis impactos sobre o espaço urbano da região, uma vez que, tal espaço é visto como local de alocação e direcionamento da mão-de-obra indispensável à viabilidade dos "grandes projetos", assim como, um *locus* de extensão do controle das empresas para o direcionamento das articulações políticas entre elas e as elites locais no intuito de garantir a permanência e o desenvolvimento de suas atividades no município minerador. Especialmente quando se trata de empreendimentos de grande porte, localizados em plena selva, como é o caso do Projeto Trombetas. Neste sentido, verificam-se transformações na organização socioespacial do

município e de sua sede, cuja materialização mais tangível é a expansão e as modificações do seu espaço urbano.

O processo de expansão do espaço urbano de Oriximiná estava vinculado, na década de 1970, à expectativa de crescimento em função basicamente do extrativismo, da agricultura de subsistência e da pecuária extensiva. Acreditava-se que a pecuária, uma das atividades mais importantes do município, em termos de geração de renda, e a mais praticada juntamente com o extrativismo, estava em franco processo de desenvolvimento. Mas esta seria a atividade que traria maior dinamismo à economia local, já que Oriximiná apresentava alguns sinais de fortalecimento desta função, indicando claramente a existência de uma dependência da economia da cidade em relação a produção das atividades ligadas à pecuária e ao extrativismo.

O espaço urbano de Oriximiná refletiu ao longo do tempo as fases de estagnação e crescimento econômico das atividades realizadas em seu entorno. Tendo surgido em meio aos terrenos escalonados, formados pelo movimento das águas do rio Trombetas, em plena área de floresta densa equatorial, a cidade serviu desde a sua fundação como ponto de apoio a comercialização dos produtos coletados na floresta, conforme já vimos anteriormente.

A primeira impressão, Oriximiná assemelha-se às demais aglomerações urbanas ribeirinhas da região, uma cidade Amazônica, localizada às margens de um grande rio, com suas edificações mais antigas dispostas de costas para o Trombetas. No centro, próximo à rua principal, na primeira quadra, avista-se uma praça e a igreja matriz da cidade, com ruas que convergem em direção a via fluvial, um arruamento caótico com casas novas e velhas, mas com fachadas desbotadas e precocemente envelhecidas. Quase sempre localizadas em terrenos altos, as cidades amazônicas ribeirinhas têm um padrão urbano característico com ruas e caminhos que terminam invariavelmente no cais do porto. A rua da frente ou a primeira rua tem as melhores casas e as ruas de trás os casebres cobertos de palha. Apesar das semelhanças, Oriximiná difere das outras cidades porque tem especificidades que não estão na paisagem aparente, mas na dimensão concreta da cidade enquanto resultado da produção da sociedade.

Na época em que o crescimento de vida de Oriximiná era lento e pouco dinâmico, acompanhando a sazonalidade da coleta dos produtos extrativistas e o movimento de entrada e saída de embarcações no porto, a "cidade" se limitava a uma quadra e duas ou três ruas paralelas ao rio. Não é o que acontece hoje. Em todos os pontos da cidade, alternadamente, podem-se perceber mudanças sensíveis. Suas funções fluviais/portuárias permaneceram importantes, mas com a instalação, o desenvolvimento e ampliação da atividade de extração

mineral, em Porto Trombetas, a cidade de Oriximiná, atualmente, é um centro de comércio e serviços de importância crescente na região..

Novos conteúdos surgem, a começar pelo centro da cidade, uma das áreas que vêm passando por transformações mais profundas na sua estrutura socioespacial. Ao longo da história, este segmento do espaço urbano fortaleceu-se enquanto área mais valorizada da cidade, concentrando estabelecimentos comerciais, instituições governamentais e as melhores residências, que refletiam a ocupação por um conteúdo social de renda média e mais elevada. Hoje, no centro comercial não se avista mais a exclusividade dos estabelecimentos comerciais de secos e molhados, percebe-se atualmente a existência de comércios atacadistas e de lojas especializadas, com novos padrões de venda e de atendimento a seus clientes.

A primeira concentração na área central da cidade abriga os estabelecimentos comerciais mais antigos e os armazéns de secos e molhados, que se posicionaram nas ruas próximas ao cais principal do núcleo urbano, para facilitar as vendas e o acesso às mercadorias. Em algumas situações são estabelecimentos que vendem a varejo e a atacado, e que neste caso abastecem os bazares e mercearias localizadas nos bairros mais afastados da área central. Isto acontece com os estabelecimentos que fornecem estivas.

Até meados de 1980, verificou-se que o centro da cidade possuía, um padrão de uso misto, com um entorno tipicamente residencial. Devemos ressaltar que, neste padrão misto, o uso residencial predominava sobre os demais usos. Hoje presenciamos uma mistura do uso comercial e de serviços. Vários imóveis residenciais transformaram-se em pequenos bares, restaurantes, lojas, consultórios médicos e odontológicos, hotéis de pequeno porte. A infra-estrutura dessa área é antiga e com o adensamento populacional expressivo, conseqüentemente, tem sido um dos principais fatores da própria mudança de uso.

O processo de valorização do solo na área central está sendo difundido para o seu entorno imediato, induzindo à criação de novos usos não-residenciais numa fração espacial até então caracterizada predominantemente pelo uso residencial. Várias distribuidoras especializadas e depósitos passam a integrar esta paisagem.

Já os estabelecimentos comerciais ligados a distribuidores especializados, tais como as firmas que trabalham com reparação e vendas de autopeças, revendedoras de motocicletas, bicicletas, pneus, óleos lubrificantes, óticas, material de construção, material fotográfico, eletrodomésticos, antenas parabólicas que não tinham mais espaço físico para se localizarem na área comercial de Oriximiná estão seguindo o crescimento da cidade e se estabelecendo nas ruas e travessas paralelas a Avenida 24 de Dezembro (Foto 15) e no entorno da avenida Carlos Maria Teixeira.

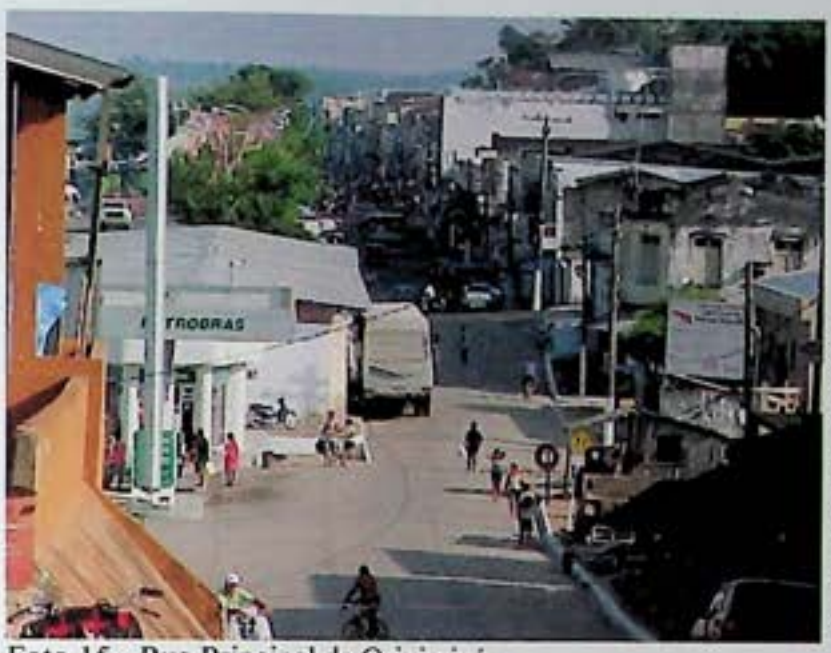


Foto: Luis Jardim, 2005

Foto 15 - Rua Principal de Oriximiná

Verifica-se, portanto, um padrão de localização pautado na relação tipo de atividade/ acesso ao solo urbano/agilidade no transporte das mercadorias. Neste sentido, o centro de Oriximiná, mais valorizado, concentra as atividades do comércio tradicional, sobretudo os estabelecimentos atacadistas, enquanto que as atividades mais recentes do comércio mais especializado localizam-se em locais distanciados do centro, onde o preço do solo urbano é menor. Trata-se, na realidade, de um padrão locacional próprio de pequenas cidades amazônicas ribeirinhas em expansão, onde o comércio tradicional se estabeleceu nas primeiras ruas e quadras junto ao rio e o novo comércio surge no seu entorno procurando novas áreas para se estabelecer.

Na margem do rio estão a Avenida 24 de Dezembro e o cais da cidade (Figura 03). Percorrendo a avenida paralela ao rio, encontramos as casas comerciais mais tradicionais voltadas para o comércio em geral ou a venda de estivas. Os caminhos que se abrem para os transeuntes entrecruzam-se com a área portuária. O porto, mais especificamente a orla fluvial da cidade acha-se organizado da seguinte maneira: o porto da feira, o porto de desembarque de passageiros e de grandes quantidades de mercadorias (Foto 16), o porto onde as embarcações das comunidades locais ficam atracadas (Foto 17) e o porto anexo ao estaleiro São José (Foto 18).

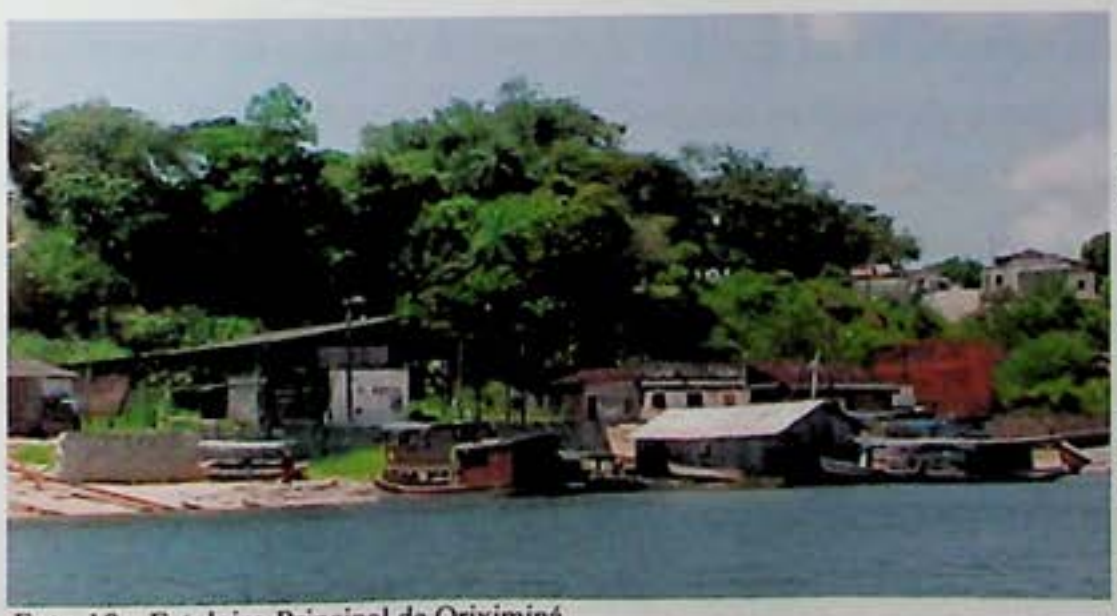
Figura 3: Uso do Solo Urbano da Área Central de Oriximiná-PA

Fonte: Trabalho de Campo, 2004.

Foto 16 - Zona Portuária – Atracadouro dos barcos das Comunidades Ribeirinhas

Fonte: Trabalho de Campo, 2004

Foto 17 - Área Portuária – Porto Principal



Fonte: Trabalho de Campo, 2004

Foto 18 - Estaleiro Principal de Oriximiná

No bairro do Centro, Fátima e Santa Terezinha e nas ruas Barão do Rio Branco, Sete de Setembro e Quinze de Novembro, observa-se um processo de concentração de prédios públicos ligados à administração municipal que pode ser explicado em parte, pela proximidade com a área central da cidade, por onde se processam praticamente todas as atividades complementares ligadas a esses serviços.

Uma das principais avenidas da cidade é a Carlos Maria Teixeira, perpendicular ao rio, iniciando seu trajeto em frente ao Mercado Municipal e ao porto da feira, a partir da mesma pode-se dividir a cidade em duas partes. Esta avenida atravessa a cidade inteira. Hoje ela é o principal eixo de ligação viária, pois dá continuidade à estrada de rodagem ainda de chão, que conecta Oriximiná a Óbidos (PA-254) e liga Oriximiná a estrada do BEC. As estradas de rodagem são precárias, intransitáveis durante a estação chuvosa da região, somente trafegáveis no período de estiagem. Mesmo nessa época, tais estradas não chegam a alterar, significativamente, o fluxo do transporte fluvial ou a interferir nos movimentos portuários da cidade. O rio continua a ter um papel fundamental na vida urbana e nas trocas com os povoados e cidades fluviais vizinhas. A avenida e o rio se constituem nos principais eixos de estruturação do espaço urbano. Na avenida estão instalados os estabelecimentos comerciais mais novos, os consultórios de profissionais liberais e algumas instituições públicas de Oriximiná (Banco do Estado do Pará - Banpará, Agência da Companhia de saneamento Básico do Estado do Pará - COSANP, Receita Federal, Campus Avançado da Universidade Federal Fluminense - UFF, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Fórum, Secretaria Municipal de Infra-Estrutura, Ação Social e algumas escolas).

É difícil perceber uma clara distinção no uso do solo urbano se nos afastamos dos dois eixos principais. Oriximiná tem atualmente duas áreas onde o uso comercial é predominante. A mais recente é a própria Avenida Carlos Maria Teixeira, mas até o início dos anos 1990 o principal eixo comercial era a Rua 24 de Dezembro, situada na parte mais antiga da cidade.

Recentemente tem-se feito à agregação de novas parcelas do espaço urbano em direção oposta ao rio, onde está situada a parte nova da cidade em que se localizam os cinco novos bairros. A expansão urbana de Oriximiná não difere da maioria dos casos das cidades brasileiras, quando se constata que nenhum plano preconcebido vem orientando tal expansão que se faz ao sabor das circunstâncias. Contrastando a cidade velha com a cidade nova, os bairros surgidos são caracterizados por uma diferenciação na forma, mas uma regularidade no tamanho dos quarteirões, e pelo uso predominantemente residencial do solo urbano, não querendo dizer que, alguns pontos dessas áreas sejam intercalados pela presença de pequenos estabelecimentos comerciais, como tabernas, mercearias e mercadinhos. O conjunto desta

zona residencial é constituído pelos bairros de Novo Horizonte, Penta, São Pedro, Universitário e Santíssimo. Ao longo dos logradouros percorridos pelas linhas retas das ruas espaçosas e asfaltadas, espinhas dorsais que cortam e ligam esses bairros, como é o caso das ruas João Estumano, Carlos Calderário e das travessas Santa Luzia e Antônio Bentes, além da Rua Gabriel Guerreiro. Ao longo dessas ruas e dos quarteirões desses bairros vão predominar casas de alvenaria ou casas de madeira em piso de alvenaria cobertas com telha de amianto. Mesmo aquelas casas que estão sendo construídas recentemente, os terrenos são delimitados por estacas e, em alguns casos, as casas tem o quintal cercado, onde é cultivado um canteiro (pequena horta), havendo árvores frutíferas e a criação de pequenos animais.

Nos últimos anos a cidade tem crescido. O sentido do crescimento urbano segue a margem do rio Trombetas rumo ao interior, explicando talvez a expansão de bairros mais recentes na direção continental, oposta ao rio. Como reflexo da recente migração populacional, a cidade se expandiu em sete novos bairros, cinco localizam-se no sentido noroeste e o restante na porção sudeste sendo eles respectivamente: Novo Horizonte, Penta, São Pedro, Universidade, Pastoral, Cidade Nova e São José do Operário.

Nas primeiras quadras de Oriximiná, localizam-se e concentram-se os bairros mais antigos da cidade. Na parte sul encontra-se a maior extensão do núcleo urbano, dividida por uma extensa área ao centro, tendo no extremo norte a parte administrativa: prefeitura, banco, hospital, onde se encontra a principal praça da cidade, a igreja matriz, a câmara municipal, a Prefeitura Municipal, a repetidora do sinal de televisão. Na área central, localiza-se o comércio, os serviços e o mercado e a sudeste, a usina de luz, a indústria de madeira e as escolas.

Através da Figura 04, podemos verificar que uma parte do crescimento da cidade segue em direção oposta ao rio, e outra continua prosseguindo às margens do Trombetas. A expansão urbana da cidade não foi seguida por um maior deslocamento dos equipamentos urbanos, por mais que o número de prédios que prestam serviço público tenha aumentado eles continuam a se concentrar na área central ou nos bairros situados em seu entorno. Os prédios públicos tendem provavelmente a se concentrar nestas áreas por serem dotadas dos principais serviços urbanos – bancos, restaurantes, correios e outros. Nos últimos anos os bairros novos vêm sendo servidos de equipamentos urbanos com a implantação de escolas, bibliotecas municipais, centros culturais, conjuntos habitacionais, áreas de lazer e outros, apesar da concentração destes serviços predominarem nas áreas centrais da cidade.

A moradia em Oriximiná pode dar uma visão exata do modo de vida das pessoas. A diferenciação está no tipo e não no local de moradia. Não há, a primeira vista, diferença

abissal nos tipos das casas, exceto as edificações onde funcionam os serviços públicos e o comércio. Entretanto, um olhar atento poderá detectar diferenças que podem ser agrupadas da seguinte maneira: casas de alvenaria, localizadas principalmente na zona comercial e na parte central, casas de madeira em piso de alvenaria, casas simples de madeira, cobertas invariavelmente de telha de amianto, com poucos cômodos, pequenas casas de madeira ou barracos com apenas um cômodo, em alguns casos apenas coberto, localizado especialmente nas áreas de expansão no noroeste e sudeste da cidade.

Figura 04: Evolução dos Bairros de Oriximiná

Ainda falando da área de expansão da cidade, a primeira assimetria que salta aos olhos é a ausência de equipamentos urbanos. Nesta porção do espaço avistam-se apenas a presença de estabelecimentos de ensino público municipal e de campos de futebol, além do primeiro conjunto habitacional de casas populares construído na cidade. Enquanto que nos bairros mais antigos, especificamente na área central da cidade, encontram-se os principais prédios públicos e boa parte do centro comercial. Mas, esta zona de expansão da cidade difere das demais cidades da região por ter se beneficiado da condição de fazer parte de uma cidade, que nas últimas ações, vem usando parte dos investimentos originado dos tributos da mineração para a construção de infra-estrutura urbana, por isso as ruas são asfaltadas, possuem rede de esgoto e água encanada. Um contraste se formos comparar com as outras cidades da região, em que não há quase nenhuma rua asfaltada e com calçadas conservadas. O capim ocupa a maior parte das ruas, especialmente às suas margens, por onde passam as águas pluviais e os esgotos da cidade.

Como parte das mudanças tanto na área central da cidade como nos novos bairros há alguns elementos que despontam na paisagem, são as antenas de rede de TV, de celulares e as antenas parabólicas. A antena parabólica passa a fazer parte da paisagem das cidades amazônicas só recentemente, e está inserida numa forma urbana que é definida por padrões que vem de fora. Estes padrões de fora não estão restritos aos sinais que denotem um determinado nível de modernização. Na cidade observa-se o aumento do número de antenas parabólicas nas casas mais simples. E a presença de comerciantes que representam empresas fabricantes destes equipamentos

O centro da cidade é uma das áreas é uma das áreas que vem passando por transformações mais profundas na sua estrutura sócio-espacial. A Figura 04 põe em destaque um padrão de uso misto do solo urbano. Devemos ressaltar que, neste padrão mitos, o uso residencial é predominante ao sobre os demais usos. Hoje em dia devido a tendência da criação de novas funções urbano e da revitalização das antigas presenciamos uma mistura dos usos comercial e de serviços, com a predominância dos estabelecimentos comerciais mais antigos nas primeiras quadras da cidade e a concentração dos novos estabelecimentos comerciais especializados na venda de produtos mais sofisticados na Avenida Carlos Maria Teixeira, Avenida 7 de setembro, Avenida 15 de novembro e Avenida Independência. Várias firmas de serviços, pousadas, hotéis, lojas e depósitos passam a integrar esta paisagem.

Uma outra transformação a ser ressaltada é que, indiretamente, a atividade de extração mineral criou um novo mercado de trabalho urbano que se mostra atraente às populações do

campo. A prefeitura de Oriximiná, através dos *royalties* da mineração, iniciou a construção de obras de infra-estrutura urbana na cidade, impulsionando o movimento de populações que procuram atividades urbanas para às quais não é exigida muita qualificação. Assim, os novos migrantes, que chegam tanto da zona rural como de outras cidades da Amazônia em busca de emprego passam, a ocupar as novas áreas de expansão da cidade. Por outro lado, os migrantes buscam estabelecer seus negócios numa cidade que atualmente possui um atrativo a parte.. A ampliação dos postos de serviço público associada à demanda de consumidores, dotados de um certo nível de renda, que estabelecem seus empreendimentos e suas residências na área central ou no seu entorno imediato. E, geralmente são representados pelos migrantes vindos do Nordeste, São Paulo ou Santarém, ligados à venda de confecções, vestuários e artigos de sapataria.

Sendo assim, na cidade os empregos são restritos, sendo os órgãos públicos, em especial a prefeitura e a câmara municipal, os maiores empregadores. Os que não são funcionários públicos trabalham nos vários estabelecimentos de comércio e serviços onde predomina quase que exclusivamente a mão-de-obra familiar. As pequenas vendas, que se dividem com o espaço de morar e se espalham por toda a cidade, são as tabernas. Alguns vendem um pouco de tudo, outras não apresentam em suas prateleiras mais de dez itens. Estas últimas são os botequins que tem um pequeno bilhar e vendem principalmente cachaça.

Uma outra parte dos migrantes de baixa qualificação, que se estabeleceram na cidade, residem no núcleo urbano apenas nos fins de semana quando retornam de seus serviços na mineração, já que a atividade de extração de bauxita necessita de uma gama de mão-de-obra não qualificada para abertura de minas, o reflorestamento das áreas devastadas, provocado pelo desenvolvimento das áreas de extração da bauxita, e para serviços domésticos ou de limpeza urbana na vila residencial do projeto, estabelecendo ligações com a cidade através das suas empresas terceirizadas para a contratação dessa mão-de-obra. Nesse momento, durante o período de expansão das minas o fluxo desta força de trabalho aumenta em direção a Porto Trombetas; em conseqüência disto, o porto fluvial da cidade de Oriximiná apresenta um movimento elevadíssimo, constituído em grande parte pelo fluxo das embarcações com destino a Porto Trombetas.

Em termos de saneamento básico 20% da população está conectada à rede de esgoto e a maioria da população utiliza fossas sépticas. Em 2000, 4.255 residências eram atendidas pelo fornecimento de água operado pela COSANPA, atingindo cerca de 80% da população. O manejo do lixo e de outros resíduos também é deficitário em Oriximiná. Cerca de 95% da população é atendida pelo sistema de coleta de lixo, mantido pela prefeitura, porém não há

método de reciclagem, nem aterro sanitário adequado. A coleta é feita regularmente através de um caminhão compactador, uma caçamba e cinco tratores, tendo como destino final um lixão a céu aberto distante a 4 km da cidade. O lixo é diariamente depositado num terreno de solo semi-saturado que se converteu num foco de proliferação de insetos e roedores. O lixo hospitalar é coletado separadamente e aterrado no lixão, assim como o entulho. Das edificações que existem na cidade, 5.393, tem luz elétrica gerada pela Guascor. A cidade tem um posto da Telemar com 2.704 terminais telefônicos instalados e 225 serviços de acesso a celular operado pela Amazônia Celular, tendo disponibilidade para ampliação, porém não há demanda.

A nova fisionomia da cidade exemplifica os processos incidentes que vêm sendo recebidos de maneira singular, demonstrando que ocorre uma receptividade específica deste lugar. Deste modo as relações entre forma e conteúdo são alteradas pela rapidez e vigor com que os novos processos socioespaciais passaram a se verificar, impulsionados pela MRN. Isto implica em uma nova funcionalidade urbana, uma vez que, a função urbana de Oriximiná modifica-se, transformando-a num pólo de atração para os habitantes do Médio Amazonas. Esta função é estimulada de algum modo pela situação política e econômica provida de fora, pela mineração, que teve por conseqüência o crescimento e a evolução urbana da cidade, bem como a formação de uma população urbana totalmente dependente dos *royalties* da mineração. A cidade teve, assim, alterado seu pequeno papel de centro local ampliando a sua importância, em relação às demais cidades vizinhas, com exceção de Santarém.

3.5 - A Dinâmica das Novas Atividades: Comerciais, Educacionais e Outras

As formas urbanas criadas na cidade expressam as funções que lhes foram atribuídas até então. Oriximiná, ao longo destes anos, teve seu crescimento acompanhado pela sazonalidade da coleta dos produtos extrativistas e do movimento de entrada e saída das embarcações na sua área portuária; nessa época, a cidade se limitava a uma quadra e três ou quatro ruas paralelas ao rio[36]. Naquele momento, segundo os dados do Recenseamento Geral

[36] Até o ano de 1947, setenta anos após a fundação do povoado *Uruá-Tapera*, a estrutura urbana da cidade de Oriximiná era formada por 4 ruas (15 de Novembro, Barão do Rio Branco, 7 de Setembro e outra sem denominação) e 9 travessas (Carlos Maria Teixeira, Alegria, Coronel Alexandre de Souza, Travessa da Usina, Santo Antônio, Padre José Nicolino de Souza, Travessa do Cemitério, Travessa do Grupo e Travessa Nova) (FIBGE, op. cit., p. 442)

do IBGE de 1950, a cidade contava com 16 logradouros públicos, 623 prédios e 2.415 habitantes. O sentido de crescimento urbano seguia a margem do rio Trombetas rumo ao interior. Os bairros mais antigos (Centro, Fátima, Santa Luzia, Santa Terezinha, Perpétuo Socorro) da cidade eram reagrupados em torno da área central, bem próximo ao rio, em função não apenas da localização do comércio tradicional, mas da compra e venda que se davam nos barcos atracados no porto em frente à cidade, descarregando pessoas e mercadorias. A avenida principal (paralela ao Trombetas) e o rio constituíam os principais eixos de estruturação do espaço urbano. Na margem do rio estão a Avenida 24 de dezembro e o cais da cidade. Percorrendo a avenida paralela ao Trombetas, encontram-se as casas comerciais mais tradicionais voltadas ao comércio em geral ou à venda de estivas, assim, Oriximiná era um centro varejista pequeno, com predominância do comércio de estivas e secos e molhados, dominados por descendentes de portugueses e de italianos.

No contexto analisado verifica-se que o núcleo urbano desempenhava, de uma maneira geral, somente alguns dos serviços necessários à satisfação da sua população. Esta deficiência nos serviços está diretamente vinculada ao próprio desenvolvimento das atividades extrativistas (coleta de castanha-do-pará, essência de pau-rosa, madeira e conchas de madrepérola) e da pecuária extensiva. Dessa maneira, o espaço urbano da cidade refletia ao longo do tempo as fases de estagnação e crescimento econômico das atividades realizadas em seu entorno[37].

Atualmente, existe uma grande diferença em relação ao mercado consumidor. Anteriormente, este era representado em sua maior parte pelos pequenos estabelecimentos varejistas localizados na área rural ou na área situada no entorno imediato do centro comercial da cidade. Hoje os estabelecimentos varejistas abastecidos pelos atacadistas localizam-se nos novos bairros criados com a expansão da cidade e são em sua grande maioria pequenos estabelecimentos situados na periferia da cidade.

Pelas entrevistas realizadas no trabalho de campo até os primeiros anos da década de 1990, observou-se que Oriximiná era um centro varejista pequeno, com predominância de um comércio de estivas de secos e molhados, dominados por descendentes de italianos com lojas concentradas no centro comercial da cidade, mais especificamente na Rua 24 de Dezembro. No decorrer dos anos, a cidade adquiriu, caracteres totalmente novos relativamente associados

---

[37] Em 1955, o município assentava a sua economia principalmente na produção da castanha-do-pará, cujo valor de exportação, neste ano, atingiu a 6.939 hectolitros, seguindo-se o gado bovino, com 2.100 cabeças, a essência de pau-rosa, com 16.231 kg, madeira beneficiada e aparelhada, com 439,7 m³, e conchas de madrepérola com 78.497 Kg. Em 1960 e 1970 a economia do município continuava a ser assentada na agricultura de subsistência, com destaque para a produção de mandioca, na agricultura de exportação, tendo relevância a produção de castanha-do-pará; e na pecuária extensiva.

à intervenção da frente mineral no município. Tais transformações concretizaram-se pela ampliação na oferta de serviços e empregos, principalmente, quando a Prefeitura Municipal de Oriximiná passou a dispor do repasse de verbas estaduais e federais, geralmente aplicadas na criação de novos postos públicos de trabalho, ou então, quando a MRN, via empresas terceirizadas, contratava novos empregados. É a expansão da distribuição da renda e o aumento do nível de consumo, ligada à ação do poder público municipal e das empresas terceirizadas da mineração, uma das razões de mudança na função urbana da cidade de Oriximiná.

A cidade de Oriximiná, nos últimos anos, vem sendo dotada de novas funções e/ou de revitalização de suas antigas funções de forma a caracterizar processos de refuncionalização. A partir de então, começou a se manifestar na cidade uma série de mudanças que indicavam que a funcionalidade exercida está em processo de alteração. Estão sendo alteradas as relações funções-forma, resultando a partir daí no surgimento de novas formas, novas funções, na eliminação de formas anteriores e na redefinição de funções para as formas já existentes. Nesta perspectiva, atualmente, a função urbana de Oriximiná resulta, então, essencialmente, da substituição dos armazéns de secos e molhados – onde se amontoavam freqüentemente os mais variados produtos, desde livros à bebidas e enlatados, até rolos de arame farpado, arados, sacos de sal - por um comércio mais especializado.

Essa função concretiza-se pelo surgimento de um grande número de lojas, ligadas a um comércio de produtos específicos, por isso, hoje, temos na cidade um número considerável de estabelecimentos que fazem a distribuição especializada de determinados produtos nas áreas de alimentação, confecção, remédios, autopeças, ferragens, produtos agropecuários e outros, e principalmente, pela cidade ter se transformado num centro de redistribuição de confecções. Mas, não podíamos deixar de mencionar o aparecimento de novas modalidades de serviços. Sob este aspecto, englobamos as atividades administrativas, de ensino superior (com a presença de quatro campi de extensão das seguintes universidades: UEPA, UFRA, UFPA e UFF, além da concretização e da criação de um campi permanente da UFPA), bancárias, turísticas, de saúde, de construção e terraplanagem (com o surgimento de cinco novas firmas de engenharia nos últimos cinco anos).

As alterações funcionais que vêm ocorrendo em Oriximiná perpassam por trocas de funções no comércio atacadista e varejista e no setor de serviços. Como decorrência dos processos que incidiram no núcleo urbano, algumas atividades desapareceram, enquanto outras foram implantadas. Vejamos como a funcionalidade deste núcleo urbano vem sendo afetada.

O aumento da atividade comercial reflete, em parte, a difusão de novos hábitos e costumes, promovidos, em grande medida, pela chegada de novos migrantes estimulada com a implantação da MRN, assim como a elevação da renda de parte da população do município. Devemos ressaltar que no caso de Oriximiná, a geração /circulação de um maior fluxo de renda promovido pela MRN, de uma forma direta ou indireta, tornou possível a inserção de uma parcela da população no mercado de consumo local.

O crescimento da atividade comercial é pautado na ação de pequenos e médios empresários locais e de grupos extra-locais provenientes de Santarém, Óbidos, Belém e da Paraíba que passaram a se interessar pela expansão do mercado de consumo de Oriximiná. O comércio atacadista de gêneros alimentícios, bebidas e fumo continuam a ser uma importante função desempenhada por Oriximiná, atualmente praticada por supermercados ou por estabelecimentos vinculados ao atacado, que ainda efetuam vendas a varejo. A área de atuação do comércio atacadista ultrapassou a zona rural do município, atingindo agora uma área mais ampla, a começar pelo distrito industrial de Oriximiná – Porto Trombetas, e alguns municípios vizinhos. Os mais importantes atacadistas da cidade hoje em dia atuam em Faro, Juriti, Óbidos e Terra Santa.

Há que se considerar uma evolução dos produtos comercializados no setor atacadista, não estando mais presentes nos estabelecimentos aqueles produtos vinculados à atividade agrícola e a pecuária, como os instrumentos, sementes, arames, etc, que anteriormente eram vendidos nos supermercados da cidade. Hoje se opera basicamente com gêneros alimentícios de primeira necessidade, bebidas, artigos de cama, mesa e banho, louças, material escolar e artigos em geral. É preciso acrescentar que atualmente grandes atacadistas de Belém e de Manaus atuam na cidade, assim como, de outros estados, o que se traduz em uma concorrência pelo mais novo mercado consumidor do Médio Amazonas paraense. Já o mercado constituído pelos pequenos estabelecimentos varejistas da cidade é abastecido por atacadistas locais e regionais de pequeno porte.

A renovação dos estoques dos atacadistas passou a ser realizada por outros atacadistas, aqueles localizados na região centro-sul, sobretudo os atacadistas da Martins e da Peixoto ambos localizados em Uberlândia-MG. A aquisição junto à indústria também se ampliou tendo como fornecedores indústrias localizadas em São Paulo, Minas Gerias e Rio de Janeiro.

O comércio varejista, por sua vez, é uma das funções no qual muitas transformações andam se processam, uma vez que a incidência de processos cada vez mais complexos que transformaram as necessidades mínimas da população, ou seja, alteraram-se os hábitos de alimentação e consumo para os quais novas formas de comercialização e novos produtos

correlatamente se transformaram. De tal maneira que o comércio varejista se desenvolveu incorporando novos requisitos nas formas de comercialização, ao mesmo tempo, em que se ampliaram às necessidades de transporte e de comunicação, refletindo por certo a importância e o papel deste núcleo urbano e do nível de renda da sua população, suficiente para comportar a presença de tais estabelecimentos. A Tabela 14 nos dá uma demonstração das mudanças no comércio varejista em Oriximiná.

TABELA 14 - Oriximiná: evolução do comércio varejista, 1970-2000

Comércio Varejista	1970	1980
Ferragens, Produtos Metalúrgicos, Artigos Sanitários e Material de Construção	-	5
Máquinas, Aparelhos e Material Elétrico e não Elétrico	1	2
Veículos Novos , Usados e Acessórios	1	1
Produtos Químicos e Farmacêuticos	5	4
Combustíveis e Lubrificantes	1	4
Tecidos e Artefatos de Tecidos, Artigos do Vestuário e de Armarinho	7	29
Produtos Alimentícios, Bebidas e Estimulantes	73	162
Mercadorias em Geral c/ Produtos Alimentícios	16	1
Mercadorias em Geral s/ Produtos Alimentícios	1	-
Artigos Diversos	1	1

Fonte: IBGE, 1970-2000

Os armazéns de secos e molhados, estabelecimentos característicos dos núcleos urbanos do porte de Oriximiná na região, estão reduzindo sua presença a alguns pontos da cidade ou até mesmo desaparecendo, como o caso daqueles estabelecimentos que se localizavam na Avenida 24 de Dezembro. No lugar destes estabelecimentos estão sendo introduzidos supermercados, que passaram a se instalar a partir de meados da década de 1980, coincidindo com o aumento da população da cidade, que no período entre 1970 e 1990 cresceu 53,08%. A implantação do primeiro supermercado na cidade ocorreu no ano de 1989.

Nas entrevistas feitas aos comerciantes percebemos que com a implantação dos supermercados em Oriximiná, progressivamente estão se encerrando as atividades dos pequenos armazéns de secos e molhados ou estes estão direcionando suas localizações e ações à periferia da cidade, destinados ao abastecimento da pouca numerosa população rural ou da população urbana que não tem um nível de renda compatível com os pagamentos à vista das mercadorias adquiridas nos supermercados. Aqueles estabelecimentos que conseguiram manter suas atividades não evoluíram em termos qualitativos, ou seja, ainda se fazem presentes com vendedores realizando as vendas junto aos balcões. Há que se ressaltar uma evolução dos produtos comercializados, mas estes estabelecimentos estão, sobretudo

caracterizados pelas vendas a crédito, anotadas em cadernetas, operando com pagamentos a prazo, pequenos estoques, baixas aplicações de capital, peculiaridades típicas do circuito inferior da economia urbana. Por isso, via de regra, estes pequenos varejistas têm como principal mercado consumidor aquela parcela da população de baixa renda, sem emprego fixo. Assinala-se que do número de estabelecimentos presentes hoje na cidade, vinculados aos produtos alimentícios, bebidas e fumo a maioria se constitui em bares, lanchonetes, botequins e mercearias.

Apesar da criação de supermercados no núcleo urbano de Oriximiná, verifica-se ainda na cidade a presença muito forte dos supermercados de pequeno e médio porte localizados em sua maioria na área central da cidade. Observamos em campo que estes estabelecimentos ainda carecem da venda de alguns produtos que necessitam de refrigeração apropriada para o seus translado, impedindo que determinados produtos ligados ao setor de lacticínios (iogurtes, requeijões, queijos e outros) sejam pouco vendidos na cidade, limitando o acesso dos consumidores a estes produtos. De uma maneira geral os supermercados têm sua renovação de estoque assentada basicamente nos grandes atacadistas localizados em Minas Gerais e Goiás e junto às indústrias localizadas em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. As compras são efetuadas através de vendedores ou diretamente junto aos atacadistas.

No trabalho de campo constatamos que os demais gêneros do comércio varejista também foram sendo ampliados. A implantação de outros gêneros de comércio, até mesmo de um comércio especializado, refletindo vem, por certo, a importância deste núcleo urbano e do nível de renda da população, que é suficiente para comportar a presença de tais estabelecimentos. Assinala-se que a expansão deste comércio especializado na cidade é muito recente, a maioria dos estabelecimentos entrevistados em nossa pesquisa estão instalados na cidade apenas por um período de dois a cinco anos, sendo geralmente filiais de Belém, Manaus, Santarém, Óbidos e até de empresários da *company town* de Porto Trombetas, que decidiram estender seu raio de atuação à cidade de Oriximiná, como vem sendo o caso dos gêneros do comércio varejistas ligados à venda de medicamentos e as óticas. Ressalta-se ainda que o número de estabelecimentos, vinculados ao setor do comércio varejista especializado, se constitui em sua maioria nos distribuidores especializados em vender artigos de autopeças, material de construção e ferragem, eletrodomésticos, bebidas, aparelhos celulares, antenas parabólicas, pneus, óleos lubrificantes, motos, bicicletas e artigos de cosméticos e perfumaria (Natura e Boticário). Destaca-se que a distribuidora de cosméticos da empresa Natura instalada na cidade é representante comercial regional e atuando nas cidades

de Porto Trombetas, Óbidos, Juriti, Faro e Terra Santa e a distribuidora do Boticário possui filiais em Porto Trombetas, Óbidos e Parintins.

Segundo observações de campo este comércio presente na sede municipal tem como principal mercado consumidor a população da sede do município, uma parte da população rural e do distrito industrial de Oriximiná – Porto Trombetas. Sua atuação, entretanto, é estendida também a outros municípios como Faro, Juriti, Óbidos, Terra Santa e Santarém, sendo que a procura pela população deste último núcleo urbano só ocorre quando há alguma festividade na cidade e os turistas dirigem-se até Oriximiná. O comércio é procurado também, por parte da população do município de Parintins no estado do Amazonas.

Verificamos no trabalho de campo que um outro tipo de comércio varejista que vem se desenvolvendo na cidade e com uma certa intensidade é o estabelecimento de lojas voltadas à venda de confecções. Percebemos que nos últimos cinco anos houve um aumento considerável desses estabelecimentos, sobretudo com a chegada de nordestinos da Paraíba que estão comandando este setor na cidade, instalando-se no antigo centro comercial e na área de expansão da cidade. A intensificação da instalação desses lojistas futuramente tenderá a transformar a cidade num centro especializado na venda de confecções.

Nas entrevistas do trabalho de campo constatamos que os estabelecimentos de comércios mais especializados em reparos, fornecimento de peças e equipamentos e serviços recentemente instalados na cidade apresentam uma maior complexidade nas vendas, em virtude, da diversidade dos serviços, que vão desde o fornecimento de peças a manutenção e reparo dos produtos, até a introdução de novas formas de atendimento, na venda e na compra dos produtos. Dos estabelecimentos entrevistados constatamos que nos últimos 6 anos quase todos passaram a informatizar o atendimento de suas lojas e a ter como costume o uso de cartões de crédito nas vendas, o que vem facilitando a ampliação das transações comerciais, inclusive com seus fornecedores e, em parte, com os clientes da própria Mineração Rio do Norte, que em busca de produtos mais acessíveis, em termos de custo, de formas de pagamento e de variedades, dirigem-se até Oriximiná. E por fim, é importante ressaltar que estas novas atividades vêm produzindo uma rede de fluxos que extrapola a escala local e regional, haja vista que as suas ações estão concentradas na contratação de serviços de outras empresas.

Conforme observamos no campo, a parte do comércio varejista de Oriximiná encontra-se no Mercado Público Municipal (Foto 19). Às margens do rio Trombetas, na Avenida 24 de Dezembro, ele se localiza junto ao porto da feira, onde ocorre uma espécie de "circuito inferior do comércio" da cidade, explorado principalmente por migrantes da zona

rural do município e de outros estados. No mercado encontramos estabelecimentos varejistas de secos e molhados, armarinhos, bazares, farmácias, mercearias e pequenas barracas que vendem quinquilharias – artigos de beleza, brinquedos, bijuterias, eletrodomésticos vindos da zona franca de Manaus, de cidades do nordeste, como Fortaleza, e até mercadorias do Paraguai e da China.

Fonte: Trabalho de Campo, 2004.

Foto 19 - Agência do Banco do Brasil em Oriximiná

Os impactos produzidos pelas transformações recentes em Oriximiná também se fizeram sentir sobre outras atividades, conforme observamos nas entrevistas. Apesar da elevação do número de consumidores e da renda na cidade. Verifica-se ainda a manutenção de relacionamentos provincianos na venda dos produtos, visto que os donos das lojas efetuam muitas vezes como forma de pagamento, vendas a prazo ou trocam cheques para seus clientes, perpetuando uma relação de amizade, que, efetivamente, não pode subsistir num estabelecimento de porte grande. Geralmente, os comerciantes são pessoas nascidas na cidade e cultivam uma relação de amizade com seus fregueses, processo típico de cidades de pequeno porte. Este mesmo tipo de relacionamento pode ser observado em algumas lojas de móveis e eletrodomésticos, antigas na cidade. Há casos em que o cliente pede a mercadoria ao dono da loja ou ao gerente e somente depois é que vai até o estabelecimento para oficializar a compra. As lojas mais recentes estabelecidas na cidade não possuem o mesmo tipo de atuação, pelo contrário sugerem como forma de pagamento o uso de carnês e o de cartões de crédito, neste caso a maioria dos estabelecimentos são informatizados, o que leva as lojas

mais tradicionais a mudarem também o modo de efetivação dos pagamentos, passando a adotar o uso do cartão de crédito e a informatização dos serviços.

Pudemos observar que no mercado municipal, diariamente, pela manhã muita gente caminha rapidamente pelas suas vielas em direção à feira (Foto 20). Os feirantes expõem suas mercadorias em barracas da feira livre ou em plásticos, atraindo compradores da cidade e de localidades próximas. São frutas regionais, peixes, temperos, farinha de mandioca, camarão, farinha de piracuí e produtos de estivas das mercearias, criando um movimento intenso de gente e de barcos oriundos do alto e médio Trombetas – diz-se - das comunidades de Santo Antônio, Sapucuá, Salgado, Cachoeira, Tabuleiro, Tarumã, Acapu, Santa Terezinha e Arumá; também partem do município produtos vindos da estrada do BEC, bem como, de outras cidades da região – Santarém, Belém e Manaus, e de fora da cidade, como de Fortaleza-CE.

Fonte: Trabalho de Campo, 2004

Foto 20 - Mercado Municipal de Oriximiná

Com relação às atividades industriais, observamos pelas entrevistas que a implantação da MRN não produziu impactos expressivos na dinâmica preexistente. Não houve estímulo à diversificação das atividades industriais diretamente atrelada à localidade, onde a mina se acha localizada, restando apenas a instalação de unidades industriais destinadas à transformação industrial primária de bens minerais no município. Através da tabela 15, pode-se verificar que houve um pequeno aumento dos estabelecimentos industriais de cunho local e

que, provavelmente, estão vinculados ao processo de expansão urbana, tais como, a extração de minerais (areia, pedreiras), minerais não-metálicos (olarias), madeira, naval, mobiliário e beneficiamento de castanha-do-pará. Por outro lado o crescimento do número de empregados no município apresentou valores expressivos apenas na mineração industrial de bauxita. Assim, a indústria local continua voltada ao aproveitamento dos recursos naturais com as pequenas unidades industriais voltadas ao beneficiamento da madeira, para a indústria mobiliária e naval, e da castanha; e a grande unidade industrial para o minério de bauxita.

A partir da década de 1980 as pequenas indústrias são representadas por 4 indústrias de material de transporte, 4 indústrias madeireiras, 2 de mobiliários; as indústrias de médio e grande porte contam com 3 indústrias de extração de minerais e 3 de transformação de produtos de minerais não-metálicos dados que evidenciam mudanças qualitativas e quantitativas em relação aos anos anteriores (Tabela 15). Em geral, as pequenas unidades industriais localizadas na cidade contam com mão-de-obra familiar e mercado consumidor local, às vezes regional ou internacional, como é o caso da Usina Beneficiadora de Castanha do município – Exportadora Florenzano - que segundo as informações da entrevista feita com a proprietária da fábrica nos informamos que ela exporta seus produtos para o estado de São Paulo e países como Itália, Holanda e Inglaterra.

TABELA 15 – Evolução da Atividade Industrial no Município de Oriximiná –1970/2000.

Atividades Industriais	1970	1980
Extração de Minerais	-	3
Transformação de Produtos de Minerais não-Metálicos	-	3
Produtos de Minerais não-Metálicos	2	-
Mecânica	2	-
Material de Transporte	9	4
Madeira	1	4
Mobiliário	1	2
Têxtil	1	-

Fonte: IBGE Censos de Indústria, 1970-2000

Das demais indústrias presentes no município merece também destaque a indústria de beneficiamento da bauxita que apesar de contar com uma mão-de-obra extra-local, vinda de outros estados (Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo), é a atividade que tem gerado mais postos de trabalho no município, por mais que a mão-de-obra local não tenha sido inserida na expansão de suas atividades.

Com relação aos serviços prestados pelo núcleo urbano houve uma série de melhorias nos mesmos, abrangendo os mais variados tipos. Por isso, hoje, Oriximiná, em função do

crescimento do seu setor de serviços, tende a se projetar no cenário da região do Médio Amazonas. Como já se viu, através da expansão da economia da cidade pelo repasse dos tributos e compensações financeiras advindas da atividade de extração mineral da MRN, as atividades urbanas tendem a se especializar, principalmente quando se toma conhecimento de uma pequena amostra do que vem acontecendo nos serviços de saúde e educação, sobretudo, em virtude da variedade desse tipo de equipamentos de serviços, que estão dispersos em seu espaço urbano, os quais passam a incrementar as relações da cidade de Oriximiná com a sua região, alimentando a vida de relações.

Assim sendo, houve uma ampliação no número de estabelecimentos de alimentação, hotelaria de pequeno porte e diversão que geralmente eram inexpressivos na cidade. Hoje Oriximiná conta com um hotel e cinco pousadas. A expansão desta atividade tem se intensificado nos últimos anos, sobretudo pelo potencial turístico do município que com suas praias de rios, vegetação exuberante, cachoeiras, lagos, igarapés (lugares com grande potencial natural), têm atraído pessoas para o ecoturismo e o turismo de aventura. O movimento dos turistas é assegurado, também, pelos principais eventos turísticos do município (o Círio de Santo Antônio, o Torneio Oriximinaense de Pesca Esportiva – TOPE, o Festival da Castanha e o carnaval).

Os serviços de telecomunicações também tiveram melhorias expressivas; hoje em dia, o sistema telefônico do município está a cargo da TELEMAR, que está ligada ao sistema de microondas da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). A partir daí a cidade passou a contar com o serviço de duas empresas telefônicas, a TELEMAR e a Empresa Brasileira de Telecomunicações (EMBRATEL), disponíveis a fazer ligações locais, interurbanas e internacionais. Oriximiná conta também com o sistema de telefonia celular, gerenciada pela AMAZÔNIA CELULAR, que tem torre própria. Outras inovações ainda são verificadas em relação à transmissão dos sinais das emissoras de TV. Na cidade existe uma torre com retransmissão da rede Globo, pela TV Liberal, via Belém, e a TV Bandeirantes tem a sua retransmissão direta; estas duas emissoras atuam no município há mais de 20 anos. O Sistema Brasileiro de Televisão – SBT é retransmitido a 6 anos pela TV APS, afiliada local da TV Ponta Negra de Santarém. E, recentemente, a Rede TV e a Rede Boas Novas instalaram seu sinal no município. No que se refere à radiodifusão, existe no município a Rádio Comunitária de Oriximiná criada a 7 anos para desenvolver serviços de apoio à comunidade local e a Rádio Cidade de Oriximiná. Além das emissoras de rádio e televisão, as informações circulam na cidade por jornais provindos de Manaus, Belém e Santarém e por

alguns jornais locais: "Tribuna Imparcial", "Folha de Oriximiná", "Uruá-Tapera" e a "Folha de Trombetas".

Outras inovações também se verificaram no núcleo urbano e no município em relação ao serviço de transporte. Em 1983, entrou em operação o aeroporto da cidade de Oriximiná, o Aeroporto Municipal Brigadeiro Cantídio Bentes Guimarães, classificado pela INFRAERO como um aeroporto classe 2, com capacidade para receber aeronaves de pequeno e médio porte do tamanho YS-11, Brasílias e Bandeirantes, tendo linhas regulares para Manaus, Boa Vista, Macapá, Belém, Santarém, Itaituba, Juriti, Altamira. No município há outro aeroporto, localizado em Porto Trombetas criado para dar apoio às atividades da MRN, com capacidade para receber aeronaves de grande porte, até Boeings do tipo 737-300, para passageiros, e 727, para carga.

Como o município é rico em rios e lagos navegáveis que dão acesso a várias localidades, facilitando o transporte as canoas a remo, os pequenos, médios e grandes barcos motorizados sempre tiveram importância no desenvolvimento das atividades. Nos últimos anos ocorreram mudanças no transporte fluvial, que já tinha um certo destaque no município;, com o passar dos anos e o crescimento da cidade, este transporte ampliou e diversificou seu fluxo de passageiros e mercadorias, sofrendo alterações também após a instalação do empreendimento mineral de bauxita, sobretudo por ter possibilitado a criação de um porto especializado em transporte de minérios. Sendo assim, Oriximiná conta com dois portos importantes: o da cidade (trapiche municipal), que serve como terminal de passageiros e cargas diversas, onde há linhas regulares para Manaus, Parintins, Óbidos, Juriti, Santarém, Terra Santa, Faro, Juriti, Alenquer e Porto Trombetas, que teve seu fluxo de passageiros ampliados com às atividades de expansão das minas, que por semana atingem um fluxo de 1.200 passageiros; e o de Porto Trombetas, operando nessas condições, além de atender os grandes cargueiros que vêm para serem carregados com bauxita.

Nós últimos 25 anos o transporte rodoviário no município não teve muitos avanços. Apesar da projeção de duas rodovias federais que iriam cortar Oriximiná, as estradas Perimetral Norte (BR-210) e Cuiabá-Santarém (BR-163), frações importantes da produção do espaço recente do estado do Pará, que fazem parte do Plano de Viação Nacional traçado para a Amazônia na década de sessenta, cujo objetivo era a expansão da fronteira como estratégia geopolítica de ocupação a integração da região ao resto do país. No município há também as estradas estaduais e municipais. A PA-254 é a principal estrada do município com 31 km, que liga as cidades de Oriximiná a Óbidos e Alenquer. Tal estrada é constituída por ramais que ligam as regiões do interior da sede do município, sendo eles: ORX-9 (acesso à região do

Iripix), ORX-1 9 (acesso à região do Paracuí), a ORX-2 (liga a sede à região de Pedreira) e a ORX-3 (acesso à região de Parauacu). Como a maioria das estradas da Amazônia, a PA- 254 tem um baixo tráfego de veículos e não é pavimentada. A estrada foi modelada pela sinuosidade do terreno e pela aspereza do solo. A PA-254 não comporta meio termo, ou é muito empoeirada ou lamacenta. Isto decorre principalmente do tipo de clima e dos solo da região. Confirmamos tal informação no trabalho de campo após tomarmos a estrada propriamente dita, que ao longo do seu percurso se torna precária. No seu trajeto há resquícios de floresta que se sucedem de um lado e de outro e descansa-se a vista aqui e acolá com um pequeno casebre e às vezes a sede de uma fazenda, o que é raro, pois as poucas existentes são afastadas das margens da rodovia.

Para se deslocar para Óbidos, Alenquer ou até as demais partes do município saindo de Oriximiná, o ponto de partida é um ponto de ônibus, que funciona como se fosse a estação rodoviária da cidade, de onde saem os ônibus que fazem a ligação às poucas localidades em que é possível ter acesso por estrada no município. O ponto de saída dos ônibus pouco se assemelha às estações rodoviárias existentes em outras cidades de porte médio na Amazônia. Ao contrário apresenta um pequeno movimento de ônibus e passageiros. Mal cuidada, a estação reflete o abandono que sofre. Atualmente, três linhas de ônibus detêm o monopólio do transporte de passageiros diários. O Expresso Tocaia Grande faz o trecho Oriximiná - Estrada do BEC e outras duas linhas de transporte, a Trans Sales e a Trans Jesus, também passam pelo município fazendo o trecho Oriximiná – Óbidos em cujos roteiros estão inclusos sedes de fazendas e vilas.

A partir de 2002 surgiu na cidade uma alternativa de transporte urbano. Uma cooperativa de motoqueiros foi fundada na cidade com o objetivo de instalar os serviços de moto-táxi. Certamente, com a implantação destes serviços em Oriximiná a população tende a ganhar, pois até agora a mesma tem sido privada de serviços de condução pública pela inexistência de transporte coletivo. Assim, Oriximiná, a exemplo de muitas cidades brasileiras passou a contar com serviços de moto-táxi. Obtivemos informações em campo que representantes da associação dos moto-taxistas de Santarém estiveram no município contatando os motoqueiros oriximinaenses para firmar acordo nesse sentido, ampliando as alternativas de transporte na cidade e no município.

O setor de serviços oriximinaense complementa-se, muito adequadamente, com dois tipos de equipamentos, os quais, certamente, têm sido importante na construção da afirmação da cidade de Oriximiná no Médio vale do rio Amazonas. Trata-se da presença, não tão antiga, do ensino superior no município e, finalmente dos serviços de saúde cuja ação é mais antiga, e

tem tornado a sua área de atuação mais ampla nos últimos anos. Esses equipamentos possuem um papel muito expressivo no sentido de prover a cidade de certos atributos, os quais, certamente, estão significando mais um elemento fundamental nessa construção.

Em relação aos serviços de saúde, observa-se uma grande proliferação de consultórios particulares, e, em menor escala, de laboratórios e pequenas clínicas. Em 1970, o município possuía 5 médicos, enquanto que em 1998 esses valores atingiram 31 médicos (Tabela 16). A estrutura de serviços de saúde da cidade já começa apresentar algumas diversificações se comparada as demais cidades de porte pequeno da região, principalmente após a utilização dos recursos provenientes dos *royalties* da mineração, para efetuar a contratação temporária de funcionários na área de saúde, dispondo ao município o atendimento mensal de especialistas, que antes não havia. Hoje o município dispõe do atendimento de médicos cardiologistas, neurologistas, oftalmologistas, urologistas, dermatologistas, otorrinolaringologistas, anestesistas e outros. Com a expansão deste tipo de atendimento reforça-se mais uma vez a capacidade de atração da cidade, que passou a ser uma das únicas da região a possuir um serviço dessa natureza. No entanto, apesar de laboratórios particulares voltados à clínica médica terem sido instalados na cidade, o número de dentistas, farmacêuticos e técnicos de laboratório e de raio-x no núcleo urbano é inexpressivo,. As novas clínicas, os consultórios e laboratórios criados estabelecem, por sua vez, convênios com empresas de assistência médica, inclusive convênios que atendem os funcionários de baixo escalão da mineração. Verifica-se ainda que, em termos qualitativos, determinadas especialidades que só existiam em núcleos urbanos de nível hierárquico superior, a exemplo de Santarém, passam a existir em Oriximiná, como clínica médica, ginecologia, obstetrícia, pediatria e clínica odontológica.

TABELA 16 – Oriximiná: Corpo Clínico e Pessoal Auxiliar – 1998

Profissionais	Quantidade
Médicos	31
Enfermeiros	13
Aux. de Enfermagem e Atendentes	165
Farmacêuticos	3
Bioquímicos	4
Agente de Vigilância Sanitária	14
Técnicos de Laboratório	19
Outras Categorias	17
Total	266

Fonte: SESPA – Prefeitura Municipal de Oriximiná, 1998.

Os serviços de saúde foram ampliados, a sede municipal passou a contar com 2 hospitais, o Hospital Municipal de Oriximiná e Hospital Maternidade São Domingos Sávio, que atendem as especialidades de clínica médica, clínica cirúrgica, clínica ginecológica e obstetrícia e clínica pediátrica; os dois hospitais contam com 3 médicos ginecologistas, 4 cirurgiões e 2 clínicos gerais. O atendimento da população também é garantido por 17 postos de saúde, sendo 3 centros de saúde, 2 unidades de saúde da família e 1 posto de saúde na zona urbana e 11 postos de saúde na zona rural, além das clínicas especializadas em clínica médica, cirúrgica, obstétrica, bem como, com profissionais das mais diversas especialidades (ultra-sonografia geral, endoscopia digestiva, preventivo de câncer ginecológico e mamografia de raio-x). Outras inovações também se verificaram com a instalação de dois laboratórios na cidade, o Prolab e o Orixilab, especializados em análises clínicas. Além da presença de 5 consultórios dentários oferecendo as seguintes especialidades: prótese de porcelana, tratamento de canal, raio-x, clareamento a laser e piercing dentário. O município ainda dispõe de uma unidade do HEMOPA. Esta função exercida em Oriximiná tem um raio de atuação que abrange os municípios de Alenquer, Faro, Monte Alegre, Óbidos, Terra Santa e Parintins-AM. A sede destes municípios não conta com equipamentos satisfatórios para atender às necessidades da população nestes setores.

Tabela 17 - Oriximiná: evolução das unidades ambulatoriais cadastradas, 1999-2003

Estabelecimentos	1999	2000	2001	2002	2003
Posto de Saúde	20	20	20	19	12
Centro de Saúde	2	2	2	4	4
Ambulatório de Unidade Hospitalar Geral	3	3	3	3	3
Unidade de Saúde da Família	1	1	1	1	1
Unidade de Vigilância Sanitária	1	1	1	1	1
TOTAL	27	27	28	28	21

Fonte: DATASUS/MS/SEPOF

Deve-se ressaltar que o crescimento dos serviços de saúde induzidos pela prefeitura, e indiretamente pela mineração através do repasse dos *royalties*, criou uma nova acessibilidade da população a este tipo de serviço. Anteriormente, os grupos de maior renda deslocavam-se com freqüência para Santarém, Belém e Manaus, em busca dos serviços inexistentes em Oriximiná, atualmente só buscam estes centros quando necessitam de serviços mais especializados, evitando ou reduzindo, assim, o seu deslocamento para os centros urbanos maiores.

TABELA 18 - Oriximiná: Número de Hospitais e Leitos no Município 1999-2003

Hospitais	Hospitais					Leitos				
	1999	2000	2001	2002	2003	1999	2000	2001	2002	2003
POR NATUREZA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Contratado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Federal	2	2	2	1	1	62	62	62	32	32
Estadual	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Municipal	1	1	1	1	1	1	30	30	30	30
Filantrópico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Filantrópico Inseto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Universit./Pesq.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
POR REGIME	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Público	3	3	3	2	2	92	92	92	62	62
Privado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Universitário	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: DATASUS/MS/SEPOF/DIEPE/GEDE

No que se relaciona à educação, de acordo com as informações prestadas pela Secretaria Municipal de Educação, atualmente o município conta com 123 escolas, envolvendo estabelecimentos do ensino médio e fundamental, 815 professores e 19.499 alunos na rede pública municipal (Tabela19). O município possui também três escolas de ensino superior. A Universidade Federal do Pará que oferece os cursos de Letras, Pedagogia e Ciências Biológicas, além dos cursos intervalares, que ocorrem somente nos períodos de férias, que são: Matemática, Ciências Sociais, Química, Geografia e Biologia. A Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA, que oferece os cursos de Ciências Agrárias e a

Universidade Federal Fluminense com um campus de extensão avançado vem atuando na área de saúde, mais especificamente na área de enfermagem, com o treinamento e qualificação de enfermeiros, além de ofertar estágios para acadêmicos de medicina. Tais atividades são feitas em parceria com o Governo do estado do Pará, via UEPA, e com a UFF possibilitando a viabilização de estágios para futuros profissionais ligados a área de saúde. O campus da UFF atua no município desde 1973, e hoje é responsável pelo gerenciamento de um dos hospitais do município.

TABELA 19 - Oriximiná: Evolução do número de escolas, professores e alunos da rede pública municipal

	Número de Escolas			Número de Professores			Número de Alunos		
	Zona Urbana	Zona Rural	Total	Zona Urbana	Zona Rural	Total	Zona Urbana	Zona Rural	Total
1996	23	157	180		303	576	4108	4686	8794
1997	32	151	183	149	263	412	5855	4745	10600
1998	24	115	139	173	232	451	4607	4919	9526
1999	16	123	139	177	224	401	4851	5087	9938
2000	23	128	151	357	267	624	10961	5407	16368
2001	27	124	151	413	248	661	11669	4888	16557
2002	26	126	152	428	298	726	11597	5508	17105
2003	25	116	141	372	278	650	12810	5151	17961
2004	28	95	123	496	319	815	13146	6303	19449

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Oriximiná, 1996-2004

A presença dos cursos de ensino superior em Oriximiná, entre outros fatores, tem provocado alterações no raio de ação da cidade sobre o espaço regional. É interessante observar uma dimensão expressiva, sobretudo quando se leva em consideração que, boa parte de seus alunos tem origem, com exceção do próprio município de Oriximiná, em cidades como Faro, Juriti, Terra Santa e Óbidos. Isso pode ser explicado pela ausência da oferta de cursos de nível superior na região, fato que facilita grandemente as articulações entre tais cidades.

A função bancária, por sua vez, também passou por alterações. Atualmente a cidade encontra-se representada por 7 bancos - sendo que um deles funciona como banco postal na Agência dos Correios da cidade –, o Bradesco S/A, disponibilizando os serviços de abertura de contas, recebimento de cheque e transferência de valores. Em Oriximiná funcionam as agências do Banco do Brasil S/A (Foto 21), do Banco do Estado do Pará e do Banco da Amazônia dando-nos a idéia da dimensão das mudanças ocorridas no setor terciário da cidade.

Fonte: Trabalho de Campo, 2004

Foto 21 - Comércio da Feira de Oriximiná

Este "clima de prosperidade" tem levado as últimas administrações municipais a melhorarem os serviços de infra-estrutura urbana básica ampliando a rede de água, luz, esgoto, pavimentação, reforma e construção de prédios públicos voltados à administração e cultura, bem como, a construção de praças públicas destinadas ao lazer da população. Mediante a expansão dessas obras algumas firmas de engenharia voltadas à construção civil nos últimos anos passaram a se instalar na cidade. Atualmente, Oriximiná conta com a criação deste novo serviço, com a instalação de 6 firmas de construção civil, sendo elas: a Engeplan Engenharia e Planejamento Ltda, Electron Reparos Assistência Técnica Trombetas Ltda, Engemil Engenharia e Construção Mileo Ltda, Construtora Mello de Azevedo S/A, Martop Construções e Terraplenagem Ltda e Construtora Silva Monteiro Ltda.

No conjunto dos serviços prestados, foram identificadas melhorias no serviço hoteleiro de pequeno porte, a partir da implantação de hotéis e pousadas promovida pela iniciativa privada local; na melhoria da infra-estrutura básica com extensão das redes de água, luz, esgoto e pavimentação de vias; em termos de habitação com a aquisição de um conjunto habitacional de casas populares financiado pelo governo federal. Tais mudanças retratam que o crescimento da cidade torna-se um fato. Visando o atendimento das necessidades criadas pela expansão do mercado de trabalho urbano, sobretudo, os empregos de cargo público,

Oriximiná aparenta se transformar, o setor terciário se expande pela abertura de novas atividades de comerciais e de serviços, comércio especializado, restaurantes e bares, agências bancárias, com isto pode-se aventar que a cidade nos últimos anos passa a conhecer uma significativa expansão.

3.7 – Impactos na Economia: do Extrativismo a Agropecuária?

No período em curso, de atual diversificação das atividades econômicas na cidade de Oriximiná, cuja expansão pode ser avaliada em decorrência do crescente número de estabelecimentos comerciais, do setor de serviços e industrial e da participação de cada setor econômico (terciário e secundário) na arrecadação e transferência total de ICMS, IPI e ISS, constata-se que na área rural do município as modificações não foram tão significativas. O campo de Oriximiná permanece dependente da pecuária tradicional, da agricultura de subsistência e do extrativismo. Mesmo com a introdução em seu distrito industrial de uma atividade de grande porte, localizado em área rural, em quase nada esta atividade contribui para a ampliação do rebanho do município e muito menos para a variação dos principais produtos das lavouras temporárias e permanentes de Oriximiná.

Para os moradores e produtores rurais do município a introdução da mineração em Oriximiná traria a expectativa de crescimento de suas atividades, já que muitos pensavam que a MRN para manter o núcleo urbano de Porto Trombetas poderia comprar parte da produção agrícola, ou então, abastecer sua cidade com a carne bovina produzida nos frigoríficos de Oriximiná. Coisa que não aconteceu. Mas, apesar das circunstâncias a produção agropecuária municipal vem tendo uma certa expressão, sobretudo para atender os moradores da cidade, que nos últimos vinte anos tiverem seu contingente ampliado.

Mesmo assim, a base de sustentação econômica do município continua sendo mantida pela permanência da agricultura de subsistência, da agricultura de exportação, pelo extrativismo e a pecuária tradicional, fontes de emprego e renda que mantêm parte do comércio urbano na cidade. Apesar de não possuir uma grande variedade de produtos agropecuários mantêm o pagamento dos salários de boa parte da população, a criação de empregos e o novo comércio de implementos agrícolas que surgiu nos últimos anos.

No município de Oriximiná prevalece ainda uma agricultura de técnicas rudimentares, que apresenta o mínimo de rendimento e exige constante destruição por devastar a mata para

abertura de pequenas roças. Associada ao verão, a roça representa uma atividade principal para os moradores do campo, que fornece uma diversidade considerável de produtos como cereais, raízes, frutas e legumes. Sendo assim, a agricultura para o consumo interno no município tem, na mandioca, seu principal produto, seguido do milho e a cana-de-açúcar. A tabela 20 mostra os principais produtos da lavoura temporária do município e a sua quantidade produzida

TABELA 20 - Oriximiná: quantidade produzida dos principais produtos das lavouras temporárias 1994-2000

Produtos	Quantidade produzida (t)							
	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Abacaxi	12	144	120	120	84	60	48	48
Arroz (em casca)	180	135	135	135	180	180	600	480
Batata-Doce	26	16	23	16	17	25	25	36
Cana-de-Açúcar	200	800	800	1.000	600	600	700	560
Feijão (em grão)	74	57	54	66	180	190	330	158
Fumo (em grão)	-	3	3	3	6	4	2	2
Juta (fibra)	-	-	-	0	3	16	0	0
Mandioca	180.000	180.000	150.000	195.000	156.000	180.000	180.000	180.000
Melancia	14	14	20	16	20	20	50	120
Milho (em grão)	240	1.280	960	960	735	700	1.568	1.200
Tomate	4	4	8	8	10	20	0	10
TOTAL	180.750	182.453	152.123	197.324	157.835	181.815	183.323	182.614

Fonte: IBGE/PAM/ SEPOF

Comparando a produção total do município, verifica-se que a produção da mandioca manteve nos últimos oito anos a mesma importância, permanecendo como o principal produto da agricultura de subsistência. Nesse intervalo de tempo tal produção manteve um índice constante de 98% de participação no total dos outros produtos, tendo os outros a seguinte composição: milho uma participação entre 0,13% e 0,85% e a cana-de-açúcar, com 0,11% e 0,38%, confirmando que tais produções são muito inferiores em relação ao cultivo da mandioca.

A agricultura do município encontra outra fonte de rendimento na produção da lavoura permanente. Produtos como o cacau ainda continuam sendo cultivados, apesar de não manterem a mesma importância que tinha no século XIX, período áureo desta cultura de exportação. As frutas cítricas são os principais produtos da lavoura permanente no município (Tabela 21).

TABELA 21 - Oriximiná: quantidade produzida dos principais produtos das lavouras permanentes 1994-2000

Produtos	Quantidade produzida (t)								
	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2000
Abacate	750	300	375	200	200	200	260	-	-
Banana	120	140	100	70	100	100	180	104	100
Cacau (em amêndoa)	2	2	2	2	2	2	2	1.200	1.200
Café (em coco)	3	5	5	5	4	5	5	1	1
Coco-da-Bahia	78	78	94	94	94	94	94	9	6
Laranja	3.978	2.550	2.040	2.703	1.110	3.290	3.288	94	94
Limão	4.000	2.000	2.400	2.000	3.000	3.000	3.200	291	583
Mamão	240	270	222	30	-	-	-	160	48
Manga	5.000	5.000	4.000	-	-	-	-	27	27
Maracujá	31	600	62	560	370	370	368	-	-
Pimenta-do-Reino	1	1	2	1	1	2	2	1	-
Tangerina	950	1.140	1.140	760	480	480	420	49	24
TOTAL	15.153	12.086	10.442	6.425	5.361	7.543	7.819	1.936	2.083

Fonte: IBGE/PAM/ SEPOF, 1994-2000.

A região de Oriximiná apesar do incremento na variação dos produtos, estes de modo geral, ao longo dos anos, não tiveram crescimentos expressivos na sua produção. No entanto, a presença da cultura da pimenta-do-reino no município, constitui uma demonstração que é possível realizar numa região de solos pobres este cultivo.

No que diz respeito ao extrativismo vegetal, a economia de Oriximiná é caracterizada essencialmente pelos produtos de coleta que segundo os valores da produção municipal podem ser mencionados: castanha-do-pará, lenha e madeira em tora. Tradicionalmente obtidos por processos primitivos, tais processos continuam ainda a vigorar principalmente a coleta da castanha-do-pará. Mesmo assim, ela continua sendo a principal atividade e é a que mantém o maior número de braços no município, vide a permanência da importância dessa produção na Tabela 22.

TABELA 22 – Oriximiná: quantidade e valor dos produtos da extração vegetal 1994-2002

Produtos	Quantidade Produzida (t)							
	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
OLEAGINOSOS								
Copaíba (óleo)	-	-	1	-	-	1	-	-
Cumaru (amêndoa)	-	-	2	-	-	-	5	1
Outros	-	-	-	1	-	1	2	2
AROMÁTICOS	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros	-	-	-	-	-	-	-	-
ALIMENTÍCIOS	-	-	-	-	-	-	-	-
Açaí (fruto)	5	5	10	10	15	15	25	30
Castanha-do-Pará	2.200	1.375	1.925	1.650	75	2.100	1.375	990
MADEIRAS	-	-	-	-	-	-	-	-
Carvão Vegetal	120	150	165	180	180	430	450	450
Lenha (m^3)	250.000	280.000	260.000	225.000	230.000	234.000	250.000	200.000
Madeira em Tora (m^3)	12.000	15.000	11.000	15.600	30.000	25.000	42.000	26.000
TOTAL	264.325	296.530	273.103	242.441	260.270	261.547	293.857	227.473

Fonte: IBGE/SEPOF, 1994-2002

Os dados desse período evidenciam uma predominância da atividade da castanha-do-pará, porém tendo como destaque o crescimento galopante da extração de madeira no município, em menos de 10 anos, os valores de crescimento atingiram taxas de crescimento muito altas. Tendo como referência a produção extrativa total de Oriximiná, constatamos que a produção de lenha nesse intervalo atingiu variações de 82% a 88% de expansão, índices preocupantes que revelam a ampliação da devastação das matas primárias do município, com pouca participação de agregação de valor na produção, já que existem na zona urbana poucas indústrias moveleiras e estaleiros interessados na produção de madeira.

O principal rebanho do município é o bovino. Desde o período colonial a produção pecuária na região teve expressão. Nestas áreas, a criação apresenta como característica mais importante o fato de ser extensiva. Os dados da tabela 23 mostram pequenas variações no rebanho local, mas salientam de imediato a importância do gado bovino no rebanho do município.

TABELA 23 - Oriximiná: Principais Rebanhos Existentes 1994-2002

Rebanhos	Efetivo							
	1994	1995	1996	1997	1998	2000	2001	2002
Bovinos	85.510	84.000	56.782	70.000	76.600	88.090	78.638	82.842
Suínos	17.380	14.800	8.029	8.805	9.509	10.650	12.835	12.835
Bubalinos	9.600	9.600	982	7.250	7.250	8.000	3.504	3.527
Eqüinos	5.600	6.000	1.525	1.980	2.500	2.700	15	18
Asinino	42	46	17	17	25	20	120	120
Muares	230	150	5	55	62	100	8.400	7.800
Coelhos	-	-	-	-	50	60	80	112
Ovinos	6.800	6.000	2.210	2.430	2.500	2.700	3.353	3.200
Caprinos	10.300	8.000	1.380	1.500	1.725	1.750	10.600	9.964
Codornas	-	-	-	-	30	60	32.784	31.144
Galinhas	9.900	13.500	-	8.686	9.240	9.702	182	202
Galos, Frango(as) e Pintos	22.000	28.000	30.000	21.314	23.760	26.611	1.600	1.500
Vacas Ordenhadas	5.370	5.460	-	3.430	2.564	3.964	4.718	4.970
TOTAL	172.732	175.556	100.930	125.467	135.815	154.497	156.829	158.234

Fonte: IBGE/SEPOF, 1994-2002

Por esta tabela podemos verificar que a importância do gado bovino e da criação de suínos, no quadro da pecuária local, se manteve sem grandes alterações. O gado bovino é ainda o mais importante da pecuária, pois constitui uma das bases de alimentação do centro urbano. Durante este período apresentou uma participação de 50% no rebanho total efetivo do município. Todavia a mineração pouco contribuiu para ampliar a criação local de gado, já que o seu abastecimento continua vindo de fora.

3.8 - Impactos e Mudanças na Arrecadação e Transferência Tributária

A dinâmica de crescimento do núcleo urbano de Oriximiná nos últimos anos, aferida no comportamento das taxas de crescimento da população urbana, na ampliação do setor terciário da cidade, na nova funcionalidade urbana e na expansão do solo urbano, apontam para influências que a atividade de extração mineral vem exercendo na economia urbana da cidade através do repasse de tributos e compensações financeiras, obtidas com o desenvolvimento da exploração do minério de bauxita. Principalmente após as mudanças constitucionais, desencadeadas com a promulgação da Constituição de 1988, que provocaram alterações significativas na condução da política de valorização dos recursos minerais da Amazônia.

A possibilidade de transferência de recursos para os municípios-sedes, vem implicando uma alteração significativa na receita tributária desses entes federados, constituindo, no caso destes municípios, um ganho em termos de magnitude de valor na ampliação de suas receitas, mas determinando situações diferenciadas de autonomia financeira em relação a arrecadação tributária dos municípios situados no entorno dos Grandes Projetos.

A legislação federal (Lei nº.8. 876 de maio de 1994) que trata da indenização a ser paga pelas empresas aos Estados, Distrito Federal e Municípios para compensar os danos e custos sociais e ambientais decorrentes do ato de exploração dos recursos naturais, estipulou entre outras coisas e taxas, critérios para distribuição entre beneficiários e para o uso.

Segundo a lei, as taxas dos *royalties* devem ser calculadas sobre o faturamento líquido, e a receita bruta das vendas, deduzidas as despesas com transporte e tributos sobre a comercialização, que variam de acordo com o bem mineral: 1% para ouro; 3% para manganês, bauxita metalúrgica e potássio; e 2% para as demais substâncias. A definição dessa alíquota não deixa de ser instrumento de política mineral, já que seus percentuais podem incentivar ou dificultar o crescimento da atividade mineral, uma vez que a sua decisão envolve muito mais do que critérios puramente econômicos, problemas de disparidades regionais, distribuição funcional da carga fiscal, necessidade de geração de divisas, dentre outros fatores (Silva, op. cit.1258, 1997). Em relação aos critérios para a distribuição entre os beneficiários o município minerador recebe 65% dos *royalties* recolhidos, o Estado 23% e a União 12%. O critério adotado para o uso dos *royalties*, segundo a legislação, impede que a sua utilização seja destinada à contratação de pessoal permanente e pagamento de dívidas, mas não indica de que forma essa receita deve ser gasta, com exceção da obrigatoriedade em aplicar 25% da receita municipal no setor da educação. Dessa maneira o atual critério, por sua vez, é ruim por não estar conduzindo a um uso adequado, na medida em que deixa o recurso livre ao critério da boa vontade do gestor público municipal.

No caso dos tributos arrecadados os municípios mineradores também se diferenciam dos demais na sua arrecadação. Com o início do funcionamento da indústria de transformação mineral e a contínua expansão da sua produção, um maior volume de produtos é comercializado a cada ano, implicando numa elevada intensidade dos fluxos de circulação de mercadorias no âmbito estadual e deste para o mercado externo, resultando, portanto, no aumento da receita proveniente do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação (ICMS), e até mesmo do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). Para o ICMS a participação do município-sede

na redistribuição do imposto é cada vez maior, por que as indústrias estabelecidas nestes municípios geram produtos com valor adicionado em decorrência do (semi)beneficiamento realizado localmente, momento em que ocorre um maior nível de agregação de valor

Um dos efeitos desencadeadores provocados pela alocação de projetos econômicos de grande porte na região do Médio Amazonas foi a criação de diversos serviços em setores como o transporte, a construção civil, o comércio e a administração pública, estimulados indiretamente pela instalação dos empreendimentos produtivos ou infra-estruturais no município-sede necessários à implantação da mineradora. Isto ilustra a posição de destaque que o município de Oriximiná passa a ocupar em relação aos demais ao ser favorecido pelo aumento de outra receita na sua arrecadação: o Imposto sobre Serviço (ISS). Evidentemente que o aumento dessa receita provocou efeitos positivos para o município-sede, porém ele não ocorreu de forma linear causando diferenciações na arrecadação entre os demais municípios da região de entorno.

TABELA 24 - Médio Amazonas Paraense: Evolução Anual do ISS Municipal, 1995-2000.

(em R$1,00)

Municípios	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Alenquer	-	-	51.372,04	69.897,75	45.193	-
Curuá	-	-	8.800,28	17.118,24	31.770,24	-
Faro	-	-	-	23.626,57	24.869,28	-
Monte Alegre	16.007,19	-	43.936,17	94.195,27	78.772,19	-
Óbidos	16.754,96	18.874,18	19.095,76	48.357,12	62.270,76	-
Oriximiná	989.125,13	1.541.127,02	2.246.616,62	1.090.172,92	1.250.550,38	132.946,72
Prainha	1,02	1,3	1.069,74	22.399,11	469,62	-
Terra Santa	-	-	-	-		

Fonte: TCM-PA

Na tabela 24, que reúne os dados referentes ao Imposto sobre Serviços, observamos que o município de Oriximiná é nitidamente o que apresenta maior crescimento na arrecadação de ISS, com elevado índice de crescimento. Este dado revelador evidencia-se quando em menos de quatro anos as taxas de arrecadação elevaram-se em 13,64%. Basta comparar com a arrecadação dos outros municípios, em que a evolução registrada tem se dado por uma baixa taxa de crescimento, ou em alguns casos, até mesmo, pela redução da receita.

Um outro exemplo dessa diferenciação espacial das receitas verifica-se, do mesmo modo, para o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) que, conforme frisado anteriormente, tem o valor de sua transferência ampliada quando a indústria mínero-metalúrgica gera um aumento na produção de produtos (semi) beneficiados localmente. A

verificação deste quadro, do acréscimo da receita tributária, reforça a diferenciação econômico-financeira entre o município que sedia a indústria de beneficiamento do minério em relação aos municípios alijados da atividade mineradora.

TABELA 25 - Médio Amazonas Paraense: IPI Transferidos aos Municípios- 1995-2000

(em R$1,00)

Municípios	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Alenquer	30.996,14	39.034	43.909,21	69.897,75	44.078	71.320,00
Curuá	-	-	13.363,67	17.118,24	15.914,18	23.131,00
Faro	3.814,14	4.803,18	19.090,96	23.626,57	2.173.921,00	36.624,00
Monte Alegre	39.813,35	50.137,29	57.272,89	94.195,27	5.128.287,00	69.392,00
Óbidos	40.610,00	51.141,00	59.182,00	48.357,12	5.467.600,00	75.175,00
Oriximiná	198.191,56	249.584,35	447.274,05	1.090.172,92	46.945.167,00	601.398,00
Prainha	15.269,62	19.229,16	21.000,06	22.399,11	25.132,39	44.334,00
Terra Santa	39.212,49	49.380.62	57.272,89	-	34.735,37	2.698.600,00

Fonte: TCM-PA

Os dados mostram o crescimento substancial da receita transferida pelo IPI para o município de Oriximiná. As variações no comportamento desta receita, entre 1995 e 2000, evoluíram numa proporção 2 vezes mais que a receita de todos os demais municípios adjacentes. O exemplo deste crescimento se dá quando a participação na receita do IPI, em 1995, passa de 50% para 70% em 2000, enquanto que para os outros a variação da receita se mantém abaixo de 10%. Portanto, nos anos do período analisado a receita do IPI de Oriximiná triplicou, de 198 mil reais em 1995 atingiu em 2000 o valor de 601 mil reais, tendo um crescimento de 403 mil reais.

Outro ponto importante a ser observado sobre a diferenciação espacial financeira é a manutenção das desigualdades entre os municípios, na arrecadação e transferência do principal tributo estadual, o ICMS. Desse modo, para a maior parte dos municípios os valores arrecadados e os valores transferidos por este tributo não são idênticos, por sua arrecadação depender de critérios como o tamanho da população, a superfície territorial, o dinamismo econômico dos municípios, o valor adicionado e do número de municípios existentes no ano da tramitação tributária. Assim, pode-se deduzir que as perspectivas de diminuição das desigualdades financeiras intermunicipais pela transferência e arrecadação do ICMS não é eficiente.

De modo geral, quanto a arrecadação e transferência do ICMS (Tabelas 26 e 27), observa-se que há uma clara diferenciação da participação dos municípios que recebem a mais, do que contribuem para o produto do ICMS, e de outro, os que recebem a menos do que contribuem para a formação da receita deste tributo.

TABELA 26 - Médio Amazonas Paraense: evolução da arrecadação ICMS por Municípios - 1995-2000

(em R$1,00)

Municípios	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Alenquer	233.355,00	201.494	261.615,00	212.891,00	305.631	35.046,00
Curuá	-	337	387,00	1.863,00	919,00	852
Faro	3.140,00	2.944,00	1.271,00	4.683,00	1.160,00	2.151,00
Monte Alegre	-	-	-	-	235.172.526,00	325.194,20
Óbidos	380.203,00	383.155,00	374.383,00	489.502,00	606.596,00	68.910,60
Oriximiná	13.633.085,00	9.661.816,00	3.370.865,00	3.766.721,00	8.665.129,00	12.165.365,00
Prainha	28.188,00	33.277,00	16.890,00	26.212,00	25.124,00	11.667,00
Terra Santa	21.144,00	25.270,00	25.827,00	40.133,00	25.493,00	18.267,00

Fonte: TCM-PA

O ICMS representa, sem dúvida, uma possibilidade de ampliar a receita do município de Oriximiná. No período de 1995-2000, este município ampliou significativamente sua participação na arrecadação e transferência de ICMS, graças a elevação na produção de bauxita. A ampliação da receita vem expandindo a sua participação na arrecadação; ao longo dos cincos anos houve uma duplicação na sua participação para a arrecadação deste tributo, apesar desta ter diminuído entre 1997 e 1998, devido a incidência da Lei Kandir. Simultaneamente, as transferências aumentaram e progressivamente atingiram índices de 88,8% de crescimento no intervalo de cinco anos.

Tabela 27 - Médio Amazonas Paraense: evolução da transferência de ICMS por Municípios 1995-2000

(em R$1,00)

Municípios	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Alenquer	2.404.264,00	2.789.780	4.189.564,00	4.282.336,00	5.491.346	7.856.592,00
Curuá	376018	436311	385.440,00	393.975,00	516.080,00	931711
Faro	-	-	117.308,00	119.905,00	187.666,00	302.177,00
Monte Alegre	46.269,00	53.689,00	167.583,00	171.293,00	255.908,00	478.446,00
Óbidos	48.297.619,00	56.041.978,00	50.274.769,00	51.388.026,00	59.711.195,00	90.653.000,00
Oriximiná	492.642,00	571.636,00	519.506,00	531.010,00	637.635,00	982.074,00
Prainha	185.263,00	214.938,00	184.341,00	188.423,00	296.427,00	579.172,00
Terra Santa	475.678,00	551.962,00	502.748,00	513.880,00	394.518,00	352.539,00

Fonte: TCM-PA

O repasse dos *royalties* para o município de Oriximiná representa um sistema a parte que tende a reforçar as desigualdades intermunicipais. Ao observar a Tabela 28 nota-se, em 5 anos, um aumento expressivo no orçamento do município. A tendência é que com o crescimento da extração e do beneficiamento da bauxita, as finanças deste município deverão continuar a ter incrementos significativos. Dentro desse contexto relativo à receita tributária, o peso dos *royalties* no orçamento municipal assume grande importância, e, conseqüentemente,

amplia as diferenciações espaciais financeiras entre os municípios, causando grande impacto no orçamento e na capacidade de gastos dos governos subnacionais, principalmente, os menos dinâmicos.

TABELA 28- Oriximiná - Distribuição das Cotas-partes da CEFEM, 1996-2004

(em R$1,00)

Anos	Valores Transferidos
1996	5.868.269,99
1997	6.264.182,21
1998	7.673.691,74
1999	10.595.262,63
2000	10.969.224,15
2001	13.219.864,41
2002	8.946.365,05
2003	14.133.987,25
2004	17.571.521,33
TOTAL	95.242.368,76

Fonte: MME, DNPM (1996-2004)

A importância do CEFEM (*royalties)* da bauxita no orçamento do município acima citado pode ser percebida quando analisado o conjunto das finanças municipais. A arrecadação com a CEFEM da bauxita tende a ultrapassar os valores das transferências constitucionais do estado. Nos anos de 1996 a 2001, os *royalties* foram 1.0 superiores aos valores referentes aos repasses constitucionais efetuados pelo Estado, mesmo diante das poucas diferenças entre os índices no intervalo de 1996 a 1998 nota-se o crescimento desse indicador nos próximos anos. A Tabela 29, a seguir, ilustra a importância deste repasse para o município beneficiado.

TABELA 29 – Oriximiná: Peso dos *Royalties* sobre as demais Transferências Estaduais 1996-2000

(R$1,00)

Transferências Estaduais	Anos					Total
	1996	1997	1998	1999	2000	
ICMS	2.789.779,97	4.189.564,12	4.282.335,50	5.491.345,69	7.856.592,00	24.609.617,28
IPI	249.584,35	447.274,05	440.643,10	469.451,67	601.398,00	2.208.351,17
FUNDEF	-	1.038.702,27	2.464.942,32	2.455.502,29	2.722.841,00	8.681.987,88
TOTAL	3.039.364,32	5.675.540,44	7.187.920,92	8.416.299,65	11.180.831,00	35.499.956,33
Royalties	5.868.269,99	6.264.182,21	7.673.691,74	10.595.262,63	10.969.224,15	41.370.630,72
Relação(2)/(1)	1,930755702	1,103715545	1,067581548	1,25889798	0,981074139	1,165371313

Fonte: TCM-PA

Fazendo uma análise da realidade fiscal e tributária do conjunto dos municípios na órbita da atividade mineradora de bauxita o recebimento dos *royalties* representa um novo e

vigoroso fator potencial de desenvolvimento local diferenciado. O incremento das receitas municipais por parte dos royalties é, sem dúvida, uma possibilidade de ampliação do orçamento municipal. É importante frisar que os *royalties* são rendas articuladas à exploração de um recurso natural finito, tendendo a diminuir ao longo do tempo. Nesse horizonte, cabe salientar a fragilidade da base de sustentação do município, fundamentalmente agrícola-extrativista, que atualmente depende desse recurso orçamentário, portanto, trata-se de um município que, no momento, está condicionado às características dessa *commodity*.

Ficou evidente, pelos dados expostos anteriormente, que o município que conforma a atividade de extração mineral, apresenta um orçamento sensivelmente superior aos dos demais municípios que não recebem *royalties*, que apenas um município conta com infra-estrutura logística e de comunicação; que a administração pública local situa-se favorecida mediante a capacidade de investir em atividades produtivas, equipamentos coletivos e na capacitação de pessoal; e que somente um município conta com pessoal diretamente ocupado na extração da bauxita. Assim, pode-se deduzir que as perspectivas de crescimento desse município são prováveis caso a eficácia administrativa do poder municipal se mantenha e a distribuição dos *royalties* não se altere.

Por outro lado, não se deve negar a influência que esse repasse dos tributos e os *royalties* podem estar tendo na vida da sede do município de Oriximiná. A importância relativa que a CEFEM (*royalties)* tem representado na receita municipal, reflete-se diretamente na ampliação do número de funcionários que a prefeitura vem empregando. A elevação dos gastos com pessoal, vem implicando em maior comprometimento da receita para esse fim, que apesar de contrariar a legislação, este gasto vem sendo parcialmente financiado pelos *royalties*. O pagamento dos *royalties* também vem possibilitando a ampliação e a melhora de alguns serviços da administração pública, sobretudo quando há a contratação de profissionais qualificados para atuarem nos serviços de saúde e educação. O incremento dos cofres municipais com tais receitas, ao mesmo tempo, contribui na realização de inúmeras obras: construção do novo estaleiro da cidade, abertura e pavimentação de ruas, reforma de prédios públicos, construção de escolas e praças, mercado, expansão da rede elétrica, do microsistema de drenagem, instalação de postos de saúde. Tais obras nos chamam atenção para o fato de que o governo local acaba capitalizando os dividendos políticos na medida em que pode direcionar, em termos socioespaciais, a aplicação dos recursos. Dessa forma, o uso que tem sido dado aos recursos públicos, de um lado, está possibilitando o crescimento da cidade de Oriximiná por estar expandindo o mercado de consumo local, o número de comerciantes e de migrantes tanto da zona rural como de outros municípios e estados

motivados pelo impulso que o núcleo urbano vem passando nos últimos 10 anos. Por outro lado, a elevação do número de empregados da prefeitura em Oriximiná e o conseqüente inchamento da máquina administrativa, serve de suporte para a política populista, paternalista e ineficaz para resolução dos problemas locais, mas ainda muito utilizada, especialmente em sociedade com frágil sistema de organização social.

3.9 - Interações Espaciais

Recentemente a configuração territorial do município de Oriximiná é composta por uma série de elementos fixos, construídos e visivelmente materializados no espaço, e, por uma gama variada de fluxos provocados por essas formas fixas, que estão produzindo um movimento de diversificação da circulação. Torna-se importante captar empiricamente a natureza e o significado desses fluxos numa situação concreta, como a exemplificada pela cidade em estudo.

Através das transformações que estão se processando na funcionalidade da cidade de Oriximiná, verifica-se que as interações espaciais passaram por significativas mudanças. Estas mudanças demonstram uma ampliação das áreas através das quais se realizam a circulação geográfica de bens e serviços, capitais, investimentos e pessoas. Tal ampliação está diretamente ligada à intensificação dos fluxos e às possibilidades crescentes de trocas, resultantes da atual inserção de Oriximiná na região.

A intensificação dos fluxos na região de influência imediata da cidade de Oriximiná explica-se, de certa forma, pela alteração no padrão da circulação regional, provocada pelo avanço das frentes de expansão agropecuária e mineral. Nesta época, conforme citamos em trecho anteriores, o Estado era conduzido a implantar e construir novas vias artificiais de comunicação. Aeroportos, estradas de rodagem e ferrovias foram implantadas como pré-requisito à instalação e funcionamento dos pólos agrominerais, enquanto parte de um movimento: o avanço e a expansão do capital, que vem multiplicando e diversificando o movimento regional, está alterando o modelo de circulação. É assim que um incremento novo se introduz e passa a atuar na região, em conseqüência dos novos contatos que surgiram, já que em toda parte há uma carga a transportar, transações a efetuar e necessidades a satisfazer.

Se considerarmos o município de Oriximiná e os situados em seu entorno, a conectividade viária ainda é muito baixa, pelas estradas que ligam estes municípios serem

precárias. O que mudou foi a instalação dos aeroportos na região e a expansão e avanços técnicos do transporte fluvial, que ainda continua sendo o principal meio de comunicação. A rede de estradas é ainda incipiente e muitas das que existem não operam na estação de pluviosidade mais forte, mesmo assim, houve uma mudança considerável nas interações regionais após a implantação da Cuiabá-Santarém (BR-163) que passou a facilitar os contatos entre a região Centro Sul do país com o vale do Médio Amazonas, agilizando a articulação com o mercado e o serviços da "região concentrada" sem passar por Belém, por mais que o percurso seja feito uma parte pelo transporte rodoviário e o restante pelo fluvial. A BR-163 é uma estrada pioneira no Médio Amazonas paraense, que permite multiplicar as interações entre os habitantes dos vários nódulos, sejam elas de tipo monetário (comércio), humano (migração) ou informacional.

Oriximiná, na calha do Trombetas, usufrui de uma posição privilegiada. O seu tamanho funcional é conseqüência direta do papel que sempre desempenhou de centro local, ao atender o escoamento de bens primários (cacau, madeira, castanha-do-pará), da produção de uma área de pecuária extensiva (predominantemente realizada em moldes muito tradicionais); além de atender a sua população imediata e dos pequenos municípios existentes nas proximidades, por ser dotada de certos serviços urbanos (bancário, médico-hospitalar e educacional). Apesar disso, possui uma infra-estrutura social em desenvolvimento, conseqüência das medidas tomadas pelos governos Federal e Estadual em aproveitar os recursos minerais do município. Os investimentos ali realizados pelo governo, no sentido de revitalizar a economia do município, ficam geralmente sem resposta, pois a cidade domina uma área de pecuária extensiva e produção extrativa vegetal e animal. Não obstante, sua deficiência em implementos urbanos vem sendo modificada recentemente, devido aos investimentos do setor público, a partir do incremento financeiro do município com os tributos da mineração.

A implantação da MRN no município tornou-se paulatinamente fator de produção de relações diferenciadas na cidade de Oriximiná com os municípios da sua região. Suas relações foram fortalecidas, tendo em vista, a nova função de núcleo receptor da mão-de-obra sub-regional, principalmente a não qualificada ou a pouco qualificada, destinada a atuar na mineração. No trabalho de campo verificamos como a leva de migrantes que chega à cidade, são indivíduos que já trabalharam em outras áreas de mineração ou estão vindo de cidades como Santarém, uma mão-de-obra mais instruída, que cursou pelo menos parte do ensino fundamental.

As interações espaciais desenvolvidas hoje no Médio Amazonas tendem a ser muito mais diversificadas, resultado da própria transformação anteriormente citada. Esta complexidade tem estado atrelada à apropriação capitalista da Amazônia, intensificada pela atuação de medidas oficiais, como o Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais e, principalmente, à implantação dos grandes projetos incentivados pela SUDAM, nas quais atividades modernas estão presentes, desempenhando o papel motor na reestruturação espacial da região.

As relações espaciais tendem a se concretizarem em primeiro lugar através da circulação de mercadorias. Os produtos produzidos na região eram direcionados em sua maior parte a um mercado consumidor local e regional. Por outro lado, as transações comerciais que forneciam aos núcleos da região uma gama variada de produtos manufaturados destinados ao consumo da população estabeleceu-se, exclusivamente, para algumas sede municipais – Oriximiná, Faro e Prainha; com a praça de Belém, de onde importavam quase todas as mercadorias consumidas no município. Entretanto, para outras cidades da região as transações não eram feitas apenas com a praça de Belém, por sua vez, núcleos urbanos como Óbidos, Alenquer e Monte Alegre mantinham, respectivamente, relações com Belém, Rio de Janeiro e São Paulo; com Belém e Santarém e diretamente com Belém e indiretamente com o sul do país por intermédio de Belém (FIBGE,1957). Assim, naquela época, a predominância das relações intra-regionais indicava a tendência geral das interações espaciais. Não havia praticamente hierarquia entre os centros, as sedes municipais apresentavam o setor de serviço mais ou menos abundante, de acordo com a importância da atividade de coleta, mas sua influência não extravasava os limites do espaço administrativo (Rochefort, 1959).

Era através das casas atacadistas destas cidades que se fazia o abastecimento. Esta por sua vez estabelecia relações diretamente com a capital Belém, o grande centro comercial da região, que centralizava a distribuição dos bens de consumo vindos de fora e destinados às outras cidades da bacia amazônica, e Santarém, que, naquele tempo já afirmava seu papel comercial no Médio Amazonas paraense, por movimentar um mercado regional de pequenas dimensões, que com o poder do comércio e o movimento das mercadorias possibilitou a abertura de transações para novos espaços regionais.

Após 1970, em nível mais local as interações ocorrem entre a população da zona rural e seu respectivo núcleo urbano, onde as primeiras demandam às cidades para satisfazerem suas necessidades de consumo. Diferentemente do que ocorria na década de 1950, estas ligações locais não expressavam via de regra, apenas o nível de renda que as obrigue a se abastecerem única e exclusivamente no centro urbano mais próximo. As transformações

ocorridas nos meios de transporte, de comunicação e nos hábitos alimentares e de consumo possibilitaram que esta população pudesse satisfazer suas necessidades em outros centros urbanos regionais.

Uma segunda forma das ligações se efetuava na esfera regional e nacional por meio da circulação contínua de pessoas, bens e serviços. Se na década de 1950, o fluxo estabelecia-se principalmente com envio de produtos associados ao extrativismo ou a agropecuária da região, para outras regiões e cidades extra-regionais, em destaque a capital estadual, Santarém e Manaus, e em contrapartida, enviavam para as cidades do Médio Amazonas uma gama multivariada de produtos manufaturados, hoje além dessas ligações com as cidades da região existem outras que são mais diferenciadas.

O fluxo dos produtos extrativos, sobretudo o minério de bauxita, tem seu consumo interno direcionado às indústrias de alumínio, Albrás e Alunorte, em Barcarena-PA e para a Alumar em São Luís-MA, que através de seu porto, em Itaqui, exporta a outra parte do carregamento de bauxita para o mercado externo, Canadá e Estados Unidos. Além deste fluxo de produtos, existem outros produtos extrativos, como o caso do o pescado e a castanha-do-pará. O primeiro sai de Oriximiná ou Óbidos com destino a Belo Horizonte-MG, Salvador-BA e São Paulo-SP, isto é, o consumo interno, e o consumo externo ocorre por intermédio destas cidades do Médio Amazonas com os portos especializados de Recife-PE e Rio de Janeiro-RJ para o mercado europeu, sendo, por exemplo, os carregamentos de filé de arraia, tambaqui, surubim e amapará (pescados típicos da região). A castanha-do-pará tem seu fluxo interno direcionado para São Paulo e ao Rio de Janeiro e o externo para a Europa e os Estados Unidos.

Entretanto, além deste fluxo de mercadoria, existe outro de bens e serviços intra e extra-regional entre as cidades do Médio Amazonas, que diante das transformações ocorridas a partir de 1960 passam a ocorrer com diferentes níveis, intensidades e orientações. A diferenciação dos fluxos segundo estes critérios está ligada a uma organização mais complexa do espaço, "resultante da acumulação de diferentes padrões que foram ora superimpostos, ora justapostos" (RIBEIRO, 1997, p.68). Nesta perspectiva, as cidades na Amazônia atual tendem a assumir papéis diferenciados, especializados e/ou hierarquizados, e, conseqüentemente, com diferentes fluxos (Ibid, 1997).

No caso das cidades do Médio Amazonas parece evidente que direta ou indiretamente as políticas de modernizações implantadas pelo Estado, empresas públicas e ou privadas mudou o conteúdo da vida de relações entre elas, sobretudo, por ter proliferado a circulação de mercadorias, pessoas e idéias. A multiplicação dos fluxos é dada não apenas por um

aumento das freqüências, mas também, por uma reestruturação do mapa dos pontos interligados entre as cidades e sua área de influência imediata, entre as cidades e a sua região e as cidades da região com as outras cidades do país. Entre as mudanças mais significativas encontramos a nível regional a ampliação das relações entre as cidades da região de Óbidos e Oriximiná, a permanência das ligações com Belém, tendo um relativo crescimento das ligações com Manaus e Santarém, além do surgimento de novas interações com Altamira-PA, Nhamundá-AM e Parintins-AM. Por fim, a nível nacional, encontramos atualmente ligações com Belo Horizonte-MG, Uberlândia-MG, Goiânia-GO, Fortaleza-CE, Caruaru-PE, Rio de Janeiro-RJ, São Paulo-SP e Blumenau-SC.

Nos últimos anos a cidade vem passando por um processo de renovação que pode ser explicado pelo desenvolvimento do setor de administração pública e, conseqüentemente, por um aumento da circulação da renda, além do crescimento da função de centro universitário e da expansão do setor comercial provocada pela instalação de grandes estabelecimentos comerciais, geralmente rede de lojas das cidades de Santarém e Belém. Por desempenhar novas funções que ampliam as interações espaciais da cidade, de tal forma, a diversificar o número, quanto a intensidade e a qualidade dos fluxos que chegam e saem dos centros urbanos.

As interações espaciais que ocorrem a partir da circulação de mercadorias demonstram uma grande ampliação de áreas através da qual geograficamente se dá sua circulação. As mercadorias destinadas à renovação de estoques por parte do comércio atacadista e varejista são obtidas prioritariamente junto à Uberlândia-MG e Goiânia-GO, onde estão localizadas grandes redes atacadistas nacionais. Inserem-se ainda nesta renovação de estoques as indústrias que estão localizadas no Centro-Sul do país. Embora este fluxo de mercadorias seja o mais importante, ocorrem ainda fluxos provenientes de outros estados por meio de comerciantes nordestinos.

A atuação de Oriximiná através do comércio atacadista e varejista nos municípios próximos explica-se recentemente pela existência de um comércio melhor equipado na cidade. A venda atacadista de produtos como tecidos, confecções, ferragens, louças, material de construção, produtos farmacêuticos, produtos agropecuários, peças de veículos e lubrificantes atinge as cidades de Faro, Juriti, Óbidos, Porto Trombetas e Terra Santa. A distribuição atacadista nestas áreas está intimamente associada à navegação fluvial, único modo pelo qual é possível o acesso à área. A porção setentrional do Médio Amazonas não conseguiu evoluir de uma fase de transporte aquático, tal como era antes, e esse modo de transporte, que aliado a proximidade favorece as ligações com Oriximiná.

A população de Oriximiná aparece como a principal consumidora dos produtos vendidos no comércio varejista da cidade. Entretanto, uma menor parcela das vendas varejistas destina-se às comunidades e vilas situadas no interior do município (Sapucuá, Jarauacá, Boa Vista, Capintuba, Erepecuru, Igarapé dos Currais), a atuação varejista da cidade ocorre pelas vendas de produtos de consumo freqüente, tais como eletrodomésticos, bicicletas, aparelhos de rádio, móveis, e da venda de produtos de consumo mais raro, como móveis de luxo, parabólicas, motocicletas.

A obtenção de matérias-primas destinada a indústria madeireira e de castanha-do-pará é restrita apenas ao município. A produção agrícola que chega à cidade e que em sua grande parte é constituída por arroz, feijão, mandioca, milho, abacaxi, melancia, tomate, cebola, banana, coco da Bahia, laranja, maracujá, limão, tangerina é obtida em Santarém, Belém e no próprio município, nas adjacências da estrada do BEC, onde sua produção está totalmente direcionada à agricultura de subsistência, visando basicamente a sobrevivência, sendo o seu excedente comercializado na cidade para aquisição de gêneros básicos à sustentação das famílias.

A prestação de serviços constitui uma importante função para a cidade, Oriximiná, hoje em dia, destaca-se como um centro em ascensão na oferta de serviços de educação numa região mal dotada de unidades de ensino. Os estabelecimentos de ensino fundamental e médio exercem influência local, mas atualmente verifica-se que a extensão da área de influência da cidade é maior no setor universitário do que no ensino médio e fundamental justificado por apenas uma outra cidade da região, Santarém, apresentar-se melhor equipada no mesmo tipo de serviço. A cidade conta hoje com os cursos de licenciatura em Biologia, Matemática, Geografia, História e outros e atende às cidades de Faro, Juriti e Terra Santa.

Em termos dos serviços de saúde Oriximiná hoje em dia aparece com uma certa expressão sub-regional, em razão de estar se sobressaindo como local de concentração dos serviços de saúde, devido à ampliação do número de leitos e de médicos nos dois hospitais da cidade. Os médicos de Oriximiná dedicam-se ainda a certas especialidades, entre elas a clínica médica, oftalmologia e outros. A recente atuação de Oriximiná no setor de saúde justifica-se também pela presença de clínicas, consultórios médicos e laboratórios. É em razão da revitalização do seu equipamento de saúde que a atuação dos dois hospitais de Oriximiná se faz sobretudo no interior do município e nas cidades de Faro, Juriti, Óbidos, Porto Trombetas e Terra Santa. Apesar disso, observamos que a atuação de Oriximiná através dos consultórios tem acontecido com maior intensidade.

A influência da cidade de Oriximiná no setor bancário sobre a sub-região analisada parece pouco expressiva. Apesar de ter tido um aumento no número de agências na cidade e no município a atuação dos serviços bancários se faz praticamente na cidade e em alguns casos atinge as cidades de Faro e Terra Santa, já que a atuação bancária de Oriximiná tem seus serviços concorrenciados pela presença das agências bancárias localizadas em Manaus e Santarém.

Oriximiná apresenta-se como um núcleo urbano que ampliou a oferta de serviços diversos em seu território. Possui 2 radiodifusoras, é sede de 4 jornais semanais, tem 3 repetidoras dos sinais de canais de TV como Rede Globo, SBT, Bandeirantes, Rede TV, possui ainda 5 firmas de engenharia e 4 escritórios de advocacia. É graças a esse tipo de equipamento que a cidade se apresenta como um centro de serviços diversos com uma certa expressão sub-regional, apesar dos maiores usuários dos serviços ofertados pela cidade serem constituídos pela própria população urbana da cidade. A atuação destes serviços atingem Faro, Juriti, Terra Santa e, às vezes, Porto Trombetas

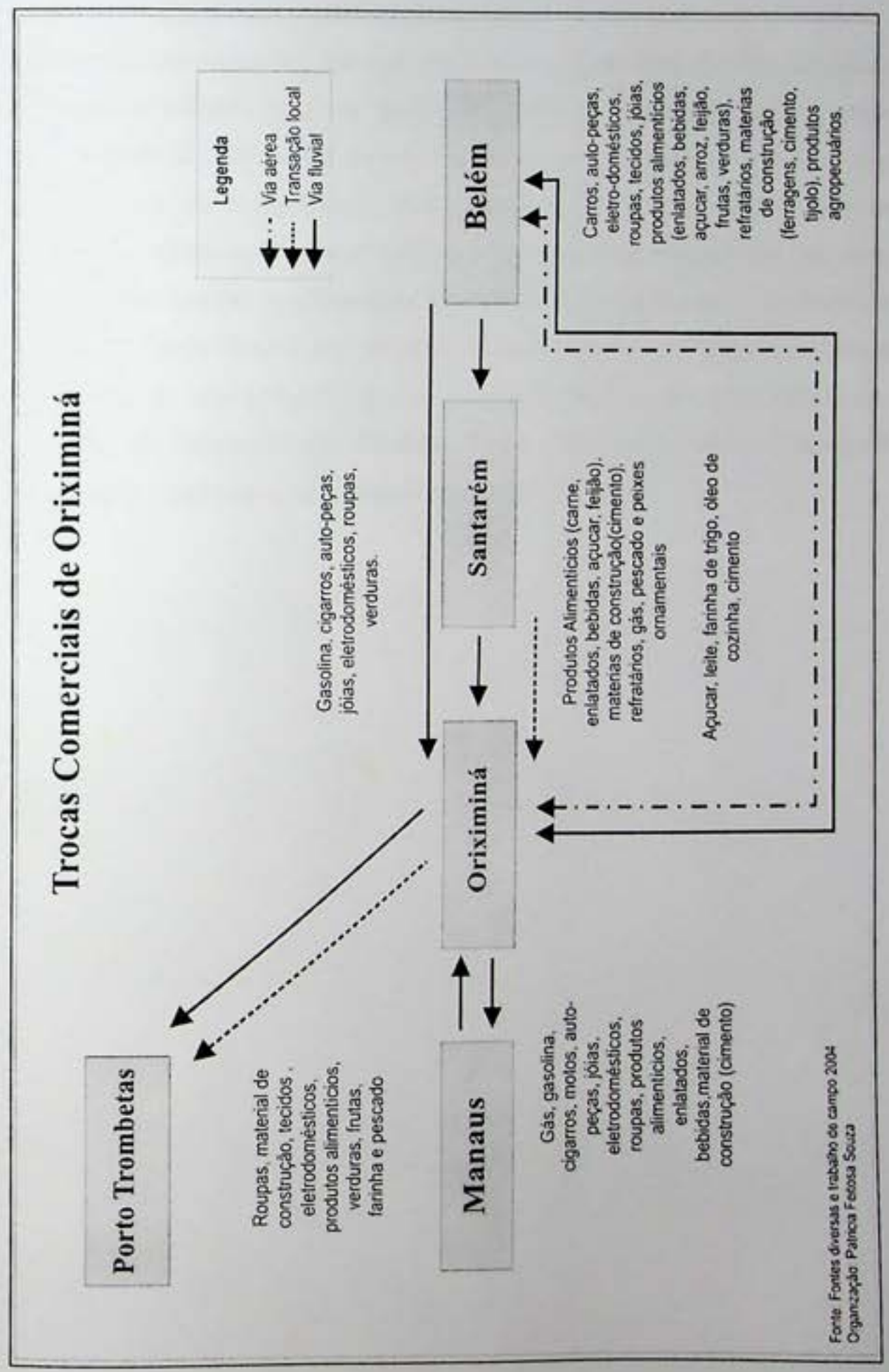
Sendo assim, muitas interações espaciais se estabelecem através do comércio atacadista e da prestação de serviços, pois o núcleo urbano em tela passou a apresentar uma maior diversificação de seus equipamentos de serviços em relação às cidades de Alenquer, Curuá, Faro, Juriti, Óbidos e Terra Santa, por isso Oriximiná torna-se a cidade preferencial para a satisfação de necessidades da população dos referidos municípios. Contudo, a população de Oriximiná também estabelece interações, via comércio e serviços, com outros núcleos urbanos como São Paulo-SP, Rio de Janeiro -RJ, .São Leopoldo-RG, Recife-PE, Itajaí-SC, Aracaju, São José dos Pinhais-, Brasília-DF, Blumenau-SC, Nova Serra-SP, Imperatriz-MA, Araguaina-TO, para satisfação de suas demandas.

O que parece ser mais interessante, revelando a magnitude do novo espaço de fluxo de Oriximiná, é a criação de um espaço de fluxos extra-regionais, produzidos, em grande parte, pelo setor terciário da cidade, promovendo uma teia de relações razoavelmente expressiva. O aumento substancial das ligações com cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, evidencia essa afirmativa.

A síntese das transações comerciais de Oriximiná (Figura 05) põe em relevo os principais centros que ao longo da pesquisa acusaram maior intensidade na troca dos fluxos de mercadorias. O sentido geral do comércio atacadista e varejista apontam para as capitais regionais como as principais fornecedoras de artigos e produtos de confecção, eletrodoméstico, produtos alimentícios, materiais de construção e auto-peças, e ainda destaca a influência e o peso de Santarém, principal centro regional do Médio Amazonas paraense,

que também exerce a função de centro intermediário entre as trocas de Oriximiná com Belém e com os principais centros urbanos brasileiros. A cidade de Oriximiná importa quase todos os produtos inclusive o pescado e determinados produtos agropecuários do centro mais próximo, que é Santarém. Mesmo assim, pratica relações tênues com a *company town* da MRN ofertando artigos de construção, tecidos, produtos alimentícios, verduras, frutas e etc.

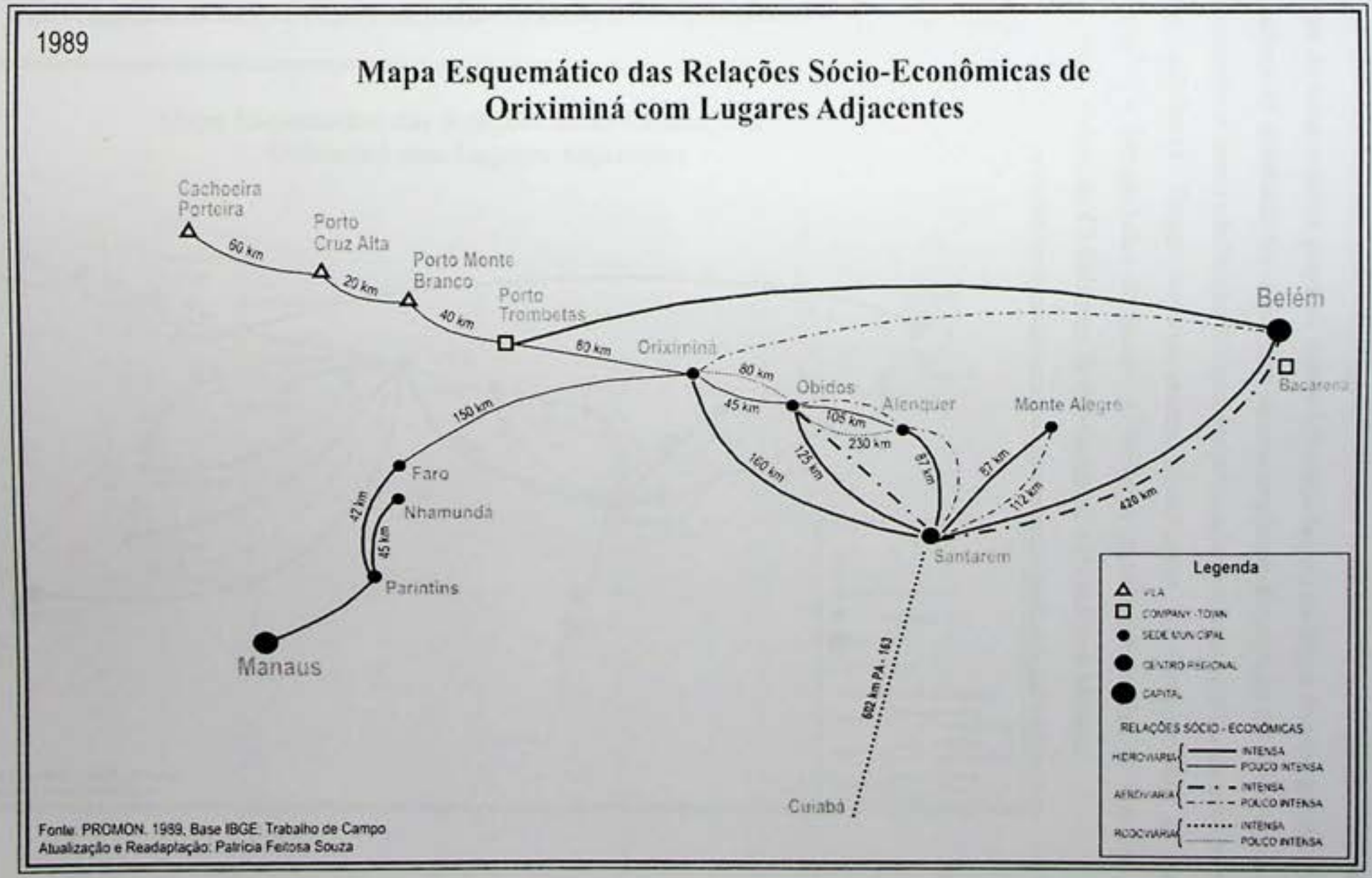
Figura 5 - Trocas Comerciais de Oriximiná



As novas funções suscitadas ao setor terciário da economia urbana de Oriximiná, principalmente a ampliação do comércio de produtos especializados, do comércio de confecções e dos serviços de educação e saúde originaram mudanças que resultaram em uma certa substituição de atividades. Desta maneira, a maior complexidade funcional desta aglomeração urbana permite a projeção das novas funções sobre as cidades próximas determinando para a cidade uma região que lhe é própria.

A Figura 06 corresponde à fase que ainda não tinham se intensificado os processos de refuncionalização e criação de novas funções na cidade de Oriximiná, mesmo assim, as interações da cidade de Oriximiná com o seu entorno e os principais centros e capitais regionais ganham um novo significado após o desenvolvimento da exploração de bauxita. Neste momento, a cidade serve como apoio a concentração da mão-de-obra que vem das outras cidades com destino a mineração. As relações hidroviárias entre Oriximiná e os núcleos urbanos de Terra Santa, Juriti, Óbidos e Alenquer eram pouco intensas, uma situação totalmente distinta da que presenciamos na atualidade. Observamos ainda ampliação das relações espaciais de Oriximiná com Santarém, Belém e Manaus, tornando o seu espaço de atuação mais amplo e complexo, incluindo os fluxos extra-regionais.

Figura 6 - Esquema das Relações Sócio-Econômicas de Oriximiná para os Lugares Adjacentes – 1989



Fonte: PROMON. 1989, Base IBGE. Trabalho de Campo
Atualização e Readaptação: Patrícia Feitosa Souza

As interações espaciais (constatadas e observadas) do núcleo urbano de Oriximiná com as cidades em seu entorno (Figura 07) põem em relevo o novo padrão espacial das ligações de uma outrora pequena cidade influenciada pela dinâmica de uma grande empresa mineradora. O resultado foi a obtenção de uma ampliação dos espaços dos fluxos extra-locais paralelamente a uma redefinição das relações preexistentes com as localidades mais próximas. Quatro sub-áreas foram hipoteticamente identificadas por corresponder a distintos movimentos e intensidades de fluxos: A) Sub-área Oriximiná-Santarém; B) Sub-área Porto Trombetas-Oriximiná; C) Sub-área Belém-Santarém; e D) Sub-área Manaus.

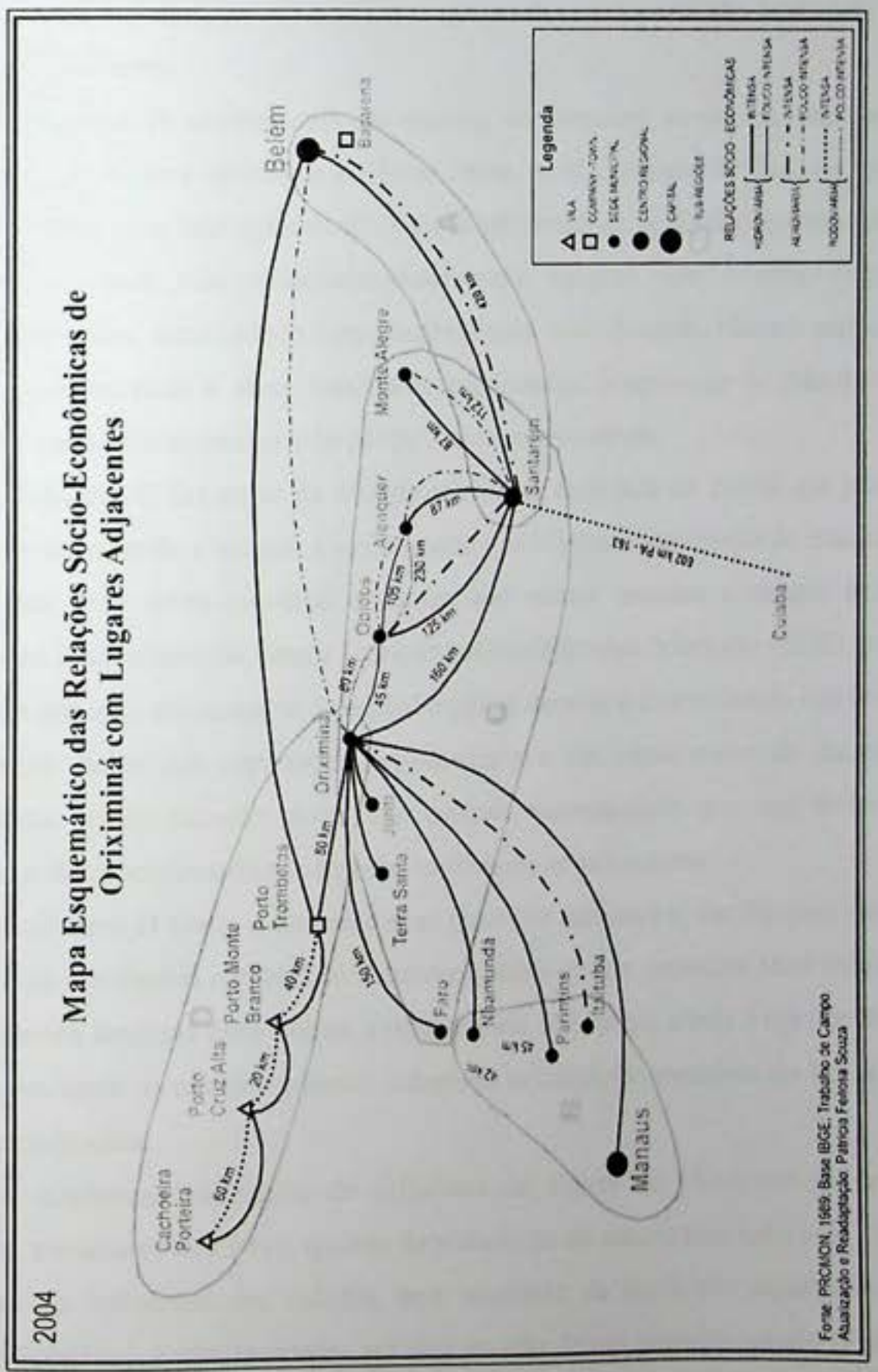


Figura 7 Esquema das Relações Sócio-Econômicas de Oriximiná para os Lugares Adjacentes – 2004

A sub-área A caracteriza-se por fluxos locais que são dominantes e pela grande mobilidade e a circulação da força de trabalho em busca de bens e serviços na cidade de Santarém, graças ao dinamismo de suas funções administrativas e comerciais. Santarém é o centro regional que desempenha um papel estruturador importante. As relações mantidas com Santarém foram intensificadas pela busca de novos mercados fornecedores no Centro-Sul do país, facilitadas pela construção da rodovia Cuiabá-Santarém, um eixo de integração como alternativa ao domínio das conexões por via fluvial, que está estimulando a distribuição das mercadorias e os contatos com os distribuidores para a cidade de Oriximiná. Desde então os fluxos com a capital Belém reduziram, e os que ainda permanecem são feitos pelo intermédio da cidade de Santarém.

A sub-área B corresponde ao entorno da *company town*, em cuja proximidade encontram-se as vilas e as cidade de Terra Santa, Juriti,Oriximiná e Faro. As interações de Porto Trombetas com tais aglomerações ainda são precárias se dando de forma descontínua, provavelmente, pela vila residencial desenvolver ligações com o centro regional mais próximo: Santarém, uma cidade com possibilidades mais diversas. Mesmo assim, as poucas interações que existem a nível local estão relacionadas à aquisição de mão-de-obra pouco qualificada nas sedes municipais do Médio Amazonas paraense.

A sub-área C faz parte da área de influência da cidade de Belém que possivelmente nos últimos anos tende a reduzir a sua primazia nos subsistemas urbanos do interior do estado do Pará, por isso nesta sub-área os fluxos são menos intensos e os que existem estão relacionados à aquisição de bens e serviços mais sofisticados. Machado (2005) explica que a tendência à redução da primazia da capital regional deve-se a interiorização dos investimentos e/ou redução deles nas capitais acompanhadas por um ritmo maior de crescimento dos investimentos e/ou redução deles nas capitais acompanhada por um ritmo maior de crescimento dos núcleos urbanos fora das capitais ou no seu entorno.

A sub-área D tende a demonstrar as possíveis ampliações das ligações entre a cidade de Oriximiná e a capital regional do Amazonas, ainda que no momento atual Oriximiná tenha relações menos intensas com Belém, a proximidade de Manaus aliada à via fluvial estimulam as interações entre os núcleos urbanos, sobretudo as interações espaciais em busca de serviços mais especializados.

As mudanças na região de influência da cidade de Oriximiná já demonstravas dimensões peculiares em 1993, quando da elaboração do estudo realizado pelo FIBGE sobre as regiões de influência das cidades, uma adaptação da teoria das localidades centrais à realidade brasileira e que pretendeu ser uma revisão de um pioneiro estudo (FIBGE, 1972),

sobre a divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas, a cidade de Oriximiná figura como um pequeno centro urbano que está diretamente subordinado ao centro regional de Santarém. Então, a partir de tal estudo verificou-se que sob a tutela direta de Oriximiná estavam seis cidades: Alenquer, Faro, Juriti, Nhamundá, Óbidos e Terra Santa.

Analisando-se as vendas realizadas entre Oriximiná e os núcleos urbanos de sua região, observa-se uma área na qual as relações comerciais são freqüentes, onde a venda no varejo corresponde nitidamente à área de atuação de alguns ramos comerciais: tecidos e confecções, sapatos, aparelhos eletrodomésticos. Esta é a área de dominância do comércio varejista que estende as suas vendas às cidades de Faro, Juriti, Óbidos, Porto Trombetas e Terra Santa.

Outros ramos comerciais têm, ainda, destaque como se verificam as vendas no varejo e no atacado de ramos comerciais de artigos menos usuais de compra mais esporádica: materiais de construção, tintas, ferramentas diversas, artigo para pesca, produtos gerais para embarcações, artigos para lavoura. Neste ramo comercial Oriximiná realiza trocas com Faro, Juriti, Óbidos, Porto Trombetas e Terra Santa.

Apesar da proximidade de Santarém, Oriximiná suporta em parte a concorrência comercial, pela sua proximidade com núcleos citados e pelo crescimento e diversificação deste setor, sobretudo, pelos estabelecimentos de comerciantes, lojas-filiais, de Santarém e Óbidos na cidade.

O crescimento da função comercial de Oriximiná está se dando, sobretudo, à expansão de seu mercado de compras local, que cresceu com a ampliação dos postos de trabalho no serviço público municipal.

A expansão do emprego no município de Oriximiná, especialmente daqueles vinculados à atividade de extração mineral, e na cidade associados ao comércio varejista e aos postos de trabalho no serviço público implicaram entre outros aspectos, na ampliação do espaço de circulação da força de trabalho. O aumento deste espaço deve-se ao fato dessa localidade abrigar no distrito industrial do município a sede da MRN e de várias empresas prestadoras de serviços. Como nesta localidade está situada uma grande empresa mineradora, é razoável supor que a necessidade de reter mão-de-obra qualificada tenha um papel importante na explicação disso.

O intenso contato proporcionado pela multiplicação das interações entre os habitantes dos vários nódulos, sejam elas do tipo monetário (comércio), humano (migração) ou informacional contribuíram para ampliação das ligações de Oriximiná com as cidades na região do Médio Amazonas. Assim, a amplitude regional e extra-regional dos fluxos de e para

Oriximiná definem uma certa tendência à especialização das atividades urbanas deste núcleo, com um modo particular de inserção na rede urbana sub-regional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, buscamos compreender os processos, seus ritmos, formas e impactos da desestruturação /estruturação do espaço do município de Oriximiná e seus municípios circunvizinhos, estimulados pelas relações entre fixos e fluxos associados aos objetos técnicos implantados pelo grande empreendimento do setor mineral na Amazônia Oriental, a extração mínero-metalúrgica de bauxita. Oriximiná apresentava-se como um estudo privilegiado, tendo em vista as suas distâncias, em relação: 1) aos centros urbanos maiores do estado do Pará; 2) o distanciamento da *company town,* vila Trombetas, da cidade–sede que abriga o empreendimento da Mineração Rio do Norte; 3) a distância das minas de bauxita considerando a localização dos mercados da Alunorte/Albrás situados na área portuária de Barcarena no estado do Pará; e 4) o afastamento geográfico em relação à usina de energia elétrica de Tucuruí, cujos linhões foram estendidos à Barcarena e a cidade de Belém.

A geografia e a história da área somada às peculiaridades da MRN, de sua localização na selva e nos baixos platôs amazônicos e de sua posição ao longo dos rios, porém distantes do município-sede, da cidade vizinha mais populosa da região (Santarém), foram determinantes na criação de condições específicas de desestruturação, estruturação/reestruturação do espaço, correspondente ao Médio Amazonas paraense por nós analisado.

Neste contexto, a instalação do pólo minerador de Trombetas e dos projetos a ele associados representam um ponto de ruptura na trajetória territorial até então vigente, ao estarem desencadeando processos cujas dinâmicas conduzem a uma nova estrutura urbano-regional do espaço. Partimos da evidência de que os efeitos não se restringem à localidade onde a mina se encontra, os processos sociais e econômicos desencadeados pela implantação do pólo produziram sistematicamente desigualdades de situações sociais e econômicas entre os municípios do Médio Amazonas. Nestas condições, o aumento diferenciado do tamanho populacional das cidades, crescimento urbano desigual das cidades, o novo grau de interação entre os núcleos urbanos, a diferenciação no quadro de arrecadação e redistribuição fiscal entre os municípios, as distinções dos percentuais da população empregada no mercado formal de trabalho, as fragmentações do território – com a geração dos municípios de Curuá e

Terra Santa - são manifestações concretas das mudanças nas estruturas e nas relações sociais e espaciais que refletem o resultado de um novo cenário regional.

A valorização das minas de bauxita e o início das operações dessa nova área de exploração e produção mineral de Bauxita em Oriximiná fez com que o município-sede do empreendimento e a sua sede municipal passasse por uma (re)estruturação na sua organização socioespacial, isto porque a instalação do projeto mineral neste local implicou na introdução de um novo aparato produtivo, representado não só pela introdução de redes técnicas (infra-estrutura de transportes e comunicação), mas também pela construção de uma infra-estrutura urbana – a *company town*, criada para viabilizar a permanência de uma mão-de-obra especializada em áreas de relativo isolamento e com precária infra-estrutura.

A cidade de Oriximiná desde a instalação das atividades mineradoras passou a ser de certa forma um ponto aglutinador das ações da MRN. A viabilização da unidade produtiva desta empresa transformou a cidade numa área de concentração de força de trabalho e de apoio (embora limitado) à vila residencial do empreendimento mineral, quando necessário com a oferta de bens e serviços urbanos, já que a *company town* foi construída para ofertar estrutura urbana, serviços e qualidade de vida aos seus moradores sem depender das aglomerações urbanas localmente existentes ou emergentes.

A criação tanto da infra-estrutura de transporte e comunicação como da infra-estrutura urbana para atender ao pólo minerador, não proporcionaram o isolamento da mineração em relação ao município e a cidade de Oriximiná, mas estão conduzindo na formação de interações peculiares que ao longo dos anos vêm dando um novo significado ao espaço urbano de Oriximiná. Nesta perspectiva, as relações estabelecidas entre a MRN, a sua *company town* e a cidade de Oriximiná, apesar de suas especificidades, constituem-se como um exemplo do papel estruturador de uma grande mineração numa área de pouco adensamento de redes técnicas e de redes de cidades na selva amazônica.

A materialização mais visível desse novo significado são as mudanças recentes provocadas no espaço urbano de Oriximiná, a partir do estímulo de investimentos feitos na cidade pelo acréscimo dos tributos localmente arrecadados e das diversas redistribuições tributárias advindas com a expansão da atividade mineradora. O contínuo crescimento da população urbana e a expansão do mercado de trabalho formal em Oriximiná implicaram no reordenamento das atividades ligadas ao comércio e serviços, na expansão de novos bairros, na especialização de algumas funções urbanas e na ampliação de suas conexões geográficas.

Alterou-se o comércio de mercadorias nos últimos anos, surgiram na cidade estabelecimentos comerciais especializados na venda de eletrodomésticos, autopeças,

confecções, produtos agropecuários e outros. Com isto, o terciário da cidade vem se desenvolvendo incorporando novos requisitos nas formas de comercialização, ampliando as necessidades de transporte, armazenagem e comunicação.

Verificam-se nesta cidade tendências de criações de novas funções urbanas, ou mesmo, de refuncionalização, sobretudo, nas atividades comerciais em que está ocorrendo a substituição dos estabelecimentos comerciais tradicionais, responsáveis pelas vendas de secos e molhados, por estabelecimentos comerciais mais especializados na venda de produtos voltados à comercialização de artigos de confecção, tecidos, motocicletas, automóveis, produtos agropecuários, etc. Percebe-se ainda a revitalização de funções nas áreas do serviço público municipal, já que atualmente os setores de saúde e educação vêm passando por melhorias consideráveis, transformando a cidade num núcleo de atração para os municípios vizinhos que são carentes na oferta destes serviços.

As mudanças na fisionomia da cidade tornaram-se evidentes através das melhorias na pavimentação e construção de equipamentos urbanos, na alteração de alguns usos do solo urbano e no aumento da circulação de bens e pessoas. O principal eixo de circulação que liga a cidade de Oriximiná a Óbidos, a Avenida Carlos Maria Teixeira e a Avenida Independência transformaram-se no principal reduto de concentração dos novos estabelecimentos comerciais e atividades especializadas, como clínicas, laboratórios e serviços de reparação e manutenção. Bairros antigos passaram a revelar os contrastes entre o velho e o novo, bem como entre os diferentes estratos sociais, que passaram a ser mais bem definidos. Bairros novos foram criados delineando a linha de expansão da cidade.

Verificou-se também uma perda progressiva do caráter localizado das interações espaciais de Oriximiná que passou a se inserir num contexto espacial mais amplo. Um expressivo processo de satelitização já se encontra em desenvolvimento com as localidades de Alenquer, Faro, Juriti, Óbidos, Terra Santa e Santarém, no momento em que estes núcleos passam a procurar a cidade em busca da oferta de novos bens e serviços, ou mesmo, por serem atraídos pelas novas vantagens à implementação de negócios na cidade, como vem sendo o caso da transferência de grandes comerciantes de Óbidos e Santarém. A ampliação de um espaço de fluxos regional e extra-regional vem se consolidando, vinculado em grande parte à circulação de mercadorias e da força de trabalho, atualmente a cidade de Oriximiná por intermédio de suas relações com Santarém e Belém mantém conexões com os principais fornecedores do país localizados nas regiões Centro-Sul e Nordeste do Brasil, provavelmente reduzindo a sua dependência e influência da primazia de Belém.

As interações espaciais (constatadas e observadas) do núcleo urbano de Oriximiná com as cidades em seu entorno põem em relevo o novo padrão espacial das ligações de uma outrora pequena cidade influenciada pela dinâmica de uma grande empresa mineradora. O resultado foi a obtenção de uma ampliação dos espaços dos fluxos extra-locais paralelamente a uma redefinição das relações preexistentes com as localidades mais próximas. Quatro sub-áreas foram hipoteticamente identificadas por corresponder a distintos movimentos e intensidades de fluxos: A) Sub-área Oriximiná-Santarém; B) Sub-área Porto Trombetas-Oriximiná; C) Sub-área Belém-Santarém e D)Sub-área Manaus.

A sub-área A caracteriza-se por fluxos locais que são dominantes e pela grande mobilidade e a circulação da força de trabalho em busca de bens e serviços na cidade de Santarém, graças ao dinamismo de suas funções administrativas e comerciais. Santarém é o centro regional que desempenha um papel estruturador importante. As relações mantidas com Santarém foram intensificadas pela busca de novos mercados fornecedores no Centro-Sul do país, facilitadas pela construção da rodovia Cuiabá-Santarém, um eixo de integração como alternativa ao domínio das conexões por via fluvial, que está estimulando a distribuição das mercadorias e os contatos com os distribuidores para a cidade de Oriximiná. Desde então, os fluxos com a capital Belém reduziram, e os que ainda permanecem são feitos pelo intermédio da cidade de Santarém.

A sub-área B corresponde ao entorno da *company town*, cuja proximidade encontram-se as vilas e as cidade de Terra Santa, Juriti, Oriximiná e Faro. As interações de Porto Trombetas com tais aglomerações ainda são precárias dando-se de forma descontínua, provavelmente, pela vila residencial desenvolver ligações com o centro regional mais próximo: Santarém, uma cidade com possibilidades mais diversas. Mesmo assim, as poucas interações que existem a nível local estão relacionadas à aquisição de mão-de-obra pouco qualificada nas sedes municipais do Médio Amazonas paraense.

A sub-área C faz parte da área de influência da cidade de Belém que possivelmente nos últimos anos tende a reduzir a sua primazia nos subsistemas urbanos do interior do estado do Pará, por isso nesta sub-área os fluxos são menos intensos e os que existem estão relacionados a aquisição de bens e serviços mais sofisticados. Machado (2005) explica que a tendência à redução da primazia da capital regional deve-se à interiorização dos investimentos e/ou redução deles nas capitais, acompanhadas por um ritmo maior de crescimento dos investimentos e/ou redução deles nas capitais seguido por um ritmo maior de crescimento dos núcleos urbanos fora das capitais ou no seu entorno.

A sub-área D tende a demonstrar as possíveis ampliações das ligações entre a cidade de Oriximiná e a capital regional do Amazonas, ainda que no momento atual Oriximiná tenha relações menos intensas com Belém, a proximidade de Manaus aliada a via fluvial estimulam as interações entre os núcleos urbanos, sobretudo as interações espaciais em busca de serviços mais especializados.

Apesar das sensíveis mudanças ocorridas no núcleo urbano de Oriximiná as expectativas de crescimento para o município e a cidade eram outras quando da instalação de um pólo mineral. Causa estranheza o fato de que, embora se destaque pelo volume relativamente elevado de sua força de trabalho formal, Oriximiná não tenha conquistado o papel de centro regional, e que ainda gravite em torno de Santarém. As possibilidades seriam que a construção do Projeto Mineral pudesse provocar estímulos capazes de expandir as atividades do núcleo urbano. No entanto, a existência de uma *company town* e de um distrito industrial no município não foram suficientes para transformar Oriximiná num município industrial. A ausência de redes de energia elétrica, de redes de transporte e de redes de interações entre as empresas do projeto mineral com comerciantes locais da cidade associado ao fato da *company town* ser um núcleo urbano que tende a auto-suficiência, não estabeleceram relações permanentes com a cidade, limitando ao crescimento de suas funções urbanas. Por mais que as relações entre a *company town* e a cidade-sede do empreendimento continuem sendo esporádicas e circunstanciais, tal situação tende a mudar gradativamente, graças aos efeitos das transferências e dos tributos arrecadados com atividade mineral associados às políticas estaduais, municipais e empresárias, que vem permitindo que a cidade desenvolva serviços diversos e se prepare para atender às demandas das populações de Porto Trombetas.

REFERÊNCIAS BIBILIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEVEDO, R. & CASTRO, E. **Negros do Trombetas: Guardiães de Matas e Rios**. Belém: editora CEJUP, 1998.

ABREU, M. A. "O Estudo Geográfico da Cidade no Brasil". In: CARLOS, A. F. A (org.) **Os Caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

ARROYO, Mônica. Território Brasileiro e Mercado Externo: Uma Leitura dessas relações na virada do século XX. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **Território Brasileiro: Usos e Abusos.** Campinas: Editora Territorial, 2003. p. 428-457.

_____. **Território Nacional e Mercado Externo: Uma Leitura do Brasil na Virada do Século XX**. 2001, 250f. Tese Doutorado (Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) Universidade Federal de São Paulo, 2001.

BERNARDES. N. A Cidade de Cruzeiro: Notas de Geografia Urbana. **Boletim Carioca de Geografia**. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos, ano 4, n. 2, p. 12-33. 1951.

BORIN, P. **Divisão Interurbana do Trabalho e Uso do Território nos Municípios de Águas de Lindóia (SP), Lindóia (SP), Serra Negra (SP), Socorro (SP) e Monte Sião (MG)**. 2002. 128f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BRAHAM, B., BUNKER, G. S. & O'HEARN, D.**States, Firms, and Raw Materials The World Economy and Ecology of Aluminum**. London: The University of Wisconsin Press,1994.

BRÜSEKE, Franz Josef. A Extração de Recursos Minerais (Não-Renováveis) e o Desenvolvimento Econômico. In: COELHO, M. C. N. & COTA, R. G. (Org.). **Dez Anos da Estrada de Ferro Carajás**. Belém: UFPA/NAEA, Editora Gráfica Supercores, 1997. p. 25-50.

BUNKER, S. ***Underveloping the Amazon***. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

_____ *Joint Ventures* em Ambientes Frágeis. O Caso do Alumínio na Amazônia. **Novos Cadernos do NAEA.** v.3, n. 1, jun. p.5-45.

_____ Notas sobre a Renda do Solo e a Tributação no Pará. Belém, **Paper do NAEA**, n.159.

_____ Os Fatores Espaço-Materiais da Produção e os Mercados Globais. Mimeo, 2003.

CASTELLS, M. ***A Sociedade Em Rede***. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617p. v. 1.

CAPEL, Horacio. *De Las Funciones Urbanas e Las Dimensiones Básicas de Los Sistemas Urbanos*. **Revista Geografia**, Barcelona, ano 2, n.6, p. 218-248, 1972.

CLARK, D. **Introdução à Geografia Urbana**. São Paulo: DIFEL, 1985.

CARDOSO, M. F. T. C. **Aspectos Geográficos da Cidade de Cataguases**. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 1955. Trimestral.

CARDOSO, F. H. & FALETTO, E. **Dependência e Desenvolvimento na América Latina**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1970.

Crawford, M. Building the workingman's paradise: the design of American company towns. New York: Verso, 1995.

COELHO, M. C. N. & COTA, R. G. **Dez anos da Estrada de Ferro Carajás**. Belém UFPA/NAEA, Editora Gráfica Supercores, 1997.

COELHO, M. C. N; MONTEIRO, M. A. LIRA, S.B. de & LOPES, A. G. Estratégias De Modernização Na Amazônia E A (Re) Estruturação De Municípios. O Caso Da Implantação De Empresas Mínero-Metalúrgicas E De Energia Elétrica. In: GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO, A.C.& GALVÃO, A.F. **Regiões e Cidades, Cidades nas Regiões: o desafio urbano-regional**. São Paulo: UNESP, ANPUR, 2003.

COELHO, M. C. N & MONTEIRO, M. A. Verticalização da Produção e Variedade de Situações no Espaço Funcional do Alumínio Nos Baixos Vales do Amazonas e Tocantins. ***Território***, Rio de Janeiro: Garamond, anoVII, n.11,12 e 13, p.29-48, jul 01/ Dez 02.2000.

COELHO, M. C. N. Políticas e Gestão ambiental (des) integrada dos recursos minerais na Amazônia Oriental. In: COELHO, M. C. N *et al.* **Estado e Políticas Públicas na Amazônia. Gestão de Recursos Naturais**. Belém: CEJUP, p.117-170, 2000.

_____ Cidades da Amazônia em Busca de Novas Interpretações e de Novos Rumos. In: FATHEUR, T. ARROYO, J. C. e MACHADO, J. A. da C. (Orgs.) **Amazônia: estratégias de desenvolvimento sustentável**. Belém: FASE, DED, FAOR, FETAGRI, NAEA/UFPA. p. 46-53, 1998.

_____ Impactos Ambientais em Áreas Urbanas - Teorias, Conceitos e Métodos de Pesquisa. In: CUNHA, Sandra Baptista & GUERRA, José Teixeira (Orgs.). **Impactos Ambientais Urbanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. p.19-45, 2001.

CORRÊA, Roberto L. A Rede Urbana: reflexões, hipóteses e questionamentos sobre uma temática à margem. **Cidades**, Presidente Prudente, vol.1, n.1, p.65-78, jan./jun.2004.

_____. A Rede Urbana Brasileira e a sua Dinâmica: algumas reflexões e questões. In: SPÓSITO, M. E. B. **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: [s.n.], 2001. p.359-367.

_____. Reflexões sobre a Dinâmica Recente da Rede Urbana Brasileira. ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, IX, 2001, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUR, vol. 1, 2001a. p.424-430.

_____. Rede Urbana e Formação Espacial - uma reflexão considerando o Brasil. **Território**, Rio de Janeiro: Garamond, ano V, n.8, p.121-129, jan./jun.2000.

_____. Globalização e Reestruturação da Rede Urbana - Uma Nota sobre as Pequenas Cidades. **Território**, Rio de Janeiro, n.6, p.43-153, jan./jun.1999.

_____. Interações Espaciais. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Explorações Geográficas*: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.279-318.

_____ Estudos das Relações entre Cidade e Região. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro,31 (1), p.43-56, 1969.

_____ A Periodização da Rede Urbana da Amazônia. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 49 (3), p.39-68, jul./set.1987b.

_____ A Rede de Localidades Centrais nos Países Subdesenvolvidos. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 50(1), p. 61-83, jan/mar.1988.

_____ A Organização Urbana. **Geográfica do Brasil**. v.3, p. 255-271. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

_____ Hinterlândias, Hierarquias e Redes: uma avaliação da produção geográfica brasileira. . **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 51(3), p. 113-137, jul./set.1989.

_____. Metrópoles, Corporações e Espaço: uma introdução ao caso brasileiro. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo César da C.; CORRÊA, Roberto L. (org.). ***Brasil: questões atuais da organização do território***. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p.67-114.1995. p.15-47.

_____Redes, Fixos e Fluxos: uma introdução. SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA. SIMPURB, III, 1993, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SIMPURB, vol.1, 1993. p. 31-33.

_____. **A Rede Urbana**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994. 96p.

_____. O Estudo da Rede Urbana: uma proposição metodológica. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 50, n.2, p.107-124, abr./jun.1988.

_____. Os Estudos de Redes Urbanas no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: FIBGE, ano 29, n.,4, p.93-116, out./dez.1967.

COUDREAU, H. **Viagem ao Tapajós**. Belo Horizonte: Itatiai, 1977.

DAVIDOVICH, F. Refuncionalização do Espaço Geográfico, uma Abordagem Preliminar. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: FIBGE, ano 56, n.1/4, p.301-306, jan./dez.1994.

_____.Tendências da Urbanização no Brasil, uma Análise Espacial. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de janeiro, 51(1), p. 73-88, 1989.

_____.Considerações sobre a Urbanização no Brasil. In: BECKER, Bertha K.; CHRISTOFOLLETI, Antonio; DAVIDOVICH, Fany; GEIGER, Pedro P. (Org.). **Geografia e Meio Ambiente no Brasil.** São Paulo: HUCITEC, 3ed, 2002.

_____. Funções Urbanas no Nordeste, **Revista Brasileira de Geografia**, 40(2), p. 142-191, abr/ jun., 1978.

DOLFUS, O. **O Espaço Geográfico**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

_____**A Análise Geográfica**. São Paulo: Difusão Européia do Livro (Coleção Saber Atual), n. 153, 1972.

ENCICLOPÉDIA dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, vol. 1, 1957.

ELIAS, Denise. **Meio Técnico-Científico-Informacional E Urbanização na Região Metropolitana de Ribeirão Preto (SP)**. 1996. 294f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1996.

FIBGE – FUNDAÇÃO INSTITUTO DE GEOGRAIFA E ESTATÍSTICA. **Censos Demográficos**. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1970-2000.

_____. **Regiões de Influência das Cidades**. Rio de Janeiro: FIBGE, 1993

FRESCA, Tânia Maria. **A Dinâmica Funcional da Rede Urbana do Oeste Paulista**. 1990. 281f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1990.

FILHA, I. G.; RIBEIRO, G. V.; COSTA, I.B. da; AZEVEDO, J.de & NEVES, V. A **Mineração de Bauxita no Vale do Trombetas Estudo de Meio Ambiente e Uso do Solo** Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, v. 52 n. 3, p. 41-81, jul./set.1990.

FILHO, O. B. A. Patos de Minas: Uma Cidade Média em Minas Gerais e sua Região. **Geografia**, v. 3, n.5, p. 69-98, 1978.

GEORGE, Pierre. **Geografia Urbana**. São Paulo: DIFEL, 1983.

GONÇALVES, Maria Flora, *et. al.* (org.) **Regiões e Cidades, Cidades nas Regiões: o desafio urbano-regional**. São Paulo: Editora da Unesp/Anpur, 2003. 728p.

GREGORY, Derek. Teoria Social e Geografia Humana. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron;

GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp. 1991.

GIDDENS, A & PIERSON, C. **Conversas com *Anthony Giddens***. São Paulo: Editora FGV. 2000.

GIDDENS, A & TURNER, J. **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Editora Unesp. 1999.

SMITH, Grahan. (org.). **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p.90-122.

GEIGER, P. P. & DAVIDOVICH, F. Aspectos do faro urbano no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, n. 2, p. 263-317. 1961.

KELLER, Elza C. de S. As Funções Regionais e a Zona de Influência de Campinas. **Revista Brasileira de Geografia**, 31(2), p. 3-29, 1969.

LOPES, A. G. **Nova Configuração Territorial no Pará: Municípios, Estruturas de Poder e Competição Tributária**. 2003, 195f. Dissertação (Núcleos de Altos Estudos Amazônicos) Universidade Federal do Pará, 2003.

MACHADO, Lia Osório. Mitos y Realidades de la Amazônia Brasileña em le Contexto Geopolítico Internacional, 1540-1912.1989. 000f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade de Barcelona, Barcelona. 1989.

_____. Sistemas "Longe do Equilíbrio" e Reestruturação Espacial na Amazônia. **Cadernos do IPPUR**, Rio de Janeiro: UFRJ, ano IX, n. 14, p.83-106, jan/dez. 1995.

_____. A Fronteira Agrícola na Amazônia Brasileira. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 54(2), p. 27-55, abr./jun.1992.

_____ A Geopolítica do Governo Local: proposta de abordagem aos novos territórios urbanos da Amazônia. SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA. SIMPURB, III, 1993, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SIMPURB, vol.1, 1993. p. 83-90.

IBGE. **Geografia do Brasil**. Grande Região Norte. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

_____. **Geografia do Brasil**. Região Norte. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.

_____. **Geografia do Brasil**. Região Norte. Rio de Janeiro: IBGE, 1989.

MATTOS, Rogério Botelho de. Transformação na Organização Espacial numa Região de Fronteira: o caso da região ocidental paraense. **Cadernos de Geociências**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 33-45, jan. 1994.

MINERAÇÃO RIO DO NORTE. **Relatórios Anuais 1999-2004**. Disponível em: http: //www. mrn.com.br> Acesso: 2005.

MONBEIG, P. O Estudo Geográfico das Cidades. Presidente Prudente: **Cidades**, v.1, n2, p. 277-314, 2004.

MOERIRA, R. O Tempo e a Forma (A Sociedade e suas Formas de Espaço no Tempo). **Ciência Geográfica**. Bauru, ano 4, n. 9, p.4- 10, 1998

Nascimento, R. L. P. do. **O Impacto da Petrobrás no Município de Macaé: Uma Análise das Mudanças urbanas na Estrutura do Emprego.** 1999. 149f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,1999.

MONTERIO. M. de A. **Mineração e Metalurgia na Amazônia. Contribuição à Crítica da Ecologia Política a Valorização de Recursos Minerais da Região**. Belém, 2000. 520f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido). 2000

PIQUET, R. **Cidade-Empresa: Presença na Paisagem Urbana Brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

PERROUX, F. Os Pólos de Crescimento. In: **A Economia do Século XX**. Lisboa: Livraria Morais, 1967.

PROJETO TROMBETAS. **CVRD Revista**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.21-28, nov. 1980.

PIRES DO RIO, Gisela. **Délocalisation de l'industrie de aluminium et geographie industrielle: entre lês contraintes énergétiques et les constraintes environnementales**.(Tese de Doutorado) Paris, 1994.

_____ As Relações Espaço-Indústria: localização de plantas de alumínio na Amazônia. In: MAGALHÃES, S.B., CASTRO *et al.* (Orgs.) **Energia na Amazônia**. Belém: NUMA< NAEA-UFPA, MPEG E UNAMAZ, 1996, p.825-834.

RAMIRES, J.C. de L. **As Grandes Corporações e a Dinâmica Sócio-Espacial: a Ação da Petrobrás em Macaé.** 1991. 258f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa em Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

_____. Papel das Cidades no Processo de Crescimento Econômico: Uma Reavaliação. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Geografia, ano 56, n. 1 & 4, p. 239-253. 1994

_____. A Espacialidade dos Royalties da Exploração Petrolífera Offshore: Uma Visão Crítica. Uberlândia: **Sociedade & Natureza,** ano 4, n. 7 e 8, p. 5-9, 1992.

REIS, A. C. F. **História de Óbidos**, 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

RIBEIRO, Miguel Ângelo C. **A Complexidade da Rede Urbana Amazônica: três dimensões de análise**. 1998. 000f (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

ROCHEFORT, M. A. Organização Urbana da Amazônia Média. **Boletim Carioca de Geografia**. Rio de Janeiro, 13 (3 e 4), p. 15-29, 1959.

RODRIGUES, Elza Ferreira. As Funções Regionais e as Zonas de Influência de São Luís. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 33(4), p. 67-97, out/dez.1971.

RODRIGUES, Roberta Menezes. ***Company-Towns* e Empresas de Extração e Transformação Mineral na Amazônia oriental: especificidades, processos e transformações de um modelo urbanístico.** 2001. 158f. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Curso Internacional de Mestrado Interdisciplinar em Planejamento do Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Pará, Belém. 2001.

_____. Desvendando Formas e Conteúdos: núcleo urbano de Carajás. In: TRINDADE Jr., S. C. & ROCHA, G. de M. **Cidade e Empresa na Amazônia: gestão do território e desenvolvimento local**. Belém: Paka-Tatu, 2002. p.113- 136.

RODRIGUES DA SILVA, M. A. 1997. Os *Royalties* da Mineração: problemas e perspectivas para promover o desenvolvimento sustentável das regiões mineradoras da Amazônia Oriental. In: **Anais** do XXV Encontro Nacional de Economia. Recife (PE). p.255-271.

SIQUEIRA, O. P. **Mineração Rio do Norte. Uma Empresa que Faz e Conta**.Belém: MRN, 2002.

SANTOS, R. A. O. História Econômica da Amazônia (1800-1920). São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

SANTOS, Milton. Modo De Produção Técnico-Científico e Diferenciação Espacial. ***Território***, Rio de Janeiro, n.6, p.5-20, jan./jun.1999.

_____ **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979.

_____ Os Espaços da Globalização. SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA. SIMPURB, III, 1993, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SIMPURB, vol.1, 1993. p. 33-37.

_____. **A Natureza Do Espaço: técnica e tempo/razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996. 308p.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994. 190p.

_____. **Por Uma Economia Política Da Cidade: o caso de São Paulo.** São Paulo: Hucitec, 1994a. 145p.

_____. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993. 147p.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985. 88p.

_____. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979a. 152p.

_____. **Economia Espacial: críticas e alternativas**. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2003.

SANTOS, W. dos. **Cidades Locais, Contexto Regional e Urbanização no Período Técnico-Científico: o Exemplo da Região de Campinas**. 1989, 192f. Tese Doutorado (Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) Universidade Federal de São Paulo, 1989.

SANTOS, M. & SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XX**. Rio de Janeiro: editora Record, 2001.

SANTOS, S. H. dos. ***Royalties* do Petróleo à Luz do Direito Positivo**. Rio de janeiro: Esplanada, 2001.

SILVEIRA, Maria L. Uma Situação Geográfica: do método à metodologia. ***Território***, Rio de Janeiro, ano IV, n.6, jan./jun. 1999. p.21-28.

_____. **Um País, Uma Região: Fim de Século e Modernidades na Argentina**. São Paulo: FAPESP; LABOPLAN; USP, 1999.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

_____. A economia dos Serviços. **Estudos Cebrap**. Rio de janeiro: Editora Vozes, n.24, p. 129-168.

SOJA, Edward W. Uma Concepção Materialista da Espacialidade. In: BECKER, B.K.; COSTA, R.H.; SILVEIRA, C.B. (org.). **Abordagens políticas da espacialidade**. Rio de

Janeiro: UFRJ/Departamento de Geografia/Programa de Pós-Graduação em Geografia, 1983. p.22-74.

_____. **Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

SOUZA, M. A. A. **Território Brasileiro Usos e Abusos**. Campinas: Edições Territorial, 2003.

SOUZA, I. **O Missionário**. 5 ed. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

_____ **O Coronel Sangrado. Cenas da Vida do Amazonas**. Belém: UFPA, 1968.

_____. **O Cacaulista**. Belém: UFPA, 1973.

TROMBETAS Inicia o Primeiro Carregamento de Bauxita para os Estados Unidos e Canadá. **Mineração e Metalurgia**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 414, p. 4-10, set., 1979.

TRINDADE, J. R. B. **A Metamorfose do Trabalho na Amazônia: para Além da Mineração Rio do Norte**. Belém: UFPA/NAEA/PDTU, 2001.

VASCONCELOS, P. A. "A Cidade da Geografia no Brasil" In: CARLOS, A. F. A (org.) **Os Caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.